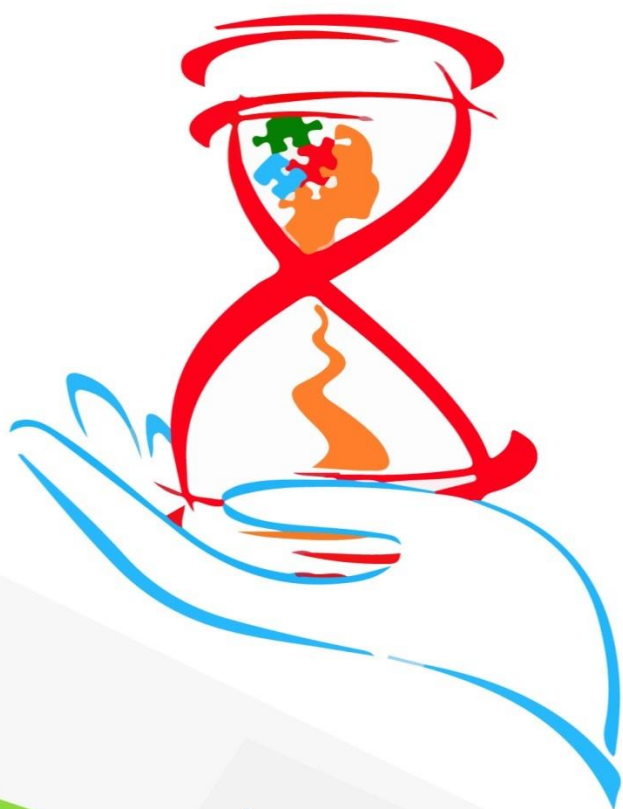


ANAIS

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE CIMFOR

FORMAÇÃO DOCENTE NO
SUDOESTE DO PARANÁ:
PRESENTE, PASSADO E FUTURO.



Realização:



Grupo de Pesquisa
TRIPEC

(Trans) Formação Inicial, Permanente
e Contínua de Professores: processos
teóricos metodológicos da ensinagem

Apoio:



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL**
CAMPUS REALEZA



LETRÁRIOS



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO DOCENTE – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

CORPO EDITORIAL

COMISSÃO EDITORIAL

Prof. Dr. Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia
UFFS – Campus Realeza
Prof. Dr. Fábio de Souza Alves
IFPR – Campus Capanema
Prof.ª Dr.ª Márcia Adriana Dias Kraemer
UFFS – Campus Realeza
Prof.ª Ma. Rosiane Moreira da Silva Swiderski
UFFS – Campus Realeza

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof.ª Dr.ª Cristiane Quadros
UFFS – Campus Realeza
Prof.ª Dr.ª Andréia Cristina de Souza
UFFS – Campus Realeza
Prof. Dr. Gilson Luís Voloski
UFFS – Campus Realeza
Prof.ª Dr.ª Susana Ferreira
UFFS – Campus Realeza

ORGANIZAÇÃO

Prof. Dr. Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia
Prof. Dr. Fábio de Souza Alves
Prof.ª Dr.ª Márcia Adriana Dias Kraemer
Prof.ª Ma. Rosiane Moreira da Silva Swiderski

Apoio Técnico

Angélica da Silva

ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Roberto Raota Jonikaites

EDITORIAÇÃO

Editora Chefe

Prof.ª Dr.ª Márcia Adriana Dias Kraemer

Apoio Técnico

Angélica da Silva

C749a Congresso Internacional de Memória e Formação Docente (2. : 2017 : Realeza)
Anais [do] II Congresso Internacional de Memória e Formação Docente; II Encontro
de Memórias Caboclas da Realeza e do Sudoeste/ Organizadores: Fábio de Souza
Alves, Márcia Adriana Dias Kraemer, Rosiane Moreira da Silva Swiderski, Ronaldo
Aurélio Gimenes Garcia – Realeza : UFFS, 2017.

Tema central: Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.
ISSN: 2595-7708

1. Formação Docente. 2. Memória. 3. Sudoeste do Paraná I. Encontro de Memórias
Caboclas da Realeza e do Sudoeste (2. : 2017 : Realeza) II. Alves, Fábio de Souza III
Kraemer, Márcia Adriana Dias IV. Swiderski, Rosiane Moreira da Silva V Garcia,
Ronaldo Aurélio Gimenes VI. Universidade Federal da Fronteira Sul.

CDD 001.4063

Ficha catalográfica elaborada pela
UFFS – Campus Realeza
Isac Soares Emidio CRB 9/1828

Todos os direitos reservados. A produção ou tradução de qualquer parte desta publicação somente será permitida após a prévia permissão escrita do autor. Os conceitos das seções assinadas são de responsabilidade de seus autores. Os textos destes Anais podem ser livremente transcritos, desde que citada a fonte.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO DOCENTE – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
A AGRICULTURA FAMILIAR DO SUDOESTE DO PARANÁ: BREVE HISTÓRICO DE CULTIVO E IDENTIDADE CAMPESINA	10
<i>Thaís Goldeff Hahn</i> <i>Laís Bocalon</i>	
A ARTE DE ESCREVER: O CENÁRIO PARANAENSE NO DESCARTE DE LIXO DOMÉSTICO	14
<i>Maurício Quoos Konzen</i> <i>Marielly Coradin de Moura</i> <i>Neusa Boavas</i> <i>Alexandre Carvalho de Moura</i>	
A BRINQUEDOTECA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA INFÂNCIA	17
<i>Marcos Willian da Silva Santos</i> <i>Adriana Cristina Kozelski</i>	
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA COMO AGENTE DE SUPERAÇÃO DE ESTERÉOTIPOS RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	21
<i>Thaís Goldeff Hahn</i> <i>Cleoci Schneider</i>	
A EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	24
<i>Pamela Tais Clein</i> <i>Renata Orlandi</i> <i>Ronaldo Aurélio Gimenez Garcia</i>	
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ: O CASO DA MICRORREGIÃO DE SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE, BARRAÇÃO, BOM JESUS DO SUL E PÉROLA D'OESTE.....	27
<i>Angélica da Silva</i> <i>Cristiane de Quadros</i>	
A GESTÃO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO DO CAMPO	30
<i>Marcos Willian da Silva Santos</i> <i>Douglas Cezar Reginatto</i>	
A IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NOS CONTEXTOS INFANTIS.....	34
<i>Marcos Willian da Silva Santos</i>	

Adriana Cristina Kozelski

A LEI 10.639 E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES AFIRMATIVAS PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA..... 38

*Maria Grazielle Schlegel Rodrigues
Maria Gabrielle Schlegel Rodrigues
Márcia Adriana Dias Kraemer*

A LITERATURA E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E A HUMANIZAÇÃO DOS SUJEITOS SOCIAIS 42

*Bruna Luisa Schwan
Julia Elis Berres
Márcia Adriana Dias Kraemer*

A SAÚDE PÚBLICA NA FRONTEIRA E A EFETIVAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS: INDICATIVOS JUNTO A REALIDADE DO HOSPITAL MUNICIPAL DE DIONISIO CERQUEIRA..... 45

*Jussamara Cristina Gonçalves
Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia*

A SUSTENTABILIDADE EM “VIVER DE ACORDO COM A NATUREZA” 49

*Cristina Copini
Ediane Baranowski
Regiane Lepechacki Balsanello
Gilson Luís Voloski*

A VALORIZAÇÃO DOS EXPERIMENTOS NA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID-FÍSICA 52

*Fábio Junior Rommel
Dayane Letícia Sauer
Luciane de Carli da Rosa dos Santos
Luiz Fernando Matte
Eduardo de Almeida
Viviane Scheibel*

ANALISANDO O CONCEITO DE CALOR EM UMA UNIDADE DE ENSINO SOBRE CALORIMETRIA, UMA ATIVIDADE DESENVOLVIDA PELO SUB-PROJETO PIBID- FÍSICA 55

*Jeiferson Perboni Rebelatto
Ananda Regina Peradt
Kamila da Rosa
Gesse de Castro Adam
Viviane Scheibel de Almeida*

APLICAÇÃO DE UMA METODOLOGIA ALTERNATIVA NO ENSINO DE FÍSICABASEADA NAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS, PELO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID-FÍS) 59

*Luiz Fernando Matte
Dayane Letícia Sauer
ClaricePompermaier Ramella
Eduardo de Almeida*

Viviane Scheibel de Almeida

**APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTO TEÓRICO NA ATIVIDADE DE ESTUDO
a partir DA REALIZAÇÃO de um TRABALHO interdisciplinar 63**
Tatiane Peratz

AUTONOMIA COMO REFERÊNCIA ÉTICA NA ATUAÇÃO DOCENTE 68
Elisa Maria Ficanha Furlan
Ana Cláudia Schneider
Emily Picini Medeiros
Gilson Luís Voloski

**BENEFICÊNCIA E SEUS CONFLITOS NA ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DA
SAÚDE 71**
Gabriela Fontana dos Santos
Júlia Luiza Silva Inácio
Julia Pereira da Silva
Rebecca dos Santos Miranda
Vinícius Cardoso de Oliveira
Gilson Luís Voloski

BIOÉTICA, QUALIDADE DE VIDA E EDUCAÇÃO ESCOLAR 74
Roberta Prachum Dutra de Oliveira
Aline Roberta Rosin
Bianca Roese
Elizandra da Silva Soares dos Santos
Gilson Voloski

CARÁTER PEDAGÓGICO DA AMIZADE NA ATUAÇÃO DOCENTE 77
Adriele Massotti Saggiorato
Beatriz Aimê Silva Bruscano
Jucilaine Araujo Bottega da Rocha Pinheiro
Matheus Barreira Caldas
Raffaella Pfeifer Duarte
Gilson Luís Voloski

CETICISMO E O PROFISSIONAL SEM MEDO DE QUESTIONAR 80
Liege Stefanello Piccin
Gilson Luis Voloski
Susana Aparecida Ferreira

COMO A ÉTICA SE APLICA A SERES SENCIENTES 83
Maiara Grasiela Rossi
Roberta Prachum Dutra de Oliveira
Gilson Luis Voloski

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE EDUCADOR
E CRIANÇA A PARTIR DO CONCEITO DE PAIXÃO MORAL DE DAVID HUME . 86**
Ana Keli de Amaral dos Santos
Andrielly Pagnoncelli
Marcia L. Finantes Binsfeld
Gilson Luís Voloski

CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE O CONTRATUALISMO COMO PRESSUPOSTO DA ÉTICA PROFISSIONAL.....	89
<i>Alef Zagato de Araújo</i>	
<i>Danielli de Oliveira Loeve</i>	
<i>Isaac de Jesus de Oliveira</i>	
<i>Matheus Felipe Souza Franco</i>	
<i>Gilson Voloski</i>	
<i>Susana Aparecida Ferreira</i>	
CRÍTICA AO DARWINISMO SOCIAL E À MERITOCRACIA ESCOLAR.....	93
<i>Lilian Carla Parizoto</i>	
<i>Ana Paula Ferrandin Urbano</i>	
<i>Rafaela Fassina Pazinato</i>	
<i>Rodrigo Capeletti</i>	
<i>Gilson Luís Voloski</i>	
DA DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA AOS DESAFIOS DA DOCÊNCIA.....	96
<i>Vitoria Karolini Betim Fieldkircher</i>	
<i>Daniela Maria Rannow Pinnow</i>	
<i>Liziane Terezinha Jahn Neuhaus</i>	
<i>Gilson Luís Voloski</i>	
DESAFIOS DA DOCÊNCIA: “HÁ SEMPRE MUITOS “MAS” ENTRE O QUE PODERÍAMOS E O QUE EFETIVAMENTE CONSEGUIMOS FAZER...”	99
<i>Paola Talite Clein</i>	
<i>Márcia Andrea do Santos</i>	
DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE, EDUCAÇÃO ESCOLAR E DEMOCRACIA.....	103
<i>Andressa Luana Felichak</i>	
<i>Sacha Kafer Moraes</i>	
<i>Vitoria Karolini Betim Fieldkircher</i>	
<i>Gilson Luís Voloski</i>	
DEVERES E DIFICULDADES DOS PROFESSORES PARA COM OS ALUNOS.	106
<i>Eduardo Gabriel Sperandio de Conto</i>	
<i>Kamila da Rosa</i>	
<i>Ana Paula Ferrandin Urbano</i>	
<i>Susana Aparecido Ferreira</i>	
DEVER ESTOICO E CONDUTA PROFISSIONAL	109
<i>Naiara Vitoria Ferreira Cortes Koproovski</i>	
<i>Rodrigo Mateus de Souza</i>	
<i>Laura de Vargas</i>	
<i>Gilson Luís Voloski</i>	
<i>Susana Aparecida Ferreira</i>	
DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E FORMAÇÃO: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES/AS	112
<i>Susana Aparecida Ferreira</i>	
DIVERSIFICANDO MÉTODOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE CIÊNCIAS II.....	116

*Caroline Somavilla
Camila de Amaral
Ruben Alexandre Boelter*

DOCÊNCIA COMO EXERCÍCIO DE VIRTUDE MORAL..... 120

*ClairdeFátimaCandidodeRamos
FernandaStrozack
GilsonLuísVoloski*

Educação do campo e educação sexual: o que dizem professores e professoras..... 123

*Renata Orlandi
Alessandra Elias
Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia*

EDUCAÇÃO DO CAMPO: A ESCOLA SAI DAS QUATRO PAREDES 127

*Marcos Willian da Silva Santos
Débora Dal Molin*

ENSINANDO AS TEORIAS DA ORIGEM DO UNIVERSO ATRAVÉS DO PROGRAMA PIXTON..... 130

*Darci Sontag
Karoline Kethlyn Mroszkoski
Rossana Gregol Odorcick
Angélica da Silva
Gisele Arruda*

ENSINO DO ELETROMAGNETISMO NO NÍVEL SUPERIOR: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA ATRAVÉS DE UMA ESPIRAL HISTÓRICA 134

Rodrigo Guerra

ESCOLA E DEMOCRACIA: O DOCENTE E A INCLUSÃO SOCIAL 138

*Liziane Terezinha Jahn Neuhaus
Daniela Maria Rannow Pinnow
Vitoria Karolini Betim Fieldkircher
Gilson Luís Voloski*

ESTÁGIO COMO INSERÇÃO NA COMUNIDADE DE PRÁTICA DOCENTE..... 141

*Ramunielly Bonatti
Saulo Gomes Thimoteo
Marcia Adriana Dias Kraemer*

ESTÁGIOS EM LÍNGUA PORTUGUESA..... 145

*Aline Aparecida Gluszcza
Rosiane Moreira da Silva Swiderski*

EXPERIMENTAÇÃO ANIMAL: AS ALTERNATIVAS PARA A SUBSTITUIÇÃO AO USO DE ANIMAIS EM AULAS PRÁTICAS..... 149

*Michely Cristina Zambão Guerra
Juliano Karvat de Oliveira*

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE O TEMA ASTRONOMIA E ASTRONÁUTICA PARTIR DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

DESENVOLVIDO NO IFPR - CAPANEMA	154
<i>Fábio de Souza Alves</i>	
<i>Bárbara Gabriela Tovo</i>	
<i>Dennison Benetti Rodrigues</i>	
<i>Denis Eduardo Peixoto</i>	
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CURSO DE EXTENSÃO COMO AÇÃO FORMATIVA NO ENSINO DE GEOGRAFIA	159
<i>Dennison Benetti Rodrigues</i>	
<i>Laura Salvadori</i>	
IMPLEMENTAÇÃO DE UM MODELO DIDÁTICO NO ENSINO DE BOTÂNICA... 162	
<i>Adriana Lotério</i>	
<i>Marcia Daiane da Silva</i>	
MERITOCRACIA X DESIGUALDADES NO AMBIENTE ESCOLAR	166
<i>Carla Munique Aparecida Garda</i>	
<i>Rosani Maria Verus</i>	
<i>Gilson Luís Voloski</i>	
MUSICALIDADE NO ENSINO: DISCUSSÃO DA TEMÁTICA CULTURA DO ESTUPRO NO ENSINO MÉDIO	169
<i>Maurício Quoos Konzen</i>	
<i>Matheus Barreira Caldas</i>	
<i>Caroline Somavilla</i>	
<i>Marielly Coradin de Moura</i>	
<i>Neusa Boavas</i>	
<i>Alexandre Carvalho de Moura</i>	
NARRATIVAS DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS E COORDENADORAS DA TRI FRONTEIRA SOBRE O PEIBF	173
<i>Fernanda Marchiori Grave</i>	
<i>Marcos Aurelio Zanlorenzi</i>	
O AMOR PELA SABEDORIA E A REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	183
<i>Julia Elis Berres</i>	
<i>Bruna Luisa Schwan</i>	
<i>Márcia Adriana Dias Kraemer</i>	
O DIÁLOGO COMO ORIENTAÇÃO ÉTICA PROFISSIONAL.....	186
<i>Stefanie Lazzaretti</i>	
<i>Ana Carla Campos Medeiros</i>	
<i>Lilian Vitoria Alves de Melo</i>	
<i>Gilson Luís Voloski</i>	
O EDUCAR PELA PESQUISA EM UMA ESCOLA DO CAMPO: A CONSTRUÇÃO DE UM BIODIGESTOR	189
<i>Larissa Salla</i>	
<i>Edinéia Paula Sartori Schmitz</i>	
O ESTÁGIO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	192

Alexandre Luiz Baioto Forte
Pamela Tais Clein

O LIVRO E SEUS SUPORTES NA ERA DIGITAL 195

Maria Gabrielle Schlegel Rodrigues
Maria Grazielle Schlegel Rodrigues
Márcia Adriana Dias Kraemer

O QUE VOCÊ USA PARA FAZER XIXI? 198

Mara Richciki Camargo
Prof. Dr. Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia

O USO DE MAPAS CONCEITUAIS NA CONSTRUÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM 201

Chaiane A. Delani Zocke
Angélica da Silva
Angela Maria da Silva
Andressa Masseto
Sandra Maria Wirzbicki

OFICINAS NA ESCOLA: AS TRANSPOSIÇÕES DE CONTOS PARA O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS 205

Mauro Maciel Simões
Pamela Tais Clein

OS PROCESSOS DE DESAPROPRIAÇÃO DE TERRAS PARA CONSTRUÇÃO DE USINAS HIDRELÉTRICAS SOB A ÓTICA DA TEORIA DA ÉTICA DISCURSIVA 208

Maikel Douglas Florintino

PIBID NA ESCOLA: TEORIA E PRÁTICA 211

Nadiane Laiz Lotici
Ramunielly Bonatti
Aline Cassol Daga

POR QUE VOLTAR À ESCOLA? O CASO DO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE JOVENS E ADULTOS DE CAPANEMA – PR 214

Jennifer Lourdes Furtado Krumenaur
Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia

PROFESSORES EM FORMAÇÃO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA “OFICINA DE VÍDEO-POEMAS” DO PIBID 217

Gilberto Corrêa Gesser
Pamela Tais Clein

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: NA CONSTRUÇÃO DO IDEAL 220

Marcos Willian da Silva Santos
Keila Cristina Batista

RELATO DE EXPÊRIÊNCIA SOBRE APLICAÇÃO DE UMA OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE MINIFOGUETES PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO 224

Gessé de Castro Adam
Gabriel Vinícius Vian

*Alexandro Tonetto
Clarice Pompermaier Ramel
Eduardo Almeida*

**RETROSPECTIVA DA DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA:
DESAFIOS DO ACESSO A TODOS E DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO.....227**

*Sandiéli Bianchin
Andressa Masetto
Sonia Regina Oliveira
Gilson Luís Voloski*

**SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE ANÁLISE, REFLEXÃO E PRODUÇÃO
TEXTUAL: UM OLHAR PARA AS PROPOSTAS DE REDAÇÃO DO ENEM230**

*Angélica Margaret Barbosa Cortez
Gilberto Corrêa Gesser
Rosiane Moreira da Silva Swiderski*

**SEXUALIDADE E RURALIDADE: A EDUCAÇÃO SEXUAL DAS ESCOLAS DO
CAMPO NA CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE CAMPONESA233**

*Andréia Belusso
Edilson Pontarolo
Josiane Carine Wedig*



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

APRESENTAÇÃO

O *Congresso Internacional de Memória e Formação Docente - CiMFor* é uma iniciativa do **Grupo de Pesquisa (Trans)formação Inicial, Permanente e Continuada de Professores: processos teóricos metodológicos da ensinagem - TRIPEC** que, desde o ano de 2013, desenvolve pesquisas sobre formação de professores a partir da memória e da epistemologia da prática docente.

O II CIMFOR, ocorrido nos dias 08 e 09 de novembro de 2017, nas dependências da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, no *Campus Realeza*, Paraná, teve como objetivo reunir estudantes das licenciaturas, professores da Educação Básica e do Ensino Superior, pesquisadores e a comunidade em geral, promovendo um espaço dialógico à reflexão acerca dos desafios históricos, socioculturais e geopolíticos da formação profissional docente e de áreas multidisciplinares nas regiões de Fronteira Sul.

Nos dois dias de atividades, inseriu-se também o *II Encontro de Memórias Caboclas da Realeza e do Sudeste*, iniciativa de discentes e de docentes do Componente Curricular de Leitura e Produção Textual, da Universidade Federal da Fronteira Sul, com o intuito de estabelecer a interação entre a esfera acadêmica, as escolas e a comunidade, para trabalhar a comunicação oral por meio de atividades integradas ao ensino, à pesquisa, à extensão e à cultura. Nesta edição do Evento, as ações culturais pertencentes à história regional do Sudoeste do Paraná foram representadas pelo *Café Caboclo*, pela apresentação artística de *Valdemar de Almeida e a Viola* e pelo Cinedebate - *Ângelo Cretã: luta em defesa da Terra Indígena*.

Além desse movimento, o Evento contou com debates acerca da *Formação Docente e a Relação Universidade-Escola*, da *Formação de Professores em Contexto de Fronteira*, bem como da temática sobre *Alfabetização e Letramento*; minicursos sobre *Desenvolvimento de Website a partir do Portal Wix*; e, para finalizar, a apresentação de comunicações e de pôsteres que culminaram na produção escrita disposta ao longo deste compêndio.

A Comissão Organizadora e Editorial do **II Congresso Internacional de Memória e Formação Docente – CiMFor**, juntamente com o Grupo de Pesquisa TRIPEC, sente-se gratificada e agradecida em relação ao empenho demonstrado pelos convidados e participantes, apresentadores e ouvintes, docentes e discentes que se fizeram presentes no Evento. Deseja-se, portanto, uma excelente leitura da mostra de trabalhos científico-acadêmicos dispostas nestes Anais, resultado desse esforço conjunto dos partícipes do **II CiMFor**.

Márcia Adriana Dias Kraemer

Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS
Membro da Comissão Organizadora e Editorial do II CiMFor



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**A AGRICULTURA FAMILIAR DO SUDOESTE DO PARANÁ:
BREVE HISTÓRICO DE CULTIVO E IDENTIDADE CAMPESINA.**

Thaís Goldeff Hahn¹
Laís Bocalon²

INTRODUÇÃO

Em um primeiro momento, neste estudo, elencar-se-á a marcha colonizadora no Sudoeste do Paraná, em que o sudoeste do Paraná é caracterizado pela força da agricultura familiar, a qual se originou pelo fato de ser fragmentada em pequenas propriedades rurais e poucos latifúndios.

As propriedades eram mantidas com seus próprios produtos produzidos, com venda comercial apenas dos excedentes. Entretanto, programas de modernização e incentivo agrícolas criados pelo governo, mudaram este cenário, trazendo a oportunidade de vender sua produção ao comércio e cooperativas locais, que na contramão trouxeram o modelo capitalista de produção. Assim, hoje a base da produção familiar está interligada com a produção capitalista, mais focalizada em duas commodities específicas, soja e milho alterando-se o caráter identitário camponês.

1 METODOLOGIA

Utilizou-se da pesquisa documental juntamente com a pesquisa bibliográfica levando-se alguns conceitos de revisão literária no que se refere ao histórico colonizador do Sudoeste do Paraná, sendo que esta técnica foi definida como forma de levantamento de dados a partir de documentos como arquivos públicos ou particulares, fontes estatísticas, fontes não escritas, etc. Tendo assim, como foco permitir um mapeamento preliminar do objeto de pesquisa, além de permitir a checagem de informações fornecidas.

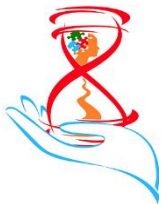
1 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para versar sobre o perfil dos produtores e suas escolhas de cadeia produtiva no Sudoeste do Paraná, primeiramente far-se-á breve síntese do processo de colonização da região, que foi dotado de conflitos que “[...] envolveram estados e países vizinhos, governo brasileiro, grileiros de terra, grandes grupos econômicos e, sobretudo, os caboclos e posseiros.” (CUNHA; ENGELMANN; GHISI, 2011, p. 297).

Nesse sentido, o sudoeste do Paraná, segundo Stoffel, teve sua colonização fecundada principalmente devido ao mecanismo colonizador que se desenrolou nas décadas de 1940 e 1960 em que as organizações colonizadoras detinham em sua

¹ Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, Pesquisadora e Extensionista no Instituto Federal do Paraná – IFPR, Campus- Capanema-PR, acadêmica de Graduação em Ciência Econômicas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná e aluna da Especialização em Direitos Humanos na Universidade Federal Fronteira Sul – UFFS – thaís.hahn@ifpr.edu.br

² Graduada em Contabilidade pela Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná- UNICENTRO e acadêmica de Ciências Econômicas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. laisbocalon@yahoo.com.br



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

política de ocupação a escolha pela segmentação dos lotes de terras a serem comercializados (STOFFEL apud GREGORY; COLOGNESE, 2004).

E, portanto, ao contrário das demais regiões do Brasil, o Sul, e neste caso mais especificamente o Sudoeste do Paraná não teve sua formação territorial caracterizada por grandes latifúndios, em que o processo de assentamento dos espaços foi norteado em pequenas e médias propriedades por imigrantes.

Portanto, a propriedade da agricultura familiar é caracterizada por possuir uma superfície máxima de 4 módulos fiscais, utilizar mão de obra predominantemente familiar, possuir renda originada na propriedade e ser gerida pela família, que o IBGE utiliza no Censo Agropecuário 2006, para caracterizar a agricultura familiar no disposto na Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006 (BRASIL, 2006; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009).

Nesta perspectiva, para Stoffel é imprescindível salientar que a produção familiar do pequeno produtor rural não é notada na década de 50 restritamente pela busca da produção rentável e mercantil, mas que em seu regime de produção busca primordialmente a subsistência (STOFFEL, 2004). No entanto, muitos destes produtos serviam tanto para o consumo próprio e de animais, como o milho e a mandioca, e seus excedentes comercializados para aquisição de produção não provenientes da propriedade para suprir poucas necessidades como (sal, querosene e tecido), o que caracteriza essa produção com dúbia funcionalidade e proveniente das relações de trabalho e cooperação.

Todavia, Stoffel relata que esse sistema de produção diversificado foi sendo alterado nas décadas posteriores com a mecanização agrícola, pois a pequena propriedade agrícola passa a produzir e integrar-se ao sistema capitalista, situando sua produção nas décadas de 70 e 80 à commodities específicas, como, soja e milho, assim atrelando-se a dependência industrial e a policultura que para Cunha et al. foi a verdadeira base da economia camponesa na época' promovendo a diminuição das terras com menos de 50 hectares e consequente aumento das superiores a 50 hectares (STOFFEL, 2004; CUNHA et. al apud ABRAMOVAY, 2011).

Assim, com o crescimento emergente da produção foram criadas as cooperativas para afastar a distância entre consumidor e produtor, por meio de uma articulação das grandes multinacionais, fazendo com que as cooperativas se tornassem intermediárias junto à indústria e ao processo de oferta, e aos poucos foram introduzindo sua cadeia produtiva e estreitando as relações dos produtores para com o sistema bancário e ao crédito facilitado gerando o endividamento e sequente diminuição da produção de base familiar.

No entanto, nota-se que mesmo após esse processo modernizador, a agricultura familiar ainda possui em seus antrejos resquícios da produção inicial baseada na produção para o consumo e também no que tange a grande quantidade na mesorregião Sudoeste do Paraná da agricultura de base familiar e sua importância para a economia local, dado que relevante parte de sua produção é oriunda desta configuração de propriedade rural.

Em suma, Cunha et Al. considera que no lugar em que se encontra numerosa quantidade de agricultores, há maior índice de capital social, que a pressão por melhores condições que auxiliem a sociedade é mais perceptível nestes lugares, todavia relembra-se que essa visão é decorrente de um processo de organização social que veio combater os danos causados pelo processo modernizador que se fortificou no âmbito da esfera sindical e associativista, como a ASSESOAR



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

(Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural), regida e formada pelos agricultores de base familiar e os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (CUNHA et al., 2011).

De acordo com dados do IBGE do Censo Agropecuário 2006, as culturas que se destacam nas propriedades rurais de base familiar na mesorregião Sudoeste do Paraná em volume de produção são, respectivamente, o Arroz, o Feijão, o Trigo, a Mandioca, a Soja e o Milho. No entanto, há uma considerável predominância de apenas duas culturas, o Milho e a Soja, que juntas correspondem a mais de 80% do total produzido. Por sua vez, culturas que se destinam à alimentação humana, tais como Arroz, Trigo e Feijão ocupam um papel pouco expressivo, tanto no volume total da produção quanto nos valores.

Entretanto Cunha et. al apud Brandenburg (2011, p. 309) ponderam que “[...] os colonos do [...] sudoeste do Paraná, conseguem reproduzir um modo de vida e construir sua identidade política que os contrapõem aos latifúndios, aos grandes grupos empresariais, aos bancos e ao estado.” (BRANDENBURG, 2011, p. 309).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após breve análise dos dados coletados, pode-se perceber que apesar de sua importância no âmbito regional, a agricultura de base familiar da mesorregião Sudoeste do Paraná também está inserida em uma tendência de monocultura, devido à predominância de apenas duas culturas, das quais grande parte não se destina à alimentação humana, se considerarmos que cerca de 80% da soja e do milho no Brasil é utilizada para alimentação animal, deixando de lado identidades produtivas que já foram bastante tradicionais da região e que servem de base para a alimentação humana, como o feijão, por exemplo.

No entanto, apesar de explicitarem-se estas constatações, devem-se considerar outras variáveis para explicar a motivação deste comportamento por parte dos produtores, tais como os incentivos governamentais e facilidade em escoar a produção, etc.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.326**, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 jul. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11326.htm>. Acesso em: 30/03/2017.

CUNHA, Luiz; ENGELMANN, Sandra; GHISI, Ellen. Relação entre Estrutura Agrária e Participação Cívica: uma análise nas mesorregiões centro-sul e sudoeste do estado do Paraná. **Campo Território**: revista de geografia agrária, v. 6, n. 12, p. 287-316, ago., 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2006**: Agricultura Familiar Primeiros Resultados. Rio de Janeiro, 2009.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

STOFFEL, A, Jaime. **A viabilidade da agricultura familiar: formas de organização produtiva no oeste do Paraná.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2004.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**A ARTE DE ESCREVER:
O CENÁRIO PARANAENSE NO DESCARTE DE LIXO DOMÉSTICO.**

Maurício Quoos Konzen¹
Marielly Coradin de Moura²
Neusa Boavas³
Alexandre Carvalho de Moura⁴

INTRODUÇÃO

Comumente no ambiente escolar é atribuição dos professores de língua portuguesa desenvolver a capacidade de leitura e escrita, no entanto, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docências – PIBID subprojeto Ciências Biológicas se propôs a elaborar uma atividade interdisciplinar envolvendo o processo de leitura e escrita no ensino de Ciências, para Lima (2009, p. 193) a “Interdisciplinaridade é considerada uma inter-relação e interação das disciplinas a fim de atingir um objetivo comum”. É a reunião de diferentes disciplinas articuladas em torno de uma mesma temática com diferentes níveis de integração. O presente trabalho foi realizado com o intuito de romper essas limitações, trabalhando em conjunto e explorando a linguagem.

Considerando que todas as ciências possuem uma ligação, ao construir conhecimentos com interdisciplinaridade reforça-se esse fenômeno, numa perspectiva escolar trata-se de aprender saberes distintos em perspectivas diferentes. Utilizar atividades de leitura e de escrita no ensino de biologia ampliam as possibilidades de compreensão e criação dos alunos, visto que a partir da escrita os estudantes não se limitam apenas a compreensão de um conceito, possibilita também a expressão e a construção da opinião contribuindo para uma formação crítica e reflexiva.

A partir desses pensamentos os bolsistas do PIBID elaboraram uma atividade para o 3º ano do ensino médio na cidade de Realeza – PR, no intuito de discutir em relação à poluição do solo, especificamente sobre a destinação dos resíduos domiciliares no estado do Paraná. Foi proposto aos alunos dividir a aula em três momentos, na primeira parte é discutido sobre a estrutura e os principais elementos textuais que devem estar presentes numa dissertação argumentativa, no segundo momento é reproduzida uma reportagem sobre aterro sanitário, aterro controlado e lixão, e debatido acerca das diferenças entre eles e a respeito do cenário da coleta de lixo no município, e por fim é entregue uma reportagem sobre lixo, para auxiliar na elaboração de uma dissertação argumentativa de até 30 linhas com a temática “Descarte de lixo”.

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. koonzen@hotmail.com

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS marielly.biologia@gmail.com

³ Licenciada em Ciências Naturais. Professora do Colégio Estadual Doze de Novembro. neusa.boavas@gmail.com

⁴ Dr. em Recursos Hídricos. Orientador. Prof. do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. alexandre.moura@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Esperamos que os estudantes reflitam sobre suas atitudes em relação ao descarte de lixo, e que por meio da elaboração de um texto expressem suas opiniões sobre os conhecimentos discutidos em sala. Lecionar interdisciplinarmente tem como papel principal complementar os conhecimentos, integrando disciplinas e favorecendo a compreensão de múltiplos fatores que rodeiam o cotidiano dos alunos.

1 DESENVOLVIMENTO

Freqüentemente observamos nas escolas que os exercícios de leitura e escrita são desenvolvidos sem haver ligação entre si, são utilizadas com o objetivo de reprodução de ideias e não para produção criativa dos alunos (OLIVEIRA, 2001; GIRALDI, 2010). Oliveira diz que:

À escrita escolar geralmente acontece nos seguintes momentos: ao responder às perguntas do questionário que exige apenas a mera transcrição do texto base; no preenchimento de lacunas dos exercícios propostos para reforçar o conteúdo; na cópia da lousa das sínteses colocadas pelo professor; ou na elaboração de textos, principalmente do tipo redação que a nosso ver é um gênero bastante impessoal de escrever. (OLIVEIRA, 2001, p. 2).

Concordamos com a autora que a dissertação argumentativa é um gênero impessoal de escrever, mas os modelos das atividades foram sugeridos pela escola e solicitados pelos alunos, ambos a necessidade de estar preparados para vestibulares, onde geralmente é formato de texto solicitado. Pensamos que a leitura e escrita são importantes e necessárias na formação do pensamento do estudante, pois permite uma análise crítica e reflexiva sobre as aulas, possuem papel de produção de interpretações (GIRALDI, 2010; KLEIN, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura deve ser trabalhada de modo representativo e não de repetição, nessa perspectiva os professores devem proporcionar aos estudantes condições para produção de leitura e escrita (GIRALDI; CASSIANI, 2009). Ao dos textos percebemos que foram escritos de duas maneiras, em algumas redações o texto era estruturado com as informações da notícia e da reportagem, e outra continha à opinião dos autores sobre os debatidos.

A prática da escrita desempenha um papel importante na formação do aluno, saber se posicionar, escrever e argumentar frente a situações problemas é crucial para o desenvolvimento pessoal e social dos discentes (KLEIN, 2014). Lecionar interdisciplinarmente tem como papel principal complementar os conhecimentos, integrando disciplinas e favorecendo a compreensão de múltiplos fatores que rodeiam o cotidiano dos alunos.

REFERÊNCIAS

GIRALDI, Patrícia Montanari. **Leitura e Escrita no Ensino de Ciências: espaços para produção de autoria**. 2010. 350 f. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 2010.

GIRALDI, Patrícia Montanari; CASSIANI, Suzani. Leitura em aulas de ciências: Análise de condições de produção. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7. 2009, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis, 2009.

KLEIN, Cláudia Luciani; WENZEL, Judite Scherer; MATTOS, Alex Pires. A prática de escrita em aulas de ciências como modo de qualificar o ensino e a formação do professor. Encontro Nacional do Ensino de Biologia e Encontro Regional do Ensino de Biologia, 2014, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2014.

LIMA, Danilo Lopes Ferreira. Odontologia Desportiva e Interdisciplinaridade. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.8, n.5, p. 108-193, 2009.

OLIVEIRA, Odisséa Boaventura. **Possibilidade da Escrita no Avanço do Senso Comum para Saber o Saber Científico na 8ª série do Ensino Fundamental.**

2001. 163 f. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Campinas: Unicamp, 2001.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

A BRINQUEDOTECA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA INFÂNCIA

Marcos Willian da Silva Santos¹
Adriana Cristina Kozelski²

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentarei a relação que existe entre o lúdico e a aprendizagem dentro de uma brinquedoteca, e como as atividades lúdicas possuem um papel importante no ensino, que vem a ser um instrumento pedagógico que permitira o desenvolvimento do educando em sua trajetória escolar.

Foi aplicado questionário para a educadora do 1ª ano “A”, gestora e pedagoga, para confirmar se o lúdico esta dentro do planejamento escolar e se os educadores se apropriam do lúdico para ensinar seus educandos, o estudo de campo realizou se na Escola Municipal Osvaldo Cruz – Educação Infantil e Ensino Fundamental na comunidade Canhada Funda, Município de Mangueirinha - Paraná.

É fundamental para o educando que criemos espaços e oportunidades para que eles possam aprender através do lúdico a compreender e interagir consigo, com outros e com o mundo. Acredita se que durante o brincar o educando em sua infância cria regras, papéis sociais e competência para sua vida.

1 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia deste estudo se configurará em pesquisa bibliográfica e em um estudo de caso. Por esta possibilitar ser um estudo profundo e, detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados. De acordo com Gil (1999) o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidências.

Ainda o mesmo autor, Gil (1999) entende como pesquisa bibliográfica àquela que busca solução de determinado problema a partir de materiais já elaborados e varia de função em função de seus objetivos, convém, portanto que este seja claramente estabelecido a fim que as fases posteriores processem de maneira satisfatória.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente capítulo tem por finalidade analisar e interpretar os dados levantados, junto à pesquisa de campo a qual realizou se um questionário com gestor, pedagogo e educador do 1ª ano do Ensino de Nove Anos, aplicou se o questionário aberto com oito questão referente à problemática a brinquedoteca como ferramenta pedagógica na infância.

A Escola Municipal Osvaldo Cruz – Educação Infantil e Ensino Fundamental localizada no município de Mangueirinha contam com um número total de 75 alunos, sendo que no 1º Ano tem 15 alunos, 2º Ano 11 Alunos, 3º Ano 18 alunos; 4º Ano 19

¹ Graduando em Matemática na Faculdade de Ampère (FAMPER), bolsista do Programa Universidade para Todos (Prouni). marcoswillian50@outlook.com

² Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR). adrianaccristo@yahoo.com.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Alunos e 5º Ano 12 alunos, as aulas ocorrem no período vespertino no Ensino de Nove Anos. Questiona-se, primeiramente, acerca do planejamento que a docente costuma contemplar utilizando brincadeiras como processo de ensino-aprendizagem:

Gestora	“Certeza, porque isso já está contido nele”.
Pedagoga	“Com certeza, pois é unindo a brincadeira à realidade e aprendizagem é mais prazerosa”.
Educadora	“Sim, pois brincando também se aprende ainda mais de uma forma descontraída”.

ILUSTRAÇÃO 01: Questão 01 - em seu planejamento costuma contemplar a brincadeira como processo de ensino - aprendizagem?

Fonte: Produção dos Pesquisadores.

Segundo Vasconcellos (2000, p.79) o conceito de planejar fica claro, pois: “Planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a ser realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa”.

É importantíssimo ter no planejamento atividades curriculares do educando para conhecer melhor o seu desenvolvimento e pode ter diagnosticar seus desempenhos e lhe propor atividades lúdicas para que ocorra o ensino aprendizagem de forma uma descontraída e prazerosa, pois compreende se também que se brincando aprende. A segunda questão trata de questionar se, na prática docente, são contempladas e estimuladas atividades educativas por meio da ludicidade e da brincadeira:

Gestora	“Sim, descobrimos que o aluno aprende mais e desenvolve rapidamente a parte motora, intelectual e psicomotora”.
Pedagoga	“Muito pouco, somente na especialização é que me foi apresentada essa ferramenta”.
Educadora	“Em algumas disciplinas, foram contemplados e com maior ênfase na especialização”.

ILUSTRAÇÃO 02: Questão 02 - Em sua formação docente foram contempladas e estimuladas as práticas educativas por meio da ludicidade e da brincadeira?

Fonte: Produção dos Pesquisadores.

Considera se que as práticas pedagógicas nesse nível educativo são singulares, sendo a brincar. As brincadeiras, que envolve o lúdico são um meio que desenvolve o trabalho infantil, que corresponde o ensinar desenvolvendo as habilidades cognitivas intelectuais e psicomotoras do educando. De acordo com Kishimoto:

A prática pedagógica brasileira ainda não referenda a associação íntima dos materiais e espaços com as brincadeiras. Parece haver, ainda, dissociação entre esses aspectos, de modo que é possível observar algumas propostas que adotam as brincadeiras como modos de ensinar conteúdos, de inserir alfabetização e outros conhecimentos técnicos científicos, ou que adotam o brincar livre, sem ou com pouco suporte material e, muitas vezes, em espaços inadequados. Desse modo, o brincar livre, embora, desejável, torna-se utópico, uma vez que a criança não dispõe de alternativas, de novos materiais, ou espaços para implementar seus projetos de pode ser uma brincadeiras. (KISHIMOTO, 2009, p. 34).



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Portanto compreende que o lúdico pode ser um aliado nas práticas pedagógicas na educação infantil, sendo, assim, é importante desenvolver práticas pedagógicas no próprio plano de aula, para que possa ter um bom resultado é necessário entender a dimensão do lúdico. A terceira questão contempla a mensuração da importância da brinquedoteca para a infância:

Gestora	“Porque é através da brincadeira que a criança se desenvolve e se descobre alguma dificuldade”.
Pedagoga	“De importância impar, pois a infância é como um baú que se vai enchendo de experiência e a brinquedoteca fornece tudo isso”.
Educadora	“Importantíssima, faz toda a diferença no desenvolvimento, na aprendizagem para a criança o brincar é mais importante que aprender conteúdos do planejamento escolar”.

ILUSTRAÇÃO 03: Questão 03 - No seu ponto de vista qual é a importância da brinquedoteca para a infância?

Fonte: Produção dos Pesquisadores.

No processo de construção da brinquedoteca, é compreendido como um espaço de direito da infância, segundo a legislação brasileira vem contribuindo para afirmar a presença desse espaço no cotidiano da criança. Pela primeira vez contribuiu por meio da Constituição de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente criado em 1990 e da mais atual LDB (Lei 9.394/96), a criança é considerada um sujeito de direito necessitando de uma educação que leve em conta, as especificidades próprias da infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada evidencia-se que faz necessário trazer para o dia-a-dia em sala de aula atividades diversificadas e dinâmicas que contenha o lúdico para que os educandos não sigam sempre uma rotina, o diferencial é ter sim uma rotina, porém organizada e divertida onde os educandos possam adquirir novos saberes de maneira divertida e prazerosa.

No decorrer do estudo constatou-se a importância da brinquedoteca escolar na infância do educando, pois o brincar requer várias atividades lúdicas recreativas para desenvolver o ensino aprendizagem dando capacidade para o educando, refletir, pensar, abstrair, organizar-se realizando várias formas de se interagir com a sociedade. Compreende-se que o lúdico é um traço importante da personalidade que persiste da infância até a idade adulta, pois tem uma formação essencial na parte cognitiva do ser humano.

As questões norteadoras ou hipótese que fundamentaram a busca da resposta para o problema inicialmente foram elencadas para alavancas; O lúdico não é estimulado na educação por meio de jogos e brinquedos educativos, porque os alunos dispõem de muitos mecanismos de dispersão e diversão;

O lúdico é estimulado no ambiente escolar, através de brincadeiras e jogos educativos que leva o educando a ter comprometimento com o lúdico, pois o lúdico não é um comportamento herdado, ele é adquirido pela influência que se recebe no decorrer da evolução dos processos de desenvolvimento e aprendizagem. A brinquedoteca, como recurso pedagógico, onera os custos da escola, já que carece de estrutura, material didático e pessoas para dela cuidar.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394. Brasília: Congresso Nacional, 20 de dez. de 1996.

GIL, Antônio, Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 2. ed. Atlas: São Paulo, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida, Brinquedo e brincadeira: usos e significados dentro de contexto culturais. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca: o lúdico em difer**

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. 7. ed. São Paulo: Ladermos Libertad, 2000.
entes contextos. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA COMO
AGENTE DE SUPERAÇÃO DE ESTERÉOTIPOS RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Thaís Goldeff Hahn¹
Cleoci Schneider²

INTRODUÇÃO

O presente relato de pesquisa irá abordar o estudo sobre o mecanismo de contação de histórias infantil Afro-brasileira que foi desenvolvido para a elaboração do projeto de extensão “Leitura e formação de identidade através da contação de histórias de literatura infantil afro-brasileira” vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Epistemologia das Ciências e suas Linguagens no Instituto Federal do Paraná- IFPR, para estigmatizar-se na contemporaneidade a relação do ato de contar histórias infantis Afro-Brasileira com a superação de estereótipos raciais, tendo em vista a publicação da Lei n. 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar da Educação Básica e a aprovação subsequente de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais em Educação e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana no currículo do Ensino Básico, em julho de 2004.

1 METODOLOGIA

O processo investigativo é fundamental para estabelecer as convergências e divergências históricas do negro na Literatura Infantil afro-brasileira. Por esse viés, faz-se imprescindível a comparação de sua trajetória, que deve ser “[...] empregada como recurso preferencial no estudo crítico, convertendo-se na operação fundamental da análise.” (CARVALHAL, 2006, p.7).

Logo, em consonância com Quintaneiro et. al (1995) utilizar-se-á como método de interpretação da realidade a dialética, que abrange a averiguação por meio da contraposição de elementos conflitantes sendo portando, ponto facilitador do entendimento dos resultados finais, proporcionando assim, o estudo a que se propõe.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeiro lugar, é plausível esclarecer que o presente relato de pesquisa é resultado de uma pesquisa bibliográfica focada na contação de história, realizada pela proponente do projeto de extensão “Leitura e formação de identidade através da contação de histórias de literatura infantil afro-brasileira”, e, portanto se limitará ao debate resultante desta.

¹ Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, Pesquisadora e Extensionista no Instituto Federal do Paraná – IFPR, Campus- Capanema-PR, acadêmica de Graduação em Ciência Econômicas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná e aluna da Especialização em Direitos Humanos na Universidade Federal Fronteira Sul – UFFS – thais.hahn@ifpr.edu.br.

² Bibliotecária no Instituto Federal do Paraná – IFPR, Campus- Capanema-PR, formada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – cleoci.schneider@ifpr.edu.br.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Todavia, após a pesquisa realizada, nota-se que a literatura infantil começa a apresentar personagens negros entre meados da década de 20 e 30, no entanto, esta literatura colonial representava o negro como libertino, reforçando a ideia de sua imagem ligada à trivialidade, inferioridade, e ignorância, e, portanto somente em 1975 os autores passaram a abordar temas antes considerados inapropriados às crianças, tão enfáticos para a preservação da memória do negro como forma de pertencimento, pois “[...] é comum que os povos se orgulhem de suas histórias, tradições, mitos e lendas, pois são expressões de sua cultura e devem ser preservadas.” (JOVINO, 2006, p.3).

Nessa vertente, o contexto da educação infantil torna-se propício para trabalhar as questões da discriminação de minorias, pois, segundo Borsa, é nesse momento que a criança emerge na sociedade por um percurso de interiorização e assimilação de conteúdos e princípios, aprendem “o que é considerado correto em seu meio e o que julgam incorreto; ou seja, que possam conseguir um nível elevado de conhecimento dos valores morais que regem a sociedade e se comportem de acordo com eles.” (BORSA, 2007, p. 2). Ainda nesse prisma:

É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança constituirá sua identidade e será capaz de representar o mundo atribuindo significados a tudo que a cerca. Seus conceitos e valores sobre a vida, o belo, o bom, o mal, o feio, entre outras coisas, começam a se constituir nesse período (SANTANA, 2006, p. 30).

Por conseguinte, salienta-se que é na escola que a criança forma sua personalidade, de existir e relacionar-se e assim a presença da literatura infantil afro-brasileira é promotora do seu desenvolvimento, no que tange não apenas o entretenimento, mas que conduza histórias de vida, costumes e cultura. Abromovich defende que esse método “[...] é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.” (ABROMOVICH, 1993, p. 16).

Logo, Abromovich (1993) aponta a contação de histórias como a técnica metodológica que viabiliza a ação de idear através da palavra, percorrendo no mesmo viés de Coelho (1980) que discorre que a contação de histórias assegura a informação, a coletividade e envolve a criança consentindo a autoafirmação e contribuindo para a admissão de fatos desconhecidos da sua realidade, fomenta a imaginação e a criatividade.

No entanto, para que esse objetivo seja alcançado é necessário que o narrador conheça o livro antes, familiarizando-se com o texto para não haver surpresas desagradáveis e caminhar pelo percurso contrário, desagradando ao ouvinte com “gaguejos” e entonações de voz inapropriadas. Assim, Coelho (1980) aponta a eficiência na comunicação enunciativa está intrinsecamente ligada à elaboração de um roteiro, promovendo a naturalidade e, sobretudo proporcionando o prazer de ouvir histórias à criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, pondera-se que trabalhar a contação de histórias de literatura infantil afro-brasileira na educação básica com personagens que não coloquem o negro em condições inferiores as demais etnias, é um importante instrumento para



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

se corromper a soberana delimitação histórica do negro às características estereotipadas.

Pois, a relação estabelecida entre o público e o escritor leva este último a adquirir plena consciência de sua obra através da reação de seu público. Todavia, que esta relação é em um todo norteada pela criança. Pois, mesmo que sem o propósito de elencar as problemáticas do meio, o autor será influenciado por elas e só se realizará através da repercussão de sua obra, nesse caso, por meio do reconhecimento da criança negra em personagens de ascensão social.

Desse modo, a literatura só vive na medida em que é vivida, decifrada, aceita ou deformada pelos leitores e está “interatividade” é que torna a obra viva, não podendo de essa maneira ser delimitada. Pois, a cada leitura se descobrirá um elemento novo, ter-se-ão novas visões de acordo com cada sujeito que a ler e ou ouvir, e, portanto se fundamentará enquanto agente de transformação social.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**. São Paulo: Scipicione, 1993.

BORSA, J.C. O papel da escola no processo de socialização infantil. *Psicologia*. Com.PT,2017. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

CARVALHAL, T. F. **Literatura Comparada**. 4. São Paulo: Ática, 2006.

COELHO, N. **Literatura e Linguagem**. 3. São Paulo: Quíron, 1980.

JOVINO, I. S. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, F.; LIMA, M. N. (Orgs.). **Literatura Afro-Brasileira. Centro de Estudos Afro- Orientais**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

QUINTANEIRO, T; BARBOSA, M; OLIVEIRA, M. **Um Toque de Clássicos**: Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

SANTANA, P. S. Educação Infantil. Brasil, Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. p. 30-49.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

A EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Pamela Tais Clein¹

Renata Orlandi²

Ronaldo Aurélio Gimenez Garcia³

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência refere-se a ações de ensino e extensão universitárias desenvolvidas entre os anos de 2016 e 2017, as quais foram voltadas à problematização de relações étnico-raciais na perspectiva dos direitos humanos. Professores, técnicos, estudantes de ensino fundamental, médio e superior, assim como cidadãos da comunidade em geral estiveram envolvidos em atividades alterizantes que foram provocadas numa região próxima à fronteira com a Argentina, distante de grandes centros urbanos na qual até então raramente eram promovidas ações voltadas para a afirmação dos direitos humanos.

1 DESENVOLVIMENTO

As relações étnico-raciais são aquelas estabelecidas entre diferentes grupos sociais, levando em consideração as distinções e semelhanças no que se refere o pertencimento racial de cada sujeito. Por vezes, a produção e disseminação de discursos racistas direcionados a determinados sujeitos consistem na ideia de que algum grupo étnico é inferior a outros, afirmadas, portanto a partir de hipotéticas distinções biológicas. Em vista disso, entende-se que “do ponto de vista do racismo, não existe exterior, não existem as pessoas de fora. Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não o serem” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 45).

A hierarquização da branquitude em relação a negros e índios implica em mantê-los em espaços sociais subalternos, propensos a vulnerabilidade física e psicológica. Conforme enfatiza Vilhena, “[...] o branco e a brancura são os únicos legítimos herdeiros e construtores do progresso e desenvolvimento do homem. Eles são a cultura e a civilização, em uma palavra - a ‘humanidade’.” (VILHENA, 2006, p 1).

A mídia, a sociedade, o espaço escolar e até mesmo as próprias famílias reforçam discursivamente representações preconceituosas, impossibilitando que os sujeitos se reconheçam e afirmem suas identidades enquanto afrodescendentes ou indígenas. Ver-se como negro e índio, portanto, se torna uma tarefa árdua que concerne em vencer inúmeros obstáculos, onde o referencial de ser humano é ter a pele branca. Conforme enfatiza Zamora (2012), a relação consigo mesmo e com o

¹ Graduanda de Licenciatura em Letras Português Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS. pamelaclein88@gmail.com.

² Pós doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina e em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona. Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Renata.orlandi@ufsc.edu.br

³ Doutor em Educação pela Universidade de São Carlos. Professor Adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. ronaldo.garcia@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

seu corpo “[...] passa a ser de vigilância, no sentido de mascarar as características ‘diferentes’ do modelo dominante e, portanto indesejáveis [...] Mas ao desejar embranquecer, o negro não se permite existir; ele instaura o projeto de sua própria extinção.” (ZAMORA, 2012, p. 567).

Voltado para a afirmação dos direitos humanos, o projeto Cinedebate promoveu debates públicos em processos abertos, dinâmicos e democráticos, pautando-se nas relações de alteridade na perspectiva da:

[...] educação para o reconhecimento do ‘outro’, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Problematicar as iniquidades significa promover “aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade, justa, igual, equânime”. (BRASIL, 2004, p. 6).

As três atividades aqui relatadas são um recorte das treze ações que foram levadas a cabo por meio do projeto de extensão supracitado. Duas delas foram direcionadas ao *Dia do Índio*. A primeira ação ocorreu na Casa da Cultura de Realeza. Nesta ocasião, um grupo de estudantes do *Campus* da UFFS de Laranjeiras do Sul/PR, integrantes da etnia Kaingang participou das atividades da noite com apresentações culturais e contribuições no debate aberto, delineado a partir da apreciação do documentário *500 Almas*.

A segunda atividade voltada para o *Dia do Índio* ocorreu no campus da UFFS Realeza, as ações atravessaram o curta metragem *Pajerama* e o Documentário *Índios no Brasil-capítulo 01*. Dentre as atividades da noite, propôs-se uma degustação da cultura alimentar indígena. Os alunos envolvidos na organização do evento foram os próprios acadêmicos da UFFS, auxiliados na preparação dos alimentos por uma estudante indígena do curso de nutrição.

Os pratos socializados foram: feijoada degustada juntamente com um bolo típico, bolo de milho e de mandioca, canjica, frutas, entre outros alimentos. Compartilhar o alimento também é uma forma de transmitir cultura. As reações dos participantes foram as mais diversas possíveis, surpresa por saber na sua mesa, muitos dos alimentos são reflexos da cultura indígena, aceitação de alimentos substanciosos, clareza entre outros sentimentos, pois vemos, ouvimos, cheiramos, tocamos e provamos no encontro com o outro, inclusive com o próprio “eu”.

As atividades prosseguiram quando na terceira ação, voltada para o *Dia da Consciência Negra*, exibiu-se o vídeo do poema musicado *Gritaram-me Negra*. Posteriormente, o debate seguiu com a palavra aberta a todos os participantes das atividades. Neste ensejo, uma roda de samba e outra de capoeira impulsionaram os participantes a problematizarem o racismo que acarreta na desigualdade social e no privilégio à branquitude, portanto o desrespeito aos direitos humanos. O fenômeno da branquitude vai muito além do priorizar o branco como sendo o modelo mais perfeito, implica também em uma série de “vantagens” que considera os negros e indígenas como sendo uma camada social inferior econômica, moral e intelectual.

Os discursos, preconceitos impostos aos cidadãos de grupos étnicos minoritários, negros e índios é uma conduta desfavorável no que diz respeito a membros que compõem uma população, estigmatizados ora pela aparência, ora pela ascendência. Segundo Guimarães, “[...] quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência [...] traços físicos [...] sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem.” (GUIMARÃES, 2004, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indiscutível a necessidade de iniciativas que busquem a superação das injustiças sociais e o preconceito racial que reduzem as oportunidades de negros e índios terem a garantia dos direitos humanos e o exercício da plena cidadania. O projeto Cine debate, portanto, foi pensado como espaço para a promoção de encontros alterizantes em atividades extensionistas que se voltou para o respeito à diversidade, opondo-se veementemente a qualquer forma de violência.

Houve durante os encontros trocas de saberes plurais, ressignificações e a desconstrução de estigmas delineados ao conceito de raça, ecoando na articulação “da perspectiva da igualdade e da diferença” (CANDAU, 2012, p. 10). Conjuntamente comprometemo-nos a fomentar a emancipação de todo (a)s os sujeitos. Suscitou-se, portanto, olhar para o outro, ouvi-lo e compreendê-lo em sua singularidade. Por fim, convencionou-se por meio das ações, praticar a cidadania e o comprometimento mútuo com a transformação social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-s%20-%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2017.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação em Direitos Humanos**: políticas curriculares. In: LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). Políticas de currículo em múltiplos contextos. São Paulo: Cortez, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Rostidade. In: **Mil Platôs**. capitalismo e esquizofrenia. v. 3, p. 31-61. São Paulo: 2004.

VILHENA, J. A Violência da Cor: sobre racismo, alteridade e intolerância. **Revista de Psicologia Política**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, 2006. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/seer/ojs/viewarticle.php?id=7>>. Acesso em: 18. out. 2017.

ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. Fractal, **Revista de Psicologia**, v. 24 – n. 3, p. 563-578, Set./Dez. 2012.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REGIÃO
SUDOESTE DO PARANÁ: O CASO DA MICRORREGIÃO DE SANTO ANTÔNIO
DO SUDOESTE, BARRAÇÃO, BOM JESUS DO SUL E PÉROLA D'OESTE.**

Angélica da Silva¹
Cristiane de Quadros²

INTRODUÇÃO

A região em estudo tem 42 municípios com propriedades rurais que se destacam pela agricultura familiar. Constituída ainda, por 17 Instituições de Ensino Superior (IES), das quais seis são públicas, sendo dois estaduais, um federal e três municipais; dez são privadas no sentido estrito; um é confessional. Ressalta-se primeiramente, que na história do Sudoeste do Paraná ainda há lacunas a serem construídas, poucas são as pesquisas realizadas sobre a memória da região. É preciso resgatar e preservar os elementos que compõem essa narrativa, memórias passadas que são fundamentais para ações no presente e futuro para se constituir a formação humana, em especial na formação de professores.

É nesse contexto e em busca do saber através da memória de como se constituiu as escolas e as práticas pedagógicas, no Sudoeste do Paraná, é que surge o projeto intitulado “A formação de professores da Educação Básica da região Sudoeste do Paraná e a constituição de um Centro de memórias: o caso da microrregião de Barracão, Santo Antônio do Sudoeste, Bom Jesus do Sul e Pérola d'oeste”.

Portanto, neste trabalho discutiremos parte dos resultados de uma pesquisa que teve como objeto de estudo a questão da formação de professores no Sudoeste do Paraná. Nessa investigação procuramos identificar as interfaces entre a formação e como essa reflete na prática pedagógica dos professores, bem como conhecer o histórico da expansão do ensino nessa região. Essa pesquisa proporcionará a qualificação, o conhecimento histórico e social aos alunos da licenciatura, para que se encontrem e se reconheçam nesse processo de formação.

1 METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido teve como pressuposto a natureza qualitativa descrita por Ludke e André (1986). Para tanto foram propostos inicialmente alguns momentos de intervenção. O primeiro deles foi:

- a) o estudo e mapeamento das escolas de atuação da região Sudoeste do Paraná;
- b) seleção da microrregião (Barracão, Santo Antônio do Sudoeste, Pérola d'Oeste e Bom Jesus do Sul), e contato com as pessoas que iriam participar da pesquisa;

1 Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. angel_ampere@hotmail.com

2 Pós-Doutora em Educação: Práticas Educativas, Políticas Educacionais e Inclusão. Orientadora. Prof.^a do Domínio conexo da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Realeza – UFFS. cristianeqm@gmail.com



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

- c) deslocamento dos pesquisadores para esclarecer dúvidas e motivar os pesquisados a relatarem suas memórias para a pesquisa;
- d) agendamento de datas para entrevistas;
- e) realização das entrevistas por meio de narrativas e depoimentos gravados em áudio e/ou vídeo, ou se fosse mais confortável para o colaborador, de forma escrita;
- f) coleta de documentos (cadernos, livros, jornais da época, dentre outras fontes primárias e secundárias);
- g) coleta de fotografias e materiais iconográficos (desenhos, gravuras...);
- h) seleção das fontes coletadas, catalogação das mesmas e agrupamento de acordo com a localidade e o tipo de material;
- i) digitalização do material coletado acervo digital;
- j) constituição de um futuro centro de memórias em formação de professores da região em estudo, na Universidade Federal da Fronteira Sul, no Campus de Realeza;
- k) amostra itinerante no Instituto Federal do Paraná – Campus Capanema, de fotos e imagens de documentos das escolas envolvidas na pesquisa;
- l) coleta e tratamento de fontes e memórias para análises e publicação do II Congresso Internacional de Memória & Formação Docente - II CIMFor (realizado pelo grupo - (Trans)Formação Inicial, Permanente e Contínua de Professores: processos teóricos metodológicos de ensinagem – TRIPEC, - ao qual a pesquisa está vinculada);
- m) submissão do trabalho na VII Jornada De Iniciação Científica e Tecnológica – JIC (realizado na UFFS – Campus Erechim);

As informações coletadas por meio das entrevistas para as publicações utilizou- a metodologia de Análise Textual Discursiva – ATD, proposta por Moraes e Galiuzzi (2006), a qual segundo os autores é uma abordagem de análise transitória entre a análise de discurso e a análise de conteúdo. Moraes e Galiuzzi (2006) corroboram com o trabalho colocando que a ATD, é uma ferramenta abrangente, o que exige de seus usuários a convivência com uma abordagem em constante reconstrução.

Por fim, destaca-se também que ocorreram encontros semanais entre orientadora e bolsista, para os encaminhamentos gerais da pesquisa e orientações. E houve ainda, reuniões o grupo de pesquisa TRIPEC, que nessa edição do projeto focou na elaboração do site para o grupo, bem como divulgação nas redes sociais, e também na organização do Congresso Internacional de Memória e Formação Docente – CIMFor.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história da educação no Sudoeste do Paraná foi marcada por lutas, hoje ainda há grandes problemas na qualidade do nosso ensino, estamos constantemente buscando garantir o direito de todos na construção de ensino e aprendizagem. Entender todo esse percurso até aqui, nos ajuda a compreender que historicamente a educação foi negada a classe trabalhadora, a mulheres, a negros e a pessoas com deficiência, e assim notarmos que precisamos ainda avançar muito ao que tange a educação de qualidade e para todos.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Portanto, a investigação da história e memória das escolas e da formação dos professores, da microrregião do Sudoeste do Paraná, é na expectativa da constituição de um centro de memórias para assim contribuir no acervo de grande quantidade documental para subsidiar futuras pesquisas e para não se perder o histórico da formação de professores na região. Essa pesquisa proporcionará a qualificação, o conhecimento histórico e social aos alunos da licenciatura, para que se encontrem e se reconheçam nesse processo de formação.

Outro resultado é a integração e a construção de conhecimento, refletindo o processo de ensino e aprendizagem. A troca de experiências, a (re)construção de conhecimentos, da memória das vivências, da criação dos centros de memória é de extrema importância, uma vez que a partir disso é que nos compreendemos como professores, que encontramos a nossa identidade docente, ao qual nos constitui como seres pensantes que carregam consigo suas lembranças e doces memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que há poucas pesquisas e/ou trabalhos relacionados à educação no Sudoeste do Paraná. E por isso é fundamental, fazer um levantamento e catalogação dessas memórias, para preservar a historicidade da educação regional e compreendermos nossas lutas e avanços em todo contexto educacional. Frisamos que, o trabalho que realizamos é através de um processo de colaboração e coletivo, além de estarmos em constante formação com a escola.

Por fim, entende-se que para nos constituirmos como professores, devemos entender e olhar para as memórias dos nossos antepassados, compreender que educação não se faz em apenas uma sala de aula, que está pra muito além, que teve toda uma história até chegarmos a nós e que daremos continuidade a isso, e que não podemos perder nossas memórias, para que futuramente entendam como foram as nossas práticas, a nossa ação, o nosso ser professor!

REFERÊNCIAS

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciênc. Educ.** (Bauru) [online]. 2006, vol.12, n.1, pp.117-128. ISSN 1516-7313. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132006000100009>>. Acesso em: 10 out. 2017.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

A GESTÃO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Marcos Willian da Silva Santos¹
Douglas Cezar Reginatto²

INTRODUÇÃO

Atualmente, o tema gestão escolar do campo tem sido muito discutido nas escolas do campo, com o intuito de encontrar alternativas que visem à efetivação da gestão democrática na escola pública do campo. Sobre estas transformações, Lück afirma:

O ensino público no Brasil está experimentando transformações profundas. Reformas nacionais juntamente com iniciativas em âmbito estadual e municipal estão alterando as práticas pedagógicas e a organização escolar, na tentativa de dar eficácia à escola e universalizar o seu acesso. Nunca antes na história do Brasil a questão da educação pública foi tão evidente na mídia, na vida, na política e na consciência do cidadão comum. Vem-se reconhecendo amplamente que a educação é um elemento fundamental no desenvolvimento social e econômico e que o ensino no país. (LÜCK, 2005, p.9).

A afirmativa acima possibilita a escola no/do campo, com seu espaço geográfico e físico é diferente da escola localizada espaço urbanizado, proporcionando também suporte pedagógico diferenciado. Esta discussão de uma Educação voltada para as escolas do campo começou nos movimentos sociais campestres, mais precisamente o MST (Movimento Sem Terra).

A educação do campo busca um novo olhar para o campo e o camponês. A conscientização do povo do campo, para lutar contra toda repressão exercida pelo agronegócio que visa o lucro acima de tudo e de todos, e não dá importância para a vida humana e preservação ambiental. A educação do campo se preocupa com um projeto de maior amplitude, o de uma nova sociedade, mais justa e igualitária.

É na escola do campo que é o espaço, onde este artigo vai estar focado, mais precisamente, no processo de Gestão dessas escolas. O processo pedagógico e a escola do campo encontram barreiras e automaticamente os profissionais da educação também tem dificuldades de colocar em prática a proposta educacional da Educação do Campo e quando o assunto Gestor Escolar a dificuldade aumenta.

Os cursos oferecidos pelo Pronera (Programa de Formação dos Educadores da Reforma Agrária) não tem alcançado seus objetivos para resolver essas questões. Até mesmas pessoas formadas nesses cursos devido à amplitude da mesma, tem deixado a desejar a educação do campo, que demanda de uma autonomia maior.

1 MATERIAIS E MÉTODOS

¹ Graduando em Matemática na Faculdade de Ampére (FAMPER), bolsista do Programa Universidade para Todos (Prouni). marcoswillian50@outlook.com

² Mestrando em Modelagem Matemática pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) Campus Ijuí. reginattodouglas@gmail.com



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

A metodologia deste estudo se configurará em pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (1999) entende como pesquisa bibliográfica àquela que busca solução de determinado problema a partir de materiais já elaborados e varia de função em função de seus objetivos, convém, portanto que este seja claramente estabelecido a fim que as fases posteriores processem de maneira satisfatória.

2 ESCOLA DO CAMPO E A GESTÃO ESCOLAR

Quando se fala de gestão escolar, nada mais é do que um processo administrativo e esse administrar tem confundido muito gestor. Os gestores têm seguido rigorosamente a forma arcaica e burocrática de se administrar e erradicar essas práticas têm sido o grande desafio para os gestores. A educação do campo tem em sua proposta uma gestão democrática e participativa, mais na prática poucas delas têm conseguido cumprir com esse objetivo.

Para entendermos a administração, precisamos analisar o que nos diz Roberto Giancaterino:

A palavra administração é originária do latim, ad (direção) e minister (subordinação), deixando clara uma relação de subordinação. Inicialmente, a administração era tida somente como uma ferramenta de controle, que servia para verificar se os trabalhos dos empregados estavam sendo executado corretamente, se havia estoque etc. A administração não estudava as melhores ações para as empresas, pois sua tarefa era verificar o andamento da empresa (GIANCATERINO, 2010, p.20).

O autor nos diz que é urgente a mudança desse tipo de direção, pois quanta coisa mudou desde que surgiu o termo administração. Quantas novas direções foram tomadas, mesmo na própria educação. A educação do campo combate essa direção e vê o administrador como um elo entre a comunidade, a escola e o poder público. O diretor da escola do campo seria apenas um vínculo, com a responsabilidade de ajudar na organização da escola e na manutenção da coletividade.

Com um conhecimento amplo da educação do campo, esse administrador precisa ter a sensibilidade para sentir onde e como intervir nas situações crítica da escola. Essa intervenção, jamais poderá se dar por meio de controle ou mando, mas através do diálogo e do bom senso. Que dificilmente encontramos no processo educacional brasileiro.

Nesta perspectiva, faz-se necessária a verificação do andamento da escola, mas também o planejar e organizar medidas políticas e pedagógicas de melhoria da qualidade do ensino escolar para beneficiar os alunos que é o foco da escola. É aceitável que o gestor esteja preocupado com a parte burocrática, o que não é aceitável é que este faça disso, sua única tarefa na escola e esqueça o principal, que é o pedagógico.

O gestor precisa criar um ambiente de trabalho coletivo na instituição, assim, fica mais fácil de dar conta de todas as suas obrigações na escola, fazendo um bom trabalho e dentro da proposta da educação do campo.

Segundo Libâneo (2004) alguns princípios da organização do trabalho pedagógico e da gestão escolar ancorados numa perspectiva democrática são sustentados a partir da autonomia das escolas e da comunidade educativa,



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

envolvimento da comunidade escolar no processo escolar, formação continuada para o desenvolvimento pessoal e profissional dos integrantes da comunidade escolar, avaliação compartilhada e relações assentadas na busca de objetivos comuns:

Para aperfeiçoar a qualidade educacional, a liderança participativa é uma das estratégias essenciais ao processo, pois a mesma constitui a senha para liberar a riqueza do ser humano que está presa a aspectos burocráticos e limitada dentro do sistema de ensino e a partir de práticas orientadas pelo senso comum ou hábitos não avaliados. Baseado em bom senso, a delegação de autoridades àqueles que estão envolvidos na realização de serviços educacionais é construída a partir de modelos de liderança compartilhada, que são os padrões de funcionamento de organizações eficazes e com alto grau de desempenho ao redor do mundo. (LÜCK. 2005, p.35).

Lück (2006) aborda algumas formas de participação: a participação como presença que ocorre por meio da obrigatoriedade, por eventualidade ou por necessidade e ao por intencionalidade, a participação como expressão verbal e discussão, permite a verbalização sem promover um processo coletivo de entendimento sobre as questões discutidas.

A participação como representação política, consiste em delegar a um representante o poder para agir em seu nome ausentando-se assim da responsabilidade, participação como tomada de decisão, caracteriza-se pelos momentos em que em conjunto são adotadas decisões a respeito da condução de questões eventuais ou rotineiras, porém limita-se na maioria das vezes a questões operacionais, participação por engajamento representa a mais plena forma de participação.

Numa gestão democrática, é um processo de ensino aprendizagem, pois todo o colegiado, a família e comunidade constroem sua cidadania participando das tomadas de decisões da escola. Gestão participativa e/ou democrática, não se resume simplesmente em oportunizá-los de darem suas opiniões, mas aceita-las na hora das decisões, tornando-os parte integrante do processo.

Com base nesses princípios o gestor democrático pode se basear em estratégias para consolidar efetivamente suas ações. Para tanto Lück (2005) enumera algumas ações especiais para que esse processo se realize de maneira eficaz:

- 1) criar uma visão de conjunto associada a uma ação de cooperação;
- 2) promover um clima de confiança;
- 3) valorizar as capacidades e aptidões dos participantes;
- 4) associar esforços, quebrar arestas, eliminar divisões e integrar esforços;
- 5) estabelecer demanda de trabalho centrada nas ideias e não em pessoas;
- 6) desenvolver a prática de assumir responsabilidades em conjunto. (LÜCK, 2005, p. 20).

Este processo tem como alicerce a participação efetiva de todos os segmentos da comunidade escolar, o respeito a normas construídas coletivamente para os processos de tomada de decisões e a garantia de acesso às informações aos sujeitos que dela fazem parte. Percebe-se que o caminho a seguir é longo e muitas vezes pedregoso, entretanto, é preciso deixar de lado o comodismo e enfrentar os desafios na busca de uma educação pública de qualidade criando um aluno realmente crítico e participativo, capaz de transformar o ambiente onde vive, almejando uma sociedade mais justa e igualitária para todos.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

CONCLUSÕES

Ao finalizar a análise bibliográfica, entende-se que a gestão democrática da educação pública da escola do campo é uma temática que está constantemente sendo discutida nos mais diversos segmentos sociais e que demanda a reformulação do perfil do gestor para atender aos requisitos necessários que esta nova prática gestora solicita.

Com relação à gestão escolar no Brasil, percebem-se avanços significativos rumo ao processo de democratização da gestão escolar pública, seja através de mudanças conceituais (de diretor para gestor), ou por mudanças de atitude (do autoritarismo e centralização para a busca de parcerias e descentralização do poder).

Para tanto, é necessário compreender a gestão democrática como um processo onde todos os membros da comunidade escolar estão envolvidos na administração, e sempre com o mesmo objetivo, a melhoria da qualidade do ensino. Dessa forma, as dificuldades e os problemas existentes na escola do campo não são mais do “gestor”, do “professor” ou de alguém específico, mas sim de todos: alunos, pais, funcionários e comunidade em geral.

REFERÊNCIAS

GIANCATERINO, Roberto. **Supervisão Escolar e Gestão Democrática**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

GIL, Antonio, Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LÜCK, Heloísa. **A Escola Participativa: o trabalho do gestor escolar**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**A IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NOS CONTEXTOS
INFANTIS**

Marcos Willian da Silva Santos¹
Adriana Cristina Kozelski²

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o sistema de ensino passa por dificuldades no que diz respeito à realização dos espaços educativos, pois pelo fato de serem pouco trabalhado por desconhecimento de muitos, os alunos ficam sem direcionamento em muitas atividades, os quais por sua vez ficam brincando apenas por brincar sem saber que cada brincadeira ocupa um espaço determinado no qual a criança nunca esquece, pois o brincar é uma das faces predominante na infância.

A aprendizagem significativa é um fator muito importante o qual deve estar presente na escola desde a educação infantil para que o aluno possa se colocar e se expressar por meio de atividades lúdicas ocupando espaços que lhe sejam significativos, ou seja, atividades que mantenham a espontaneidade das crianças.

O professor como mediador do conhecimento, deve sempre instigar novas metodologia, maneiras diferentes de enriquecer suas aulas, introduzindo novos conceitos e métodos, o qual direcione as atividades os espaços significativos, tornando-os cada vez mais rico e interessante para as crianças e assim podendo estabelecer muito mais desempenho e possibilidades de aprendizagem. Deste modo realizemos uma pesquisa com professores, pedagoga e diretora da educação infantil para analisar o conhecimento a cerca da utilização da aprendizagem significativa em relação aos espaços que lhe são disponibilizados.

O objetivo do questionário foi demonstrar aos educadores a importância do uso dos espaços significativos, sendo assim enquanto são utilizados legalmente com o objetivo de estabelecer vínculos com as crianças. O campo de coleta dos espaços foi os profissionais da educação infantil do CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) de Manguairinha –Pr.

1 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia deste estudo se configurará em pesquisa bibliográfica e em um estudo de caso. Por esta possibilitar ser um estudo profundo e, detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados. De acordo com Gil (1999) o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidências.

Os dados obtidos para esta pesquisa foram coletados por intermédio de questionários aplicados com 4 professores, 1 pedagoga e a diretora do CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), do Município de Manguairinha - Paraná. O questionário se teve início no começo do mês de agosto e teve término no fim do

¹ Graduando em Matemática na Faculdade de Ampére (FAMPER), bolsista do Programa Universidade para Todos (Prouni). marcoswillian50@outlook.com

² Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR). adrianaccristo@yahoo.com.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

mesmo mês. A fim de coletar dados referentes ao tema atual que é desconhecido por muitos profissionais da educação.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

PROFESSOR A	“É quando o aluno interage com meio onde este inserido, participando de maneiras lúdicas e prazerosas nas atividades pedagógicas que são propostas no decorrer do ano”.
PROFESSOR B	“É toda a aprendizagem que nós é significativas em nossa vida, que nos traga informações claras e exprima conhecimento que sejam importantes no nosso conhecimento e formação como ser humano”.
PROFESSOR C	“As atividades planejadas e bem elaboradas provavelmente resultarão em aprendizagem significativa, já que são estabelecidos objetivos específicos de acordo com a etapa”.
PROFESSOR D	“É aquela aprendizagem que exprime o verdadeiro sentido, estar aprendendo algo claro e que nos trazem benefícios interessantes e importantes no nosso dia a dia”.
PEDAGOGA	“É obter aprendizagem que tenha algum significado para o nosso dia-a-dia”.
DIRETORA	“São conhecimentos que se adquirem relacionando-se com o conhecimento prévio que o aluno possui, podendo ser construída com novos conceitos facilitando a compreensão das novas informações”.

ILUSTRAÇÃO 1: O que você entende por a aprendizagem significativa?

Fonte: Produção dos Pesquisadores.

Percebe-se que todos os professores, diretora e pedagoga tem noção do que significa a aprendizagem significativa, evidenciando a sua importância e a sua necessidade no contexto escolar, os professores se sentem motivados em trabalhar um tema atual e com muito significado, o que acarreta muita dedicação e compreensão por ambas as partes.

Isso caracteriza o resgate dos espaços significativos, o qual muitas vezes era compreendido apenas como espaços de brincadeiras, para desfazer o dia-a-dia da sala de aula, deste modo fica explícito no entendimento dos professores a necessidade de se obter uma aprendizagem mais significativa de acordo com a idade de cada educando. Segundo Wajskop,

Gradativamente os jogos, as brincadeiras e os divertimentos passam a sofrer uma atitude moral contraditória, pois há muito tempo atrás as brincadeiras eram desenvolvidas para que as pessoas participassem junto com os demais na sociedade. O prazer, característico da atividade de brincar passou a ser visto como um componente da ingênua personalidade infantil, como uma atividade inata e que protegia os males causados pelo trabalho árduo e desgastante do mundo. (WAJSKOP, 1995, p. 6).

Sendo assim constata-se que as respostas apontam para a importância dos espaços significativos, o qual desempenha e é de fundamental no sentido de estabelecer uma conexão com o mundo da brincadeira e suas ramificações:



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

PROFESSOR A	“Sim, através deles as crianças vive situações onde aprenderá a desenvolver seu senso crítico, ampliando gradativamente seu conhecimento”.
PROFESSOR B	“Por que cada etapa é significativa na vida da criança, e ela terá um melhor desenvolvimento, se utilizar de espaços satisfatórios para seu aprendizado”.
PROFESSOR C	“Depende o que você chama de espaço significativo, se caso esteja se referindo os espaços disponíveis, acredito que poderiam ser melhores; Porém esforços são desprendidos para o pleno desenvolvimento das crianças”.
PROFESSOR D	“Sim, é importante, pois através da aprendizagem significativa a criança terá um melhor desenvolvimento mais disciplinado e com espaço para poder obter rendimento satisfatório”.
PEDAGOGA	“Sim, eles não são robôs para só produzirem o que o professor manda, a criança precisa ter seu espaço para fazer seus amigos, suas brincadeiras, respeitar regras e fazer regras”.
DIRETORA	“Sim, pois dentro destes espaços a criança promove o seu relacionamento, e demonstra suas escolhas, e atividades ao seu potencial, para iniciar todo o seu aprendizado”.

ILUSTRAÇÃO 2: Você considera importante a utilização dos espaços significativos para o desenvolvimento das crianças? Por quê?

Fonte: Produção dos Pesquisadores.

Baseando-se na concepção de Piaget, Vygotsky e Wallon (1988) compreende-se que o professor da área de educação infantil deve ter como princípio a valorização do sujeito e o papel da interação social no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da criança. Na próxima questão proposta:

PROFESSOR A	“O desenvolvimento da autonomia, construída, colaborando com a realização de atividades respeitando regras básicas de convívio social e diversidades que a compõe”.
PROFESSOR B	“A criança adquire e constrói sua identidade e autoestima através do convívio e contato com a outra e com o mundo que a rodeia e os espaços ofertados influenciam nessas atividades de forma direta, clara e objetiva”.
PROFESSOR C	“Toda e qualquer atividade direcionada e com interferência específica que o professor aplica e proporciona aprendizagem com certeza”.
PROFESSOR D	“Trazem muitos benefícios que podemos utilizá-los para vida toda, pois conhecimento adquirido sempre é útil para o nosso desenvolvimento”.
PEDAGOGA	“Nessa faixa etária é necessário utilizar o lúdico, pois as crianças aprendem brincando e qualquer espaço pode tornar-se significativo, basta o professor ser criativo”.
DIRETORA	“De as oportunidades a criança agir, pensar, explorar, promover relacionamentos”.

ILUSTRAÇÃO 3: Que benefícios os espaços significativos trazem para o ensino aprendizagem?

Fonte: Produção dos Pesquisadores.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Conforme Kishimoto (1992, p. 61) “a brincadeira, na sua teoria é a expressão dos sentimentos, necessidades e interesses da criança e por isso tem um fim em si mesma”.

CONCLUSÕES

A aprendizagem significativa contribui de maneira expressiva para a formação dos professores de Educação Infantil, pois os mesmos devem ter formação para atuar na área, para assim poder formar cidadãos capazes e aptos para uma visão de sociedade melhor. Ainda relatando o professor tem como objetivo ensinar, incentivar, cuidar, amar e fazer dos espaços meios prazerosos para que as crianças sintam vontade de ir para a escola não só pelo brincar, mas, pelo conhecimento e dedicação do professor, pois é um fator no qual marca muito e da mais animo e vontade de se trabalhar e desenvolver o que realmente estima os educadores e marca a vida das crianças.

Em relação as resposta que foram obtidas pelos educadores, pode-se perceber que alguns não têm conhecimento sobre o que é a aprendizagem significativa, deixando a desejar no questionário, e ate mesmo para a escola, pois aprendizagem nunca deixara de serem espaços dos quais marcam a vida das crianças e ate mesmo dos adultos, pode-se ainda perceber que professores não dão muita importância para os espaços que a escola proporciona, e levam as crianças para brincarem sem ter nenhum objetivo, apenas para sair das atividades rotineiras de sala de aula, sem saber que este também é um espaço no qual pode ser estimulado e trabalhos muitas coisas, porque também é significativo para a criança.

Porem outros já tem uma visão mais critica se referiam ao brincar como um método pedagógico muito importante para o desenvolvimento das crianças. s, de fato, o principal objetivo devem ser as brincadeiras estimulas em seus espaços significativos.

REFERÊNCIAS

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KISHIMOTO, T. M. **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning, 2002.

OLIVEIRA, M. K. **Pensar a Educação: contribuições de Vygotsky**. In: Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática, 1988.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na Pré-escola**. 8. ed. São Paulo, Cortez, 2009. (Coleção Questões de Nossa Época, 48).



8 a 9 de novembro de 2017

A LEI 10.639 E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES AFIRMATIVAS PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA.

Maria Grazielle Schlegel Rodrigues¹
Maria Gabrielle Schlegel Rodrigues²
Márcia Adriana Dias Kraemer³

INTRODUÇÃO

A delimitação temática deste estudo⁴ trata do reconhecimento e da valorização cultural, cuja pergunta de pesquisa questiona em que medida a ênfase à literatura africana e afro-brasileira, nos mais diversos âmbitos da educação, pode tornar-se uma ferramenta utilizada para repelir a discriminação e os preconceitos existentes quanto à cultura negra. A hipótese do trabalho é a de que, por falta de uma educação crítica e cultural dessa etnia, a literatura africana e afro-brasileira pode caracterizar-se como retórica vazia quando estudada apenas sob o prisma escravagista. Evidencia-se, no discurso literário nacional, de forma geral, o negro extremamente *coisificado*, um objeto, em uma visão distanciada da realidade.

A reflexão, com efeito, tem como objetivo analisar os pressupostos teóricos acerca da história e da cultura afro-brasileira e a Lei 10.639/2003, a fim de compreender em que medida esta se efetiva nos espaços de construção de conhecimento a partir de seu legado literário. Justifica-se este trabalho, uma vez que o estudo dessa etnia possui extrema relevância e coerência em uma sociedade que precisa distanciar-se o quanto possível de paradigmas atávicos perpetuadores do preconceito.

O procedimento técnico da investigação possui natureza teórica, com tratamento qualitativo dos dados e fins explicativos. Realiza-se sob aspecto doutrinário. A análise e a interpretação são materializadas de forma comparativa, histórica e dialeticamente. O relato de pesquisa organiza-se em uma seção de desenvolvimento em que se tece um breve contexto histórico da cultura negra e sua relação com a literatura afro-brasileira, bem como as contribuições da Lei como ação afirmativa no âmbito da inserção literária em espaços de cultura institucionalizada.

1 OS ASPECTOS LITERÁRIOS DA HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA

A compreensão da África na literatura brasileira faz parte da história do Brasil. Entende-se que “[...] compreender a história e cultura africana pode ser a diferença

¹ Acadêmica do Curso Direito – 6º Semestre. Faculdades Integradas Machado de Assis - FEMA. grazi.px@hotmail.com

² Acadêmica do Curso Direito – 5º Semestre. Faculdades Integradas Machado de Assis - FEMA. Gabi_schlegel@hotmail.com

³ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR. Bolsa Capes. Professora do Magistério Superior na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Realeza/PR. marcia.kraemer@uffs.edu.br

⁴ Este relatório de pesquisa decorre de estudos ligados ao Grupo de Pesquisa PROPLAC - *Letramento Acadêmico/Científico no Contexto das Ciências Sociais Aplicadas*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Márcia Adriana Dias Kraemer.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

entre acolher e conviver versus recusar e discriminar.” (SILVA, 2007, p.64). No decorrer da trajetória da literatura brasileira em um contexto nacional, existem dois posicionamentos acerca dos negros: um descreve-o como “coisificado”; o outro, como sujeito, digno de direitos (PROENÇA FILHO, 2004). Em vista disso, muitos afrodescendentes carregam o peso de anos de preconceito, embora seus direitos sejam elencados na Constituição Federal (BRASIL, 1988).

No âmbito educacional, com efeito, o surgimento da Lei 10.639/2003 é de extrema relevância, pois “[...] a inclusão dos valores culturais afro-brasileiros nos currículos escolares representa o reconhecimento de uma dívida da sociedade para com os africanos e seus descendentes [...]” (PEREIRA, 2008, p. 08). O milênio é marcado por diversas evoluções. Logo, a história mostra que se deve resgatar o respeito pelas diversas culturas, tendo como base o Princípio da Igualdade (BRASIL, 1988). Após muitas evoluções, os negros buscam suporte na Lei para ter seus direitos garantidos, tornando-se, de certa forma, sujeitos com voz. Acerca dessa problemática, Pereira destaca a urgência social desse tema transversal no seio da educação, bem como dos estudos literários, que abrange “[...] questões graves, que se apresentam como obstáculos para a concretização da plenitude da cidadania, afrontando a dignidade das pessoas e deteriorando sua qualidade de vida.” (PEREIRA; 2007).

No mesmo sentido, por meio da educação, e da reflexão literária, é possível haver a plenitude da cidadania e a maior efetivação de princípios que rejam o ordenamento jurídico em prol da igualdade étnica: “[...] basta olhar a sociedade através de lentes críticas que as discrepâncias sociais saltam aos olhos, sendo que os mais necessitados no Brasil, muitas vezes, descendem da herança africana.” (ANDRADE; GUEDES; NUNES, 2013). Por vezes, nega-se essa discriminação, mesmo sendo visível que ser pobre, negro e pertencer a uma determinada classe condiciona o indivíduo a ser mais vulnerável às mazelas sociais.

Embora a Lei 10.639/03 torne obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira, tal como sua história, nos estabelecimentos de ensino, segundo Santos, a maioria dos professores não está preparada para aplicar a lei da forma que deveria (SANTOS 2010). Ela objetiva que os conteúdos sejam aplicados em todo currículo escolar, mas o que se nota é a temática muitas vezes marginalizada ou trabalhada em poucas aulas como forma de síntese, apresentando apenas os pontos negativos da história, principalmente, a partir da literatura, esquecendo-se das contribuições importantes desse legado (SANTOS 2010).

Claramente se percebe que um dos motivos é a grande sonegação do negro na sociedade, justificando a lei como supridora de carência. Infere-se, com efeito, que “Integrar culturas é seguir por um caminho ‘pedregoso’, porém não intransponível. O propósito, neste caso, é tornar visível socialmente à importância da cultura africana no decorrer da formação étnica brasileira.” (ANDRADE; GUEDES; NUNES, 2013). A educação, inclusive e especialmente por meio da literatura, deve, portanto, focalizar a Lei 10.639/2003 para que, assim, consiga ser trabalhada de forma eficaz, agregando credibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em respeito ao lema “Ordem e Progresso”, a sociedade deve ser fraterna, pluralista, sem preconceitos, viver e cultivar a harmonia social. As novas Diretrizes



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Curriculares, conseqüentemente, devem ser constituídas, visando à cultura negra voltada à diversificação de saberes, para, assim, contextualizar e afirmar a sua valorização (BRASIL, 1988). Muito do que está sendo criado hoje é para tentar reparar as hostilidades históricas, mas os negros continuam sofrendo algum tipo de preconceito. Não há que se falar em reparação de débito com o passado, mas em progresso para as gerações futuras que precisam dessa estrutura, principalmente de informações histórico-culturais e literárias (SANTOS 2010).

Compreende-se que a Lei 10.639/03 simboliza um grande avanço, apesar de apresentar falhas na sua concretização. É o início de uma luta para a aderência concreta da cultura afrodescendente na educação. Logo, além de contribuir para a edificação de um saber, a literatura africana e afro-brasileira é uma afirmação social dessa etnia no século XXI, uma forma de lutar contra a discriminação racial, pois a construção do conhecimento literário “[...] nos [torna] melhores, se não mais felizes, e nos ensina a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.” (MORIN, 2003, p. 11).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Tatiane de; GUEDES, Elocir; NUNES, Pâmela. O Uso da Lei 10.639/03 em Sala de Aula. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, nº. 6, 2013. Edição Especial. Disponível em:

<<http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/205/159>>. Acesso em: 15 out. 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 30 out. 2016.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Malungos na Escola**: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo, 2007.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. Valores Culturais Afrodescendentes na Escola. São Paulo: Paulinas. **Diálogo**, Revista de Ensino Religioso. Nº 49, fev, 2008. p. 8-11.

PROENÇA FILHO, D. A Trajetória Do Negro Na Literatura Negra. **Revista do Instituto de Estudos Avançados**. São Paulo: IEB/USP, 2004, no. 50. Disponível em: <<file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/9980-12657-1-PB.pdf>> Acesso em: 10 out. 2016.

SANTOS. Ubiraci Gonçalves dos. **Livros didáticos**: contribuição para aplicação no ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena em instituições de ensino públicos e particulares. Juris way, 2010. Disponível em:

<http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=3983> Acesso em: 05 nov. 2016



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

SILVA, Alberto da Costa e. Como os Africanos Civilizaram o Brasil. **Revista Entre Livros**, São Paulo, n.6, p.64-69, 2007.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**A LITERATURA E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA: A CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO E A HUMANIZAÇÃO DOS SUJEITOS SOCIAIS.**

Bruna Luisa Schwan¹
Julia Elis Berres²
Márcia Adriana Dias Kraemer³

INTRODUÇÃO

A delimitação temática deste estudo⁴ focaliza a relação entre a literatura e a educação contemporânea e a pergunta de pesquisa questiona em que medida essa área do saber pode contribuir para a humanização do sujeito social. Como objetivo geral, propõe-se a analisar os pressupostos teóricos concernentes à literatura, a fim de responder ao questionamento apresentado. Justifica-se, com efeito, a importância desta reflexão, uma vez que trata da investigação acerca do desenvolvimento intelectual e social dos sujeitos na contemporaneidade.

A metodologia da pesquisa caracteriza-se como teórica, com tratamento qualitativo dos dados e fins explicativos. A geração de dados é por documentação indireta, em produção bibliográfica de informações. A análise e a interpretação de dados acontecem por meio de método hipotético-dedutivo, com procedimento técnico histórico e comparativo. Para o desenvolvimento deste trabalho, organizam-se duas seções: a primeira visa a sintetizar os preceitos da literatura no tocante a sua função social; a segunda tenciona apresentar a possível influência humanizadora dessa área do saber na educação contemporânea.

1 A LITERATURA: EXPRESSÃO DA SOCIEDADE?

Do mesmo modo que as primeiras experiências do homem com o mundo exterior, ainda na infância, fazem determinar as suas perspectivas e ações futuras, assim, também, a “[...] literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais.” (CANDIDO, 2006, p. 21). Por isso, é preciso, segundo Candido, que se tenha consciência da importância que o texto literário tem à construção da identidade do sujeito social. Contudo, há de se atentar à relação *arbitrária* que a arte apresenta com a *realidade*, mesmo quando se propõe a analisá-la e transpô-la com isenção (CANDIDO, 2006).

Logo, torna-se imprescindível a compreensão do papel que exerce o meio social em relação à obra literária, como também a repercussão e a sua circulação no meio social. Por isso, é preciso que se atente para os seguintes questionamentos:

¹ Acadêmica do Curso de Direito – 6º Semestre. Faculdades Integradas Machado de Assis. brunaschwan3@hotmail.com.

² Acadêmica do Curso de Direito – 6º Semestre. Faculdades Integradas Machado de Assis. berres_elis@yahoo.com.br.

³ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR. Bolsa Capes. Professora do Magistério Superior na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Realeza/PR. marcia.kraemer@uffs.edu.br

⁴ Este relatório de experiência decorre de estudos ligados ao Grupo de Pesquisa PROPLAC - Letramento Acadêmico/Científico no Contexto das Ciências Sociais Aplicadas, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Márcia Adriana Dias Kraemer.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

em que medida a arte é expressão da sociedade e em que medida é interessada nos problemas sociais? Para Candido, a arte é social nos dois sentidos: “[...] depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais.” (CANDIDO, 2006, p. 30).

Nesse sentido, Llosa defende que “[...] o âmbito da literatura abarca toda a experiência humana — pois a reflete e contribui decisivamente para modelá-la [...]” (LIOSA, 2013, p. 44). Logo, a literatura está intrinsecamente ligada à vida, pois esta a constitui visceralmente, faz parte do imaginário coletivo e retroalimenta-o. Busca o entendimento daquilo que é incompreensível diante da racionalidade do cotidiano.

2 A LITERATURA E A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Morin, antropólogo francês, afirma que os indivíduos são produtos da sociedade, a qual é resultado da interação entre os indivíduos. Nessa perspectiva, percebe-se a forte ligação do ser com a cultura da qual faz parte, pois “[...] o desenvolvimento de aptidões gerais da mente permite o melhor desenvolvimento das competências particulares ou especializadas.” (MORIN, 2000, p. 39).

Para Rodrigues e Rosin, a humanização deve desenvolver a essência humana de acordo com o período histórico em que o indivíduo vive, sendo que “[...] sua realização é mediata (consequência) de trabalho educacional imerso nas condições de vida que o sujeito alcança no já referido conjunto de todas as relações, produtos, ações, ideias, etc., sociais de seu período histórico.” (RODRIGUES; ROSIN, 2008, p. 158).

Desse modo, o ensino precisa proporcionar a reflexão acerca de práticas comportamentais em sociedade. Logo, necessita compreender ações conjuntas, docentes e discentes, por meio das quais haja o estímulo a assimilar, *conscientemente e ativamente*, os conteúdos e os métodos, com autonomia, aplicando o conhecimento em suas vivências cotidianas que são parte excluída no método tradicional de educação (LIBÂNEO, 1994).

Assim, considerando que a educação contemporânea deve abarcar a essência humana, impactar no modo tecnicista pelo qual o ensino realiza-se e fortalecer as capacidades individuais, é fundamental que a literatura penetre nos métodos educacionais para garantir um espaço de expressão das habilidades e das potencialidades do intelectual humano.

Aguiar e Bordini defendem que a leitura literária proporciona uma interação entre o indivíduo e o mundo, ampliando seu conhecimento e permitindo a compreensão histórica e seu papel como sujeito inserido no contexto social: “O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens.” (AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 10).

Ademais, a literatura permite desenvolver aptidões sinestésicas, atribuindo à fantasia, ao imaginário e às emoções um espaço nas atividades e nos processos de reflexão humanos. Como afirma Morin,

A importância da fantasia e do imaginário no ser humano é inimaginável; dado que as vias de entrada e de saída do sistema neurocerebral, que colocam o organismo em conexão com o mundo exterior, representam



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

apenas 2% do conjunto, enquanto 98% se referem ao funcionamento interno, constituiu-se um mundo psíquico relativamente independente, em que fermentam necessidades, sonhos, desejos, ideias, imagens, fantasias, e este mundo infiltra-se em nossa visão ou concepção do mundo exterior. (MORIN, 2000, p. 21).

Nesse prisma, a literatura torna-se um instrumento humanizador, pois possibilita ao indivíduo estabelecer um vínculo entre o imaginário e a realidade. Assim, é essencial que seja integrada à rotina do sujeito social, para que construa suas próprias mundividências e cosmovisões, manifestadas na complexidade da sua natureza, cujo papel é contraditório, mas humanizador. Entende-se que, a literatura é, ao mesmo tempo, uma construção autônoma, uma forma de expressão e de conhecimento que propicia ao homem a educação libertadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se essencial que a literatura ganhe gradativamente mais espaço na sociedade, tornando-a, de fato, letrada. É preciso que haja a reforma do pensamento, para que se possa afastar-se o quanto possível de paradigmas atávicos e arraigados na indústria cultural. Constitui-se, portanto, primordial o papel da educação, como propulsora e libertadora dos sujeitos sociais, por meio, também, da literatura, uma vez que esta compreende uma importante ferramenta à construção da cidadania e da humanização dos partícipes desse processo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIOSA, Mário Vargas. **A Civilização do Espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e de nossa cultura**. Tradução Ivone Benedetti. E-Pub. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MORIN, Edgar. 1921. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : NESCO, 2000.

RODRIGUES, Elaine; ROSIN, Sheila Maria (Orgs.). **Pesquisa em Educação: A diversidade do Campo**. Curitiba: coedição Instituto Memória/Juruá Editora, 2008.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**A SAÚDE PÚBLICA NA FRONTEIRA E A EFETIVAÇÃO DOS DIREITOS
HUMANOS: INDICATIVOS JUNTO A REALIDADE DO HOSPITAL MUNICIPAL
DE DIONISIO CERQUEIRA.**

Jussamara Cristina Gonçalves¹
Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia²

INTRODUÇÃO

Hoje as cidades de Dionísio Cerqueira, Barracão e Bernardo de Irigoyen até onde se tem conhecimento, protagonizam uma situação única no mundo: são dois países, três estados, três municípios e três cidades que se fundem em um único conglomerado urbano, como se fosse uma única cidade. De um lado a pessoa está no Paraná; atravessando a rua está em Santa Catarina. De um lado está no Brasil; passando para o outro chega à Argentina. Se vistas do espaço formam um espaço único e contínuo. Na tríplice fronteira é muito comum se viver num país e trabalhar em outro. Outra situação muito comum é o relacionamento entre as pessoas (casamento, namoro, união estável) entre brasileiros e argentinos. Em razão disso muitas pessoas acabam por ter dupla nacionalidade, para poder usufruir de direitos nos dois países.

Ao analisar a fronteira entre dois países nos deparamos, com uma política pública diferente entre Brasil e Argentina, como lidar com tal questão se tratando de municípios fronteiriços com muitas diferenças e barreiras na legislação. A população que reside na fronteira é uma população que circula entre os municípios. Algumas pessoas se beneficiam de políticas públicas dos dois países, outras já procuram a uma determinada política por ser mais eficiente. Em se tratando de saúde, muitas pessoas da Argentina procuram atendimento médico no Brasil no sistema público, já quem possui condições financeiras procura atendimento particular seja no Brasil ou em outras cidades da Argentina.

Sabe-se que o hospital de Bernardo não possui condições necessárias para atender em casos de emergência, por diversas situações e por várias vezes os pacientes são trazidos para o hospital de Dionísio Cerqueira. Em outras situações os pacientes passam mal no Brasil, são encaminhados ao hospital na maioria das vezes pelo corpo de bombeiro ou Samu e após são encaminhados para o hospital da Argentina em situações que necessitam de encaminhamento para cidades maiores que possam oferecer tratamento especializado (UTI, Exames avançados...). Em outras situações ficam internadas até liberação médica. O Serviço de saúde não tem como receber pelos serviços prestados aos argentinos. AIH (Autorização de Internação Hospitalar) não tem validade nenhuma nessa situação. São questões que deveriam ser revistas pelos órgãos competentes em nível de Mercosul ou via Consórcio Internacional da Fronteira (CIF), levando em consideração a localização territorial.

¹ Jussamara Cristina Gonçalves – Especialista em Direitos Fundamentais da Família, Criança e Adolescente, Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) São Miguel do Oeste/SC. – Acadêmica do Curso de Pós Graduação – Direitos Humanos – Universidade Federal da Fronteira SUL (UFFS) – Campus de Realeza/PR.

² Doutor e Professor – Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus de Realeza/PR.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

O objetivo principal do presente trabalho é identificar nos prontuários do hospital municipal o número de pacientes da Argentina que procuram atendimento na referida instituição. Os objetivos específicos são identificar qual o perfil socioeconômico dos usuários atendidos no hospital? Que motivo levou a procurar atendimento no hospital? Qual o imaginário de saúde no cotidiano? Como é vista a relação médico e paciente? Identificar e descrever as demandas apresentadas pela população de fronteira no hospital?

A metodologia utilizada será a técnica documental e questionários. Na coleta de dados da pesquisa documental e para a entrevista será utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas.

1 DESENVOLVIMENTO

Os direitos humanos tem como princípio que todos somos iguais perante a lei, sem qualquer distinção, o que não ocorre na realidade. O direito de igualdade entre as pessoas não é totalmente garantido, sendo que o Estado é quem deveria assegurar e proporcionar à efetivação dos direitos e desta forma a população teria maiores chances de desenvolvimento.

Os direitos sociais incluem alguns direitos essenciais para o desenvolvimento do indivíduo, tais como: educação, saúde, moradia, trabalho, lazer, segurança, previdência social, à infância e assistência aos desamparados. Durante o desenvolvimento da história da humanidade, surgiram diversos conceitos sobre a questão de direitos, sendo necessário entender o seu significado.

Neste contexto, o presente trabalho, visa realizar uma reflexão acerca da Saúde Pública na Fronteira e com intuito de elucidar os problemas relativos ao atendimento médico, bem como a proposição de intervenções e possíveis soluções para a minimização da problemática junto ao Consórcio Intermunicipal da Fronteira (CIF).

A escolha do tema da pesquisa deu-se em razão da expressiva demanda de argentinos que procuram atendimento médico no Hospital Municipal, bem como nas demais instituições de saúde do município de Dionísio Cerqueira.

Em razão da identificação da expressiva demanda, de argentinos que procuram atendimento, objetiva-se identificar os motivos que levam o usuário a buscar atendimento médico em outro país. Seja por uma questão de melhor atendimento ou para procurar o atendimento médico por falta de atendimento adequado no seu país de origem.

Argentina e Brasil estão sujeitos possuem os mesmos problemas, isso em qualquer área, em se tratando de países que possuem uma fronteira seca, onde o povo circula livremente é necessária uma política de atenção que trate com prioridade algumas questões no que tange o atendimento a população. Onde sejam assegurados direitos humanos, não importando sua nacionalidade.

Quando um estrangeiro necessita de atendimento médico emergencial, ele tem direito a recebê-lo no hospital. Como assistente social pude vivenciar várias situações de pessoas que foram atendidas no pronto socorro em situações de vida e morte. Assim como muitos estrangeiros procuram atendimento relatando a necessidade, porque já foram no hospital e não foram atendidos ou porque foram atendidos, mas não confiam no atendimento que receberam. Nos casos também que verificam que não houve nenhuma melhora e por isso vieram em busca de ajuda.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Sendo assim como os profissionais devem agir nos casos em que o paciente necessita de atendimento independente da origem do mesmo. Ressalta-se que em varias situações de emergência, acidentes ou outras situações do gênero sempre foram prestados atendimento médico e depois sim foram encaminhadas as medidas necessárias, jamais os profissionais de saúde negaram atendimento nessas situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inúmeros estudos que já foram realizados sobre saúde se apropriam do termo definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que preconiza a saúde como “o mais amplo e completo bem estar, físico, mental e social”, o termo ter saúde está relacionado a várias condições do ser humano.

Existe a necessidade de ampliar as condições de acesso à saúde a população. No entanto, a promoção e a inclusão a saúde vai exigir ações de vários segmentos da sociedade com objetivo de que todos tenham o acesso à saúde. Nesse viés, o CIF enquanto consórcio e como representante da tríplice fronteira poderá articular e discutir por meio dos gestores municipais, ministérios e via Mercosul à articulação de políticas de atendimento à saúde de acordo com a realidade fronteiriça.

Enfatiza-se que população argentina mais vulnerável sofre pela falta de atendimento médico, pois se não encontra atendimento na saúde pública não tem como acessar via particular. Mesmo que as pessoas estrangeiras sejam atendidas em questão de urgência e emergência, por que não regularizar esse tipo de atendimento, nada mais do que justo que a instituição receba pelo seu trabalho. Existe a necessidade de uma integralização efetiva para a implantação de uma política de atendimento a população de fronteira.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Franci Gomes. A Pesquisa na Formação Profissional do Assistente Social: algumas exigências e desafios: In: **Cadernos Abess**, Diretrizes Curriculares e Pesquisa em Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1998, p.27-39.

CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DA FRONTEIRA. **Instituição**. Disponível em: <<http://cifronteira.com.br/institucional/>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

_____. **Institucional**: Bernardo de Irigoyen. Disponível em: <<http://cifronteira.com.br/institucional/bernardo-de-irigoyen/>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOTA, Elizabete Ana et al. **Serviço Social e Saúde**: formação e trabalho profissional. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PEREIRA, Gilberto Schreiner. **As Cidades Gêmeas**. São Paulo: Odorizzi, 2004.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

SENAC, DN. **Fundamentos da Saúde**. 2. ed. revista e ampliada. MELO, Enirtes Caetano Prates; CUNHA, Fátima Teresinha Scarparo. Rio de Janeiro: SENAC, 1999.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

A SUSTENTABILIDADE EM “VIVER DE ACORDO COM A NATUREZA”

Cristina Copini¹
Ediane Baranowski²
Regiane Lepechacki Balsanello³
Gilson Luís Voloski⁴

INTRODUÇÃO

Considerando o contexto de desequilíbrio ambiental, motivado pelo significativo avanço do domínio técnico-científico sobre a natureza, o presente texto tem por objetivo apresentar o princípio estoico *viver segundo a natureza* e refletir sobre suas contribuições para pensar a formação ética e sustentável do profissional no tempo presente.

Este estudo justifica-se pela necessidade de ressaltar a importância da formação ética e sustentável, levando em consideração a predominância atribuída à racionalidade técnica na formação profissional, e tendo em vista a primazia da busca da eficiência no domínio sobre os diversos aspectos da natureza, na falsa ideia de que o ser humano é algo diferente e oposto a ela, acarretando consequências ambientais.

O estoicismo foi fundado por Zenão de Cítio, que viveu 23 séculos atrás, e tinha como principal princípio *viver de acordo com a natureza*. Qual o seu entendimento de natureza? O que este conceito pode contribuir para pensarmos o problema da relação do homem com a natureza no tempo presente? Quais seus desdobramentos reflexivos para pensar a formação ética profissional? Partindo da ideia de que para Zenão *viver de acordo com a natureza* é ser racional, portanto, viver em oposição à natureza é ser irracional. E a formação profissional pode ser irracional quando restrita à eficiência técnica de resolução de curto alcance, desvinculada de uma visão abrangente das consequências ambientais.

Inicialmente, o texto apresenta o princípio *viver de acordo com a natureza*; em seguida, com base em pensadores contemporâneos, busca enfatizar o atual sentido irracional da relação do homem com a natureza e o desafio da formação profissional ética e sustentável.

2 DO CONCEITO DE DEVER À ÉTICA SUSTENTÁVEL

O estoicismo teve sua origem com Zenão de Cítio, por volta do século IV a.C. Corrente filosófica que acreditava em *logos* (conjunto de leis que governam o universo) e referia-se a natureza como quem se identifica com a racionalidade de um deus único. Zenão foi um dos primeiros a defender o princípio *viver de acordo*

¹ Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. cristina.copini@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. edianebaranowski25@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. regiane.balsanello@gmail.com

⁴ Doutor em Educação, prof. de Introdução à Filosofia do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, gilson.voloski@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

com a natureza, para o qual seria possível incluir deveres e compreender as virtudes essenciais para a vida feliz.

Todos os seres vivos possuem a tendência de “conservar a si mesmo, de ‘apropriar-se’ do próprio ser e de tudo quanto é capaz de conservá-lo, de evitar aquilo que lhe é contrário e de ‘conciliar-se’ consigo mesmo e com as coisas que são conformes à própria essência” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 261). Nos vegetais, essa tendência é inconsciente; em geral, nos animais é baseada em *instinto/impulso primigênio*; e no homem está sujeito à intervenção da razão.

Para os estoicos, conservar a si mesmo é *viver conforme a natureza*, o que significa viver plenamente a apropriação ou conciliação do próprio ser e daquilo que o conserva e ativa. E sendo o homem um ser racional, *viver segundo a natureza* é viver conciliando-se com o seu próprio ser racional, conservando-o e atualizando-o de modo pleno. (REALE; ANTISERE, 1990). Em sentido oposto, viver contra a conservação da própria natureza é ser irracional.

De modo que a natureza humana impulsiona o homem a conservar o próprio ser e amar a si mesmo, é natural do ser humano conservar e proteger toda sua prole, ou seja, as gerações futuras. Isso porque, a natureza que impõe amar a si mesmo, impõe também amar os que geramos e os que nos geraram (REALE; ANTISERI, 1990).

Além disso, razão e natureza são convergentes, pois viver *de acordo com a natureza* implica agir conforme a reta razão, isto é, a razão natural inerente a todo o ser humano e a todo o cosmos (DALL’AGNOL, 2008). Vale ressaltar, que a concepção salienta o *viver em harmonia com o meio* (respeitando seu semelhante e também a natureza), e não simplesmente viver de acordo com quaisquer impulsos naturais ou instinto animal. Não precisamos necessariamente observar os outros animais e procurar viver como eles vivem, mas buscar na própria racionalidade humana a orientação para o domínio das paixões.

Entretanto, desde o filósofo moderno Descartes que pensamos contra a natureza, certos de que a missão humana é dominá-la, subjugará-la, conquistá-la (MORIN, 1973). Embora todos os homens provenham da mesma espécie e necessitam da natureza, é comum o ser humano não reconhecer o seu semelhante e não respeitar os recursos naturais, sem os quais não sobrevive. “Dessa forma, viver contra a natureza é irracional, pois põe em risco a conservação da vida” (DALL’AGNOL, 2008).

Portanto, o padrão de produção e consumo atual configura a intensa exploração e distanciamento entre a racionalidade do homem e a natureza. Assim, o panorama é a redução dos elementos que constituem a natureza e a conseqüente crise ambiental, que se caracteriza pela destruição da base física e pelo desequilíbrio social, gerado pelo aumento da miséria (SANTOS *et al.* 2012). O produtivíssimo que caracteriza a sociedade capitalista pressupõe caráter inesgotável dos recursos naturais. Isso é irracional, pois tal abuso pode colocar em risco a conservação da vida das gerações futuras.

Dessa maneira, diante das evidências de desequilíbrio ecológico, é necessário que a formação de profissionais não seja reduzida a preparação ao domínio técnico sobre a natureza, visando apenas à eficiência produtiva. Juntamente dela, cabe enfatizar a relevância da formação de caráter ético, para que as pessoas passem a agir racional e responsabilmente frente ao desafio da sustentabilidade. No contexto da sociedade científico-tecnológica, é importante que



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

todos compreendam que a conservação de si e de seus próximos não pode mais ser pensada desvinculada da conservação da natureza global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os limites de uma formação predominantemente técnica, de visão de curto alcance, racionalidade irracional (enxerga bem de perto, mas não de longe) que causa uma produção predatória é sem dúvida, amparada ou estimulada por um consumismo também predatório.

Esse consumismo das sociedades atuais, que em finalidade de curto alcance pode ser racional, confronta os meios apropriados para a produção eficiente, mas que em finalidade mais abrangente se torna irracional, pois gera consequências incalculáveis para o meio ambiente, além de reduzir o sentido da existência humana a produzir e consumir. Portanto, está na contramão da ética estoico viver *conforme a natureza*, ou seja, é irracional consumir tanto a ponto de destruir o próprio habitat.

Assim, a ética estoica ainda apresenta um potencial significativo para provocar a reflexão e o debate acerca da problemática relação *homem-natureza*-do panorama atual da sociedade. Os problemas ambientais são sistêmicos, interligados e interdependentes e sua solução depende da mudança na percepção, no pensamento e nos valores humanos.

Para isso, deve-se buscar um modelo de sociedade no qual o homem não se sinta externalidade, mas, sim uma extensão da natureza. Pois, dessa maneira, será promovida uma relação integral e harmônica, na qual os limites serão considerados.

REFERÊNCIAS

DALL'AGNOL, D. **Ética I**. Florianópolis: Filosofia/Ead/UFSC, 2008.

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido: a natureza humana**. 4. ed. Sintra, Portugal: Publicações Europa-América. 1973.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: do humanismo a Kant**. São Paulo: Paulos, 1990.

SANTOS, Ronildo Alves. **Sobre a Virtude Estóica**. Campinas: Unicamp, 2002.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**A VALORIZAÇÃO DOS EXPERIMENTOS NA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA DO
PIBID-FÍSICA**

Fábio Junior Rommel¹
Dayane Letícia Sauer²
Luciane de Carli da Rosa dos Santos³
Luiz Fernando Matte⁴
Eduardo de Almeida⁵
Viviane Scheibel⁶

INTRODUÇÃO

Neste trabalho objetiva-se fazer um relato das experiências adquiridas pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do subprojeto de física, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus de Realeza-PR, ao longo do primeiro semestre de 2017, com a atuação em dois colégios da rede estadual de ensino do estado do Paraná, localizados na cidade de Capanema.

O Subprojeto PIBID de Física atua com o intuito de desenvolver práticas que auxiliam o professor na realização de aulas com o desenvolvimento de atividades experimentais e outras diversas abordagens metodológicas, que venham a auxiliar e despertar um maior interesse dos estudantes do ensino médio pela física, tendo em vista a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Com este viés serão relatadas algumas das intervenções realizadas com as turmas do ensino médio e do fundamental, tendo como foco as abordagens experimentais. Foram trabalhados temas relacionados aos conteúdos programados pelo professor regente das turmas, sendo estes: grandezas de medidas, calorimetria, eletromagnetismo, instrumentos e softwares de observação astronômica. Tais atividades foram desenvolvidas com êxito promovendo nos alunos habilidades como autonomia, criatividade e despertando um olhar clínico para a Ciência.

Pretende-se também relatar a relevância do PIBID, que têm por iniciativa melhorar a formação inicial dos bolsistas como docentes, valorizando esta profissão e colaborando com a melhoria do ensino nas escolas da rede básica de educação. Busca-se alcançar este propósito, inserindo os discentes, bolsistas ou voluntários no cotidiano escolar, além de promover a integração entre o ensino superior com a

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Física. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. fabiorommel1996@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em Física. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. dayane_sauer@hotmail.com

³ Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Física. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. lucycarli96@gmail.com

⁴ Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Física. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. luizfernandomatte@gmail.com

⁵ Doutorado pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Professor ^(a) do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. eduardo.almeida@uffs.edu.br

⁶ Doutorado pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Orientadora. Professor ^(a) do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. viviane.scheibel@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

educação básica, de modo que esta inserção, dos discentes de instituições de ensino superior (IES) na realidade da escola pública contribua para despertar o interesse pela docência, melhorando a qualidade da formação de professores no país, além de elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação docente.

1 DESENVOLVIMENTO

No início do ano de 2017 as atividades foram desenvolvidas com alunos das turmas do ensino médio e de 6º e 7º anos do ensino fundamental, sempre tentando utilizar uma abordagem mais prática, além de propiciar a participação de todos os estudantes.

A primeira intervenção aplicada abordou um tema que está amplamente presente no cotidiano de todas as pessoas, de modo que se torna necessário os estudantes terem conhecimento a respeito do assunto sobre medições. Foi então trabalhado com os alunos do 1º ano do ensino médio, as diferentes e diversificadas formas, instrumentos e unidades de medição. A intervenção, intitulada “Introdução à Medição no Laboratório”, foi baseada no “Manual de Introdução à Medição no Laboratório de Física” (CAMARGO FILHO; LABURÚ, 2012).

Esta intervenção foi dividida em duas etapas. A primeira abordou conceitos teóricos, dando uma introdução aos principais conceitos e unidades de medição, apresentando aos alunos o sistema internacional de unidades de medida (SI), enfatizando a importância da existência deste sistema. Na segunda etapa foi trabalhada com os alunos uma prática experimental, que permitiu aos estudantes realizarem a medida de alguns objetos com instrumentos de medida com diferentes escalas e precisão, além de permitir a construção de uma escala de medida própria.

A próxima intervenção foi realizada com os estudantes de 6º e 7º anos do ensino fundamental. Com estes alunos foi trabalhado o tema de astronomia, sendo a atividade direcionada aos equipamentos e softwares, que auxiliam iniciantes e astrônomos amadores na realização de suas observações. Para esta intervenção foram utilizados um telescópio refrator e um refletor, além de um binóculo e dois softwares gratuitos, o *Stellarium* e o *Celestia*. Além da realização da observação de um objeto distante, os alunos puderam aprender um pouco do modo de funcionamento dos equipamentos e dos softwares apresentados.

Após esta intervenção foi realizada uma atividade com os alunos dos segundos anos do ensino médio, trazendo uma aula sobre calorimetria. Nesta aula foram abordados os conceitos de calor sensível e latente, capacidade térmica e calor específico. Ao final da aula foi proposto aos estudantes a construção de experimentos que abordassem os conceitos explicados, para posterior apresentação do experimento, juntamente com a resolução de um problema teórico a respeito do tema. Esta atividade possibilitou a avaliação dos alunos e da proposta didática dos bolsistas.

Para encerrar o semestre foi elaborada, juntamente com a professora supervisora, uma atividade com as turmas do terceiro ano do ensino médio, na qual os alunos tiveram que montar um aparato experimental sobre associação de resistores, sendo orientados pelos bolsistas. Após a montagem do experimento e da explicação do conteúdo por parte da professora, os alunos apresentaram seus circuitos juntamente com a resolução de um exercício teórico sobre o tipo de



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

associação que o grupo ficou responsável por montar e explicar. Na semana seguinte foi elaborada uma aula de laboratório demonstrativo, abordando diversos experimentos de eletromagnetismo, como por exemplo, a bobina de Tesla e geradores de tensão, além de explicar como utilizar o multímetro.

As experiências vivenciadas pelos bolsistas em sala de aula durante a aplicação das intervenções permitiram a aquisição de experiência com a atuação docente em sala de aula, possibilitando uma melhor formação dos futuros professores, que já começam a ser inseridos no cotidiano escolar, de modo que estes possam vivenciar as dificuldades e desafios da educação básica da rede pública de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática docente dos alunos dos cursos de licenciatura durante o período de formação permite a estes olharem mais a fundo a profissão para a qual estão se preparando para atuarem futuramente, permitindo uma melhor compreensão da complexa tarefa que é ser professor.

Permite também aos discentes experimentarem os desafios nacionais, enfrentados pela educação pública nas primeiras décadas deste milênio, experiência esta que comumente só é superficialmente experimentada pelo discente durante a realização dos estágios que duram algumas semanas apenas. O PIBID surge com a intenção de mudar este cenário, inserindo os alunos da graduação de maneira mais ativa dentro das instituições de ensino da rede pública de educação, por um intervalo de tempo maior, de modo a permitir aos discentes vivenciar a real função de professores.

É neste sentido que as atividades descritas acima vêm a somar na formação dos bolsistas do subprojeto PIBID-Física, permitindo uma ampla aquisição de conhecimentos e experiências docentes. Deste modo pode-se concluir que o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência só vem a contribuir para a formação dos licenciados, permitindo egressarem mais preparados para atuarem no seu campo de trabalho.

O projeto não traz benefícios apenas aos alunos de graduação, pois se verifica que, com a atuação dinâmica e a utilização de diversificadas metodologias de ensino, o projeto permite aos alunos de nível médio um processo de ensino-aprendizagem diferenciado, aumentando a atenção e o interesse dos alunos para as aulas de física e para os estudos para além da sala de aula.

REFERÊNCIAS

FILHO, Paulo Sérgio De Camargo; LABURÚ, Carlos Eduardo. **Introdução à Medição no Laboratório de Física**. Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Janeiro de 2015. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/0B_DsV9e7CCKha2s1Uk9LWXVYdjg/view>. Acesso em: 21 mar. 2017.

STELLARIUM. Disponível em: <<http://www.stellarium.org/pt/>>. Acesso em: 09 out. 2017.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**ANALISANDO O CONCEITO DE CALOR EM UMA UNIDADE DE ENSINO SOBRE
CALORIMETRIA, UMA ATIVIDADE DESENVOLVIDA PELO SUB-PROJETO PIBID-
FÍSICA**

Jeiferson Perboni Rebelatto¹
Ananda Regina Peradt²
Kamila da Rosa³
Gessee de Castro Adam⁴
Viviane Scheibel de Almeida⁵

INTRODUÇÃO

O conhecimento de Física “tornou-se indispensável à formação da cidadania” (BRASIL, 1999, p. 229), contribuindo [...] “para a formação de uma cultura científica efetiva” (BRASIL, 1999, p. 229) e estruturada. Para que isso ocorra, deve-se visar um ensino de física que possibilite ao jovem realizar abstrações e generalizações de seus conhecimentos, aplicando-os no mundo ao seu redor. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) estabelecem uma série de conteúdos estruturantes. Dentre os quais, encontra-se a calorimetria, que envolve transformações de energia e trocas de calor.

Dentro desta perspectiva, o Subprojeto PIBID-Física elaborou uma unidade de ensino sobre calorimetria, executada no período de três semanas e dividida em quatro momentos: Pré-teste, aula expositiva, realização de experimentos pelos alunos e aplicação do pós-teste. A proposta surgiu a partir do artigo “Validação de um teste para verificar se o aluno possui concepções científicas sobre calor, temperatura e energia interna” (MARTINS; RAFAEL, 2007). A partir disso, foi desenvolvida uma estratégia didática de avaliação, que antevia a aplicação de um pré e pós-teste. A aula foi projetada para contemplar o conteúdo íntegro de calorimetria, onde se tomou como base as maiores dificuldades verificadas no pré-teste e buscando integrar a experimentação. De acordo com Alves Filhos (2000), a experimentação é parte essencial no desenvolvimento do ensino-aprendizagem, em especial na física.

No presente trabalho objetiva-se relatar os resultados de uma intervenção do tipo Unidade de Ensino, sobre o conceito de calor, realizada por um grupo de bolsistas do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do subprojeto de Física, no intuito de investigar os conhecimentos prévios de alunos da Educação Básica, especificamente das turmas de segundo ano do ensino médio do Colégio Estadual Rocha Pombo, situado em Capanema-PR.

¹Acadêmico(a) do Curso de Licenciatura em Física. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. jeifersonjeifo@gmail.com

²Acadêmico(a) do Curso de Licenciatura em Física. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. aperardt@gmail.com

³Acadêmico(a) do Curso de Licenciatura em Física. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. kamiladarosa7@gmail.com

⁴Acadêmico(a) do Curso de Licenciatura em Física. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. gesseadam@gmail.com

⁵Doutorado pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Orientadora. Prof.^(a) do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. viviane.scheibel@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

2 DESENVOLVIMENTO

A intervenção foi realizada em quatro etapas, pré teste, aula expositiva, experimentação e pós teste. Utilizamos uma amostragem não probabilística de quinze estudantes de uma turma da segunda série do Ensino Médio. Inicialmente foi solicitado aos alunos que respondessem um questionário de pré-teste, o qual foi retirado do artigo citado anteriormente, contendo vinte e três questões de múltipla escolha fechadas. O qual apresentava mais de uma alternativa correta em determinadas questões. Levantados os conhecimentos prévios e as concepções alternativas dos alunos, fizemos uma tabulação dos dados obtidos no pré teste e os analisamos.

Partindo das análises das questões levantadas, a aula foi elaborada com uma abordagem diferenciada de modo “que o aluno concebe seu próprio experimento” (SÉRÉ et al. 2004, p.37), possibilitando que o discente aprofunde seus conhecimentos. Mesmo o experimento sendo bastante simples, surge questionamentos quanto à ordem de grandeza, dada pela teoria, e quanto ao número de algarismos a serem mantidos. Tais questionamentos constituem, assim, uma oportunidade para utilizar e aprender a teoria. (SÉRÉ et al. 2004, p.38).

Com a intenção de atingir uma melhoria no processo de aprendizagem trabalhamos com os alunos os conceitos de calorimetria de forma diferenciada. Primeiramente, introduzimos, na aula expositiva, a questão: “O que é calor?”, explanando sobre as mudanças de estado e explicando os conceitos sobre calor sensível e calor latente. É importante ressaltar que, após o término da aula expositiva, os alunos foram divididos em grupos de três a quatro integrantes e orientados para “elaborarem” experimentos. Na semana seguinte, os grupos apresentaram e explicaram seus experimentos de acordo com os conceitos físicos envolvidos.

Muitas dúvidas e dificuldades surgiram no momento da interpretação física dos experimentos, apesar da execução ser simples. Para sanar este problema de interpretação conceitual, os bolsistas propuseram um debate. Estes momentos de diálogo são de suma importância, pois contribuem para o aprendizado e ensinam na prática a utilizar a teoria para resolver problemas experimentais. Para encerrar as atividades, na semana posterior, aplicamos o questionário de pós-teste, contendo as mesmas perguntas do pré-teste, para verificar a possível aquisição do conhecimento.

Com os resultados obtidos compilamos um gráfico comparando os resultados do pré e pós-teste, com a intenção de verificar o conceito de calor, a partir da análise da segunda questão, a qual perguntava: “Para se admitir a existência de calor. I) Basta um único sistema (corpo). II) São necessário, pelo menos, dois sistemas. III) Basta um único sistema, mas ele deve estar “quente””. Sendo a resposta correta a alternativa II. Apresenta-se a seguir:



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

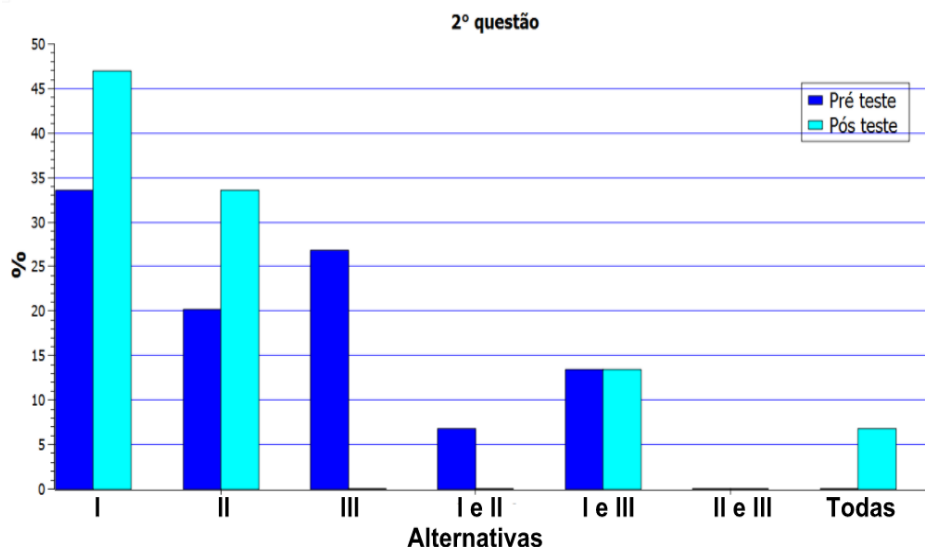


ILUSTRAÇÃO 01: Análise da Segunda Questão: um comparativo entre o pré e o pós-teste.

Fonte: Produção dos Pesquisadores.

Notamos, a partir do gráfico, um crescimento da porcentagem de alunos que acertaram a questão na aplicação do pós-teste. Entretanto, houve também um aumento na porcentagem da escolha da alternativa I, a qual é incorreta, pois só existe calor quando há pelo menos dois sistemas. Por fim, observamos na alternativa III um viés plausível, pois no pós-teste obtivemos um decréscimo de sua escolha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término da aplicação da Unidade de Ensino sobre Calorimetria, a análise dos dados demonstrou no pós-teste que os alunos manifestaram uma concepção de calor como sendo algo contido em cada corpo e, unicamente, em corpos quentes. Isso ficou claro quando analisamos a segunda questão no pós-teste, onde 46,9% dos alunos admitem que para existir calor, basta um único corpo e que o calor está diretamente relacionado com a temperatura do objeto. Para os alunos, o calor está ligado intimamente com seu cotidiano, os quais acreditam que calor é uma substância e que existem dois tipos de calor o quente e o frio, e que o calor é proporcional à temperatura.

A partir da comparação das respostas obtidas no pré e pós-teste, tornou-se evidente que a Unidade de Ensino aplicada propiciou aos alunos maiores conhecimentos sobre o assunto. Ainda que, após a exposição dos conhecimentos alguns alunos não tenham conseguido responder ao questionário de maneira satisfatória. Contudo, não podemos afirmar que os alunos, de maneira geral, alcançaram o saber, devido ao curto período de acompanhamento. Sendo assim, o conceito de calor apresentado pelos alunos foi insatisfatório, segundo análise das primeiras questões, as quais se referiam especificamente sobre o conceito de calor. Por fim, salientamos que a Unidade de Ensino desenvolvida foi recebida pelos alunos de maneira positiva e foi bem aceita pela maioria, sendo que os mesmos se propuseram a preparar os experimentos e participar de todas as atividades.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, José de Pinho. Atividades experimentais: do método à prática construtivista. 2000. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação.

BRASIL. Ministério da Educação (BR), Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio Brasília: Ministério da Educação, 1999.

Martins, A.F.P. e F.J. Rafael (2007). Uma investigação sobre as concepções alternativas de alunos do ensino médio em relação aos conceitos de calor e temperatura. XVII Simpósio Nacional de Ensino de Física. São Luis: Sociedade Brasileira de Física.

SÉRÉ, Marie-Geneviève; COELHO, Suzana Maria; NUNES, António Dias. O papel da experimentação no ensino da física. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, 2004, 21: 31-43.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**APLICAÇÃO DE UMA METODOLOGIA ALTERNATIVA NO ENSINO DE FÍSICA
BASEADA NAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS, PELO PROGRAMA
INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA (PIBID-FÍS)**

Luiz Fernando Matte¹
Dayane Letícia Sauer²
Clarice Pompermaier Ramella³
Eduardo de Almeida⁴
Viviane Scheibel⁵

INTRODUÇÃO

Buscando amenizar o desinteresse dos alunos nas aulas de Física, surgiu a iniciativa de trabalhar com a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner, que visa “[...] descrever como os indivíduos usam suas inteligências para resolver problemas e criar produtos [...]” Armstrong (2001, p. 24), como também avaliar as oito categorias de inteligências em que o indivíduo pode apresentar maiores ou menores capacidades, sendo: Inteligência Linguística, Lógico-matemática, Espacial, Corporal-cinestésica, Musical, Interpessoal, Intrapessoal e Naturalista:

Trata-se de uma [...] teoria de funcionamento cognitivo e sua proposta é que cada pessoa possa desenvolver as oito inteligências. Esta teoria proporciona um contexto em que os educadores podem escolher qualquer habilidade, conteúdo, área, tema ou objetivo instrucional e desenvolver pelo menos oito maneiras de ensinar-lo (ARMSTRONG, 2001, p. 66).

As aulas de física seguem um padrão positivista e matematizado, e de acordo com Moreira (2000), “[...] muito do ensino de Física em nossas escolas secundárias está, atualmente, outra vez referenciado por livros, porém de má qualidade [...] ensina-se o que cair no vestibular e adota-se o livro como o texto par ler.”.

Portanto, este trabalho tem como objetivo trazer uma metodologia alternativa e desenvolver uma atividade diferenciada, de acordo com as oito inteligências apresentadas, colaborando com a melhoria da qualidade das aulas, eliminando possíveis dificuldades de aprendizagem e conseqüentemente com a maior participação dos estudantes.

¹ Acadêmico do Curso de Física. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. luizfernandomatte@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Física. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. dayane_sauer@hotmail.com

³ Supervisora do PIBID-Física. Professora do Colégio Estadual Rocha Pombo. claricepompermaier@hotmail.com

⁴ Doutorando pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Professor do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. eduardo.almeida@uffs.edu.br

⁵ Doutorado pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Orientadora. Professora do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. viviane.scheibel@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

1 DESENVOLVIMENTO

A partir da análise do livro “Inteligências Múltiplas na sala de aula”, do autor Thomas Armstrong, os estudantes do PIBID-Física identificaram as oito categorias de inteligências, cada qual com sua característica. A partir destas informações, o grupo elencou quatro questões de cada inteligência múltipla, totalizando trinta e duas questões. As perguntas foram retiradas do livro, e tomam como base as experiências de vida do indivíduo, relacionando-as com as oito inteligências, de forma simples e de fácil compreensão.

A atividade ocorreu em duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio, com 60 alunos no total, do Colégio Estadual Rocha Pombo da cidade de Capanema - PR, onde atua o PIBID-Física da UFFS, do campus de Realeza-PR. O questionário, elaborado no formato de perguntas de múltipla escolha, foi respondido individualmente em um formulário on-line. As respostas coletadas foram separadas por grupos de inteligências, e realizou-se a somatória e o percentual para cada um desses grupos. A partir destes dados, foram elaborados dois gráficos do tipo barra para cada turma, identificando a inteligência múltipla que apresentou maior percentual de respostas.

A partir disto, os bolsistas do PIBID-Física apresentaram uma proposta de atividade didática sobre eletromagnetismo, tema que estava sendo trabalhado no currículo da escola. Realizou-se também um pré-teste do assunto para analisar o conhecimento prévio dos alunos, no formato de entrevistas, compostas de quatro perguntas não estruturadas e não dirigidas.

Posteriormente, os alunos divididos em grupos, tiveram duas semanas para o desenvolvimento da atividade, com foco na inteligência predominante na turma. Após as apresentações das atividades didáticas, os bolsistas aplicaram o pós-teste, a fim de avaliar os conhecimentos adquiridos. As entrevistas utilizadas como avaliação do pré e pós-teste foram inicialmente transcritas e seguiram o procedimento de análise de conteúdo (Appolinário, 2006).

Verificou-se com as análises percentuais das respostas do questionário on-line, que na turma A, predominou a Inteligência Corporal-Cinestésica com 14,39% das respostas, e na turma B a Inteligência Musical obteve 13,24% das escolhas dos alunos. Isto significa que a maioria da turma aprenderia com maior facilidade desenvolvendo atividades que exigissem maior desempenho destas inteligências, além de maior aceitação para desenvolvê-las.

Desta forma os alunos foram orientados a produzirem atividades conforme a inteligência predominante, desse modo os alunos da turma A desenvolveram peças teatrais e na turma B elaboraram-se paródias e músicas de própria autoria. Tanto os teatros quanto as músicas deveriam abordar conceitos sobre o eletromagnetismo. A turma A foi dividida em três grupos A1, A2 e A3, enquanto que a turma B foi dividida em 6 grupos, nominadas de B1 a B6. Apenas um grupo da turma A não apresentou o trabalho.

Os três grupos da turma A responderam ao pré-teste na forma de entrevista e um dos grupos não respondeu ao pós-teste. Da turma B os seis grupos responderam ao pré-teste na forma de entrevista e um dos grupos não respondeu ao pós-teste. Portanto, sete grupos responderam a ambos, pré e pós-teste. Observa-se no resultado das entrevistas que os diálogos são curtos, respostas diretas e em



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

alguns casos demonstraram timidez. No pré-teste os alunos tinham que responder a pergunta “O que vocês conhecem sobre o eletromagnetismo?” e as respostas demonstraram conhecimentos diversos sobre o eletromagnetismo, o que nos parece ser resultado de aulas anteriores de física, em que os conteúdos do eletromagnetismo já haviam sido abordados. Já no pós-teste os alunos quando questionados com: “O que vocês aprenderam com a atividade?” as respostas foram específicas às atividades desenvolvidas na proposta. Nas respostas ao pré-teste do grupo A2, por exemplo, conseguimos identificar conceitos físicos sobre indução eletromagnética, levitação magnética, repulsão magnética, eletroímã, enquanto que após a realização da atividade responderam ao pós-teste e foram identificados conceitos relacionados ao momento de dipolo magnético intrínseco, inexistência de monopolo magnético e força magnética. Outros grupos exploraram outras áreas do eletromagnetismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram, através das falas dos alunos, que a aprendizagem conceitual de conteúdos de eletromagnetismo foi estabelecida através de uma metodologia diferenciada, lúdica e participativa. Alunos que se mostravam desinteressados durante as aulas tradicionais, estavam motivados para escrever, compor e atuar em uma encenação. Um fator limitante ao desenvolvimento destas atividades foi o tempo exigido para seu desenvolvimento, pois os grupos precisaram estudar planejar, receber orientação e realizar as apresentações. Uma aula tradicional necessitaria de menos tempo para repassar os mesmos conteúdos, porém nas atividades apresentadas neste trabalho, houve envolvimento de maior número de alunos e também se acredita que a aprendizagem com esta atividade seja permanente.

O uso de uma técnica de verificação de inteligências múltiplas nas turmas pode auxiliar o professor a elaborar atividades e/ou materiais didáticos mais dinâmicos e produtivos para o processo de ensino-aprendizagem, colaborando com a melhoria da qualidade das aulas e consequentemente com a maior participação dos estudantes.

Ressalta-se que embora a atividade tenha se voltado para a inteligência predominante de cada turma, Corporal-Cinestésica e Musical, melhores resultados em termos de aprendizagem, seriam obtidos com a diversificação da atividade de modo a explorar inteligências mais acentuadas de alguns, e também de estimular inteligências pouco desenvolvidas de outros alunos das turmas.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da Ciência**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2006.

ARMSTRONG, T. **Inteligências Múltiplas na Sala de Aula**. Porto Alegre: Artmed, 2001.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MOREIRA, M.A. Ensino de Física no Brasil: retrospectiva e perspectiva. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 22, n.1, 2000.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTO TEÓRICO NA ATIVIDADE DE ESTUDO A
PARTIR DA REALIZAÇÃO DE UM TRABALHO INTERDISCIPLINAR**

Tatiane Peratz¹

INTRODUÇÃO

Apresento aqui o relato de minha experiência, ocorrida através do desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar durante o decorrer do ano letivo de 2015 e posterior averiguação do ponto de vista dos alunos por meio da realização de uma pesquisa com esses educandos. O referido trabalho interdisciplinar intitulado “Plano de Negócio” foi realizado com os alunos do 1º ano do ensino médio técnico em Administração, de uma instituição de ensino federal do sudoeste do Paraná, enquanto a pesquisa que teve por objetivo mostrar a visão dos alunos quanto à apropriação do conhecimento teórico na atividade de estudo, a partir da realização deste trabalho, ocorreu no ano de 2017. A partir da disciplina “A atividade pedagógica e o processo de desenvolvimento da criança na Teoria Histórico-cultural” cursada no programa de mestrado surgiu o interesse pela compreensão do processo de desenvolvimento e apropriação do conhecimento teórico na atividade de estudo. Por meio da exploração dos conceitos de atividade, atividade principal e atividade de estudo apresentados por Leontiev e Davíдов, se buscou entender o ponto de vista dos alunos quanto à apropriação do conhecimento científico.

1 DESENVOLVIMENTO

O trabalho intitulado “plano de negócio” é uma atividade que venho desenvolvendo com alunos de distintos cursos, com diferentes faixas etárias, desde 2012, aprimorando e adaptando o trabalho para as peculiaridades de cada curso e turma.

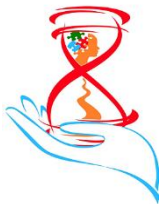
Cabe dizer que cada turma recebe essa proposta de atividade prática de forma diferente e percebo também que há um interesse maior ou menor pelo desenvolvimento do trabalho, que creio também ser relacionado ao curso.

No ano de 2015, apresentei a proposta de trabalho para os alunos da turma do primeiro ano do curso de ensino médio integrado de uma instituição de ensino federal, com o intuito de facilitar o entendimento dos conceitos e processos dos quais falávamos nas 3 (três) disciplinas de Administração que eu ministrava.

O plano de negócio tem como objetivo proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer o processo de instituição de uma empresa, relacionando o conteúdo teórico com a construção do projeto de uma empresa fictícia. A proposta visa auxiliar o aluno no entendimento dos conhecimentos científicos abordados em sala de aula.

Em grupos, os alunos escolheram um produto ou serviço e a partir disso foi instigada a planejar uma empresa, a proposta partiu da seguinte questão: “Se vocês empreendessem hoje, com o que vocês gostariam de trabalhar?”. O plano de

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.
tatiane.peratz@ifpr.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

negócio era constituído pelos seguintes pontos que deveriam ser planejados: razão social e nome fantasia da empresa, escolha de um local para implantação da empresa, sócios, missão, visão, valores, planejamento de marketing (logotipo, slogan, análise dos ambientes interno e externo, relacionamento com o cliente, ações de sustentabilidade, serviços ao cliente, estratégias de marketing), organograma, fluxograma de processos da empresa, cronograma, planejamento financeiro (investimento e despesas estimadas), layout e a produção de uma maquete da empresa.

O trabalho começou a ser desenvolvido paralelamente ao andamento do conteúdo teórico, ou seja, conforme os conteúdos eram ministrados, os alunos eram orientados para que colocassem em prática no plano de negócio.

Pude perceber que os alunos passaram a ter um maior interesse pelas disciplinas relacionadas a esse trabalho, que foi feito em etapas, a cada bimestre uma parte do trabalho era realizada, apreciada por mim e devolvida para o aluno com as devidas orientações para que fizesse as correções necessárias e dessa continuidade ao planejamento.

Ao final do ano letivo, com a entrega do trabalho concluído, promovi um seminário que teve o objetivo de apresentar os planos de negócio para os demais professores da instituição, os quais avaliaram os trabalhos baseados em alguns critérios e dessa forma pude aprimorar a proposta de trabalho para os anos seguintes.

A partir da avaliação dos professores em relação ao que os alunos expuseram e da própria fala dos participantes dessa proposta de trabalho, pude perceber que exercícios como esse podem fomentar o interesse dos alunos pelo desafio que representa, além de instigar o educando a pesquisar mais a respeito do conteúdo teórico das disciplinas que constituem o trabalho, uma vez que estes ficam a vontade para escolher o produto ou serviço com o qual gostariam de trabalhar, portanto, é algo que lhes chama a atenção.

Para que eu pudesse ter condições de realizar uma pesquisa com os alunos, que visasse averiguar a opinião dos alunos acerca desse trabalho foi necessário realizar um estudo para compreender como ocorre o desenvolvimento do sujeito, os estágios pelos quais o indivíduo passa no transcorrer de sua infância, adolescência até chegar à vida adulta, o que contribui para a avaliação de como o ensino se configura de forma geral, assim como auxilia a repensar as formas como as atividades são propostas em sala de aula, a sua importância e a diferença que fazem para o aluno na apropriação do conhecimento teórico.

2 DISCUSSÕES

Após o estudo acerca da atividade principal nos estágios de desenvolvimento do sujeito, apliquei uma pesquisa aos alunos que realizaram o trabalho “plano de negócio” em 2015, para averiguar sua opinião quanto à apropriação do conteúdo teórico a partir desse exercício.

A pesquisa envolveu os estudantes da turma do 3º ano do curso de ensino médio integrado técnico em Administração de uma instituição de ensino federal do Sudoeste do Paraná, os alunos respondentes têm entre 15 e 17 anos de idade. O objetivo da pesquisa foi apurar a opinião dos estudantes quanto à apropriação do



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

conhecimento teórico a partir da realização do “plano de negócio”, e, das diferentes formas de trabalhos propostas pelos docentes, classe e extraclasse.

A intenção foi analisar se a participação em atividades como projetos de pesquisa e extensão, construção de maquetes, ilustrações, protótipos, experiências em laboratórios, dinâmicas e trabalhos em grupo, etc., contribuem para a apropriação dos conteúdos teóricos, ou seja, busquei averiguar se o aluno considera que atividades que os incentive a pesquisar, analisar, criticar, contribui para que o conteúdo científico trabalhado em sala de aula seja assimilado.

Assim, a coleta dos dados se deu por meio da aplicação de um questionário semiestruturado, com 02 (duas) questões simples e objetivas, mas que solicitavam que os alunos justificassem suas respostas, proporcionando à pesquisadora, a oportunidade de interpretação de muitas variáveis.

A primeira questão oportunizou aos alunos a reflexão quanto ao desenvolvimento das práticas em todos os componentes do curso, o intuito foi descobrir se essas atividades contribuem para a aprendizagem e apropriação do conteúdo teórico estudado nas diferentes disciplinas cursadas.

Para os educandos respondentes, as atividades desenvolvidas nas disciplinas do curso, contribuem para absorção e apropriação dos conteúdos teóricos com os quais os professores trabalham, e chegam a afirmar que a repetição das atividades facilita a memorização. Nesse sentido, para Galperin et. al (1987, p. 304) “O conhecimento sobre as coisas se forma como resultado das ações com estas coisas. As mesmas ações, à medida que se forma, se convertem em capacidades e, à medida que se automatizam, em hábitos”.

Assim, as atividades propostas que possibilitem ao aluno exercitar de forma prática o conhecimento teórico contribuirão para que ele se aproprie dos conceitos, fazendo com que desenvolva a capacidade de resolução de um problema¹.

Os alunos também consideram que as atividades propostas pelos professores podem funcionar como uma espécie de teste, verificando se conseguiram se apropriar do conteúdo teórico, além de contribuir para visualização dos conhecimentos científicos no cotidiano.

Por se tratar de um curso técnico, e de acordo com a realidade social dos estudantes, sabe-se que nem todos terão a oportunidade de ingressar em uma faculdade tão logo finalizem o ensino médio. Dessa forma, ressalta a importância de conseguir colocar em prática os conteúdos teóricos, principalmente no que tange os componentes curriculares específicos do curso – Administração – a consciência de que após o término do ensino médio haverá necessidade de se inserir no mundo do trabalho faz com que se preocupem com a apropriação desses conhecimentos para a aplicação prática.

Dessa forma, se percebe que os educandos já começam a vislumbrar o futuro em decorrência de sua realidade social – a necessidade de inserção no mundo do trabalho – nesse sentido, Facci (2004) expõe que a etapa final do desenvolvimento do indivíduo ocorre quando ele se torna um trabalhador, momento em que ocupará um novo lugar na sociedade.

Por meio da análise das respostas à primeira questão, percebe-se que os estudantes consideram como fundamentais para seu aprendizado, os conteúdos teóricos dos componentes curriculares, no entanto, esses exercícios práticos são

¹ Nesse caso, entende-se por problema uma questão que deva ser interpretada e resolvida, na atividade de estudo.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

considerados como essenciais para que consigam se apropriar dos conhecimentos científicos.

A segunda pergunta teve como intuito verificar a opinião dos estudantes referente à atividade Plano de Negócio. Em resposta a questão sobre esse exercício prático, os alunos responderam ter sido extremamente desafiador e motivador, pois foi fundamental para relacionar todos os conteúdos teóricos com o cotidiano das organizações, facilitando a compreensão de conceitos considerados complexos em função de se tratar de disciplinas nunca estudadas anteriormente.

Tão importante quanto perceber que determinado exercício contribui para a apropriação do conhecimento, é constatar que os alunos consideram relevante tal atividade. Ainda foi citado que o trabalho “Plano de negócio”, foi algo totalmente diferente de todos os exercícios práticos desenvolvidos durante toda a atividade de estudo até aquele momento, permitindo que os conteúdos fossem entendidos um como complementação do outro, servindo também como uma referência para os conteúdos posteriores, além da fixação dos anteriores.

Além disso, os estudantes mencionaram ter contribuído para a realização das atividades avaliativas, pois era possível fazer a relação do conteúdo teórico com tudo o que haviam desenvolvido no trabalho. Percebeu-se ainda, que a atividade permitiu desenvolver nos alunos o sentido de percepção e respeito em relação ao outro, identificação de lideranças e principalmente a capacidade de trabalhar em grupo.

Pode-se assim inferir que a atividade de estudo proposta aos alunos, alcançou o seu objetivo inicial, pois além de verificar o desenvolvimento dos alunos durante a realização da atividade, por meio da pesquisa feita para este estudo, percebeu-se que os próprios educandos valorizam tais atividades e consideram como fundamentais para a apropriação do conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da aplicação da pesquisa com os alunos participantes da proposta de trabalho “Plano de negócio” me proporcionou a oportunidade analisar a forma como desenvolvo meu trabalho em sala de aula, assim como, ter buscado conhecer os estágios de desenvolvimento do sujeito contribuiu para que de certa forma pudesse compreender melhor os meus alunos, buscando planejar e desenvolver atividades de estudo que proporcionem a eles a capacidade de análise, reflexão e crítica, e, principalmente que contribuam para o seu desenvolvimento e apropriação conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

DAVIDOV, Vasili. La actividad de estudio em la edad escolar inicial. In: _____ **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico**. Moscou: Editorial Progreso, 1998.

DAVIDOV, V.; MÁRKOVA, A. La concepcion de la actividad de estudio de los escolares. **La psicologia evolutiva y pedagógica em la URSS**. Moscou: Editorial Progreso, 1987.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9 ed. São Paulo: Ícone, 2001.

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: _____; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9 ed. São Paulo: Ícone, 2001.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

AUTONOMIA COMO REFERÊNCIA ÉTICA NA ATUAÇÃO DOCENTE

Elisa Maria Ficanha Furlan¹

Ana Cláudia Schneider²

Emily Picini Medeiros³

Gilson Luís Voloski⁴

INTRODUÇÃO

Considerando o contexto de preocupação crescente em relação à qualidade de vida e da responsabilidade social na preservação do planeta, temos por objetivo refletir sobre a relevância ética da atuação do profissional docente da escola básica na formação da autonomia das novas gerações.

A formação de pessoas autônomas é a condição básica para uma sociedade democrática, bem como para a responsabilidade social na preservação do planeta. Mas o que significa autonomia? Com base na experiência de estudos e debates realizados no componente curricular de Fundamentos da Crítica Social, buscaremos apresentar, em largos traços, o entendimento de autonomia do filósofo Kant e o dos autores da bioética, Beauchamp e Childress. O problema é que esses autores trabalham com o conceito de autonomia na perspectiva da responsabilidade adulta. Considerando que o docente dos anos iniciais trabalha com crianças, perguntamos: como o conceito de autonomia pode ser uma referência orientadora na atuação ética docente? Quais os limites e possibilidades desse conceito ser o norte da relação entre professor e crianças?

Entendemos que existe um desnível na relação, pois a criança, na condição de menor, está na dependência pedagógico do professor. Nesse sentido, o conceito de autonomia se torna um norte para a atuação do docente quando essa dependência é concebida como um ponto de partida necessário, mas o compromisso ético do professor está em desenvolver um processo pedagógico tendo como ponto de chegada a autonomia do educando.

Inicialmente, apresentaremos o conceito de autonomia: de acordo com Kant, como autogoverno; para Beauchamp e Childress, como respeito ao exercício da liberdade e da tomada de decisões por um agente, tendo como condição a intencionalidade, conhecimento e não interferência. No segundo momento, buscaremos refletir sobre as implicações deste conceito na atuação do docente e no processo de formação da autonomia.

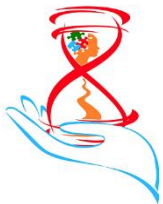
1 AUTONOMIA E ATUAÇÃO DOCENTE

¹ Acadêmica do Curso de Letras-Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. ficanhamaria54@gmail.com.br

² Acadêmica do Curso de Letras-Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. schneideranaclaudia@gmail.com,

³ Acadêmica do Curso de Letras-Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. emily.medeiros17@gmail.com

⁴ Doutor em Educação, Professor de Fundamentos da Crítica Social do Curso de Letras - Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. gilson.voloski@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

No século XVIII, Immanuel Kant foi um dos principais representantes do Iluminismo e buscou fundamentar o conceito de autonomia humana, tendo em vista que apenas numa sociedade de pessoas autônomas e emancipadas seria possível à democracia. A autonomia é um “termo introduzido por Kant para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria, que é a da razão” (ABBAGNANO, 2007, p.97).

Kant diz que o homem deve buscar o esclarecimento, sendo necessária a autoimposição de leis que permitam a emancipação humana, incentivando a capacidade do indivíduo de pensar, decidir e agir por conta própria, para sair da menoridade:

Pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de outro. É a si próprio que se deve atribuir essa menoridade, uma vez que ela [...] resulta da [...] falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro. (KANT, 2010, p.63).

Para Kant, a maioridade não está relacionada com a idade e sim com a capacidade de um indivíduo racional usar sua autonomia. O tornar-se autônomo é a coragem de usar seu entendimento sem a tutela de outro indivíduo.

Beauchamp e Childress definem a autonomia através de um princípio, um ato de “respeitar a liberdade e a capacidade do agente de tomar decisões” (DALL’AGNOL, 2004, p.30), considerando as diferenças dos indivíduos que vivem em uma mesma sociedade, agindo intencionalmente, não interferindo e propiciando no que lhe for possível o conhecimento, oportunizando a ação autônoma.

Portanto, o conceito de autonomia para Kant e, posteriormente, para os bioeticistas Beauchamp e Childress tem como pressuposto a responsabilidade de uma tomada de decisão de uma pessoa adulta.

Indiferente ao autor parece-nos evidente que a autonomia é vista como um fim a se alcançar, sendo necessário então pensar na maneira de consegui-la. Enquanto educadores podemos nos questionar de outra forma: como conduzir eticamente meu aluno na busca de sua autonomia em um horizonte emancipador?

Entendendo que a autonomia não é absoluta e sim gradativa, e que o educando está inserido cada vez mais precocemente em instituições de ensino, é consenso à necessidade da tutela pedagógica de outros nesse processo formativo. Mesmo para Kant (2010, p.69) autonomia é um norte, uma orientação, um ponto de chegada a ser perseguido, pois “um homem pode [...] somente por algum tempo, retardar o Esclarecimento em relação ao que ele tem a obrigação de saber; mas renunciar a ele, seja em caráter pessoal, seja ainda mais para a posteridade, significa lesar os direitos sagrados da humanidade.”. Logo, a autonomia é condição humana e moral e o caminho para alcançá-la exige um processo formativo.

Inicialmente, a condição de formação das crianças dos anos iniciais da escola básica é de dependência pedagógica ao professor. Nesse sentido, o conceito de autonomia é fundamental para a orientação da atuação ética do docente em sua prática educativa. Tendo ele como norte a ser perseguido, a dependência passa ser concebida apenas como um ponto de partida, mas o compromisso ético do professor consiste em conduzir o processo pedagógico, visando promover a autonomia do



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

educando como ponto de chegada. O que é possível inferir que sem autonomia não temos reflexão e criticidade, nem capacidade de discernir informações corretas e equivocadas. Logo, a autonomia em sala de aula deve ser um exercício naturalmente incorporado e constante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Kant, no séc. XVIII, dissera em seus estudos que não vivia em uma época esclarecida, mas em esclarecimento. O mesmo pode dizer, pois a formação para a autonomia é um norte a ser perseguido permanentemente. Entretanto, é nos anos iniciais da escola que está à base dessa trajetória. Nesse sentido, ressaltamos a relevância do conceito de autonomia como orientação para a atuação ética do professor em relação aos seus educandos. Nessa perspectiva, o conjunto das ações educativas promovidas pelos docentes tem o compromisso moral de conduzir seus alunos em direção a um pensar e agir por conta própria, emancipando-se da tutela do mestre. Por fim, ao aluno cabe a tarefa pedagógica: o exercício constante de buscar a autonomia, refletindo sobre a importância do processo e do exercício de pensar e agir sozinho, canalizando as ações com vista à cidadania e a responsabilidade na preservação da qualidade de vida do planeta.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 97.

DALL'AGNOL, Darlei. **Bioética: princípios morais e aplicações**. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KANT, Immanuel. **Ideologia, Filosofia e Pensamento**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

BENEFICÊNCIA E SEUS CONFLITOS NA ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DA SAÚDE

Gabriela Fontana dos Santos¹
Júlia Luiza Silva Inácio²
Julia Pereira da Silva³
Rebecca dos Santos Miranda⁴
Vinícius Cardoso de Oliveira⁵
Gilson Luís Voloski⁶

INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo apresentar o princípio da beneficência da bioética, tendo como experiência dos estudos e debates realizados na disciplina de Fundamentos da Crítica Social. Ainda, refletir sobre seus possíveis conflitos na atuação ética profissional na área da saúde. De origem filosófica utilitarista, o estudo deste princípio é relevante visto que é um dos conceitos fundamentais da sociedade moderna democrática e está presente na orientação ética das mais diversas profissões.

O princípio da beneficência, para Pellegrino e Thomasma (1988), por exemplo, tem fundamento como *prima facie*, válido e básico na ética biomédica e também na relação profissional na área da saúde, de modo geral, inclusive do Médico Veterinário. Entretanto, ele não é considerado um princípio absoluto pelos autores da bioética, pois pode entrar em conflitos com outros princípios de validade proporcional. A partir da discussão acima colocada, pretende-se responder o seguinte questionamento: Na correlação de posições opostas dos princípios da bioética e de validade proporcionais, qual é a atuação ética apropriada do profissional da área da saúde?

Primeiramente será feita uma breve contextualização sobre o tema buscando o entendimento do conceito, logo após serão postas discussões, contemplando todas as faces da beneficência e suas especificidades, posteriormente, será realizada uma reflexão avaliando até que ponto o profissional da área da saúde pode se utilizar do princípio da beneficência em seu âmbito profissional.

1 REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

¹ Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. gabrielafontanadossantos@gmail.com

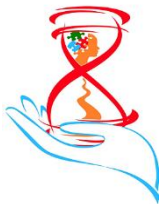
² Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. julialuizainacio19@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. julia.ilhabela@hotmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. rebeccadossantosmiranda@gmail.com

⁵ Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. vinecdso@gmail.com

⁶ Doutor em Educação, Professor de Fundamentos da Crítica Social do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. gilson.voloski@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Os abusos decorrentes de experimentações científicas com vidas humanas motivaram o Congresso Norte-Americano, em 1974, a realizar uma comissão com o objetivo de discutir os princípios básicos que deveriam orientar experimentações com seres humanos valorizando o respeito com a vida (DALL'AGNOL, 2004, p. 27).

Em 1978, foi publicados no Belmont Report três princípios básicos: beneficência, autonomia e justiça para esclarecer as normas necessárias de comportamento na biomédica. No ano seguinte, Beauchamp e Childress, publicaram o livro *Princípios da Ética Biomédica* eles explicitaram melhor esses três conceitos além de acrescentar o conceito da não maleficência (DALL'AGNOL, 2004, p. 27-28).

“Beneficência é o princípio que regula as instâncias éticas da profissão médica e estrutura a deontologia profissional (JUNGES 1995).” *O alvo de toda a atenção do médico é a saúde do ser humano, em benefício do qual deverá agir com máximo de zelo e o melhor de sua capacidade profissional* “(Código Brasileiro de Ética Médica, artigo 2)”. Portanto, na ética biomédica a beneficência seria agir em prol da vida e saúde de seu paciente.

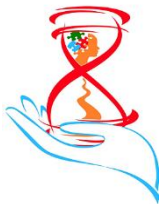
Na atuação biomédica, a beneficência significa a obrigação de fazer o possível para assegurar ou restabelecer a saúde do paciente. O papel dela é reconhecido como dever *prima facie* válido, ou seja, é pertinente até o momento que ações morais não estão envolvidas na situação. Isso se aplica quando o médico interrompe uma gravidez, pois esta coloca em risco a vida mãe ou opta por salvar o neonato, dependendo da moralidade dos parentes e pessoas comprometidas com o acontecimento (DALL'AGNOL, 2004, p.44).

Se algum médico descumpra esse princípio sofrerá punições legais, havendo a necessidade de que a ação do profissional seja praticamente perfeita e devem-se seguir alguns quesitos para chegar até a sua totalidade (DALL'AGNOL, 2004, p.45). Para que exista a obrigação de beneficência específica, Beauchamp e Childress (2002, p.171) afirmam que:

Um profissional X da saúde em relação a um paciente Y tem uma série de condições precisam ser satisfeitas: (a) que Y esteja em perigo de perder a vida ou a saúde; (b) que a ação de X seja necessária para prevenir esta perda; (c) que a ação de X tenha uma alta probabilidade de preveni-la; (d) que a ação de X não cause danos, custos ou riscos a Y; (e) que os benefícios que Y pode esperar superem os prejuízos que X pode eventualmente causar. (BEAUCHAMP; CHILDRESS, 2002, p. 171).

Por isso é importante compreender que o principalíssimo biótico é complexo, pois além da beneficência, também tem validade proporcional os princípios de autonomia, justiça e não maleficência. Mesmo que a ideia seja de que o conjunto de princípios funcione de maneira harmônica, eles podem entrar em conflito por razões equivalentes e opostas. Nesse caso, a liberdade do profissional é determinante, pois cabe a ele decidir qual é o princípio a seguir naquela situação. Para exemplificarmos, quando se estabelece o princípio de respeito à autonomia ao mesmo tempo é negado algum princípio da beneficência. (DALL'AGNOL, 2004, p. 48).

Quando se observa a aplicação do princípio da beneficência na ética biomédica do médico veterinário, observamos com clareza esse choque de conceitos. Um animal que está com alguma patologia, por não ter capacidade de



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

decidir, transmite ao seu tutor a responsabilidade de decidir se irá ou não aceitar um determinado tratamento, no entanto o Art. 4º do Código de Ética do Médico Veterinário afirma que em seu exercício profissional, devem-se usar procedimentos humanitários para evitar sofrimento e dor ao animal. Portanto, contrariando o princípio da autonomia do tutor em virtude da atuação profissional, o médico veterinário faz o uso do princípio da beneficência para assegurar a saúde do animal.

No âmbito da medicina humana, diversos conflitos entre beneficência e autonomia podem ser observados. Uma situação onde isto se aplica são nos casos de suicídio assistido. O suicídio assistido caracteriza-se pelo benefício de um indivíduo ter a liberdade de suicidar-se, desde que expresse claramente suas intenções por considerar que é o melhor a ser feito. Nesta situação o médico se vê de frente ao dilema de decidir entre a autonomia e a beneficência ou não maleficência, uma vez que o paciente tem sua própria autonomia para decidir o que fazer e o médico têm o dever de evitar que um paciente morra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto discutiu principalmente o princípio da beneficência abordando seus conflitos com os outros conceitos do principalíssimo na bioética (como por exemplo, autonomia), apoiado nas ideias de Pellegrino e Thomasma (1988) como dever *prima facie* válido e básico na ética biomédica e também na relação profissional nos entendidos na área da saúde.

Fundamentado na ideia de que os princípios da beneficência e autonomia entram regularmente em conflito na ética biomédica, concluiu-se que não se sustenta apenas em um conhecimento teórico sobre o assunto, mas sim, uma reflexão envolvendo os conceitos teóricos e a capacidade de agir com discernimento conforme os conflitos cotidianamente impostos ao profissional. Qual dos princípios terá precedência em caso de conflito é algo que dependerá do contexto específico, que tem sempre características únicas (SGRECCIA, 2007), cabe o profissional da área da saúde usar da sua liberdade para decidir, desde que essa escolha seja justificada racionalmente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução nº 722. Código de Ética do Médico Veterinário. **Diário Oficial da União**. Brasília, 16 de dezembro de 2002.

DALL'AGNOL, Darlei. O princípalismo na bioética. In:_____. **Bioética: princípios morais e aplicações**. Rio de Janeiro: ed. DP&A, 2004, p. 27-60.

JUNGES José Roque. Princípios da bioética. In:_____. **Bioética perspectivas e desafios**. São BRASIL. Resolução nº 722. Código de ética do Médico Veterinário. **Diário Oficial da União**. Brasília, 16 de dezembro de 2002. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 1995, p. 39-70.

SGRECCIA, Elio. A bioética e seus princípios. In:_____. **Manual de Bioética: fundamentos em ética biomédica**. Princípia Cascais: Princípia, 2009, p. 189-235.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

BIOÉTICA, QUALIDADE DE VIDA E EDUCAÇÃO ESCOLAR.

Roberta Prachum Dutra de Oliveira¹
Aline Roberta Rosin²
Bianca Roese³
Elizandra da Silva Soares dos Santos⁴
Gilson Voloski⁵

INTRODUÇÃO

O princípio da reverência à vida da bioética trata questões que no levam a refletir o sentido que atribuímos a nossa própria vida. Considerando a atuação docente no contexto do ensino médio, o objetivo principal da nossa discussão é abordar o conceito de qualidade de vida como sentido orientador para se pensar a construção do projeto de vida de sociedade de forma responsável. Para tal, buscamos apresentar, de forma concisa, os principais aspectos deste conceito na perspectiva da bioética. Você já parou para pensar no valor da sua vida? Perguntou-se realmente se tem uma qualidade boa de vida? Mas afinal, o que é isso que tanto estamos falando e nos preocupando para responder? Como podemos pensar em ter uma melhor qualidade de vida e saber valorizá-la de acordo com a sua preciosidade? Nesse sentido, que importância tem o conhecimento escolar? Quando pensamos no conceito de qualidade de vida é fundamental levar em conta a relevância da figura do professor como alguém que pode ser um instigador ao educando a pensar o sentido do seu projeto de vida.

1 QUALIDADE VIDA COMO ORIENTAÇÃO AO PROJETO DE VIDA

Organizamos o texto em duas partes. Na primeira, apresentaremos os principais contornos do conceito de projeto na perspectiva da bioética. Na segunda parte, pensaremos o professor como um instigador ao aluno pensar seu projeto de vida tendo como orientação o conceito de qualidade de vida.

2.1 CONCEITO DE QUALIDADE DE VIDA

Partimos da constatação de que se vive e em uma sociedade em que se confunde o conceito de qualidade de vida com coisas fúteis e superficiais. Não raro a mídia apresenta esse conceito como sinônimo do poder financeiro, do conforto de bens materiais, de uma vida opulenta, prazerosa, de sorte etc. Entretanto, o debate promovido pela bioética sobre a qualidade de vida é mais abrangente e profundo.

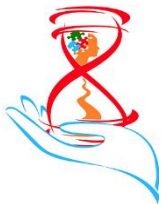
¹ Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – roberta_prachum@hotmail.com

² Acadêmico (a) do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. aline_rza@hotmail.com

³ Acadêmico (a) do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. biankaroese@gmail.com

⁴ Acadêmico (a) do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. izzaasantos@gmail.com

⁵ Professor Doutor em Educação. Professor de Fundamentos da Crítica Social do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. gilson.voloski@uffs.edu.br.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Não se restringe ao bem estar físico de um indivíduo, mas ao desenvolvimento do intelecto, da formação cultural, ao agir responsável em relação à sociedade e ao meio ambiente. (Singer, 1984, p.104). No campo da bioética, o debate se iniciou com a abordagem sobre o valor da vida, o valor em si (como valor único), em outras palavras, toda a vida é preciosa em si mesma. Depois, ampliou-se para a relevância de garantir uma vida com qualidade. De acordo com Dall’Agnol (2004), a vida só tem sentido se a pessoa possuir condições de viver bem, com dignidade e sem sofrimento. Esse viver bem não se restringe simplesmente a satisfação das necessidades básicas, mas também a construção consciente de um projeto de vida, que está vinculado a um projeto de sociedade, e das condições apropriadas para a sua plena realização. Assim, afirmar que a vida possui um valor intrínseco, no sentido de que ela é preciosa, significa dizer o mesmo que ela depende de algumas circunstâncias sob as quais ela seja possível. Para Dall’Agnol (apud BRINK, 1989) afirma que as condições para uma qualidade de vida são as seguintes:

Acesso a bens básicos do bem estar, tais como, satisfação das necessidades nutricionais, médicas, psicológicas e etc.; a realização dos projetos pessoais que, por sua vez requerem certos tipos de oportunidades sociais bem como certas liberdades civis básicas, realização de projetos pessoais que também exigem certas habilidades, principalmente de comparar seus projetos reais com projetos possíveis para elaborar subprojetos que possibilitam realizar os projetos maiores, regras morais claras como, por exemplo, o respeito mútuo entre agentes e os bens necessários para a realização dos projetos de vida. (BRINK, 1989, pág. 234).

Com tudo isso é possível afirmar que não se trata apenas do bem estar financeiro, mas sim de um atributo de funções dos quais diretamente fazem parte e influenciam no resultado final. De acordo com Dall’Agnol (apud SINGER, 1984) afirma que:

O pressuposto termos presentes na bioética são que as ações humanas são intencionais, ou seja, que possuem propósitos e objetivos, isto é, fins. Desse modo, um fim ético pode ser visto simplesmente como o bem mais a ser buscado conscientemente. (SINGER, 1984, pg.234)

O ser humano não nasce com um projeto de vida determinado. Esse propósito precisa ser construído no decorrer da sua caminhada, mediado por um processo educativo e orientado por uma finalidade abrangente, que a nosso ver, é o conceito de qualidade de vida.

2.2 O VALOR DA QUALIDADE COMO REFERÊNCIA AO PROJETO DE VIDA

O ser humano não nasce com um projeto de vida determinado, ele precisa ser construído pela mediação de um processo educativo. A formação no ambiente escolar possui forte relação com os movimentos que se estabelecem na sociedade, de tal modo que eles impactam de maneira direta nas ações realizadas por alunos, professores e comunidade escolar (KREUTZ, 1986). Situações como essas geram discussões sobre o papel da escola, da educação, dos professores e para os leigos, até mesmo da formação de professores, uma vez que essa procura superar as dificuldades que por ora se apresentam nas instituições, mas que para muitos parecer ser utópica. De acordo com Moreira (2006), dentro desse novo cenário o docente tem que conhecer mais as pessoas e saber lidar com suas carências



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

afetivas. Saber transmitir conhecimentos é importante, contudo saber lidar com as crianças e adolescentes é imprescindível. Na ausência da família, segundo o autor, os educadores têm papéis de "psicólogo, orientador, pai, mãe e, principalmente amigo.", servindo como alavanca para o progresso pessoal. Esta educação que inicia tão cedo é capaz de formar e criar vários tipos de homens dos quais a sociedade necessita, sendo esta capaz de transformá-los em sujeitos melhores. Bini e Pabis (apud BARBOSA, 2010) enfatizam que “[...] o aluno se espelha muito no professor e se ele sabe estar acessível ao aluno, aceita esta troca de ideias, tendo resultados benéficos em seu trabalho, porque conquistou a confiança do aluno e existirá um melhor relacionamento”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de qualidade de vida é uma construção social e se dá por meio da apropriação de conhecimentos, de discussões, interações e aprendizados, proporcionando um desenvolvimento intelectual e moral do ser humano, sem os quais seria impossível alguém pensar seu próprio projeto de vida e de sociedade. Aqui vale ressaltar que o professor tem papel importante nesse processo, por isso sua atuação pedagógica precisa ser ética e responsável.

REFERÊNCIAS

ALVES, João Roberto Moreira. A importância do professor na vida do aluno. **Jornal da Educação**. Rio de Janeiro, p. 01-01. set. 2006. Disponível em: <http://www.ipae.com.br/pub/pt/cme/cme_73/index.htm>. Acesso em: 29 set. 2017.

BARBOSA, Viviane de Almeida. **Reconhecendo a importância da motivação na aprendizagem**. 2010. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAC7oAJ/reconhecendo-a-importancia-motivacaona-aprendizagem>>. Acesso em: 29 set. 2017.

DALL’AGNOL, Darlei. **Bioética: princípios morais e aplicações**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2000.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

CARÁTER PEDAGÓGICO DA AMIZADE NA ATUAÇÃO DOCENTE

Adrielle Massotti Saggiorato¹

Beatriz Aimê Silva Bruscano²

Jucilaine Araujo Bottega da Rocha Pinheiro³

Matheus Barreira Caldas⁴

Raffaella Pfeifer Duarte⁵

Gilson Luís Voloski⁶

INTRODUÇÃO

Motivados pela atividade proposta na disciplina de Introdução à Filosofia, pensar a atuação ética profissional a partir dos conceitos filosóficos, este texto tem por objetivo refletir sobre o caráter pedagógico da amizade na atuação docente na escola básica, tendo por referência os três tipos de amizade definidas por Aristóteles.

A escola é uma instituição criada para promover a educação das novas gerações e é difícil imaginá-la como um espaço desvinculado de qualquer tipo de amizade. Entre desafios da formação, às vezes, marcada por dificuldades, sempre há o momento da presença amiga, da solidariedade do colega ou do auxílio docente. Por outro lado, a amizade pode gerar injustiças, alguém ter preferência ou benefício indevido. Então, perguntamos: em que sentido a amizade pode assumir caráter pedagógico na atuação docente? Como a concepção de Aristóteles pode contribuir para pensar essa problemática?

Aristóteles apresenta três sentidos de amizade, a baseada no prazer, na utilidade e na virtude, isto é, na busca comum do bem supremo. Esses três tipos podem estar presentes no ambiente escolar. Contudo é a com base na virtude que pode ser referência de caráter pedagógico na atuação docente.

Com base numa metodologia teórica e qualitativa, o desenvolvimento está dividido em duas partes: apresentação dos contornos do conceito de amizade em Aristóteles e análise reflexiva com base no conceito a atuação docente no ambiente escolar.

1 AMIZADE E SUA RELAÇÃO NA ESCOLA

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. adri.massotti@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Licenciatura Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. beehbruscino@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. araujojucilaine@gmail.com

⁴ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. matheuscaldas_@hotmail.com

⁵ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. raffapduarte@gmail.com

⁶ Doutor em Educação. Professor de Introdução à Filosofia do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. gilson.voloski@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

1.1 CONCEPÇÃO DE PHILIA

Na compreensão de Aristóteles, a amizade é indispensável para a realização da vida feliz (*eudaimonia*). Ele a diferencia em três tipos: a baseada no prazer, na utilidade e na virtude, isto é, na busca comum do bem.

No primeiro caso, as pessoas se aproximam visando o prazer recíproco. Entretanto, se a relação deixa de ser agradável, por excesso ou falta, a amizade propende a acabar, já que o prazer não será mais correspondente. A baseada na utilidade, as pessoas se aproximam por interesses comuns, numa cooperação para a realização de um objetivo. Entretanto, os laços se enfraquecem quando o bem é alcançado ou quando a relação se torna desvantajosa para uma das partes. Segundo as palavras do autor:

[...] os que amam por causa da utilidade, amam pelo que é bom para eles mesmos, e os que amam por causa do prazer, amam em virtude do que é agradável a eles, e não na medida em que o outro é a pessoa amada, mas na medida em que é útil ou agradável. (ARISTÓTELES, 1156, 1979, p.181).

A concepção de amizade como virtude é considerada por Aristóteles perfeita, por ser uma relação de sentimento verdadeiro. O amor recíproco entre as pessoas persiste mesmo quando certas circunstâncias não são agradáveis ou não envolvem uma vantagem pessoal, como permanecer ao lado do amigo em um momento de sofrimento ou de crise. Elas buscam o bem uma da outra sem necessariamente querer algo em troca, mas antes por quem ela é. Deste modo, a amizade como *philia* é a expressão de uma virtude moral e intelectual, na qual há uma decisão livre em que cada um deseja o bem para o outro. Na interpretação de Dall'agnol:

[...] a amizade baseada na *areté* [virtude] é uma relação entre aqueles que procuram o bem e a excelência de forma igualitária (1156b7). Esta amizade perfeita é condição para a *eudaimonia* [felicidade], pois o verdadeiro amigo, ao devolver o nosso olhar e ser nosso espelho proporciona o autoconhecimento indispensável na busca do bem supremo. Além disso, um verdadeiro amigo é aquele que age em benefício do outro amigo, por ele próprio e assim o valora intrinsecamente. (DALL'AGNOL, 2008, p. 132).

Portanto, a amizade virtuosa é a mais rara de se encontrar, verdadeira e necessária para a felicidade. Tal amizade enobrece o ser humano, já que a ela e a bondade se nos encontram mesmos seres humanos.

2.2 O CARÁTER PEDAGÓGICO DA AMIZADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Os três tipos de amizades concebidas por Aristóteles podem estar presentes no ambiente escolar, contudo é aquela com base na virtude que pode ser referência de caráter pedagógico na atuação docente.

A amizade baseada no prazer, sem dúvida, é importante ao desenvolvimento pedagógico escolar. Não é raro estudantes manifestarem gosto por determinado componente curricular motivado pelo clima de bem-estar promovido pelo docente em sala de aula. Nesse caso, poderíamos dizer que este tipo de amizade contribui para a aprendizagem escolar. Entretanto, por diversos fatores, nem sempre o



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

conteúdo pode ser abordado de forma prazerosa. E não seria aconselhável o docente deixar de exigir a realização destas atividades. Do contrário, para preservar este tipo de amizade, poderá gerar prejuízos pedagógicos aos alunos.

A amizade com base na utilidade ocorre na escola quando os interesses convergem para realização da educação como um bem a ser alcançado. Às vezes, a aproximação das partes visa à resolução de desafios pedagógicos, nem sempre agradáveis, mas necessários à formação pessoal. Nesse caso, a atuação docente pode ser de um amigo que orienta e auxilia a trajetória. Entretanto, o limite desta amizade é quando uma das partes passa a ser vista apenas como meio para atingir um fim. Assim, a própria educação não é vista como fim em si, isto é, a formação de seres humanos moralmente livres, condição para a felicidade.

A amizade baseada na virtude e na busca do bem comum, mesmo sendo mais rara, é a mais apropriada para pensar a atuação docente no ambiente escolar. Ela busca garantir a justa medida de todos os tipos de amizade, evitando tanto o extremo do excesso como da falta, por isso valoriza o convívio agradável, sempre que possível, mas não faz disso o critério determinante da atuação, exigindo dos alunos a enfrentar os desafios pedagógicos, sempre que necessário. Não descarta a relação baseada na utilidade, na cooperação de força em busca de um bem, porém evita reduzir a amizade a um mero meio interesseira, pois tende a considerar o ser humano como um fim em si mesmo, independente se a relação é agradável ou vantajosa.

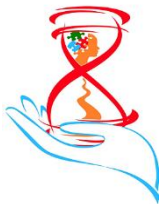
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respondendo à problematização inicial, podemos apontar que os três tipos de amizades concebidas por Aristóteles podem estar presentes no ambiente escolar, contudo é a amizade como virtude que pode ser referência de caráter pedagógico na atuação docente.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

DALL'AGNOL, D. **Ética I**. Florianópolis: Filosofia/Ead/UFSC, 2008.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

CETICISMO E O PROFISSIONAL SEM MEDO DE QUESTIONAR

Liege Stefanello Piccin¹
Gilson Luis Voloski²
Susana Aparecida Ferreira³

INTRODUÇÃO

Quando nos defrontamos com a ética profissional em qualquer área, nos vemos cercados por verdades impostas e o questionamento muitas vezes é barrado. Ao tomarmos certos conceitos como absolutos, inegáveis e imutáveis, acorrentamos o sujeito que fica impossibilitado de gerar novos conhecimentos para esses já engessados nos anais da profissão. Torna-se, então, de extrema importância para o profissional, pesquisador ou não, libertar-se dessas verdades e se permitir o questionamento imparcial dos temas considerados sobre a ética. Foi durante o Helenismo que surge um ramo da filosofia que reflete tais características. No Ceticismo nos deparamos com a inquietude, à negação e com o questionamento constante frente aos temas mais enraizados dentro dos campos do saber, com a abertura à discussão e entendimento de que é apenas ao questionar e discorrer é que nos tornamos capazes de chegar a eudaimonia prometida (do grego, eudaimonia significa o estado de felicidade ou bem-estar do homem).

Permitindo que nos desvencilhemos de tudo o que nos prende e libertar-se para as novas verdades que surgem através da pesquisa e do convívio profissional. Dessa maneira, objetivamos refletir sobre a ética cética, mais precisamente a relevância da sua ousadia de questionar, e sua relação com os estudos e pesquisa em Medicina Veterinária, tanto na academia quanto no convívio clínico do dia a dia, frente aos diferentes dilemas que nos cercam, desde o contato com o animal até o diagnóstico e tratamento adequado ou mesmo a eutanásia do paciente.

1 DESENVOLVIMENTO

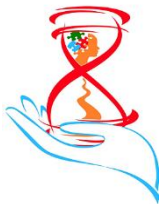
2.1 A RELEVÂNCIA DO QUESTIONAMENTO NA ÉTICA CÉTICA

O Ceticismo desponta durante o período histórico conhecido como Helenismo, que compreende o espaço de tempo entre os anos de 323 a.C. a 146 a.C. (ano da morte de Alexandre o Grande até a anexação da Grécia e suas ilhas por Roma). Nesse período, surgem várias outras vertentes filosóficas tanto no ocidente quanto no oriente. Tais vertentes questionam a capacidade do homem ser bom ou mau e acerca de vários outros questionamentos pertinentes à época. O Ceticismo (Grego SKEPTIKOS, literalmente “aquele que reflete que indaga”), nasce, então, apoiado sobre a filosofia de Sócrates com seus pensamentos de negação a todos que se consideram sábios. Com base no método da ironia socrática, o

¹ Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. liegepiccinmedvet@gmail.com

² Professor Doutor Gilson Luís Rogoski. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. gilson.voloski@uffs.edu.br

³ Profa. Dra. Susana Aparecida Ferreira. Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS. susana.a.ferreira@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

ceticismo busca perguntas e respostas que refutam aqueles que acreditam que detêm as verdades absolutas, afirmando assim que estes não podem considerar-se totalmente conhecedores de ética. Como outras filosofias surgidas nessa época, o Ceticismo buscava a ataraxia (imperturbabilidade da alma), ousando questionar a imposição de verdades morais absolutas pela tradição, entendendo que apenas sabendo questionar e aceitando a natureza indefinida da vida é que se pode chegar à tranquilidade da alma suspendendo sempre que a discussão chegar ao ponto de perturbação entre os indivíduos de modo a evitar a intranquilidade.

Dentro do ceticismo, despontam dois filósofos como idealizadores, Pirro de Ellis e Sexto Empírico. O primeiro é considerado o fundador da ética cética, enquanto Sexto Empírico, é o maior cético da história, pois sustentava que nada pode ser conhecido em sua essência e para cada tese levantada, há um dogma que pode ser refutado ante as novas considerações ou experiências, pelo questionamento poderiam contrapor aparências e julgamentos pré-estabelecidos. Em outras palavras, eles acreditavam que ao serem capazes de contrapor o objeto da percepção, ou seja, “aquilo que era considerado absoluto”, acreditando que nem uma ou outra tese pode ser credível ou não por completo, levava o sujeito à tranquilidade (Dall’agnol, 2008). Sendo assim, o cético se permite a não negar ou afirmar nenhuma das teses antagônicas e com tal chegar a sua finalidade ética, a ataraxia.

Para Dall’agnol, estes filósofos entendiam que ao opinar sobre a percepção de algo, o sujeito acaba por perturbar-se completamente (por não possuir o objeto do sua percepção ou por acreditar ser afligido por tal objeto). Quando o indivíduo permite-se negar todas as percepções preconcebidas, ele torna-se capaz de evitar tais perturbações a si mesmos.

2.2 RELEVÂNCIA DA POSTURA DE QUESTIONAMENTO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Quando começamos os nossos estudos em medicina veterinária, chegamos selados pelos nossos ideais já preconcebidos e, em muitos casos, supondo saber exatamente qual a área que seguiremos depois de formados e aos poucos vamos montando a nossa ética profissional, entrelaçada com aquela que construímos durante o curso. Aos poucos, somos expostos a situações desafiadoras, principalmente quando essas se referem à vida do nosso paciente. Seguindo o conceito discorrido anteriormente, o profissional que segue a ética cética, buscará as respostas para o caso de forma a não prejudicar a sua tranquilidade, sabendo que, muitas vezes, o tratamento a ser executado no paciente, pode ser muito invasivo ou até fatal. Desse modo, ao negar todos aqueles sentimentos e teses que normalmente tornaram-se um empecilho a sua tranquilidade, o médico veterinário consegue promover qualquer tipo de tratamento ao seu paciente, entendendo que o bem estar e a saúde do paciente são o seu objetivo principal.

O cientista cético, ao negar o imposto, gera novos conhecimentos e tratamentos, técnicas, profilaxias, que garantem ao paciente uma melhor qualidade de vida e uma recuperação mais rápida e eficiente. Ao quebrarmos as amarras das ideias preconizadas anteriormente, conseguimos evoluir. Isso pode ser visto nas aulas práticas dentro do curso de veterinária. Anos atrás, as aulas eram muito mais cruéis com os animais usados durante as aulas práticas. Lesões eram



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

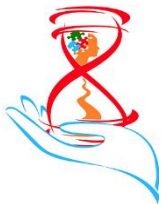
causadas propositalmente para que os estudantes pudessem ter o contato com tais, animais saudáveis eram sujeitos a paradas cardíacas para que o estudante pudesse aprender sobre reanimação. Hoje, temos avanços muito grandes e técnicas que podem substituir métodos que eram usados antigamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia a dia da clínica veterinária ou da universidade, nos deparamos com desafios que muitas vezes ficam além das nossas capacidades. Buscando de todas as formas de fazer o melhor para nossos pacientes, somos cerceados pelos nossos princípios éticos acima de tudo, não podendo, em diversas as ocasiões, realizar tratamentos ou intervenções sem o consentimento dos tutores, mesmo sabendo que tais seriam fundamentais para a saúde ou bem-estar dos animais. Somos prejudicados por técnicas ultrapassadas enraizadas na profissão e mesmo por profissionais retrógrados que não aceitam a mudança. Para superar todas as dificuldades da profissão, somos obrigados a questionar até o último momento, exaurir todas as opções. Então, o pensamento cético se faz imprescindível, considerando que nunca devemos parar de questionar, que nunca devemos parar de pesquisar e estudar ou se acomodar. Tratamentos se tornam obsoletos de forma rápida, tornando-se mais eficientes e com melhores resultados ao passo que nos permitimos questionar e não ficamos restritos arcaicos.

REFERÊNCIAS

DALL'AGNOL, D. **Ética I**. Florianópolis: Filosofia/Ead/UFSC, 2008.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

COMO A ÉTICA SE APLICA A SERES SENCIENTES

Maiara Grasiela Rossi
Roberta Prachum Dutra de Oliveira
Gilson Luis Voloski

INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordará conceitos sobre a ética utilitarista e também qual a relação ética que humanos aplicam sobre seres sencientes. Pensamentos estes relatados por autores muito importantes na evolução do contexto ético científico como Van Potter e Hare, defensores do direito da vida a todos, inclusive apresentam pensamento voltado em defesa ao especismo.

1 DESENVOLVIMENTO

Por ter a maior racionalidade, o ser humano habita o planeta terra e se faz o centro de todas as coisas, inclusive acredita ser livre para fazer uso de todos os recursos disponíveis da forma que desejar; durante muitos anos a humanidade usou esses recursos naturais de forma predatória. Essa ação negativa de um antropocentrismo exagerado vem desencadeando uma preocupante crise global. Com desmatamento e poluição, o efeito estufa se agrava, rios e fontes secam, gerando uma real ameaça à sobrevivência humana e até em nível de toda a biosfera.

O ser humano progride de forma tão acelerada, que por si só já não se consegue mais frear seus próprios passos tecnológicos; Esse desenvolvimento industrial exacerbado é muito benéfico para a economia de forma geral. Porém não se sabe o limite do respeito com a natureza, animais e atmosfera; justamente por conta disso os impactos ambientais estão cada vez mais severos e irreversíveis. O homem tem conhecimento do que faz e do resultado dessas ações, porém não é consciente a ponto de esquecer o antropocentrismo e acreditar no biocentrismo, onde coloca a vida no centro de tudo.

Mediante a um contexto deste pode-se pensar em meios capazes de reverter ou amenizar essa situação. Mas quais? Talvez regras que regem o comportamento humano pode ser o caminho, pois todo ser humano é tão racional a ponto de saber distinguir na sua moralidade o que são certo ou errado, justo ou injusto, bom ou ruim, ações que promovem o bem ou o mau. Essas ações destinam-se ética. A ética é um conjunto de regras que ditam princípios ou ações humanas. Contudo, cada cultura pode apresentar regras divergentes relacionadas à ética, porém nenhuma delas foge do conceito principal, o respeito mútuo.

Quanto Kant escreveu sobre a ética e a liberdade, o conceito surgiu fundamentado no imperativo categórico e a vontade boa, acreditando que ações morais são baseadas em regras universais, que servirão como exemplo a qualquer outro ser racional. O pensamento moral de Kant está diretamente relacionado apenas a seres racionais, ou seja, uma ética voltada a atitudes e comportamentos humanos.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

A partir disso então, a bioética veio para abranger o conceito ético. O campo da bioética é um estudo transdisciplinar, que pensa e atua com o objetivo de resolver positivamente questões que possam vir a fugir completamente dos princípios éticos, a intuição não é implantar leis e sim subsidiar atitudes para fundamentar princípios éticos e para que as pessoas passem a refletir sobre suas ações, e se porventura isso poderá fazer mal a alguém.

Van Potter (1970) teve uma visão da bioética voltada para os avanços da ciência, ele dizia que “Nem tudo que é cientificamente possível é eticamente aceitável”, isso quer dizer que os avanços diários da ciência, se não controlados pela ética profissional, podem trazer implicações negativas aos estudados. Por este motivo ele propôs um ramo do conhecimento que pudesse auxiliar os indivíduos a pensar mais sobre a ética científica, reduzindo assim possíveis danos causados aos demais seres envolvidos.

O contexto histórico tem uma grande carga de influência que constrói a concepção ética de cada indivíduo, o tempo/época, questão cultural, social e até econômica podem determinar a criação ética e comportamental pertencente a cada ser. Uma das fortes influências oferecidas pela sociedade é o Utilitarismo. A ética utilitarista basicamente defende o bem estar de seres sencientes, ou seja, todo ser vivo que é capaz de sentir dor e prazer defende a ideia de proporcionar o bem-estar à maior número de indivíduos possíveis e não buscar apenas prazer individual. Vários autores resolveram contribuir de forma positiva em relação ao pensamento utilitarista, um deles foi Brink (1989) e Boyd (1997) defenderam algumas condições básicas de bem-estar, para os autores todos os indivíduos de uma sociedade apresentavam necessidades básicas humanas, dentre elas consultas médicas, psicológicas, nutricionistas, relações sociais igualitárias, expressão artística e social, expressão política, acesso a informações, entre outros. Os autores descreveram direitos básicos quais deveriam ser presentes em uma sociedade para que trouxessem bem-estar de forma geral.

Hare foi outro autor muito importante que descreveu e defendeu princípios bioéticos. Contribuiu muito ao defender o especismo e também a teoria igualitária utilitarista. Teve um olhar voltado para seres humanos em estados delicados, como a eutanásia e o aborto, mas também defendeu o direito e diferentes valores das demais espécies, relacionado à discriminação de animais sencientes.

Para que a ciência possa pôr em prática seu principal objetivo, que é construção do conhecimento e descobertas, que visam à melhoria da saúde social, ou tecnologias que venham de alguma forma contribuir e facilitar a vida humana é de extrema importância à realização de inúmeros testes comprobatórios. Chega-se ao ponto principal da questão. Como e de que forma os cientistas devem agir de modo que garantam a evolução da ciência sem que sejam causadores de danos à saúde física ou mental de humanos e animais sencientes?

É uma questão não tão simples assim, pois a ciência requer testes; e por mais que os estudos bioéticos apresentem grandes avanços nos últimos anos, ainda existe o uso inaceitável de animais como forma experimental na confirmação científica. Os avanços tecnológicos não são tão eficazes a ponto de substituí-los em testes laboratoriais e é nesse contexto que se baseiam os estudos éticos, sobre o respeito e a dignidade com todas as espécies.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Com base no trabalho desenvolvido e experiências observadas, acredita-se de que o mundo precisa muito por em prática a ética em todas as ações, principalmente na ética profissional. Defender o especismo e os seres menos capazes da autodefesa das descobertas e do mundo tecnológico que esta por vir.

O ser humano deve pensar grade, de uma forma tão exacerbada que passe a zelar pela vida e pelo biocentrismo, teoria em que coloca a vida como centro de tudo, dessa forma se é possível ter um mundo mais justo e igualitário.

REFERÊNCIAS

POSSAMAI, Fábio Valenti; **A Posição Do Ser Humano No Mundo E A Crise Ambiental Contemporânea**; SD.

CAMPOS, Michele; GREIK, Michl; DO VALE Tacyanne; **História Da Ética**; Salvador; 2002.

MACKEVICZ, Osmar; **Ética E Liberdade No Pensamento De Kant**: Uma análise da obra fundamentação da metafísica dos costumes; 2010; disponível em <<http://www.consciencia.org/etica-e-liberdade-no-pensamento-de-kant>> acessado 6 de julho de 2017 às 23:08 horas.

BRAZ, Marlene; SCHRAMM, Fermin Roland; **Introdução À Bioética**; São Paulo; 1994.

Dall’Agnol, Darlei. **Bioética**: princípios morais e aplicações, In. Darlei Dall’Agnol, **Ética I**, Florianópolis : Filosofia/EAD/UFSC, 2004.



CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE EDUCADOR E CRIANÇA A PARTIR DO CONCEITO DE PAIXÃO MORAL DE DAVID HUME

Ana Keli de Amaral dos Santos¹
Andrielly Pagnoncelli²
Marcia L. Finantes Binsfeld³
Gilson Luís Voloski⁴

INTRODUÇÃO

Este Relato de Experiência foi desenvolvido através de uma proposta pedagógica do componente curricular de Fundamentos da Crítica Social. E tem como objetivo apresentar o conceito de paixão moral em David Hume (1711-1776) e pensar as suas implicações na ação do professor com crianças pequenas. Em que sentido o conceito de paixão moral humana pode contribuir para pensar a atuação ética do professor? Partimos da ideia de que na relação entre professor e alunos, no processo de aprendizagem, os valores que brotam dos sentimentos das crianças são mais deliberativos do que o convencimento racional. Diante disso, o compromisso ético do professor deve ser valorizar o sentimento de confiança que a criança lhe atribui e fazer uso responsável da autoridade pedagógica sobre a aprovação ou desaprovação das paixões que movem as crianças na experiência de descobrimento do mundo moral. Delimitamos a nossa reflexão pensando nos anos iniciais, porque é nesse período que se desenvolve essa relação afetiva mais intensa dos educandos com as professoras. O educador diante dessa receptividade dos alunos, também acaba desenvolvendo essa afetividade, tendo então a responsabilidade ética de reconhecer esse sentimento e fazer uso de sua moral no conceito de paixão.

1 PAIXÃO MORAL E ATUAÇÃO DO EDUCADOR ESCOLAR

Inicialmente, apresentar-se-á o conceito de paixão moral. Depois, a proposta de reflexão do ser educador em torno da concepção da paixão moral humana.

1.1 DO CONCEITO HUMEANO DE PAIXÃO

Hume em sua teoria sobre a moral trabalha com três partes: a natureza humana, a razão e a paixão. Essa teoria tem seus pressupostos no empirismo: a experiência é à base de todo conhecimento, imaginação e valores morais. Por isso, critica o racionalismo de outros filósofos do seu tempo, pois para ele a paixão que

¹ Acadêmica do curso de Letras – Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. anakeli.2703@gmail.com

² Acadêmica do curso de Letras – Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. drypag2016@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Letras – Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Marcia4.binsfeld@gmail.com

⁴ Professor Doutor em Educação. Professor de Fundamentos da Crítica Social do Curso de Letras - Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. gilson.voloski@uffs.edu.br.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

resulta da experiência interativa precede a razão como determinante das ações morais.

O conceito trabalhado nesse relato não é a visão de “paixão” amorosa, o qual o nome nos remete de imediato. Segundo o Dicionário da Filosofia, essa percepção emotiva de paixão predominou até o século XVIII, e é a que geralmente é empregada como o principal significado até os dias atuais (ABBAGNANO, 2007, p. 750).

David Hume (1711-1776) aborda o conceito de paixão como um modo de existência que antecede a reflexão sobre o ato. Então, parte-se do entendimento de paixão como emoção e troca de afetividade para uma teoria moral. Em Tratado da Natureza Humana, uma de suas obras mais importantes, publicada em 1737, Hume discorre que a razão deve servir às paixões (DALL’AGNOL, 2009). Posição contrária ao dos iluministas, que defendiam que a razão deveria fundamentar a moral, já que os homens são seres racionais. Na tese humana, a moralidade é algo sentido e a função da razão é colaborar na orientação das paixões. De modo mais declarado, segundo o filósofo, as paixões seriam uma espécie de possibilidade moral que gera um comportamento. Essa faculdade moral é a que determina as vontades, que provoca aprovação ou desaprovação, os impulsos e as tomadas de decisões. E a razão compete o papel secundário, apenas discutindo o que é verdadeiro ou falso. (MARCONDES, 2009. p.207).

1.2 O EDUCADOR NA ÉTICA DA PAIXÃO

A discussão filosófica voltada para o entendimento da razão e das paixões pode estender-se ao ramo da educação, e, particularmente, na pessoa do educador. O docente tem a tarefa ético-pedagógica de dialogar com o conceito de paixão. O estágio de desenvolvimento moral e cognitivo da criança, nesse período escolar, é orientado pelo desejo de experimentar o mundo, tendo como referência a autoridade do professor. Muito antes de ideias abstratas, que possibilitam a racionalidade reflexiva, as experiências do mundo natural ou social tem uma forte carga afetiva. Diante dos conflitos morais, da dúvida sobre a ação correta, a criança busca na pessoa do professor como um juiz que sentencia um sentimento de aprovação ou de desaprovação. O educador tem um papel importante na formação moral do aluno, pois a relação pedagógica e afetiva é pautada no sentimento de confiança. Ele passa a ser um elo de entendimento do mundo e não apenas um transmissor do conhecimento. O profissional que trabalha na educação básica, partindo desse ponto de vista, deve ser movido pela paixão, que para Hume, é uma espécie de sensibilidade desenvolvida com consciência e que gera hábitos.

Como a moral, portanto, tem uma influência sobre as ações e os afetos, segue-se que não pode ser derivada da razão, porque a razão sozinha como já provou, nunca poderia ter tal influência. A moral desperta paixões, e produz ou impede ações. A razão por si só, é inteiramente impotente quanto a esse aspecto. As regras da moral, portanto, não são conclusões de nossa razão. (Hume, 2001, p.497).

A razão, nesse caso, serviria apenas para orientar as ações; essas movidas pelas paixões. Diante disso, compete a um professor dos anos iniciais ensinarem as crianças a partir de experiência de bons exemplos. Nestes é que são construídos os



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

valores de importância em relação às atividades do mundo escolar. Quando se tornam hábitos, passam a orientar a vida de estudante da criança, como por exemplo, o gosto pela leitura. Nesse sentido, no processo de aprendizagem, os valores que brotam dos sentimentos na relação entre professor e alunos são mais deliberativos do que a tentativa do convencimento racional. Mas como um professor que manifesta não gostar de leitura pode ensinar uma criança a gostar de ler? Para a criança o docente precisa ensinar pelo exemplo. Hume explica isso no conceito de “sympathy”, no qual diz que a paixão seria uma espécie de “contágio” (DALL’AGNOL, 2009).

Adam Smith usa o conceito de empatia. E explica esse sentimento como compaixão, que pode ser recriada por meio da imaginação de se identificar e se colocar no lugar do outro. O professor dotado dessa moral sentimentalista, tanto de paixão, como de empatia pode desenvolver um trabalho mais harmonioso e completo, contribuindo na formação de cidadãos éticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia de David Hume veio propor uma nova visão sobre a paixão, retratando-as como elemento determinante nas condutas humanas. Esse conceito mostra-se relevante para pensar a orientação ética dos professores que trabalham no ensino fundamental, principalmente, com os anos iniciais. Diante disso, o compromisso ético do professor deve ser o de valorizar o sentimento de confiança que as crianças lhes atribuem e fazer o uso responsável da autoridade pedagógica sobre a aprovação ou desaprovação das paixões que movem os alunos no processo educativo moral. O educador diante dessa receptividade, também acaba desenvolvendo essa afetividade, tendo então a responsabilidade ética de reconhecer esse sentimento e fazer uso de sua moral no conceito de paixão. Desenvolver a receptividade dos sentimentos, durante o ensino, talvez, possa também restituir a humanidade dos homens.

REFERÊNCIAS

ABBAGNAMO, N. **Dicionário De Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DALL’AGNOL, D. **Ética II**. Florianópolis: UFSC, 2009.

HUME, D. **Tratado Da Natureza Humana**: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais. São Paulo: UNESP, 2001.

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos De Ética**. São Paulo: Zahar editores, 2009.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE O CONTRATUALISMO COMO
PRESSUPOSTO DA ÉTICA PROFISSIONAL**

Alef Zagato de Araújo¹
Danielli de Oliveira Loeve²
Isaac de Jesus de Oliveira³
Matheus Felipe Souza Franco⁴
Gilson Voloski(Orientador)⁵
Susana Aparecida Ferreira(Orientadora)⁶

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se situa em torno do conceito do Contrato Social do pensador Thomas Hobbes. Para tanto, pretende-se levantar as questões de como esse contrato se apresenta e sua influência na vida social, sobretudo no âmbito da éticaprofissional.

A importância deste estudo se justifica pelo fato de que vivemos numa sociedade estruturada no pressuposto do contrato social. Buscar compreender o significado no seu contexto de surgimento é relevante para pensar as relações profissionais do tempo presente, especialmente na área de Medicina Veterinária, ao mesmo tempo em que permite questionar criticamente sobre a dinâmica contratual na perspectiva hobbesiana.

Problematizamos da seguinte forma a temática: quais as principais características do conceito de contrato social hobbesiano? Quais suas contribuições e limites para pensar a conduta ética profissional no tempo presente? Teria o contrato a legitimidade para regular as relações profissionais de maneira fixa e imutável?

Partimos da ideia de que o pensamento dele ainda ilumina as relações sociais, em especial neste texto, a relação segura entre médico e o tutor do animal mediado por um contrato. De outro modo, os limites de sua contribuição conceitual são a tendência do relativismo ético contratual e as implicações da troca da liberdade.

¹ Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. alefzagato@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. loevedani@gmail.com

³ Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. isaacdjoliveira@gmail.com.

⁴ Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. mfelipefranco@gmail.com

⁵ Doutor em Educação. Orientador. Professor do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Fronteira

⁶ Doutora em Letras. Professora do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. susana.a.ferreira@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Pela segurança, o que abre margem para uma relação contratual impositiva. Para tal discussão será exposto o conceito segundo Hobbes com suas implicações e posteriormente sua aplicação e as reflexões que envolvem a ética e a formação profissional.

1 O Contratualismo de Thomas Hobbes

O contratualismo do filósofo Thomas Hobbes (1588-1679), expresso nas obras *O Leviatã* e *De Cive*, marcou significativamente a filosofia política moderna, mas que também repercutiram na ética. É indiscutível a relevância dessas contribuições, pois elas inauguram a sociedade contratual.

Para justificar o contrato social, Hobbes aborda antes o conceito hipotético do estado de natureza, condição que o homem teria a liberdade ilimitada e todos os direitos, independente de qualquer divergência, mas tinham que conviver com a permanente insegurança. O filósofo torna esse argumento válido ao expor o pensamento de que todos temem a morte violenta causada por outrem (mal supremo). Para evitá-la, os homens realizam um contrato social, por meio do qual fundam o Estado (poder, governo). Deste fundamento, também surge a teoria ética, pois “a filosofia moral não é nada senão a ciência do que é bom e mau na conservação da sociedade da humanidade” (HOBBS, 1980, p.110).

O fundamento do contratualismo é a tentativa de garantir a segurança. Para tal, a condição é o homem abrir mão de sua total liberdade respeitando os pactos e acordos. “Essa é a origem da noção de justiça: justo é manter os pactos feitos; injusto, descumpri-los. Cabe ao estado, então, garantir a observância dos outros contratos, portanto, de administrar a justiça” (DALL’AGNOL, 2009, p. 27). A necessidade social de um supervisor desses acordos, para garantir que os mesmos sejam cumpridos, é o que justifica o Estado.

O contrato se firma na transferência mútua de direitos, ou seja, a delegação dos direitos dos indivíduos para o Estado:

[...] o direito de todos os homens a todas as coisas não deve ser retido, mas alguns direitos devem ser transferidos ou renunciados, pois se cada um retém seu direito sobre tudo, segue-se necessariamente que alguns, através do direito, podem invadir e outros, pelo mesmo direito, se defendem contra os primeiros (pois na necessidade natural de todo homem está o empenho em preservar seu corpo e aquilo que considera necessário para protegê-lo). E disso segue-se a guerra, pois aquele que não renuncia a seu direito sobre todas as coisas, atua contra a razão da paz, ou seja, contra a lei de natureza. (HOBBS, 2006, p.26)

A partir de então, Hobbes julga como extremamente necessário à origem de uma sociedade civil, regida pelo contrato, supervisionado e administrado pelo Estado.

1.1 CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS AO CONTRATUALISMO HOBBIANO COMO REFERÊNCIA EXCLUSIVA DA ÉTICA PROFISSIONAL

Conforme exposto, Hobbes justifica a importância da sociedade ser organizada a base de contratos e acordos para que se garanta a ordem e a paz seja estabelecida a segurança. Além disso, deposita uma grande responsabilidade ao



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

estado de ser o mediador destes acordos para que tudo se mantenha e estabeleça como deve ser. É indiscutível a importância dessa fundamentação que inaugura a sociedade moderna contratual, e que de alguma forma, ainda hoje, orientam as relações sociais, entre elas, a de prestação de serviços profissionais. Por outro lado, o pensamento contratual hobbesiano também apresenta limites, criticados por Locke, Rousseau, Rawls, entre outros, e que no espaço deste texto não é possível abordá-los. Cabe ressaltarmos alguns aspectos de caráter moral, como desdobramentos para uma ética profissional: ao estabelecer o contrato como referência central do que é certo e errado, justo e injusto, abrindo mão de uma referência abrangente (virtude, princípio, valor, bem supremo), Hobbes não cai num certo relativismo moral? Entendemos que a relação contratual é imprescindível na relação entre um profissional da saúde e o paciente ou o seu tutor, mas também é imprescindível a orientação de valores para a atuação ética do profissional.

Podemos dar como exemplo, o processo de eutanásia de um cão doméstico. Um cão possui uma doença terminal que o debilita demasiadamente de acordo com o tempo e este está apenas sofrendo. O tutor desse animal leva-o ao médico veterinário, que é um profissional capacitado comprometido em fazer o atendimento desse animal em troca de uma remuneração da parte do tutor pelo seu serviço, aqui temos um contrato hobbesiano.

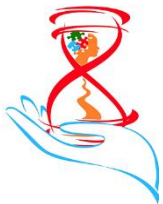
O processo ético seria o veterinário assim que detectada a doença incurável do cão, informar a real situação do animal para o tutor e se este optar pela eutanásia visando o bem-estar do seu animal pagar apenas por esse procedimento ao veterinário. Esse seria o normal do contrato, mas e se o veterinário não informar ao tutor a real situação do animal e fizer um tratamento diferente apenas com intuito de tirar-lhe mais dinheiro através de mais tratamentos? Esse é o ponto pouco discutido por Hobbes na lógica contratual e que ocorre excessivamente em todos os setores da sociedade, até mesmo no próprio Estado que deveria ser garantidor do cumprimento dos contratos, ou seja, a justiça.

Ao Estado Civil, [...] cabe também garantir as outras leis naturais, ou seja, restringir as tendências humanas à inveja, agressão, desconfiança, etc., tanto quanto reforçar as virtudes de gratidão, clemência, obediência à autoridade, respeito pelos iguais direitos dos outros etc. como meios adequados de garantir a paz ou a harmonia social. (DALL'AGNOL, 2009, p. 27).

Atualmente, o que infelizmente se torna comum são as “quebras” desses contratos, sobretudo no âmbito profissional. Talvez por um exemplo errôneo vindo da parte governamental, muitos profissionais acabam se deixando levar por tais atos e cometendo atitudes ilícitas, prejudicando todos os indivíduos que estão neste contrato, desencadeando uma desarmonia social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa exemplificação do que viria a ser um contrato social estilo Hobbesiano no âmbito de um profissional veterinário, fica evidente que mesmo com a supervisão de um órgão responsável considerado supremo, e ainda que houvesse punições para as partes que não se fizessem cumprir com o previamente combinado, é racionalmente impossível construir uma sociedade livre de qualquer tipo de



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

corrupção, haja vista que sociedades são construídas por pessoas, que são movidas por desejos, ambições e ganância, tornando inviável a realização de uma sociedade perfeita e totalmente íntegra. Com isso, queremos dizer que além da segurança do contrato, são fundamentais princípios e valores que orientem a atuação livre e ética da relação profissional.

REFERÊNCIAS

DALL'AGNOL, Darlei. **Ética II**. Florianópolis: FILOSOFIA/EAD/UFSC, 2009.

HOBBS, Thomas. **Do Cidadão**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

HOBBS, Thomas. **Leviathan**. São Paulo: Abri Cultural, 1980. (Os pensadores).

MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, Classe e Movimento Social**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

CRÍTICA AO DARWINISMO SOCIAL E À MERITOCRACIA ESCOLAR

Lilian Carla Parizoto¹
Ana Paula Ferrandin Urbano²
Rafaela Fassina Pazinato³
Rodrigo Capeletti⁴
Gilson Luís Voloski⁵

INTRODUÇÃO

Este texto objetiva apresentar o conceito de darwinismo social e sua relação com a meritocracia, ressaltando os limites desta perspectiva no processo de democratização da educação escolar pública. A importância da reflexão crítica sobre este tema se justifica pela presença do discurso em defesa da meritocracia como reação às políticas públicas educacionais que visam beneficiar minorias historicamente excluídas.

Diante disso, qual a relação entre darwinismo social e meritocracia escolar? A utilização da meritocracia nas escolas públicas é favorável ou desfavorável para a democratização da educação? Considerando as desigualdades históricas da sociedade brasileira, marcada por certo darwinismo social, parte-se do pressuposto de que a utilização da meritocracia como base norteadora no contexto da escola pública legítima e reproduz ainda mais a desigualdade social.

1. DARWINISMO SOCIAL E MERITOCRACIA ESCOLAR

Charles Darwin é autor do livro *A origem das espécies* (1859), no qual relata em sua hipótese da seleção natural de que o indivíduo que apresenta as melhores características para determinado fator e que melhor se adapta ao ambiente é quem possui as maiores probabilidades de sobrevivência. Contudo, a visão de Darwin sobre moral tem pouco a ver com o que é caracterizado por “Darwinismo social”.

A expressão Darwinismo social surgiu com a publicação do livro *Data of Ethics* de Herbert Spencer, no qual ele procura compreender a moralidade a partir do evolucionismo. Segundo Dall’Agnol (2009, p.96), é “a tese da luta desenfreada pela existência na qual, por exemplo, os países mais fortes devem dominar, as classes mais poderosas devem mandar e que somente os indivíduos mais aptos

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza (PR), (UFFS); lilian.l.cp@hotmail.com;

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza (PR), (UFFS); ana_npi5@hotmail.com;

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza (PR), (UFFS); pazinatorafa@hotmail.com;

⁴ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza (PR), (UFFS); rodrigo.capeletti13@gmail.com;

⁵ Doutor em Educação. Professor (a) do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza (PR), (UFFS); gilson.voloski@uffs.edu.br.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

sobreviverão”. Nessa perspectiva, a nação, país ou classe mais apto dominará e comandará os mais fracos.

Esses pensamentos éticos têm claras implicações políticas, por exemplo, sustenta-se que o Estado não deve proteger socialmente os mais fracos, pois isso somente encoraja os pobres a se multiplicarem [e na sua versão mais atual] o Estado deve ser mínimo, não interferindo nas liberdades individuais ou protegendo socialmente os mais fracos ou regulando o mercado. (DALL’AGNOL, 2009, p.97).

Anterior ao darwinismo social, a meritocracia educacional já estava presente na obra do filósofo grego Platão A república, na qual somente aqueles que chegassem ao topo do processo educacional, os filósofos, seriam merecedores de governarem a cidade. Na sociedade aristocrata feudal, o sistema distribui “renda, riqueza, oportunidade e poder de acordo com o nascimento. Se você nascer na nobreza, terá direito e poder que serão negados àqueles que nasceram na servidão” (SANDEL, 2014, p.191). Na sociedade burguesa de mercado, a meritocracia é retomada, pois “repudia as hierarquias determinadas pelo nascimento. Em termos legais, permite que todos possam se esforçar e competir” (SANDEL, 2014, p.191). Desse modo, a meritocracia se apresenta como um princípio de justiça: “a cada um segundo seus méritos” (DALL’AGNOL, 2009, p. 159). Na prática, quando a meritocracia é associada ao darwinismo social, ela se torna uma forma de legitimação da desigualdade, pois as diferenças de oportunidades e condições ao desenvolvimento de aptidões à competição são desiguais como ponto de partida.

A perspectiva meritocracia escolar pressupõe que a promoção de cada aluno depende exclusivamente do seu esforço pessoal. O que até poderia ser considerado justo em uma sociedade em que as condições da realidade fossem as mesmas ou próximas. Contudo, a sociedade brasileira é marcada por enormes desigualdades. E as políticas públicas desempenham um papel importante ao processo de democratização da educação, pois buscam prover melhores condições aos desfavorecidos historicamente. É bem verdade que essas políticas são insuficientes frente às necessidades da realidade, mas pior sem elas. Além disso, é fundamental a atuação docente consciente dessa realidade, não restringindo, por exemplo, a avaliação como processo classificatório apenas com base no critério do esforço pessoal do aluno. Esse conjunto de esforços pedagógicos e administrativos, recursos diversos, políticas públicas, legislação, melhorias nos cursos de formação docente etc., não pode perder o norte que é a democratização da educação escolar: o direito de todos terem acesso a uma educação de qualidade.

Entretanto, a perspectiva do darwinismo social é a do Estado mínimo. Assim, o poder público deve evitar políticas para proteger os “mais fracos”, isto é, deixar os socialmente excluídos à própria sorte. E a meritocracia se apresenta como um mecanismo para promover a desigualdade social, pois oportuniza aos mais aptos, competentes e esforçados às melhores posições sociais. Nesse sentido, o papel da escola e do professor é realizar a classificação social, excluindo da trajetória os “mais fracos”. O Exame Nacional do Ensino Médio e os vestibulares se baseiam no critério do merecimento para a distribuição das vagas. Não é de estranhar o empate dos defensores dessa perspectiva contra a política das cotas partes.

Esta perspectiva de meritocracia acaba camuflando um sistema de ensino desigual: de um lado, aqueles que podem custear o ensino médio de qualidade e



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

cursos pré-vestibulares; de outro, a população desfavorecida, que trabalha de dia e estuda a noite. O índice de desigualdade de renda, de educação também tem seus reflexos na política, pois raramente encontraremos nas eleições as proporções de candidatos negros e índios. Isso ocorre devido ao fato de existir diferenças de oportunidades, por diversos fatores, inclusive pelas classes sociais (SILVA; BARBOSA; SOUSA, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, o darwinismo social e a meritocracia privilegiam os indivíduos que se destacam pelo seu próprio esforço. A princípio, é justo alguém obter uma posição pelos seus méritos. Porém, quando as condições favorecem alguns, oportunizando vantagens sobre outros, a meritocracia deixa de ser justa, pois se torna legitimadora da desigualdade e mantenedora da imobilidade social.

Considerando o processo de democratização educacional no Brasil, a escola básica pública enfrenta inúmeros desafios no processo de inclusão social. Nesse sentido, é imprescindível a ampliação de políticas públicas provendo as condições e oportunidades de equidade social.

REFERÊNCIAS

DALL'AGNOL, Darlei. **Ética II**. Florianópolis: Filosofia/ead/ufsc, 2009.

SILVA, Jailson de Souza e; BARBOSA, Jorge Luiz; SOUSA, Ana Inês. **Práticas Pedagógicas E A Lógica Meritória Na Universidade**. 2006. Disponível em: <<http://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/332.pdf#page=103>>. Acesso em: 16 de set 2017.

VIEIRA, Cecília Maria et al. **Reflexões Sobre A Meritocracia Na Educação Brasileira**. 2013. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3525/2905>>. Acesso em: 28 set. 2017.

SANDEL, M.J. **Justiça: O Que É Fazer A Coisa Certa**. 15.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

DA DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA AOS DESAFIOS DA DOCÊNCIA

Vitoria Karolini Betim Fieldkircher¹

Daniela Maria Rannow Pinnow²

Liziane Terezinha Jahn Neuhaus³

Gilson Luís Voloski⁴

INTRODUÇÃO

A partir da modernidade, a democratização da escola pública passou por diferentes fases, entre elas: a busca do acesso a todos; políticas de equidade e permanência; a garantia de qualidade da educação. O objetivo deste texto é reconstruir, em largos traços, esse processo histórico e ressaltar a importância da formação de professores no aspecto da qualidade. O tema é relevante tendo em vista que um dos principais objetivos da escola é formar cidadãos para a democracia. Isso implica em formar pessoas autônomas, críticas e responsáveis.

A partir dessa reconstrução histórica, busca-se refletir sobre os desafios da escola pública brasileira e da relevância da formação docente, condição indispensável para a melhoria da qualidade da educação e, conseqüentemente, do fortalecimento da democracia na sociedade brasileira.

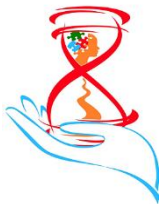
Algumas questões que orientam esse trabalho são: a sociedade brasileira conseguiu realizar as três principais fases da democratização da escola? Qual a relevância dos cursos de formação de professores nesse processo?

1 DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA E A FORMAÇÃO DO DOCENTE

O ser humano é o único ser capaz de educar e ser educado. Determinadas condições o permitem apropriar-se da cultura e formar suas capacidades e funções psíquicas. As propriedades que o fazem um ser multideterminado são: um suporte biológico, o trabalho, os instrumentos, a linguagem, as relações sociais e a consciência. (BOCK et al, 2002). Essas propriedades precisam ser cultivadas por meio da educação, sendo que, a informal ocorre espontaneamente, enquanto a formal transcorre através de estruturas de ensino como a escola.

A escola surge na sociedade grega antiga, restrita a poucos. Sua finalidade inicial era preparar as novas gerações como elite guerreira, conforme os costumes e tradições. A partir de Sócrates, o ideal formativo (Paideia) passa a ter a tarefa de preparar as novas gerações para transformar e qualificar os costumes, valores e leis da cidade. Para Platão, os desafios éticos e políticos da educação a serem enfrentados seriam os de se chegar ao reconhecimento do que é “bom, belo e justo”, como ideais da formação de cidadãos. (PAVIANI, 2008; PAGNI et al., 2007). No período medieval a educação girava em torno do valor religioso, na forma cristã, estava ligada a uma imagem de mundo como ordem, desejada por Deus e invariável (CAMBI, 1999). O acesso aos livros era restrito a poucos, geralmente, ligados ao clero.

Na transição para a modernidade, com o surgimento da burguesia se delineia uma nova concepção de mundo, laica e racionalista. Ocorrem muitas transformações, entre elas, a educação deixa de ser apenas tarefa da família e da



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

igreja para se tornar também da oficina, do exército e da escola. Período que surge o sonho pela democratização da escola pública. Na proposta da Didática magna de Comênio (1966), a educação escolar deveria ser universal, isto é, todos terem acesso.

No século XX, as pesquisas de Pierre Bourdieu revelam que a oportunidade de todos terem acesso à escola não é o suficiente para promover a igualdade social, pois os alunos chegam a ela com uma bagagem diferenciada, de acordo com o capital econômico, social e cultural do meio em que estão inseridos.

As referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (cultos, apropriados) e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitariam o aprendizado escolar na medida em que funcionariam como uma ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002 p. 22).

Essa bagagem que o aluno traz pode contribuir para o sucesso ou para o fracasso escolar. Se a escola desconsiderar isso e tratar todos da mesma forma estará promovendo a desigualdade social. Então, surge o debate em torno da importância de políticas públicas que contribuam com a equidade, condições diferenciadas para que todos tenham condições de permanecerem na escola.

Além do direito do acesso e da permanência de todos na escola, outro ponto importante para a democratização é a qualidade da educação. Paulo Freire (1987) critica a falta da formação do espírito crítico dentro da escola tradicional. Ele a intitula como educação bancária, onde o professor “deposita” os conteúdos nos educandos, isso dificulta a formação pensamento autônomo, e de questionamento do mundo.

Na interpretação de Oliveira, Florestan Fernandes considera que se deve:

[...] educar o Povo para a democracia, se quisermos instaurá-la de fato e fortalecê-la incessantemente na sociedade brasileira. Enquanto o Povo não for o árbitro supremo e final das decisões políticas tomadas em seu nome, os seus “representantes” no Poder não terão forças, mesmo que o queiram, para agir com inteira liberdade e civismo no trato de questões que envolvam interesses substanciais. Porém, para que o Povo preencha essas funções, é imprescindível que ele seja preparado para tanto [...] Aí está, sem rebuscos, o dilema da situação política brasileira, que associa o destino da democracia entre nós ao que soubermos fazer em prol da modernização do ensino e da educação popular. (OLIVEIRA, 2010 p.69).

A educação para autonomia implica numa educação escolar de qualidade. A garantia disso implica em vários fatores, principalmente na formação de bons professores, afinal são esses que vão auxiliar o aluno no desenvolvimento do pensamento autônomo. “Se o cidadão é o agente histórico preparado com técnicas democráticas de organização do poder para a transformação da sociedade, o professor é o agente de formação desse cidadão”. (MATUI, 2001 p.89).

[...] é possível arrolar vários problemas e temas que mostram a necessidade de o professor, no seu cotidiano, ter uma consciência política aguda e aguçada, firme e exemplar. [...] ele precisa ter instrumentos intelectuais para ser crítico diante dessa realidade e para, nessa realidade, desenvolver uma nova prática, que vá além da escola (FERNANDES, 1989, p. 170).



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Devendo adentrar na escola com consciência das diferenças sociais de cada aluno e sabendo lidar com elas, desenvolvendo métodos de ensino que estimulem o aluno a refletir, e a buscar o conhecimento, de forma que todos consigam se desenvolver no meio escolar. Para tanto, a formação de educadores deve ser muito bem desenvolvida e zelada.

Percebemos que no Brasil, culpa-se o professor pelo ensino de baixa qualidade, porém pouco se investe na qualidade da formação e precariza-se a profissão, a maioria dos cursos de licenciaturas é desenvolvida no período noturno e até a distância com limitadas condições de formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de democratização da escola pública brasileira pode ser compreendido em três fases: a busca de acesso de todos a escola, já conquistado; políticas públicas de permanência (evitar o abandono), o que já está praticamente encaminhado; e a melhoria da qualidade da educação, que ainda é o grande desafio da educação brasileira. Esse desafio só pode ser superado com professores bem formados e qualificados.

REFERÊNCIAS

- BOCK, A; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. **Psicologias: Uma Introdução Ao Estudo De Psicologia**, v. 13, p. 167-78, 2002.
- CAMBI, Franco. **História Da Pedagogia**. São Paulo; Feui, p. 141 -149, 1999.
- COMÊNIO, João Amós. **Didática Magna – Tratado Da Arte Universal De Ensinar Tudo A Todos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.
- FERNANDES F. **A Constituição Inacabada: Vias Históricas E Significado Político**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia Do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- MATUI, Jiron. **Cidadão E Professor Em Florestan**. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção Questões de Nossa Época, v. 90).
- NOGUEIRA, C. M. M., & NOGUEIRA, M. A. (2002). **A Sociologia Da Educação De Pierre Bourdieu: Limites E Contribuições**. Educação & Sociedade, 23(78), 15-36.
- OLIVEIRA, Marcos Marques de. **Florestan Fernandes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- PAGNI, P. A. et al. **Introdução À Filosofia Da Educação**. São Paulo: Avercamp, 2007.
- PAVIANI, J. **Platão E A Educação**. Belo Horizonte, Autêntica, p 39- 55 2008.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**DESAFIOS DA DOCÊNCIA: “HÁ SEMPRE MUITOS “MAS” ENTRE O QUE
PODERÍAMOS E O QUE EFETIVAMENTE CONSEGUIMOS FAZER...”**

Paola Talite Clein¹
Márcia Andrea do Santos²

INTRODUÇÃO

O sistema de ensino brasileiro tem apresentado cada vez mais resultados insatisfatórios, o que intensifica a crítica de que a escola não está realizando seu papel (ANTUNES, 2003). Especificamente em relação ao ensino de Língua Portuguesa (LP), as avaliações de aprendizagem indicam que grande parte dos alunos apresenta sérios problemas em atividades de interpretação textual e produção de textos, o que acaba colocando o professor desta disciplina no centro dos ataques, recaindo unicamente sobre a sua figura o papel de responsável por este insucesso. Todavia, há uma série de questões envolvidas que convergem (negativamente) para que obtenhamos tais resultados.

O professor de Português enfrenta diariamente muitos desafios na realização de sua atividade docente, e é através desta pesquisa que buscamos investigar este cenário. Portanto, nosso objetivo é responder os seguintes questionamentos: de que ordem são (teórico-práticos, didáticos, socioculturais) as dificuldades enfrentadas por professores de LP em sala de aula? Profissionais com tempo de atuação distinto (mais experientes e menos) encontram obstáculos diferentes no cotidiano escolar?

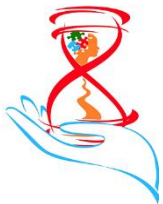
Nossos objetivos a partir deste estudo são: reconhecer de que natureza são as dificuldades que se apresentam em um contexto cultural específico ao identificar e listar com quais adversidades os professores mais experientes é confrontado em relação aos menos experientes, a saber, até que ponto elas se assemelham e/ou diferenciam-se.

Acreditamos que a presente investigação, assim como outros estudos que fazem parte do domínio da Linguística Aplicada, justifica-se por ser um meio de colaborar na resolução de impasses onde a linguagem está envolvida (TUCKER, 1996 apud LEFFA, 2001), além de contribuir para as discussões a respeito do trabalho do professor de Língua Portuguesa.

1 METODOLOGIA

O foco deste trabalho volta-se para o discurso docente – nosso objeto de análise. Portanto, os participantes correspondem a um grupo de oito docentes atuantes em sete escolas (três de contexto rural e cinco situadas em zona urbana) da rede estadual de ensino do Paraná. Os participantes, de modo a atender aos objetivos da pesquisa, foram divididos em dois grupos. O primeiro grupo, “menos experientes”, tem atuado em sala de aula no período máximo de cinco anos. O segundo grupo, “mais experientes”, tem atuado na profissão entre vinte e trinta anos.

A geração de dados ocorreu mediante a aplicação de questionário escrito. Este foi composto por vinte questões discursivas



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

tratando de vários assuntos relativos à prática pedagógica do professor de Português. Recorremos, neste estudo, à abordagem de natureza qualitativa (MINAYO, 2009) de tipo pesquisa de campo com fins descritivos (GIL, 2008).

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base em autores que refletem sobre ensino (LIBÂNEO, 2012; MORAES, 1996; MIZUKAMI, 1986) e trabalho docente (LIMA, 2010; QUELUZ; ALONSO, 2003; LUPORINI et. al, 2003) - realizamos a interpretação e discussão de dados apresentadas a seguir.

As representações docentes revelaram que a natureza dos impasses enfrentados é muito similar - embora alguns participantes tenham enfatizado determinadas dificuldades em detrimento de outras. Assim, as complicações são de diferentes ordens, com maior recorrência nos teórico-práticas e didático: horas atividade insuficientes, grandes aglomerados de educandos, indisciplina, defasagem de estrutura física escolar e materiais tecnológicos que servem como ferramenta de trabalho. Sete dos professores afirmaram que apesar de haver, por exemplo, TVs e computadores, estes são insuficientes e/ou não se encontram em boas condições de uso: “a tecnologia realmente não é algo eficaz na minha escola”; “os recursos são sucateados”, “insuficientes”, “em péssimas condições”.

Em relação ao trabalho com a produção textual, com exceção de um participante, os demais declararam que há dificuldade na realização desta tarefa, pois não há tempo hábil para correção dos textos com qualidade, e muito menos é possível à reestruturação e reescrita textual. Além disso, revelou-se majoritariamente a insatisfação diante de documentos norteadores no ensino de LP, que segundo os docentes “não satisfazem todos os anseios”. Para Lima (2010) estes tipos de textos oficiais realmente deixam vagas e imprecisas as tarefas prescritas ao professor, que precisa, por conta própria, permanentemente reelaborar, interpretar e redefinir estratégias para realizar seu trabalho.

Quando se discute a respeito do trabalho docente, muitas vezes utiliza-se um discurso punitivo em relação ao professor, de modo a desconsiderar as dificuldades enfrentadas em seu cotidiano. Além disso, observa-se que a grande maioria dos profissionais do magistério não tem oportunidade e nem tempo hábil de detectar suas próprias falhas, refletir sobre elas, procurar saná-las, ou mesmo atualizar seus conhecimentos (LUPORINI et. al., 2003).

Outra questão que pode ser levantada a partir dos dados é a respeito das oportunidades oferecidas ao professor pelo sistema de ensino, a fim de estimulá-lo a posicionar-se diante de medidas autoritárias e a lutar por melhores condições de trabalho e estudo (QUELUZ, 2003). A realidade escolar corrobora negativamente para esse quadro, pois apresenta um quadro que dificulta o desenvolvimento de propostas inovadoras em função do caráter altamente burocrático e centralizador do sistema escolar brasileiro. A precariedade das instalações, a falta de formação continuada dos profissionais e o caráter autoritário do sistema escolar são apenas alguns dos problemas, entre tantos outros, que colaboram para o descrédito da escola (LUPORINI et. al, op. cit., 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Tendo em vista os resultados obtidos a partir desta pesquisa, concluímos que, são de diversas ordens as dificuldades encaradas pelo professor de Português no exercício de sua atividade. Também, que o nível de experiência profissional (neste contexto) não influencia na natureza dos problemas enfrentados em sala de aula. Além do mais, constatamos que o professor, como já abordado em outras pesquisas (LIMA, 2010), está insatisfeito com as condições de trabalho vivenciadas e que, muitas vezes, está adoecendo em decorrência disto. Apesar destes desprazeres, o docente se esforça na tentativa de realizar sua tarefa da melhor forma possível, por vezes até adquirindo materiais pedagógicos com recursos próprios, assim como levando atividades de trabalho para casa com o intuito de garantir a qualidade de ensino.

Desta maneira, ao passo que objetiva-se melhorar os resultados educacionais, há a necessidade de se repensar, primeiramente, a questão do trabalho docente. Para garantir o acesso aos saberes, a escola, na figura do professor, requer condições para realizar esta e outras tarefas que lhe competem. Desta forma, há muitas questões a serem repensadas, sobretudo pelas instâncias governamentais.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irlandé. **Aula De Português: Encontro E Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos E Técnicas Da Pesquisa Social**. 6ª. ed. – São Paulo: Atlas: 2008.
- LEFFA, Vilson J. **A Linguística Aplicada E Seu Compromisso Com A Sociedade**. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização Da Escola Pública: A Pedagogia Crítico-Social Dos Conteúdos**. 27ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- LIMA, Anselmo Pereira de. **Visitas técnicas: Interação Escola-Empresa**. Curitiba: CRV, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método E Criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LUPORINI, Teresa Jussara; MARTINS, Rosilda Baron; RIBAS, Mariná Holzmann. **O Pensado E O Construído: Um Olhar Sobre O Cotidiano Da Escola**.
- QUELUZ, Ana Gracinda (Ori.); ALONSO, Myrtes (org.). **O Trabalho Docente: Teoria & Prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- MORAES, Maria Candida. **O Paradigma Educacional Emergente: Implicações Na Formação Do Professor E Nas Práticas Pedagógicas**. Em Aberto, Brasília, ano 16. n.70, abr./jun. 1996.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

QUELUZ, Ana Gracinda; ALONSO, Myrtes. **O Trabalho Docente: Teoria & Prática.**
São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE, EDUCAÇÃO ESCOLAR E
DEMOCRACIA.**

Andressa Luana Felichak¹
Sacha Kafer Moraes²
Vitoria Karolini Betim Fieldkircher³
Gilson Luís Voloski⁴

INTRODUÇÃO

O poder de julgar e de diferir o verdadeiro do falso denomina se bom senso ou razão, cada um presume ser possuinte, pois ninguém deseja melhor senso do que já possui. A vista disso a diversidade de opiniões se torna muito numerosa, pois a pluralidade de novas concepções decorre por conduzirmos nossos pensamentos por diversas vias e não considerarmos as mesmas coisas. A razão e o bom senso é a única coisa que nos torna humanos e nos distingue dos animais. (DESCARTES, 2001).

Segundo Kant (2005), esclarecimento é à saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é o culpado. Que é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo, sendo ele é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outro. Ter coragem de fazer uso de teu próprio entendimento é o objetivo do esclarecimento. A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma grande parte dos homens, depois que a natureza os libertou de uma direção estranha, continuam, de bom grado menores durante toda a vida.

A educação, enquanto fator de equalização social é um instrumento de aperfeiçoamento para a libertação do indivíduo, o conhecimento atua incutindo neles o sentimento de aceitação dos demais e pelos demais. E esse conhecimento que é transmitido aos alunos, vem grande parte dos seus professores, e é assim que o professor assume um papel crucial na sociedade. (SAVIANI, 2009).

Levando em conta esses fatores, surge uma incógnita como se deu a educação nas escolas públicas até os dias atuais, e o que pode ser feito para que se tenha uma melhora na educação, visando à formação de indivíduos melhores?

1 OS PROCESSOS DA DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA

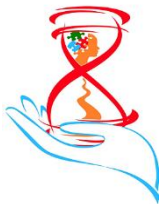
A educação é um processo decorrente de anos e foi se desenvolvendo desde as antigas civilizações até os tempos atuais. Segundo Cambi (1999), “O Estado não é igualitário, distingue entre o povo e os nobres ou homens livres, os únicos dos

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. felichakandressa@gmail.com

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. sacha.km@hotmail.com

³ Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. vitoria.fieldkircher@gmail.com

⁴ Doutor em Educação. Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. gilson.voloski@uffs.edu.br.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

quais a educação se ocupa, já que só eles vivem com razão no conforto (scholé)”. Dando destaque ao aprendizado sobre “viver no ócio”, pois só assim era possível atingir a virtude da sabedoria, que se dava a partir do controle do corpo e dos apetites, para depois dar início à instrução educacional e sendo assim quem trabalhava não possuía chances e oportunidades de ingressar em uma escola.

Em Atenas, a educação era desenvolvida sem a regulamentação de um sistema elaborado e rígido, sob a inteira responsabilidade da iniciativa individual. A educação recebida pela criança dependia da vontade e da capacidade financeira da família para pagar essa escolaridade. Quando a criança atingia a adolescência, o acompanhamento escolar era interrompido, e então, seu aprendizado passava a ser introduzido pela sua participação com a sociedade. Com isso é possível averiguar que o ensino em Atenas tinha como princípio além dos aspectos físicos e mentais atingirem a excelência moral. (PAVIANI, 2008).

Na Europa a idade média era regida pelo cristianismo, por isso, nessa época os modelos educativos e as práticas de formação, partiam da igreja. A escola que nós conhecemos é um produto do final da Idade Média. A sua estrutura ligada a presença de um professor, detentor do conhecimento que ensina a muitos alunos, de diversas procedências, o qual deve responder pela sua atividade à igreja ou a outro poder. Neste período poucos tinham acesso à educação e os livros ficavam em mosteiros, e o acesso a estes livros era restrito para apenas algumas autoridades da igreja. (CAMBI, 1999).

O surgimento da escola no mundo moderno tem como ênfase uma educação para todos e tinha como objetivo formar a autonomia do indivíduo. A modernidade opera uma mudança dupla, primeiramente de laicização, tirando a mentalidade da visão religiosa do mundo e da vida como um todo, unindo o homem a história e a direção do seu processo de liberdade e progresso, em segundo, a racionalização, provocando uma transformação na área do conhecimento que se fundamentam e se constituem por meio de um livre uso da razão, contrapondo-se a qualquer tipo de preconceito (CAMBI, 1999). Por isso na modernidade a escola ocupa um lugar mais central, cada vez mais orgânico e funcional para o desenvolvimento da sociedade moderna, onde o cidadão tem o direito de estudar e a liberdade de querer ir mais além, porém, mesmo tendo passado tanto tempo desde o surgimento da escola, mudanças ainda são necessárias para melhorá-la, como um maior incentivo econômico, pois cada vez mais a educação está ficando de lado e o dinheiro que deveria vir para a educação está sendo usado em falsos avanços econômicos do país e isso é preocupante. (CAMBI, 1999).

A civilização contemporânea se configura pelo êxito do homem sobre as coisas, neste o indivíduo é um ser observador menos atento e materialista, em que as conquistas de ordem moral não caminham paralelas aos progressos científicos no domínio e na submissão das forças naturais, desta maneira, a civilização se resultou da aplicação efetiva do espírito humano à conquista da natureza e ao melhoramento das condições e das possibilidades do homem, não seria própria a denominação de “materialista”, mais adequada a uma civilização “limitada pela matéria e incapaz de dominá-la, aproveitá-la e ultrapassá-la.” (MANIFESTO, 2010).

Toda a cultura superior, no Brasil, nunca ultrapassou os limites das ambições profissionais, organizada unicamente para a formação profissional. As perturbações políticas, econômicas e sociais obrigaram a concentrar-se, a refletir e a submeter às instituições, os homens e os fatos a um processo de revisão, objetiva e penetrante,



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

com que aprendeu a sacudir os ombros aos sofismas de todos os mercadores de ideias. (MANIFESTO, 2010).

A partir de 30, aqueles movimentos sociais, de origem, por exemplo, anarquista, socialista, marxista, que conclamavam o povo a se organizar e reivindicar a criação de escolas para os trabalhadores perderam a vez, e todos os progressistas em educação tendem a endossar o credo escola no vista. Uma escola com turmas separadas e um professor para cada turma sendo este capacitado e com autoridade começa a vigorar, a escola tradicional assim denominada foi entendida e vista como um fracasso, mas foi desta escola que se sucedeu a que temos hoje, pois é a que tem menos custos para manter (SAVIANI, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vista disso eis a questão: Se queremos mudar o Brasil para melhor será que a educação não deveria ser priorizada? Visando que é dela que acreditamos gerar pessoas melhores, críticas, criativas, preocupadas com o bem-estar da população e não com a sua visão voltada para si? Se hoje todos têm acesso à escola pública e nem todos tem uma educação de qualidade. Para isso, tão importante quanto à melhoria das condições materiais da escola pública é a qualidade da formação das graduações de licenciaturas nas universidades. Numa rápida reconstrução histórica da entidade escolar, verificamos que avançou significativamente a democratização do acesso, mas ainda é um desafio atual a melhoria da qualidade da educação escolar brasileira, pressuposto básico da autonomia do cidadão, que sem uma boa formação docente é inviável.

REFERÊNCIAS

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo; Feu, p. 141 -149, 1999.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. Livraria Martin Fontes Editora Ltda. São Paulo. 2001. 71 p.

PAVIANI, J. **Platão e a educação**. Belo Horizonte, Autêntica, p 39- 55, 2008.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 41. ed. São Paulo: Autores Associados, 2009.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932) E DOS EDUCADORES (1959) Fernando de Azevedo... [et al.]. Recife; Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

KANT, Immanuel. **Resposta a pergunta: Que é esclarecimento?** Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 2005.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

DEVERES E DIFICULDADES DOS PROFESSORES PARA COM OS ALUNOS

Eduardo Gabriel Sperandio de Conto
Kamila da Rosa
Ana Paula Ferrandin Urbano
Susana Aparecido Ferreira

INTRODUÇÃO

Segundo autores como Selma Garrido Pimenta, Paulo Freyre, Castro e Almeida, os professores têm muitos deveres que exigem responsabilidade. Ressaltando que os deveres não devem ser feitos por obrigação, mas sim por amor, para que o aluno consiga ser realmente aprender e adquirir conhecimento e não apenas decorrem conceitos para a prova. Desse modo o professor não nasce com o “dom” para atuar na educação, mas durante a graduação, participa de inúmeras matérias que possibilitam tal aproximação, tendo a identificação com tal profissão, para que este se torne professor, os alunos devem levar como exemplos os seus próprios professores positiva ou negativamente, e assim poder proporcionar, novas e melhores experiências para os próximos discentes.

Há leis do governo federal como a lei nº 9.394 de 19965, citada abaixo, que especificam o que um aluno deve saber ao terminar determinados níveis de ensino, e é obrigação do professor não apenas apresentar conteúdos no quadro, mas saber o melhor método de ensino.

Como o desenvolvimento do trabalho mostrará, o professor tem sim muitos deveres e obrigações, mas culpa-lo não é correto, sendo que há dezenas de variáveis quando o assunto é ensinar, limitações infraestruturais, orçamentárias, sociais, etc.

1 OPINIÕES DE DIVERSOS AUTORES SOBRE OS DEVERES DOS PROFESSORES

Já na formação continuada de professores, há três quesitos importantes para este profissional segundo Castro e Almeida (2015): “uma formação inicial que lhes possibilitasse traçar rumos para suas trajetórias; autonomia para decidir quando, onde e como continuarão a se formar; condições materiais para frequentar cursos, desenvolver pesquisas e produzir propostas de intervenção.”

Segundo a autora Selma Garrido Pimenta, os alunos devem ter experiência com os próprios professores, para conseguirem se identificar como profissionais.

Quando os alunos ingressam num curso de formação de professores, já tem saberes sobre o que é ser professor, que são “os saberes de suas experiências de alunos que forma de diferentes professores em toda a sua vida escolar e o desafio do curso é o de colaborar no processo de passagem dos alunos se seu vir o professor como aluno a seu ver-se como professor, de construir a sua identidade de professor.” (PIMENTA, 1999, p. 20).



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Autores como Selma Garrido Pimenta, Paulo Freyre, Castro e Almeida, afirmam que os professores são cabidos de muitas responsabilidades devido ao seu trabalho. Ressaltando que os deveres não devem ser feitos por obrigação, mas sim por vontade própria, para que o aluno sinta essa vontade e queira aprender e adquirir conhecimento, não apenas decore conceitos para “passar de ano”. Portanto, o professor não aprende na faculdade como ensinar, pois, cada aluno é diferente dos outros, por isso, durante a graduação, participa de inúmeras palestras que abrem as portas para tal aprendizagem, muitas vezes levando seus professores de graduação como exemplo, e assim podendo proporcionar novas e melhores experiências para os alunos, futuros professores.

Pimenta ainda diz (Pimenta, 1999, p. 21) “trabalhar com as informações, analisando-as, classificando-as. Pois, é preciso informar e trabalhar com as informações para se construir a inteligência.” Referindo-se ao saber prático-científico que o professor deve ter, para então passar adiante tal conhecimento.

Um dos assuntos mais discutido em meio acadêmico é sobre a responsabilidade que o professor tem em ensinar e a sua efetividade em tal assunto, pois é um tema de real importância na formação da sociedade. Mas responsabilizar apenas o professor em uma questão dessa não é a resposta.

Saber ensinar requer não somente conhecer o conteúdo e transmiti-lo, conhecer o programa da disciplina e questionar como os conteúdos foram selecionados, nem somente saber a forma de ensina-lo, conhecer atividades de aprendizagem, mas todo este plurais são primordiais para que o professor ensine de forma que seu aluno aprenda criticamente, contribuindo para transformar a realidade e resolver os problemas sociais existentes. (PINHEIRO e Romanowski, 2009, p. 11).

Quando se trata do professor de séries iniciais do ensino fundamental, o professor deve ter cursos voltados a esta formação e análises constantes das dificuldades particulares dos seus alunos. A maior dificuldade do professor é a de contribuir na formação de seus alunos, tanto no presente quanto futuramente, pois os alunos são considerados “sujeitos sociais”, segundo Freire. Sendo necessário amar o ato de ensinar para que o professor atue de forma mais efetiva, obtendo o melhor resultado para seus alunos.

Conforme a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Título V, Capítulo II, seção IV.

“I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;” (BRASIL, 1996, p. 15).

O professor tem o dever de preparar o aluno para a continuação de seus estudos, fornecendo o conhecimento e a cidadania necessária para tal.

Conforme a mesma lei, “III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.”



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Também é dever do professor formar um cidadão crítico e com autonomia para suas próprias opiniões, sendo indispensável tal critério para a formação de um país mais crítico e, portanto, mais igualitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intentamos com esse relato, refletir acerca da docência, pensando no ensino da química como estamos inseridos também na docência essas reflexões acerca de formação inicial e continuada também abarca os cursos de licenciatura, como é o caso do Curso de química. São discussões importantes que auxiliam na formação do cidadão crítico e reflexivo.

Outro assunto pautado é a responsabilidade do professor sobre a aprendizagem do aluno, algo que não deve ser colocado todo no professor uma vez que há muitas variáveis em seu caminho, entretanto sempre é colocado como culpado, pois é quem está em contato com o aluno.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Marcelo Macedo Corrêa; AMORIM, Rejane Maria Almeida Amorim. **A Formação Inicial e Continuada: Diferenças Conceituais que Legitimam um Espaço de Formação Permanente de Vida** (2015). Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n95/0101-3262-ccedes-35-95-00037.pdf>.

Acessado dia 14 de outubro de 2017

PINHEIRO, Geslani Cristina Grzyb; ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Saberes Docentes e a Formação Inicial do Professor para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental (2009)**. IX EDUCERE. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2885_1276.pdf>.

Acessado dia 15 de outubro de 2017

DE MELLO, Guiomar Namó. **Formação Inicial de Professores para a Educação Básica (2000)**. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100012

Acessado dia 12 de outubro de 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

DEVER ESTOICO E CONDUTA PROFISSIONAL

Naiara Vitoria Ferreira Cortes Koprovski
Rodrigo Mateus de Souza
Laura de Vargas
Gilson Luís Volosk
Susana Aparecida Ferreira

INTRODUÇÃO

O período helenístico foi leito do nascimento de novas correntes filosóficas que marcaram a cultura grega e a civilização ocidental. O presente trabalho tem por objetivo apresentar o princípio do dever estoico e pensar seu desdobramento sobre a conduta ética do profissional contemporâneo.

Dessa forma, tendo em vista que a atual sociedade passa por uma crise de valores morais, ao passo que os indivíduos são condicionados a ambicionar sempre mais, e, por vezes, cometem desvios na sua conduta ética, justifica-se a relevância de tal temática. De outro modo, os profissionais são desafiados a fazerem escolhas, as quais podem ser decisivas para a integridade de uma empresa e/ou a sua própria carreira, bem como o impacto social que pode exercer sobre a vida de outras pessoas. É nesse ponto que se destaca a relevância de pensarmos a conduta ética do profissional a partir das contribuições da ética estoica. Nesse sentido, que argumentos estoicos podem justificar a conservação íntegra do profissional diante da pressão corruptora da própria sociedade?

1 DO DEVER E DO PROFISSIONAL CONTEMPORÂNEO

No período Helenístico, surgiram correntes filosóficas em continuidade às ideias dos clássicos, divididas entre ceticismo, epicurismo e estoicismo. Todas dão ênfase à busca da felicidade e a sua relação com a virtude. Primeiro, destacaremos o dever estoico e, depois, a relevância do dever nas profissões contemporâneas.

2 DEVER NA ÉTICA ESTOICA

O Estoicismo foi fundado por Zenão de Eleia (490 a 430 a.C.) e fundamentava-se no princípio de que a virtude é o bem supremo e que por meio dela é possível contemplar a felicidade. Nessa perspectiva, o “sábio” deve desprender-se dos prazeres e dos bens materiais, vivendo de acordo com a natureza. O conceito de dever foi introduzido pela primeira vez por Zenão, no sentido de obrigatoriedade. O princípio “viver de acordo com a natureza” significa não seguir qualquer impulso de prazer ou vantagem, mas conservar-se na reta razão, como se observa no seguinte trecho:

O fim supremo, então é compreendido pelos estoicos antigos a partir de Zenão como viver segundo a natureza, ou seja, de acordo com a nossa própria natureza racional e com a natureza do mundo inteiro. Em termos éticos, esta seria uma vida na qual devemos nos abster de ações proibidas pela reta da razão (DALL’AGNOL, 2008, p.159).



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Assim, o ser humano se torna virtuoso pela realização de boas ações, no esforço de conservar a si mesmo. Na ordem do mundo, todos os seres vivos buscam, de acordo com sua natureza, a auto conservação: os vegetais pela resistência; os animais por instintos; e os seres humanos pela intervenção da razão. O princípio “viver de acordo com a natureza”, significa a apropriação de o próprio ser e daquilo que o conserva. “Em particular, posto que o homem não seja simplesmente ser vivente, mas é ser racional, o viver segundo a natureza será um viver “conciliando-se” com o próprio ser racional, conservando-o e atualizando-o plenamente” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 261). No caso do homem, o dever está em reconhecer a ordem da natureza e viver de acordo com ela, buscando preservar a sua integridade. O dever como “cuidado de si” não se restringe apenas ao indivíduo, mas também àqueles que dependem dele, aos seus próximos, como o zelo do pai ao filho, e a sociedade humana em geral.

Desconsiderar o dever e viver contra a natureza é irracional, pois gera danos na conservação de si e da sociedade. Isso pode acontecer porque o indivíduo não reconhece a sua ordem ou decidiu ignorá-la, o que pode resultar na corrupção, pois as “ações humanas cumpridas em tudo e por tudo segundo o logos chamam-se ‘ações moralmente perfeitas’; as contrárias são ‘ações viciosas ou erros morais’” (REALE; ANTISERI, 1990, p.264).

3 A RELEVÂNCIA DO DEVER E O PROFISSIONAL CONTEMPORÂNEO

Com base nas contribuições conceituais do princípio estoico de dever buscaremos pensar alguns desdobramentos ao profissional contemporâneo.

Inicialmente, o princípio estoico pode ser pensado como “viver de acordo com a natureza da sua profissão”. O dever começa no compromisso do acadêmico de se apropriar e ter o pleno domínio de um conjunto de conhecimentos científicos, técnicos e éticos. Esse conhecimento necessário é que o poderá conservá-lo íntegro no seu propósito profissional. Do contrário, uma formação insuficiente ou descompromissada poderá decorrer em dano a “conservação de si”.

Quando bem formado, o dever estoico se refere em seguir a reta razão na atuação profissional. Isso significa reconhecer e respeitar a natureza racional de sua comunidade, pois ela é que tem legitimidade para atuar na área profissional. Fazer parte dela implica zelar pela sua conservação por meio de uma atuação responsável.

A corrupção é contrária ao dever, pois não avalia as consequências ou age contra ele. As motivações podem ser coercitivas quando fatos externos induzem o indivíduo ou podem ser conscientes quando o escolhe moralmente. Diante disso, compreende-se a importância do cumprimento do dever de atuar de acordo com a natureza profissional. Atuando de acordo com a razão, mesmo que não seja o meio mais fácil para atingir seus desejos e anseios, mas de conquistará “tranquilidade da alma”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, consideremos que os princípios estoicos podem contribuir para que o profissional se conserve íntegro e resista com vigor diante da pressão corruptora da própria sociedade, do popular jeitinho brasileiro, por isso deve viver conforme a natureza da sua comunidade profissional, seguindo o logos inerente ao



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

seu código de ética, guiando-se pelo cumprimento do dever a ele designado, garantindo, assim, asua“tranquilidade da alma”.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi: revisão da tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5º ed. SãoPaulo: Martins Fontes, 2007.

DALL’ AGNOL, D. **Ética**. Florianópolis: Filosofia/Ead/UFSC, 2008.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: PAULUS, 1990.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E FORMAÇÃO: PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES/AS.**

Susana Aparecida Ferreira¹

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço importante para auxiliar na desconstrução do racismo e do preconceito (HENRIQUES, 2002), assim, entendo a necessidade de instrumentalização dos professores para o trabalho com a temática racial para atingir tal objetivo. A partir da exigência do trabalho com diversidade étnico-racial nas escolas públicas e privadas pelo governo Federal a partir da lei 10.639 de 2003², mesmo com passos lentos, discussões e ações começaram a acontecer. Passados bem mais de 10 anos da promulgação de tal lei, o processo dessas ações e reflexões em favor da igualdade racial ainda está aquém do necessário. Dessa maneira pauto esse relato em uma oficina de formação de professores, de curta duração, a qual ministrei para professores e professoras de duas escolas da região sudoeste. A formação foi oferecida pela Universidade que trabalho. Foram duas tardes de formação continuada, 4 horas /aula, com duas turmas de professores. Respectivamente, uma tarde para cada turma.

Nessa oficina, trouxe questões e reflexões em torno da diversidade étnico-racial nas escolas, abarcando a lei 10.639 de 2003. Ainda, contação de história com o livro de literatura infantil *As Bonecas Negras* de Lara, de Aparecida de Jesus Ferreira acompanhada de atividade prática, lúdica e reflexiva com confecção de *Abayomis*³.

Para que fosse possível guardar as reflexões dessas professoras e professores⁴, solicitei que ao final de cada oficina, escrevessem um relato simples, avaliando a contribuição da oficina. Assim, apoiei esse relato nas reflexões de professores e professoras da rede municipal de ensino de duas escolas da região

¹ Profa Dra. Susana Aparecida Ferreira- Unioeste -Profa. do Curso de Letras. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. susana.a.ferreira@uffs.edu.br

² A lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, altera a lei 9.394, de dezembro de 1996, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. O parecer CNE/CP 003/2004 e a Resolução CNE/CP 001/2004 regulamentam esta lei.

³ “Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como *Abayomi*, termo que significa ‘Encontro precioso’, em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim”. Fone: <https://www.geledes.org.br/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>. Acesso em 23 de Outubro de 2017.

⁴ Primando pela ética, neste trabalho, não identifiquei as escolas, as quais esses profissionais fazem parte, nem os profissionais, para que não seja possível a identificação dos mesmos. Os nomes que apareceram, são fictícios.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

sudoeste do Paraná. Dessa forma, na conclusão intentei responder: De que forma uma oficina de formação continuada de curta duração pode contribuir para as reflexões sobre as questões étnico-raciais?

A organização do relato trouxe em primeiro lugar alguns apontamentos acerca da diversidade étnico-racial, formação de professores, interpretações acerca de fragmentos dos relatos de duas professoras da oficina (cada uma de uma escola), e as conclusões.

1 DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA VOZ DE PROFESSORES E PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL

Com a obrigatoriedade da inserção da temática racial, os professores de uma maneira geral, começaram a enfrentar uma série de desafios. Para Moore (2010), o desafio é trazer para a escola, tantas questões culturais e históricas que envolvem o trabalho com as questões raciais envolvem. Assim, é fundamental que a formação inicial e continuada, traga também instrumentos para preparar o professor a lidar com temática em sala de aula (MOORE, 2010).

2 A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO CONTINUADA VOLTADA PARA A TEMÁTICA RACIAL NA VOZ DOS PROFESSORES E PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL

Os professores e professoras que participaram da oficina apresentaram interesse pela temática, ainda solicitaram que sejam oferecidas formações com um tempo maior de duração.

A formação é importante porque ainda existe preconceito e racismo. Precisamos na verdade de mais tempo, pois o tema é polêmico e a oficina oferecida veio a calhar [...]. (relato, professora da escola Azul, 17/07 /2017).

Muitos profissionais pecam ao trabalhar com diversidade cultural e de gênero, tendo como consequência a falta de informação. (relato, professora da escola Amarela, 18 /07 /2017).

A professora da escola Azul, demonstrou porque entende a necessidade de formações desse tipo, apontando que entende a existência do preconceito e a polêmica do tema faz com que os professores deixem de refletir em sala de aula (OLIVEIRA; FERREIRA, 2017). Mesmo assim, é importante a conscientização do docente sobre sua responsabilidade e desafio de abordar a temática racial em suas aulas. Ainda, a professora da escola Amarela, apontou a necessidade de informações para que possam realizar um trabalho efetivo em sala de aula. É necessário que os professores instrumentalizem-se para que seja possível sair do silenciamento (FERREIRA, 2016).

3 ATIVIDADES PRÁTICAS: O LIVRO AS BONECAS NEGRAS DE LARA E AS ABAYOMIS.

O livro As Bonecas Negras de Lara é traz, de maneira simples, discussões importantíssimas acerca do racismo e empoderamento, entre outras questões.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Retrata a história de Lara, sua família, amigos e brincadeiras. Na história, a avó de Lara, conta a história das bonecas Abayomi, feitas com pedaços de tecidos rasgados das roupas das mulheres negras, trazidas nos navios negreiros. A partir dessa parte do livro, utilizei a história das bonecas para realizar um momento prático, no qual as professoras e professores fizeram sua própria boneca.

A construção da boneca Abayomi foi muito rica para finalizar a oficina. Sugestões: Construção de um material para ser distribuído nas escolas. (relato, professora da escola Amarela, 18 /07 /2017).

A oficina foi produtiva, pois apresentou leis como a LDB e as Diretrizes. E a confecção de boneco garantido também um momento de diálogo e reflexão. (relato, professora da escola Azul, 17 /07 /2017).

As professoras dos relatos citados, falaram sobre a riqueza de se trabalhar ludicamente, o que proporcionou, segundo elas, um fechamento de oficina. Ainda, a importância de conhecer documentos oficiais que abordam as questões raciais. A respeito dessa questão, elas tiveram interesse em saber mais, entretanto, com o prazo curto da oficina foi possível repassar alguns tópicos e incitar algumas reflexões.

CONCLUSÃO

Compreendo que, os professores e professoras entendem a importância e a necessidade da inserção da temática racial em sala de aula. Resta de certa forma compreender a importância do papel do professor em todas as etapas da educação. Não delegando a responsabilidade de tais reflexões apenas para os professores de português e história. Entretanto, de maneira geral, tais profissionais não se sentem preparados para abordar essa temática. Ainda, a partir dos relatos dos docentes, respondendo à pergunta colocada no início: Aponto que a referida oficina, mesmo curta, contribui para iniciar reflexões importantes sobre a diversidade racial, colaborando com o interesse de buscar mais reflexões e informações visando o contexto escolar.

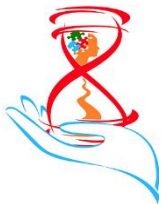
REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, e dá outras providências.** Disponível em:

<<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.639.htm>>. Acesso em: 5 fev. 2013.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **As bonecas negras de Lara.** 1ª.Ed. Élio Chaves (ilustrador). Ponta Grossa: ABC Projetos, 2017. 36 p.

OLIVEIRA, Keila. ; FERREIRA, Aparecida de. Jesus. **Identidade Social de Raça e Gênero em Sala de Aula e o Papel do Professor Enquanto Educador Social.** Cadernos de pesquisa. Pensamento educacional (CURITIBA. ONLINE), v. 12, p. 163-175, 2017.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

FERREIRA, Susana Aparecida. **Identidades Sociais de Raça, Multiletramentos e a Prática pedagógica do Professor de língua Inglesa.** Tese de doutorado. Unioeste – Cascavel –Pr, 319p. 2016.

HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero no sistema de ensino:** os limites das políticas universalistas na educação. UNESCO, 2002.



DIVERSIFICANDO MÉTODOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE CIÊNCIAS II

Caroline Somavilla¹
Camila de Amaral²
Ruben Alexandre Boelter³

INTRODUÇÃO

A profissão docente, não é uma tarefa fácil, que se conclui somente com estudos de conteúdos e de técnicas, que são aprendidos em formação inicial, mas sim é uma aprendizagem que se deve por meio da vivência de situações práticas do dia a dia. Sendo que exige o desenvolvimento de uma prática reflexiva e também de atitudes que correspondam às atuais demandas em relação ao contexto educacional (PRADO et al, 2016). Os autores ainda enfatizam que, o professor é um profissional que deve ser um eterno aprendiz, sendo capaz de refletir sobre sua prática docente, porém, não só no trabalho, mas em todos os aspectos da vida, pois estamos em constante aprendizado.

O professor ao entrar em sala de aula, se depara com muitas situações com as quais não aprendeu a lidar durante seu curso de formação inicial, e nem com sua prática docente. Por isso, a importância de realizarmos estágios durante a graduação, para que possamos sentir e vivenciar em sala de aula, um pouco daquilo que um professor passa todos os dias (CUNHA, 2012).

O estágio supervisionado deve ser entendido como um espaço em que os saberes pedagógicos não ocorrem de forma estagnada, e sim pela interação entre as várias áreas de conhecimento, sendo interdisciplinar, por tanto, o estágio deve propiciar aos estudantes não apenas a vivência em sala de aula, mas também o contato com a escola e seus mais diferentes trabalhos e ambientes (BARREIRO; GEBRAN, 2006 apud SILVA, et al. 2009), como também. Assim, ao acadêmico desenvolver a sua própria experiência e identidade profissional, criando habilidades no exercício da profissão (OLIVEIRA; CUNHA, 2006).

Diante, de todo o estudo e observações, nossa problemática, ou seja, o que investigamos em nosso estágio foi, buscar entender o que a Ciência significa para os alunos e compreender o desinteresse que muitos possuem. Procuramos abordar em nossa regência essa problemática almejando incluir atividades que estimulassem a mudança de concepções em relação ao ensino de ciências.

1 DESENVOLVIMENTO

1 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS.
carol.somavilla@hotmail.com.br

2 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS
camiladeamaral@yahoo.com.br

³ Professor do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS Campus Cerro Largo. raboelter@gmail



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Para nos proporcionar o contato com o ambiente escolar, tivemos durante o semestre de 2017.1 o componente curricular Estágio Supervisionado de Ciências II, nos possibilitou desenvolver as atividades planejadas e alcançar assim o objetivo. O campo de estágio escolhido foi a Escola Estadual Dom Carlos Eduardo estabelecida na Rua José de Alencar, 3671, localizada no município de Realeza-PR, atende turmas do ensino fundamental, desenvolvemos a regência no 7º ano “B” turno matutino que apresentava média de 34 alunos.

No ensino de ciências existem muitos desafios, que trata do cotidiano amplo, temos alguns desafios tratando sobre as concepções do ensino de ciências, no qual muitos estudantes não gostam de estudar ciências, acham chatas as aulas, não veem nada de interessante, pois não são desenvolvidas atividades que estimulem o aprendizado dos mesmos, na maior parte do tempo é utilizado o livro didático, sem fazer relações com seu dia a dia o que torna as aulas desinteressantes.

Considerando a nossa problemática e a elaboração de muitas metodologias alternativas, visamos sempre com que todos os alunos conseguissem compreender os conteúdos. Lembrando que no ensino de ciências existem diversas teorias, nomes científicos, que são muito importantes e que devem ser compreendidas, e que acabam dificultando a compreensão. E desse modo, fazendo com que muitos alunos não gostem de estudar ciências, diante disso, o professor deve trabalhar de diversas formas para atingir a maior parte dos alunos.

No decorrer das aulas da regência, sempre tínhamos um espaço de tempo para discutir com os alunos o que compreendiam sobre os conteúdos e sobre a ciência, fazíamos diversas indagações, e assim surgindo cada vez mais dúvidas vindas dos alunos, oportunizando a troca de conhecimentos. Durante o estágio a problemática era compreender algumas concepções do ensino de ciências, para isso desenvolvemos diversas metodologias diferenciadas. Sendo elas: discussões, desenhos, música, vídeos, aulas práticas e esquemas.

Sendo assim, trabalhamos com vídeos e música para introduzir um dos conteúdos, com isso possibilitando que os alunos relacionassem o conteúdo teórico com a música, e em seguida, uma discussão a respeito desta relação música x conteúdo, ressaltando que ao trabalhar com música traz também a sua letra para melhor compreensão.

Em diversos momentos solicitamos que os alunos fizessem esquemas e desenhos para que conseguissem compreender melhor, e de uma forma mais resumida os conteúdos trabalhados, e para que pudessem ter os registros em seus cadernos. Além disso, elaboramos aulas práticas no laboratório, no qual possibilitou com que os alunos observassem as células no microscópio óptico, permitindo que os alunos mudassem suas concepções a respeito das células, no qual pensavam que jamais iriam ver células e que por ser muito pequenas não era possível a visualização.

Diante disso, a linguagem não verbal no qual destacamos o desenho, é muito importante, pois, revela as visões de mundo dos alunos, e que ainda é pouco explorado e utilizado no ensino de ciências (BAPTISTA, 2000). Com isso, a outra estratégia que utilizamos em nossa regência foi à utilização de desenhos e esquemas, que também foi importante para nós e para os alunos, já que o ensino de Ciências é muito visual, e se pode trabalhar com imagens, ilustrações, e através dos desenhos dos alunos conseguiu compreender como o aluno expressa seus conhecimentos prévios.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

A metodologia da música teve boa adesão por parte dos alunos, assim como as demais, pois as músicas fazem parte de nosso cotidiano, traduzindo muitas vezes sentimentos, situações, informações acerca dos seres vivos, dos processos científicos e dos espaços em que vivemos. Pode-se observar que a música é de fácil assimilação, no qual é útil para o trabalho docente, em que deseja renovar, dinamizar e buscar maior eficiência de aprendizado e tentando abranger o maior número de alunos (BARROS et al., 2013).

O ensino de Ciências possibilita trabalhar com estratégias diversificadas, no qual os alunos podem trabalhar em grupos, individualmente, sendo que tanto um quanto o outro contribui para o exercício do pensamento crítico e do diálogo construtivo. Utilizar atividades práticas oportuniza ao aluno uma melhor compreensão de conceitos, faz com que o aluno queira aprender mais e instiga a participar mais do processo de ensino aprendizagem (BOMBONATO, 2011). Essas aulas práticas não necessitam que sejam coisas complexas demais, mas sim, que permitam um olhar diferenciado e uma aprendizagem avançada por parte dos alunos, possibilitando relacionar com acontecimentos do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de metodologias diferenciadas em sala de aula propicia uma mudança no comportamento dos alunos e professor, desperta nos alunos o espírito investigador e autônomo. Os alunos aprendem observando, participando, criando e elaborando situações que sejam do seu interesse, que estejam relacionados com seus cotidianos, e que ajudem a dar respostas às suas perguntas, e que instigam a ir buscar além do trabalhado em sala de aula.

Diante disso, nós enquanto futuros professores, devemos sim utilizar metodologias diferentes para poder abranger o maior número de alunos, e para que os conhecimentos científicos sejam compreendidos e relacionados com o dia a dia, fazendo com que não se tenha um ensino de memorização e sim de aprendizados significativos que o aluno possa utilizar em sua vida.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Geilsa Costa Santos. **Os Desenhos como Instrumento para Investigação dos Conhecimentos Prévios no Ensino de Ciências**: Um estudo de caso. 2000. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viienepec/pdfs/395.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de et al. **A Música pode ser uma Estratégia para o Ensino de Ciências Naturais?** Analisando Concepções de Professores da Educação Básica. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epec/v15n1/1983-2117-epec-15-01-00081.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

BOMBONATO, Luciana Gladis Garcia. **A importância do uso do laboratório nas aulas de ciências**. 2011. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2617/1/MD_ENSCIE_2011_1_07.pdf>. Acesso em: 17 out. 2017.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

CUNHA, Lidenora de Araujo. **O Professor de Didática e suas Aprendizagens**

Docentes: Um Estudo Focalizando Narrativas. In: MARIN, Alda Junqueira; PIMENTA, Selma Garrido. Didática: Teoria e Pesquisa. Ceará: Junqueira & Marin; Editores, 2015. Cap. 12, p. 005460.

OLIVEIRA, E.S.G.; CUNHA, V.L. **O estágio Supervisionado na formação continuada docente à distância:** desafios a vencer e Construção de novas subjetividades. Revista de Educación a Distancia. Ano V, n. 14. 2006.

PRADO, Alcindo Ferreira et al. **Ser professor na contemporaneidade:** Desafios da profissão. 2016. Disponível em: <https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol__1373923960.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2017.

SILVA, Regisnei Aparecido de Oliveira; PIOCHON, Elci Ferreira Mendes; MORAIS, Susigreicy Pires de. **Estágio curricular supervisionado em biologia:** Vivenciar e refletir a prática. 2009. Disponível em: <https://anaisdosimposio.fe.ufg.br/up/248/o/Regisnei_Aparecido_de_Oliveira_Silva_e_outros.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2017.

SOBRAL, Ana Carolina Moura Bezerra; TEIXEIRA, Francimar Martins.

Conhecimentos Prévios: Investigando como são Utilizados pelos Professores de Ciências das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. 2017. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/CR2/p654.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

DOCÊNCIA COMO EXERCÍCIO DE VIRTUDE MORAL

ClairdeFátimaCandidodeRamos¹

FernandaStrozack²

GilsonLuísVoloski³

INTRODUÇÃO

Neste trabalho trataremos de uma experiência de reflexão sobre a ética em Aristóteles, delimitando o tema no conceito de virtude moral e de que forma ele pode contribuir para pensar o exercício da docência nos anos iniciais da escola básica brasileira.

Nesse contexto de crise da sociedade brasileira, é relevante refletirmos sobre a virtude moral no ambiente escolar, especialmente, sobre a formação de bons hábitos das crianças. Para tal, ressaltamos a importância da ação virtuosa do docente, como modo de serem inspirador e referência orientadora de agir equilibrado no mundo discente.

Organizamos o texto em três partes: na primeira, apresentamos a concepção aristotélica de virtude. Na segunda, a relevância da ação virtuosa do profissional docente no atual contexto. Por último, tecemos algumas considerações finais dos desafios postos.

1 VIRTUDE EM ARISTÓTELES

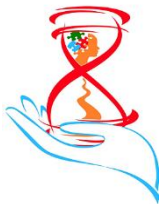
Aristóteles define a filosofia moral como ética das virtudes. Em sua teoria, defende que “[...] o ponto de partida da ética é a afirmação de que toda ação e toda escolha deliberada possui um fim próprio que é compreendido como um bem.” (DALL’AGNOL, 2008, p.115) Esse bem, é aquele a que todos direcionamos nossas ações, sendo assim, serão nossas escolhas que nos conduzirão ao estado de realização plena. Assim, vemos que o conceito de virtude é um dos caminhos para se chegar ao bem supremo, que é a felicidade – a eudaimonia.

A palavra utilizada por Aristóteles é areté, que pode significar virtude, excelência, caráter, modo de ser. Ao ser humano, a virtude está em fazer uso da razão para conquistar o bem supremo (felicidade). Essas virtudes são alcançadas através de hábitos deliberados, ou seja, escolha de como o indivíduo vai guiar suas ações. Virtude também é o modo correto de ser/deagirhumano.

Podemos dizer, portanto, que o caminho para chegarmos à felicidade deve ser virtuoso. Para que essas atitudes se tornem reais e acessíveis, deverão se constituir desde o momento de nossas práticas, nossas escolhas e o modo de agir diante dessas, ou seja, desde a formação da personalidade do indivíduo. Por isso, é tão importante o modo de agir docente pautadoembonshábitos, que servirá de exemplo modeloaserseguidopelosseusalunos.

Uma escolha é virtuosa quando escolhemos a mediana, ou seja, aquele princípio que está entre dois vícios: a falta e o excesso. “Para estabelecer a mediedade, devemos primeiro considerar o que é o correto e a partir dela estabelecer os extremos.” (DALL’AGNOL, 2008, p.125).

Segundo Aristóteles, há virtudes na qual nascemos com elas, e outras que são adquiridas por meio de nosso convívio social. A elas denominamos virtudes



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

intelectuais e virtudes morais, respectivamente. As primeiras, não nascem prontas, elas precisam ser aperfeiçoadas durante a vida pela educação. Segundo Konzen, “a excelência intelectual está vinculada à contemplação teórica das realidades imutáveis, constituintes do reino da necessidade, em relação a qual o homem não exerce qualquer referência” (2009 p.63).

As virtudes morais são adquiridas por meio dos costumes do convívio familiar e das práticas sociais das instituições, entre elas, a escola. Conforme Konzen (2009, p.63) a “excelência moral por sua vez, é de natureza prática”. Assim, se a criança cresce em um ambiente onde predomina bons hábitos, ela supostamente os possui em sua forma de agir e de se relacionar com os outros. Paviani (2014, p.226) destaca: “Tudo reside no caráter, isto é, na soma de hábitos do indivíduo adquirimos no exercício cotidiano de práticas, no hábito que dispõe a aquisição da virtude”.

2 A RELEVÂNCIA DA AÇÃO DOCENTE VIRTUOSA

A escola é uma das instituições sociais formadora de virtudes morais, na qual a professora tem um papel importante, principalmente, nos anos iniciais do ensino básico, de motivar a formação de hábitos de boa convivência.

Bem verdade que a criança não é uma “tábula rasa” ao chegar à escola, pois já possui certas virtudes morais do convívio familiar. Cabe à professora acolher as singularidades de cada aluno, e trabalhá-las para que este indivíduo possa melhorar suas virtudes, conforme suas necessidades e perspectivas. Também é verdade que a escola é uma ampliação do mundo social da criança, mas não a extensão da sua casa, pois terá que desenvolver outras virtudes morais necessárias para a boa convivência social.

A professora contribui na formação moral das crianças, pois também ensina por meio de seu modo de serem, atitudes e trejeitos, no cotidiano da sala de aula, criando relações emocionais e virtuosas, direcionando assim o aluno a desenvolver formas de sentir, pensar, agir e se relacionar consigo e com os outros. Para Konzen, “[...] a ação virtuosa, portanto, não algo assegurado pela natureza, mas está associada à prática contínua de boas ações, isto é, ao hábito de praticar ações de uma determinada forma.” (2009, p.62). Juntamente com o empenho da professora em desenvolver a coordenação motora fina do aluno, a precisão de riscos de um belo desenho ou a pintura parelha dentro de determinados limites, que se adquire pelo resultado de muitos e repetitivos exercícios, de modo semelhante, consiste a persistência diária dela em desenvolver em seus educandos a coordenação de atitudes de boa convivência, o modo de se relacionar com os outros dentro dos limites das regras de conduta socialmente aceitas, por exemplo, em um trabalho de grupo. Para a criança pequena a professora é a justa medida do que é o correto, e do esforço que ela tem que fazer para atingir o que lhe falta ou de reconhecer que extrapolou os limites. A formação de bons hábitos ocorre pelo incansável exercício docente como referência virtuosa às crianças, como por exemplo, “não falar gritado” ou “esperar sua vez para falar”, até que o educando assimile a justa medida.

Conseqüentemente, para conseguir tais coisas o professor deve amar o que faz e acreditar que seus bons hábitos servirão de exemplo e inspiração para seus alunos, de modo que, este não pode ser hipócrita em dizer que se deve fazer uma coisa de tal maneira, quando ele próprio não segue seus preceitos.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que na teoria moral de Aristóteles as virtudes são o caminho para a felicidade plena e é aperfeiçoadas e desenvolvidas por um processo educativo, a escola tem um papel importante na formação moral do educando, que visa à construção de um cidadão virtuoso, crítico e responsável com o bem comum (bem supremo).

A educação pode ser considerada um importante agente transformador no mundo, mas o seu poder começa com simples ações virtuosas de uma professora dos anos iniciais, que aos olhos das crianças, ela é medida da justiça.

No decorrer do texto, ressaltamos a importância da ação virtuosa do docente, como modo de serem inspirador e referência orientadora de agir equilibrado no mundo discente. É imprescindível persistirem neste trabalho tão relevante para a sociedade, embora nem sempre reconhecido.

REFERÊNCIAS

DALL'AGNOL, Darlei. **Areté e Eudaimonia em Aristóteles**. In.: Ética I. Cap.2. Filosofia/EAD/UFSC. Florianópolis; p.38.2008.

KONZEN, José Oto. **Hábito e formação do homem virtuoso**. IN.: COELHO, Ildeu M. Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia. Goiás: Editora da PUC, 2009.

PAVIANI, Jayme; SANGALLI, Idalgo José. **Ética das virtudes**. Torres JCB, (organizador). Manual de ética: questões de ética teórica e aplicada. Petrópolis: Vozes, p.225-46, 2014.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Educação do campo e educação sexual: o que dizem professores e professoras

Renata Orlandi¹

Alessandra Elias²

Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia³

INTRODUÇÃO

A Educação Sexual têm dificuldades de se viabilizar nos currículos escolares e universitários. Ainda que reconhecida como um tema transversal pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a Educação Sexual segue cercada de tabus e percebida como um tema controverso. Portanto, configura-se como um grande desafio a promoção de uma Educação Sexual comprometida com a garantia dos direitos humanos, neste caso em especial, os direitos sexuais e reprodutivos.

Torna-se mister, ressaltarmos ainda, que estamos vivenciando no Brasil períodos obscuros de desqualificação docente e constantes retrocessos na esfera educacional, no que diz respeito aos estudos no campo da sexualidade. Alguns membros do Poder Judiciário e legisladores extremamente conservadores posicionam-se contrários às problematizações sobre a temática em sala de aula, defendem a retirada dos termos “orientação sexual e de gênero” da Base Nacional Comum Curricular, além de desqualificar e tachar, de maneira pejorativa, de ideologia de gênero as discussões e estudos na área. Isso, entre tantas outras falácias.

De tal forma, os obstáculos à problematização pedagógica da sexualidade no cenário da Educação do Campo são ainda maiores, haja vista que a Educação do Campo passou a ser uma política educacional reconhecida, somente a partir do Decreto nº 7352, de 04 de novembro de 2010 (BRASIL, 2010). A qual surgiu com o intuito de contribuir para a superação de estigmas e preconceitos criados em torno dos povos camponeses e inseridos no contexto rural. Principalmente, na tentativa de superar aquela imagem de que o campo é lugar de atraso e de que as pessoas, que ali vivem, não necessitem de políticas educacionais voltadas às suas demandas e necessidades, sobretudo, no esforço de transformar “a história da precaríssima e velha educação rural” (ARROYO, 2015).

Diante do exposto, objetivamos com esta pesquisa, investigar como docentes de escolas do campo significam a Educação Sexual, buscando articular estas duas invisibilidades produzidas no meio educacional brasileiro. Invisibilidades estas, por

1 Doutora em Psicologia pela UFSC, Pós-doutorado em Educação pela UFSC e em psicologia social pela Universidade Autônoma de Barcelona. Grupo de pesquisa do CNPq: (Trans)formação inicial, permanente e contínua de professores- TRIPEC. Professora na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. E-mail: renata.orlandi@ufsc.br

2 Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Federal da Fronteira Sul –UFFS. E-mail: alessandraelias92@gmail.com

3 Graduado em História e Pedagogia. Doutor em Educação pela UFScar. Grupo de pesquisa do CNPq: (Trans)formação inicial, permanente e contínua de professores- TRIPEC. Professor na Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS. E-mail: ronaldo.garcia@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

vezes, postas às margens da sociedade, tendo como consequência, suas raízes fortemente assentadas em movimentos sociais populares e democráticos.

1 METODOLOGIA

Metodologicamente, este trabalho caracteriza-se como qualitativo e exploratório. Foram entrevistados dez docentes, com distintos percursos formativos (Ciências Biológicas-Licenciatura; Ciências com habilitação em Matemática-Licenciatura; Ciências com habilitação em química-Licenciatura; Educação Física-Licenciatura; História-Licenciatura; Letras-Português e Espanhol-Licenciatura; Matemática-Licenciatura; Pedagogia) atuantes na rede pública de ensino fundamental (anos finais) da educação do campo do município de Nova Esperança do Sudoeste-PR, situado na região sudoeste, onde se insere o Campus Realeza da UFFS.

Como instrumentos de coleta de dados e registro de informações, foram utilizados diferentes instrumentos, entre eles o diário de campo, o roteiro de entrevista semi estruturado e o gravador de voz. A conclusão da coleta de dados foi determinada a partir de reflexões sobre a noção de saturação (FONTANELLA, RICAS, & TURATTO, 2008). Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e analisadas com base na Grounded Theory. Tomaram-se todas as medidas éticas cabíveis para a realização do estudo, e a mesma só teve início após sua autorização pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificou-se que os docentes entrevistados reconhecem a importância da problematização da Educação Sexual em sala de aula, bem como a defasagem de seu processo formativo na área, formação essa, tanto inicial quanto continuada, o que ocasionalmente acarreta em uma abordagem superficial e restrita do assunto, voltada principalmente a questões biológicas, aspectos corporais e ao binômio saúde doença.

Cabe-nos mencionar também, que os docentes apresentaram grande dificuldade e confusão em relação a alguns conceitos pertinentes a temática, como por exemplo, sexo, relação sexual e sexualidade. Outro dado expressivo, e que pode ser observado, é que a sexualidade ainda é omitida por um expressivo número destes, e/ou compelida exclusivamente aos professores de ciências e biologia, além de ser significada, pela maioria dos docentes entrevistados, como um “problema”, o qual demanda solução. Em contrapartida, Dinis e Luz (2007) aponta que se constitui em um exercício extremamente importante se debater sobre a temática em sua potência, provocando questionamentos, discussões, em última análise, complexificando-a.

Essa dificuldade em reconhecer que a temática não se restringe a um ou outro componente, acarreta ainda outros prejuízos, afinal a falta de domínio sobre essa área de conhecimento, tão importante, pode limitar a visão destes e de seus educandos sobre as normas e valores tidos como naturais e “quase imutáveis”, de forma a alimentar e perpetuar uma sociedade machista e patriarcal, impregnada de preconceitos, e de diversas formas violência, entre outras atrocidades.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Tomamos como relevantes também, o fato dos discursos docentes voltarem-se principalmente à naturalização das relações de gênero e sexualidade, apresentando certa dificuldade em contemplar e considerar a diversidade sexual. Além disso, esteve evidente nos relatos dos entrevistados, a forte influência de sua crença religiosa em suas trajetórias docentes, justificando assim, o dogmatismo em meio às práticas pedagógicas repressivas na esfera da Educação Sexual ofertadas pelas escolas do campo investigadas no presente estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Proporcionar aos povos do campo uma educação pública e de qualidade, voltada a sua formação humana e cidadã inclui, em especial, uma Educação Sexual de caráter afetivo e emancipatório. Capaz de problematizar a sexualidade sob diferentes perspectivas, desde a científica, ética, política, artística, etc., de tal forma, almeja-se ainda, que esta desvele e supere toda forma de preconceito e repressão, sendo capaz de promover relações de alteridade entre os sujeitos.

Como pode ser percebido ao longo deste estudo, a Educação Sexual deve receber uma atenção especial, tanto no que se refere às práticas pedagógicas efetuadas no ambiente escolar quanto às questões formativas. Visto a precariedade na formação, tanto inicial quanto continuada, dos docentes nesta área. Afinal, entendemos que a Educação Sexual deveria compor uma preocupação didática e política.

Visto que a escola é elemento fundamental na promoção da igualdade de direitos, espera-se que a mesma, por meio dos docentes e de suas práticas pedagógicas, se posicione criticamente frente aos fenômenos vinculados ao campo da sexualidade. Assumindo um compromisso ético para com a superação de preconceitos, a promoção da igualdade de gênero e do respeito à diversidade sexual. Afinal de contas, uma efetiva Educação Sexual somente se concretizará a partir de uma educação “dialogal, humanista e libertária” (SILVA e NETO, 2006).

Diante disso, enaltecemos a importância do enfoque educativo e, por conseguinte, formativo prestado a Educação Sexual, pois este se engendra como um elemento emancipatório imprescindível no processo de transformação social. De tal forma, reforçamos a necessidade de ações voltada à promoção de relações de alteridade, visto que tal atitude revela-se ainda, como uma forma de resistência ao boicote perpetrado contra a educação.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. G. **Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 47-68, jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n55/0101-4358-er-55-00047.pdf>> Acesso em 26 set. 2017.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. **Dispõe sobre a política de educação do campo e o programa nacional de educação na reforma agrária**. Diário Oficial da união. 2010. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2010/decreto-7352-4-novembro-2010-609343-publicaca_ooriginal-130614-pe.html>. Acesso em 11 mai. 2016.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Eixo temático Orientação Sexual** Brasília: MEC/Sef, 1998.

DINIS, N.; LUZ, A. A.; **Educação sexual na perspectiva histórico-cultural**. Revista Educar, Sem mês, p. 77-87. 2007.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. **Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas**. Cadernos de Saúde Pública. v. 24, n.1, p.17-27, 2008.

SILVA, R. C. P. da.; NETO, J. M. **Formação de professores e educadores para abordagem da Educação Sexual na escola: o que mostram as pesquisas**. Ciênc. educ. (Bauru), Bauru , v. 12, n. 2, p. 185-197, Aug. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132006000200006&lng=en&nrm=iso> Acesso em 06 Mar. 2017.

STRAUSS, A. & CORBIN, J. **Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques**. London: Sage Publications, 1990.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

EDUCAÇÃO DO CAMPO: A ESCOLA SAI DAS QUATRO PAREDES

Marcos Willian da Silva Santos¹
Débora Dal Molin²

INTRODUÇÃO

Conforme consta nas Diretrizes Curriculares para a Educação do Campo (2006) a Pesquisa é elemento essencial para que o professor aprofunde os seus conhecimentos, ou para que entre em contato com os aspectos da realidade vivida pelos povos do campo. A educação do campo é definida coletivamente e esta deve ser atrelada pedagogicamente a vida, cultura, costumes e a vida dos sujeitos, sendo um projeto integral de formação humana, onde todos possam ter participação democrática pela melhoria da qualidade ensino-aprendizagem. O campo deve ser visto como espaço pedagógico e reconhecido como território educativo (ARROYO, 2004).

Para Libâneo (1995), pode-se caracterizar educação do campo como um movimento, constituído pelos sujeitos sociais que integram as realidades do local, e que, busca vincular o processo educacional com a vida no campo aliando escola e vida. Considerando que este é um lugar de possibilidades, onde os sujeitos não devem ser vistos apenas como pessoas que moram, convivem e tiram seu sustento trabalhando com a terra, mas deve ser o caminho que traduz a política pública de educação do campo, quando afirmam que “a educação, além de um direito, faz parte de inclusão”.

Neste sentido as considerações a seguir apresentadas visam explanar sobre algumas ações desenvolvidas na Escola Estadual do Campo de Anunciação que se localiza na cidade de Santa Izabel do Oeste núcleo regional de Educação de Francisco Beltrão. A Escola conta com uma média de 50 alunos, não é possível precisar o número, pois, há circularidade de transferências em razão especialmente do trabalho dos responsáveis dos alunos.

Instigar sobre a realidade dos alunos é um ponto pé inicial para nosso trabalho, nas diferentes disciplinas, mas especialmente na disciplina de História. Ao longo deste primeiro semestre dando a devida curiosa atenção à realidade dos alunos iniciou as atividades referindo-se ao conteúdo sobre fontes históricas, o trabalho do historiador, a interdisciplinaridade com áreas como a Geografia, a Antropologia, a Arqueologia conforme o Plano Anual da disciplina.

1 MATERIAIS E MÉTODOS

Foi proposto que para vivenciassem uma experiência do trabalho do Arqueólogo organizou uma atividade que envolveria a participação das alunas,

¹ Graduando em Matemática na Faculdade de Ampére (FAMPER), bolsista do Programa Universidade para Todos (Prouni).

² Mestre em História pela UFPR; Graduada e Especialista em História pela UNIPAR. Especialização em Educação, Formação e Desenvolvimento Regional Sustentável pela FAMPER e em Educação Especial pela CESUL.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

deveriam trazer objetos de uso pessoal. Organizadas em 02 grupos, cada um em um espaço diferente no pátio da Escola deveria esconder os objetos. Com plaquinhas demarcar os espaços, e com o uso de pincel, espátulas, peneiras, luvas, todos os recursos para materializar a ação a ponto de dimensionar e dar “realidade” a atividade. Um grupo deveria investigar o terreno da outra equipe, encontrar os objetos, descrever e explicar a função ou identificação do objeto. A avaliação desta atividade foi solicitada no formato de um texto que em parceria com o Jornal local – JORNAL NOVO TEMPO, divulgou as experiências das alunas. E pela produção notou-se que esta atividade marcou este nosso momento do ano letivo, pois relataram a satisfação, a curiosidade o interesse em práticas como essas que fogem aos espaços fechados da sala e nos abre um horizonte de possibilidades para a criatividade e a descoberta.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste mesmo caminho, a realização de outra atividade com a mesma série foi a partir do conteúdo Paleolítico e Neolítico, o ensino de História por vezes fica restrito ao livro, a análise e explicação do professor, mas nem sempre é fácil manter o interesse do aluno.

Com o objetivo de ampliar a participação da turma o conteúdo envolveu as alunas na elaboração de painéis explicativos sobre os referidos conteúdos. Elas deveriam representar o cenário das primeiras comunidades humanas e produzir uma livre dramatização sobre os modos de vida desses povos. Destacaram assim, as moradias em cavernas, as precárias ferramentas de osso, pedra e madeira. Representou o fogo, a vegetação. O outro grupo destacou no Neolítico as vestimentas de peles de animais, as inovações das ferramentas, a moradia, a domesticação de animais, a agricultura. Ou seja, caracterizaram os períodos expondo sua compreensão sobre o conteúdo.

A atividade fluiu com muito envolvimento da turma, muita expectativa para a exposição e apresentação as demais turmas da Escola. A criação, produção e apresentação foram registradas e divulgadas pelo recurso de comunicação local através do Jornal Novo tempo com o objetivo de valorização da atividade, do empenho e aprendizado das alunas. Nestas práticas, percebe-se que a História ganha vida, e mostrou que estudar História pode ser interessante.

Noutra experiência de âmbito geral, pois envolveram todas as 05 escolas do Campo¹ de nosso Município a dinâmica é justamente em valorizar a realidade do campo, seus moradores, sua realidade, riquezas e particularidades. Para tanto, conciliando os temas como Consciência Negra, Folclore Brasileiro – Festas Juninas, Cultura Afro-brasileira, Paraná- regionalismo, Diversidade de Gênero, após reunião com a equipe e direção das Escolas no ano de 2013, identificaram a necessidade de contemplar os referidos conteúdos nas específicas áreas do Conhecimento, mas também havia a necessidade de interação das Escolas, dos alunos, por fim um projeto conjunto beneficiaria a todos.

No mesmo ano iniciaram as atividades cada uma das Escolas se comprometeu em promover atividades que contemplasse um dos Temas e

¹ EECA – Escola Estadual do Campo Anunciação; EECJ – Escola Estadual do Campo Jacutinga; EECNE – Escola Estadual do Campo Nova Estrela; EECSJ – Escola Estadual do Campo São Judas Tadeu; EESP – Escola Estadual do Campo São Pedro.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

envolvesse toda a comunidade escolar. Pois precisamos pedir transporte ao município para o deslocamento para as Escolas, a diretoria da Comunidade para o empréstimo do salão comunitário próximo das Escolas. A construção das oficinas, a busca e convite por parcerias, como as Faculdades e Universidade que temos no Sudeste como a UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza, FAMPER – Faculdade de Ampére, essas que sempre se dispõe a colaborar nestes modelos de trabalhos solicitados pelas Escolas.

CONCLUSÕES

Com uma exposição simplória com o uso de objetos pessoais para que os alunos se apresentassem aos colegas da Escola. Neste caso uma atividade corriqueira para o início do ano letivo, porém ouvindo o relato das atividades diárias das alunas do 6º ano, entre 11 e 12 anos, foi perceptível que as atividades que realizavam em casa exigiam esforço físico, de responsabilidades por vezes não para a idade delas.

Em consonância com os conteúdos da referida série, que tratam de história pessoal, as fontes e vestígios históricos optou-se por propor um caderno – diário para que com orientação elas pudessem escrever sobre sua rotina de trabalho no ambiente familiar o que seria fácil, pois é relatar daquilo que experimentam todos os dias, porém, quando solicitado que descrevessem seus sonhos, expectativas, desejos pessoais observou-se que tinham dificuldade em relatar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M.G. Apresentação. In: CALDART, R.S. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Diretrizes curriculares da pedagogia**: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. Educ. Soc., Campinas, v. 27, n. 96, 2006.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**ENSINANDO AS TEORIAS DA ORIGEM DO UNIVERSO ATRAVÉS DO
PROGRAMA PIXTON**

Darci Sontag¹
Karoline Kethlyn Mroszkoski²
Rossana Gregol Odorcick³
Angélica da Silva⁴
Gisele Arruda⁵

INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais globalizado, é fácil entender a importância das tecnologias disponíveis para gerar e compartilhar informações. Essas ferramentas, chamadas “Tecnologias da Informação e Comunicação” – TICs oportunizam ampla socialização entre os indivíduos, criando novos espaços de construção e troca de conhecimentos, aproximando as pessoas e promovendo um avanço na comunicação (SANTOS, 2012).

Neste sentido, entende-se que as várias inovações tecnológicas podem auxiliar na promoção de mudanças educacionais. Assim, as atividades em sala de aula precisam contemplar as Tecnologias de Informação e Comunicação, aliadas à interdisciplinaridade, para tornarem-se ainda mais efetivas e contextualizadas no mundo em que os educandos estão inseridos (SANTOS, 2012).

De acordo com Santos (2012), Histórias em quadrinhos - HQs é a chave para a leitura mais formal. O contato de crianças e jovens com algum tipo de leitura de HQ torna-se um motivador primário para prepará-los para o prazer de qualquer tipo de leitura e a enfrentarem textos didáticos, literários e informativos.

Com o melhoramento da internet e de softwares para computadores, os quadrinhos ganharam espaço no mundo digital, facilitando assim, a produção e divulgação das HQs por parte de pessoas que possuem dificuldades na elaboração de desenhos. Navegando pela internet pode-se obter uma quantidade enorme de sites que produzem quadrinhos. Entre estes, existe o Pixton, com versão em português, o qual difere dos demais programas por possuir personagens (avatars) modelos em 3D que facilitam ao usuário movimentá-lo de várias maneiras nos quadrinhos, além de possibilitar a personalização do avatar e a adição de novos cenários e objetos, que possam não constar na biblioteca deste software (SANTOS, 2012).

1 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. darcisontag@hotmail.com

2 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. karoline_kethi@hotmail.com.br

3 Acadêmica do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Ambiental. Faculdade de Educação São Luís - Ensino a Distância - São Luís EAD. ro_gregol@hotmail.com.br

4 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. angel_ampere@hotmail.com

5 Mestre em Ciências Bioquímica, Universidade Paranaense. Prof. do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Paranaense - UNIPAR. giselearrudabioq@gmail.com



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Com o conhecimento da existência do site Pixton para produzir Histórias em Quadrinhos foi decidido realizar uma oficina para alunos do ensino médio com o intuito de mostrar as diversas teorias da origem do universo e da vida.

Nesse sentido, o objetivo deste relato é demonstrar que a partir desse programa - PIXTON podemos potencializar a construção de ensino e aprendizagem dos conteúdos do ensino de ciências, nas salas de aula.

1 DESENVOLVIMENTO

Iniciou-se o desenvolvimento do trabalho indagando os conhecimentos prévios dos alunos, sobre as teorias da origem do universo e da vida. Em seguida, abordaram-se os temas relacionados com a origem da vida e do universo, com o auxílio de slides, imagens ilustrativas e pequenos textos, buscando sempre saber se os participantes estavam entendendo o conteúdo apresentado. Os principais conceitos abordados foram: Criacionismo; Bing-Bang; Surgimento da vida na Terra e a Evolução do Metabolismo.

Após, foi trabalhado com o programa Pixton, mostrando aos alunos da oficina algumas modalidades didáticas que eles podem utilizar no dia-a-dia para construir seus conhecimentos. Nesse sentido foi ensinado como se utiliza o programa Pixton - ferramenta utilizada para construções de histórias em quadrinho. Assim ministramos a manipulação do software seguindo a seguinte programação: Panorama geral do site; Funções do programa; Formato da tirinha; Layout da página; recursos de personagens, fala dos personagens, objeto e paisagens; Ferramentas de backup; Exclusão; Painel de cores; Movimentação dos personagens no espaço; Movimentação dos personagens.

Com a finalização da explicação de como utilizar as ferramentas do software Pixton, disponibilizamos um tempo para os estudantes criarem suas próprias histórias em quadrinhos, durante esse tempo os participantes puderam tirar suas dúvidas sobre o programa. Ao final da oficina foi entregue folhas de papéis e canetas aos participantes da oficina, para que os mesmos avaliassem e dessem suas opiniões e suas sugestões sobre a oficina.

2 Relato e análise da experiência:

A atividade desenvolvida apresentou vários pontos positivos entre eles: O Pixton traz diversão e criatividade ao aprendizado dos alunos, pois durante as explicações das teorias os estudantes ficaram retraídos, porém quando foram trabalhados com o programa eles se empolgaram e participaram da atividade proposta com muito entusiasmo.

Frente ao desconhecido, os alunos não desistiram, ao contrário, revelavam-se interessados em aprender e manipular algo novo que modifica a rotina das aulas, segundo um aluno “nenhum professor havia trabalhado dessa forma com a gente, as aulas são sempre a mesma coisa”.

Um ponto gratificante, foi quando se recebeu dos alunos papeis escrito que eles haviam gostado da oficina, nos parabenizaram pela iniciativa e que gostariam que voltássemos, além de citarem que o uso dessa ferramenta facilitou a construção do construção da aprendizagem. Outro relato marcante foi da professora de química da escola que citou da necessidade “de ser ofertada a oficina do PIXTON para os



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

professores da escola” e conclui que “seria um incentivo para as suas aulas”. Já o diretor da escola Delvino (In Memória) citou que, “gostei muito da oficina, vos parablenzo pela iniciativa e conversei com os alunos no final da oficina, onde os estudantes elogiaram muito o trabalho realizado”.

Recebemos ainda na universidade uma carta de agradecimento da escola, pela participação no evento promovido pela instituição, juntamente com uma flor. Nesse sentido a experiência ao grupo de professores em formação foi extremamente válida, tanto no âmbito acadêmico, como profissional e pessoal.

Como pontos negativos, cita-se a falta de velocidade da internet, computadores da escola estragados e e-mails que não abriam para salvar as historinhas.

No entanto, este trabalho com HQs indica que as TICs podem ser uma boa ferramenta para o desenvolvimento de práticas pedagógicas interdisciplinares, propiciando um ambiente instigante e desafiador para professor e aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto apresentou importantes contribuições ao se pensar na formação acadêmica de licenciatura, onde a partir deste, os professores em formação, vivenciaram uma aproximação à docência e da comunidade em geral. Este trabalho em particular, focou no uso de novos instrumentos de ensino, usando as TICs, mais especificamente, o programa Pixton.

Apesar dos resultados não poderem ser generalizados, visto que se tratou de um estudo teórico e com apenas a aplicação de uma oficina, pode-se afirmar que o trabalho é válido. Mesmo com algumas restrições ocorridas, acredita-se que a realização deste estudo trouxe contribuições teóricas e práticas quanto à satisfação do objetivo proposto, já que indicou um caminho possível para dar oportunidade aos discentes a estarem em contato com a docência e refletirem sobre inovações ao executarem uma aula.

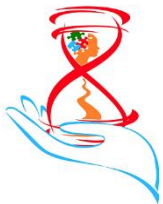
Além disso, este trabalho mostrou-se desafiador, pois estimulou a interação entre os estudantes, além de ter problematizado os conteúdos trabalhados, o que possibilitou aos sujeitos atuarem como protagonistas da sua aprendizagem e reforçou a ideia de que o uso das TICs promove a potencialização no processo de aprendizagem e propicia novos espaços de construção de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J.; ARAÚJO N. **EaD em Tela: docência, ensino e ferramentas digitais**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

MARTINS, L. A. C. P. **Pasteur e a geração espontânea: uma história equivocada**. Filosofia e História da Biologia, v. 4, p. 65-100, 2009.

MARTINS, F. N. . FREITAS, D. S. FELDKERCHER, N. **Oficinas Pedagógicas: Instrumento De Valorização Da Diversidade No Ambiente Escolar**. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE e III Encontro Sul brasileiro de Psicopedagogia – 26 a 29 de outubro de 2009 PUCPR. Disponível em:



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2011_1697.pdf
Acessado em:12-01-2014.

SANTOS, F. S.; AGUILAR, J. B. V.; OLIVEIRA, M. M. A. **Biologia: Ser Protagonista.**
Ed. 1, São Paulo, 2010.



ENSINO DO ELETROMAGNETISMO NO NÍVEL SUPERIOR: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA ATRAVÉS DE UMA ESPIRAL HISTÓRICA

Rodrigo Guerra¹

INTRODUÇÃO

O ensino da Teoria Eletromagnética Clássica (TEC) de James C. Maxwell é desafiador sob múltiplos aspectos, tanto para os estudantes quanto docentes. A linguagem matemática envolvida é complexa. Sua estrutura conceitual é altamente abstrata e cognitivamente exigente. O programa de estudos “normal” é de um olhar não iniciado, longo e desconexo. E as habilidades e competências prévias dos discentes – em tese, já adquiridas – revelam-se, em boa medida, difíceis de serem resinificadas e aparentemente inadequadas para o novo corpo de conhecimento.

Especificamente nos cursos de engenharia, a estrutura curricular também contribui para essa realidade, exibindo comumente um descompasso temporal entre as disciplinas de Física e as de Matemática, que atinge a maior defasagem quando da Física III (Eletromagnetismo e óptica) e sua demanda por análise vetorial e cálculo de multivariáveis.

Além disso, os livros didáticos de perfil introdutório apresentam, via de regra, uma mesma estrutura de tópicos que vão da eletrostática às ondas eletromagnéticas, organizados de maneira disjuntiva e pouco ou nada integrados. Por exemplo, dentro da eletrodinâmica, a análise de circuitos DC é expressa somente em termos do conceito matemático da função potencial, da lei de Ohm e das regras de Kirchhoff, fazendo parecer que a lei de Coulomb não desempenha papel algum no funcionamento circuitual, omitindo-se relações de causa e efeito e agenciamentos internos fundamentais. A noção de campo elétrico tão cara e central no eletromagnetismo perde relevância e ao término do estudo dos circuitos, seu uso pelos estudantes está, na melhor das hipóteses, secundarizado (SHERWOOD & CHABAY, 1999).

É pacífico que o ensino da TEC e de seus desdobramentos técnico-científicos são essenciais na formação do engenheiro moderno, seja qual for sua habilitação. Por isso, novas abordagens metodológicas e epistemológicas que busquem facilitar o aprendizado tornando-o significativo são bem-vindas e muito necessárias, tanto do ponto de vista didático-pedagógico stricto sensu quanto do método científico e da ciência e tecnologia como processo em sentido amplo (HAMMOND, 1999).

Com esse objetivo, o trabalho em tela pretende, primeiramente, discutir uma abordagem de ensino da TEC diversa das usuais através do uso de uma metodologia em espiral de viés histórico-incremental e então, propor mecanismos de avaliação dessa metodologia com fulcro na aprendizagem significativa (MOREIRA, 2010).

1 METODOLOGIA

Propomos aqui utilizar uma metodologia de ensino para o eletromagnetismo em nível introdutório (Física III) que denominamos de espiral histórica. Nela: (i) o

¹ Mestre e professor adjunto dos cursos de engenharia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. rodrigoguerra@fag.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

estudante revisita um conceito, tópico ou assunto várias vezes durante o curso, potencializando a probabilidade de retenção, (ii) com gradual aumento da complexidade em conformidade com a evolução histórica dos mesmos, seus avanços, retrocessos e insucessos, (iii) posicionando a nova ideia ou leitura dela em relação à interpretação vencida e dentro de um contexto lógico e coerente, destacando o caráter de coesão, síntese e unificação da teoria, nos planos ontológico, epistemológico e axiológico.

Procedendo-se desta forma, busca-se evidenciar o método científico em ação, o embate de ideias, de visões de mundo e o estabelecimento de um consenso. Pedagogicamente, a metodologia tem o potencial de permitir saltos cognitivos discretos, porém contínuos, através da exposição, (re) interpretação e discussão do processo de formulação da teoria, em consonância com o fato geral de que no desenvolvimento histórico delas é mais comum encontrarmos a ressignificação dos conceitos antigos do que a criação de novos (JAMMER, 1961).

2 DISCUSSÃO

Segundo Freeman Dyson (1999), dentre os vários motivos que explicam porque a TEC é difícil de entender (e de ensinar), está o fato de que essa teoria iniciou a substituição da imagem de uma natureza newtoniana (ABRANTES, 1998), onde corpos tangíveis interagem uns com os outros instantaneamente à distância, por um universo mediado por campos invisíveis de energia interagindo localmente (Buchwald, 1985).

Ao passarmos pelos livros didáticos, observamos nitidamente essa inflexão. Apesar da permanência de certos conceitos mecânicos como o de força elétrica e magnética, nenhum mecanismo subjacente é apresentado. Tal mudança envolve um grande salto cognitivo por parte dos discentes: as imagens da natureza e ciência vistas por eles até então, eram, em essência, mecânicas. Agora, contra intuitivamente, a TEC só se torna simples e inteligível quando paramos de pensar em termos mecanicistas. Os campos ganham a primazia e autonomia ontológica no lugar das forças, sendo uma entidade distinta da matéria e irreduzível a ela (Nersessian, 1984; BEZERRA, 2006).

As dificuldades inerentes de ensino e aprendizagem, portanto, não são apenas matemáticas, mas conceituais centradas na ideia de campo eletromagnético como uma entidade física transportando energia e momento, que se distribui por todo o espaço mesmo na ausência de matéria, contrariando a visão de senso comum do espaço como vazio. No limite, até mesmo a imagem newtoniana do espaço como geométrico e indiferente a ação física é destituída de sentido, pois agora passa a estar conectado ao tempo através da velocidade das ondas eletromagnéticas (EINSTEIN, 1931).

Entretanto, ao recuperamos a evolução histórica das ideias de Maxwell, observamos que a sua teoria foi moldada em bases mecânicas (KLEIN, 1972). Através do uso de analogias formais como método heurístico (HESSE, 1966; SILVA, 2005), ele propôs fluidos imaginários, vórtices em rotação e estados de tensões e pressões (MAXWELL, 1990). Por quê? Para tornar simples e inteligível a sua teoria de “uma forma em que a mente pudesse apreendê-los” (MAXWELL, 1856, p. 155).

Logo, de uma perspectiva de ensino e aprendizagem, resta evidente que podemos através de um recorte histórico e epistemológico adequado, introduzir a



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

TEC de uma maneira a replicar a sua evolução natural, aproximando-a à do aluno e facilitando o salto cognitivo analítico necessário de uma física mecânica para uma desmecanizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a sugestão de uma metodologia fundada na progressão em espiral histórica dos conceitos e modelos geradores da TEC, pretende-se reorganizar a sequência adotada nos planos docentes e nos livros-texto, a fim de garantir maior nexo causal, lógico e cognitivo para o ensino e a aprendizagem da teoria.

Maxwell ao propor sua unificação dos campos eletromagnéticos com a luz, destacou que para tornar os fenômenos mais acessíveis a uma mente matemática, era necessária uma física concreta (embodied), ou seja, “como um sistema de linhas e superfícies e não como meros símbolos, que nem veiculam as mesmas ideias, nem se adaptam prontamente aos fenômenos a serem explicados” (Maxwell, 1856a, p. 156).

A proposta metodológica aqui feita visa à sua maneira, dar ao ensino da ciência eletromagnética uma significação histórico-incremental, fornecendo assim um caminho cognitivo e analítico mais suave e coerente sob a ótica de quem aprende e ensina.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, P. **Imagens de natureza, imagens de ciência**. Campinas: Ed. Papyrus. 1998. 247 p.

BEZERRA, V. A. **Maxwell, a teoria do campo e a desmecanização da física**. SCIENTIA STUDIA, São Paulo. V. 4. Nº 2. P. 177 – 220, 2006.

Buchwald, J. Z. **From Maxwell to microphysics: aspects of electromagnetic theory in the last quarter of the nineteenth century**. Chicago, IL: Chicago University Press. 1985.

DYSON, F. **James Clerk Maxwell commemorative booklet**. Edinburgh, UK: James Clerk Maxwell Foundation. 1999.

EINSTEIN A. **Maxwell's influence on the development of conception of physical reality**. In James Clerk Maxwell—a commemorative volume 1831–1931 (ed. J. J. Thomson et al.), pp. 66–73. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 1931.

HAMMOND, P. **Teaching the principles of electromagnetism: quagmires and stepping-stones**. Engineering Science and Educational Journal. October, 1999. P. 220 – 226.

HESSE, M. B. **Models and analogies in Science**. University of Notre Dame Press. p. 57 – 100. 1966.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

JAMMER, M. **Concepts of Mass in Classical and Modern Physics**. Harvard University Press, New York, 1961.

KLEIN, M. J. **Mechanical explanation at the end of the nineteenth century**. Centaurus, 17, p. 58-82, 1972.

Maxwell J. C. **On Faraday's lines of force**. Trans. Cambridge. Phil. Soc. 10, 155–188. 1856.

Maxwell J. C. **Analogies in nature**. In The scientific letters and papers of James Clerk Maxwell (ed. P.M. Harman), vol. 1, pp. 376–383. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 1990.

MOREIRA, M. A. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 23 de abril de 2010. 27 p.

Nersessian, N. J. **Aether/or**: The creation of scientific concepts. Stud. Hist. Phil. Sci. Vol. 15, nº 3, pp. 175 – 212, 1984.

SHERWOOD & CHABAY, **A unified treatment of electrostatics and circuits**. Mimeo. 19 p. 1999.

SILVA, C. C. **Uma análise histórica do uso de modelos no eletromagnetismo**. IV Encontro Pesquisa em Ensino de Ciências. Bauru, SP. 2005



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

ESCOLA E DEMOCRACIA: O DOCENTE E A INCLUSÃO SOCIAL

Liziane Terezinha Jahn Neuhaus¹

Daniela Maria Rannow Pinnow²

Vitoria Karolini Betim Fieldkircher³

Gilson Luís Voloski⁴

INTRODUÇÃO

Considerando a experiência de estudos e debates realizados no componente curricular de Fundamentos da Educação, tendo Florestan Fernandes e Paulo Freire como exemplos de educadores que optaram pela inclusão, o objetivo deste texto é tecer considerações gerais sobre os desafios que implicam a opção do professor pela inclusão social, visando contribuir com a democratização da escola pública e, conseqüentemente, da sociedade brasileira.

Nas últimas décadas, a legislação brasileira e as políticas educacionais buscaram avançar na garantia do acesso de todos na escola. Considerando a grande desigualdade social, os recursos nem sempre suficientes e as condições escassas, é importante refletir sobre a importância desse profissional que, apesar das dificuldades encontradas na ponta do sistema educacional, ainda persiste como agente consciente de inclusão social. Mas como se forma um professor que opte pela inclusão? Uma formação de qualidade é fundamental para que o professor tenha consciência crítica de sua responsabilidade pedagógica, mas a opção pela inclusão é do âmbito da liberdade humana.

1 PROCESSO EDUCACIONAL E INCLUSÃO SOCIAL

O homem é um ser sócio histórico, isto é, ele se constitui como ser humano por meio de um processo educacional de interação social (BOCK et al, 2002). Ao alfabetizar uma criança, o educador está contribuindo para sua inclusão social. O conhecimento escolar proporcionado pelos professores, das mais diversas áreas, contribui para o educando “escrever a sua própria história”, isto é, constituir seu projeto de vida.

Devido as enormes desigualdades da sociedade brasileira, essa inserção social não ocorre de forma igualitária a todos os alunos. Os desfavorecidos socialmente, geralmente, encontram dificuldades no processo educacional escolar e tendem a abandonar os estudos. Eis a importância do docente da escola pública, comprometido com a educação como justiça social, dedicar uma atenção especial a esses educandos.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. lizianejahn@gmail.com

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. danielapinnow@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. vitoria.fieldkircher@gmail.com

⁴ Doutor em Educação. Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. gilson.voloski@uffs.edu.br.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

É de fundamental importância na formação do professor, ter um bom domínio do conhecimento da sua área, mas é importante também que ele opte pelos excluídos, pela democratização do saber e pela educação pública.

[...] é possível arrolar vários problemas e temas que mostram a necessidade de o professor, no seu cotidiano, ter uma consciência política aguda e aguçada, firme e exemplar. Não que ele deva se tornar um Quixote ou espadachim. Mas ele precisa ter instrumentos intelectuais para ser crítico diante dessa realidade e para, nessa realidade, desenvolver uma nova prática, que vá além da escola (FERNANDES, 1989, p.170).

O processo de inclusão social está relacionado ao educacional, pois no âmbito escolar existe a variabilidade de cores, culturas, crenças e classes sociais. Juntamente com o conjunto de ações da escola, o docente comprometido com a inclusão social busca conhecer os limites e as possibilidades das realidades da comunidade escolar, bem como reconhecer e valorizar pedagogicamente as diferentes virtudes de cada discente. E para que ele consiga trabalhar de modo diferenciado com essas diversidades, precisa ter um bom conhecimento na sua área de sua atuação.

Para Anísio Teixeira (1956), cabe ao Estado ser o principal promotor da escolarização e difusor da cultura junto às classes populares. Entretanto, esse promotor ainda deixa muito a desejar. Ressalta-se o caso da formação de professores que, na sua maioria, busca dividir sua rotina entre o trabalho diurno e a educação acadêmica noturna. Na década de 1980, Florestan Fernandes (1989) já criticava os limites dessa diferenciação da educação superficial ofertada à classe trabalhadora (noturna) e à classe dominante, havendo separação do indivíduo que será pensante e o indivíduo servil.

De acordo com Freire (1987), quando a educação não é libertadora, o oprimido introjeta dentro de si opressor e o reproduz em suas relações. Esse tipo de pedagogia opressora, muitas vezes, é adotado na educação escolar pública. Assim, o docente que um dia foi o oprimido, assume a figura do professor opressor, que está a serviço da seleção social, portanto, da exclusão dos desfavorecidos.

A antiga e sempre premente questão colocada por Marx (da educação do educador) encontra aí uma nova formulação. O educador progressista precisa fundir dois papéis (o de professor e o de cidadão) para a construção de uma cultura cívica que atravesse a escola e permita a generalização de uma cultura crítica no meio social – só assim se protege de ser reduzido à condição de mero instrumento no entrelaço de interesses e conflitos sociais. (OLIVEIRA, 2010 p. 58)

A busca de uma formação crítica pelo próprio professor é fundamental no processo de libertação pessoal e social. Baseado nisso, a luta pela liberdade visa à simultaneidade entre o educador e o educando. O professor pode ser um agente transformador, porém não é exclusivamente dele a responsabilidade da resolução dos problemas educacionais. Ele pode contribuir com a construção de uma instituição de ensino voltada aos grupos historicamente excluídos.

Assim sendo, o educador deve pôr em prática uma filosofia educacional democrática, inclusiva e adequada aos valores fundamentais da civilização, aspirando à distribuição dos direitos e das obrigações sociais, consagrando teórica e



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

praticamente o saber racional, fornecendo e possibilitando a interação social como fonte de aperfeiçoamento moral da pessoa e da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração esses aspectos da educação básica, percebemos que é necessário que haja um investimento maciço na melhoria da qualidade da educação brasileira e na formação qualificada do educador, acompanhado de políticas de incentivo, inclusão e preparação para melhorar o atendimento qualitativo das classes populares, que tem na escola pública sua única possibilidade de acesso aos bens sociais. O professor não nasce professor, ele se torna um educador permanentemente na prática, na reflexão, no estudo e no diálogo.

REFERÊNCIAS

BOCK, A; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia, v. 13, p. 167-78, 2002.

FERNANDES F. **A Constituição inacabada**: vias históricas e significado político. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 1987.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. **Florestan Fernandes**: 1. ed. Recife: Massangana, 2010.

TEIXEIRA, Anísio, (1956). **Educação não é Privilégio**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 26, n. 63, p. 3-31, jul.-set.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

ESTÁGIO COMO INSERÇÃO NA COMUNIDADE DE PRÁTICA DOCENTE

Ramunielly Bonatti¹
Saulo Gomes Thimoteo²
Marcia Adriana Dias Kraemer³

INTRODUÇÃO

Este presente relato reflete sobre as práticas de estágio como ferramenta de inserção social no ambiente docente. A experiência relatada é a testagem realizada no componente Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa II, realizado na 7ª fase do Curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da UFFS - Campus Realeza, que tem por objetivo fomentar a formação dos licenciados contemplando conjuntamente a teoria e a prática.

Os componentes de estágio tendem a integrar e compor momentos de reflexão quanto à prática pedagógica e docente, indispensáveis para a formação de práticas associadas ao Ensino de Língua Portuguesa. Essa formação está regulamentada de acordo com o Regulamento de Estágio da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Resolução Nº 07/2015 – CONSUNI/CGRAD, concomitante ao projeto político pedagógico desta instituição, e visa a promover a docência como espaço e também como objeto para a pesquisa e para a extensão.

De acordo com o regulamento de estágio, o Estágio Curricular Supervisionado tem por desígnio o desenvolvimento de habilidades e de conhecimentos essenciais para o exercício profissional, permitindo a integração da teoria formadora no curso de graduação com a prática vivenciada no contexto escolar. Segundo Pimenta e Lima, “o estágio dos cursos de formação de professores compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional” (PIMENTA E LIMA, 2012, p. 43). O estágio é um tentame de eixo articulador de conhecimento, atenuando o impacto no processo acadêmico do aluno, quando o estágio ocorre gradualmente nas fases subsequente até a sua formação.

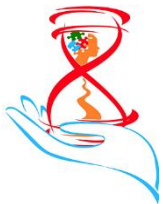
2 DESENVOLVIMENTO

O estágio ocorreu na rede pública do município de Realeza, com o intuito de trabalhar com textos literários. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (1997) a leitura de textos escritos é o momento em que o leitor realiza um trabalho ativo de interpretação e associação com sua bagagem de mundo. Nesse sentido cabe ao professor mediar esse

¹ Acadêmica do Curso de Letras Português e Espanhol- Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Realeza. ramunielly_b@hotmail.com

² Orientador. Prof.º do Curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Realeza. saulo.thimoteo@uffs.edu.br

³ Doutora pela UEL. Orientadora. Prof.ª do Curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Realeza. Marcia.kraemer@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

processo, para que não se torne apenas um segmento de decodificação. As inferências devem ser feitas, bem como análises e discussões sobre estilos e gostos.

A partir dessa necessidade de explorar textos literários em sala de aula, diagnosticamos os conhecimentos prévios dos alunos, acerca dos aspectos estruturais do conto. Perguntando como o gênero era composto, organizado e distribuído. Os alunos levantaram aspectos relevantes, a conhecimentos relacionados sobre a composição, mas não se recordavam a que se referia cada um dos aspectos elencados.

Sabendo da grande importância do trabalho com textos literários, iniciamos com a leitura do conto de Clarice Lispector, Feliz Aniversário.

Tivemos grande participação dos alunos, que tiravam as dúvidas e debatiam sobre o texto, na tentativa de compreender e associar à realidade. Primeiramente, tiveram um pouco de dificuldade, no entendimento do enredo do conto, pois não conseguiam ler as entrelinhas do texto. Com nossas explicações e debates, os alunos foram se percebendo no conto, se familiarizando, e associando a fatos de seus cotidianos familiares.

Em seguida, propusemos a atividade de análise de alguns contos. Sendo eles: Feliz Aniversário de Clarice Lispector, Uma vela para Dario de Dalton Trevisan, Desforra de José Saramago, Passeio noturno de Rubem Fonseca, O menino que escrevia versos de Mia Couto, e O primeiro beijo de Clarice Lispector. Em grupos de três, receberam um conto, o qual deveria ler analisar e discutir sobre a estrutura, organizando um pequeno esboço, para apresentar e entregar.

A atividade foi recebida com apreensão e insegurança, mas depois de lerem, auxiliamos grupo por grupo, aguçando as interpretações e incentivando a ler as entrelinhas do texto. Houve uma maior participação, interagindo ativamente. Pois conseguiram ler as entrelinhas, entender a subjetividade dos autores, e se inserir no texto, como leitores reflexivos.

No que se refere aos conteúdos estruturantes de língua portuguesa nas Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE, PARANÁ, 2008) focalizam o discurso enquanto prática social, na perspectiva interacionista, proposta por Bakhtin, estes conteúdos são conhecimentos teóricos ou práticos, conceituais que identificam e organizam os estudos da disciplina escolar, para que se possa compreender seu objeto de ensino e de estudo. Nesta prática além de participarmos de uma experiência docente singular, conseguimos conquistar os alunos e aguçar o aprendizado, e principalmente, a vontade de ler os textos dos colegas, uma oportunidade para o mundo da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos através desse relato, refletir sobre as teorias e as práticas oportunizadas no Componente de Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa II. Sabendo que teoria e prática não devem estar separadas, o contato com a escola possibilitou o entendimento de seu funcionamento, bem como familiarização com professores de concepções diferentes de ensino, buscamos a compreensão dessas práticas associando com a teoria, estabelecendo um processo de aprendizagem contínuo em todos os momentos. O processo de testagem teve



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

grande importância, pois em todas as etapas, nos reconhecemos como professoras em formação.

Um caminho muito positivo é o planejamento, pois assim as possíveis falhas podem ser previstas, e o professor sabe o que quer, tornando os imprevistos naturais e humanos. Schmitz afirma que:

Qualquer atividade, para ter sucesso, necessita ser planejada. O planejamento é uma espécie de garantia dos resultados. E sendo a educação, especialmente a educação escolar, uma atividade sistemática, uma organização da situação de aprendizagem, ela necessita evidentemente de planejamento muito sério. Não se pode improvisar a educação, seja ela qual for o seu nível (SCHMITZ, 2000, p. 101).

Pensamos que enquanto professoras em formação devemos assumir uma identidade, com objetivos, metas e principalmente planejamentos, diálogos e reflexões. A acessibilidade e a comunicação entre professores e alunos fazem deste processo, um ambiente produtivo e enriquecedor. Assim a educação assume seu papel íntegro de formar e capacitar cidadãos reflexivos e atuantes na sociedade tornando aptos a socializar o saberes vivenciados na escola.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional**. Editora Terra- São Paulo, 1996.

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irlandé, **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. São Paulo, 1. ed. Parábola Editorial, 2014.

BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006, p. 87 – 115.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de língua X tradição gramatical**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997.

BUZEN, Clécio. MENDONÇA, Márcia (organização); KLEIMAN, Angela B. **Português no ensino médio e formação do professor**. - São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

COMÊNIO, João Amós. **Didática Magna – Tratado da Arte Universal de Ensinar tudo a todos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

DEWEY, John, 1859-1952. **Experiência e educação**; tradução de Anísio Teixeira. 2. Ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 14. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes 2005.

GUEDES, P. C. **A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LIMA, Maria Socorro Lucena. PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência**. 6ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

MATOS, M. G. **Comunicação e gestão de conflitos na escola**. Lisboa: EMH-Universidade de Lisboa, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: Dionísio, Ângela Paiva, Machado, Anna Raquel, Bezerra, M. Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36

MENEGOLLA, M.; SANT'ANNA, I. M. **Por que planejar? Como planejar?: currículo, área, aula**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOITA, Lopes, **Oficina de linguística aplicada**. Campinas SP. Mercado de Letras, 1996.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996 (Coleção Leituras no Brasil).

SACRISTÁN, J. G. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul. **Regulamento de Estágio da Universidade Federal da Fronteira Sul**. Chapecó (SC), 2010. Disponível em: <www.uffs.edu.br>. Acesso em: 28/03/2017



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

ESTÁGIOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Aline Aparecida Gluszczyk¹
Rosiane Moreira da Silva Swiderski²

INTRODUÇÃO

O estágio é uma atividade essencial na formação da identidade do profissional da área da educação, e sua função primordial é a produção de conhecimento teórico-prático e tácito sobre o trabalho docente, por meio de atividade crítico-reflexiva (PIMENTA, 1995). Essa formação não ocorre apenas no espaço acadêmico, mas também pela experiência com a prática educacional (interação com profissionais da educação, as regras do ofício e as ferramentas de trabalho), o trabalho de ensino (interação professor-alunos), e as políticas escolares (prescrições das práticas educacionais e da formação docente). Partindo desse pressuposto, o exercício de relatar a experiência de estágio é uma ferramenta que fomenta a produção de conhecimento, por meio da materialização da percepção do estagiário sobre o campo de estágio e da compreensão que este faz das leituras referenciais do curso de formação. Segundo Fida e Silva (2009), esse exercício valoriza os saberes docentes, a construção da identidade profissional e é espaço de (re)significação - dada a natureza dialética do fazer docente.

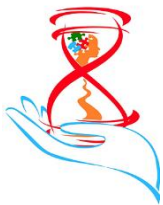
Neste trabalho, tomamos a vivência do Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa II (ECSLP II), do curso de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Realeza, como objeto de estudo. Nesse componente, os licenciandos interagem no/com o espaço escolar para produzir conhecimento a partir da reflexão sobre o trabalho de ensino, as políticas escolares e as leituras basilares do curso. Nesse ínterim, a construção da identidade profissional mobiliza pensar sobre os pressupostos pedagógicos, epistemológicos e filosóficos que envolvem o processo de ensino-aprendizagem.

Nosso objetivo com este relato é refletir sobre a relação teoria e prática a partir da experiência de planejamento, observação e testagem de 4 horas/aula de língua portuguesa em uma turma de ensino médio de uma das Unidades Concedentes de Estágio (UCE) da UFFS, campus Realeza. A metodologia utilizada consiste em estudo bibliográfico e na observação participativa no/do campo de estágio, sob orientação e supervisão de docentes da área de língua portuguesa.

1 UMA JANELA PARA O FUTURO

¹ Acadêmica do curso de licenciatura em Letras, português e espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul -

² Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus Cascavel. Professora do Ensino Superior na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Realeza. E-mail: rosiane.swiderski@uffs.edu.br



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

A UCE de estágio foi um colégio da Rede Pública de ensino de um município da região sudoeste do Paraná (área territorial de 148,107 km²; com menos de 4 mil habitantes). De acordo com dados do site do município - o qual não será aqui identificado visando resguardar a identificação do colégio e dos sujeitos envolvidos -, a renda média dos trabalhadores é de 1,9 salários mínimos. No que se refere ao colégio, este atende a 427 alunos, entre 11 a 17 anos. A instituição conta com 41 professores, sendo seis formados e atuantes na área de língua portuguesa.

Dados os encaminhamentos para a realização da atividade de observação e testagem junto ao Setor de Estágio da UFFS e a UCE, por intermédio do componente de ECSLP II, contatamos com as professoras orientadoras e supervisora. Esta propôs o conteúdo a ser trabalho durante a testagem, bem como supervisionou o desenvolvimento das atividades de observação e testagem em sala; e a outra acompanhou o planejamento, o desenvolvimento da proposta de testagem, e a produção de socialização do relato de experiência.

O conteúdo foi o gênero Conto e o planejamento foi com o texto “A cabeça”, de Luiz Vilela. Nosso objetivo de aprendizagem foi desenvolver as capacidades de compreensão e interpretação leitora dos alunos do terceiro ano do ensino médio a partir do conteúdo citado.

A compreensão leitora consiste em acionar conhecimentos de mundo, de práticas sociais e linguístico-discursivo e estratégias cognitivas e metacognitivas. E a interpretação, envolve o campo de reflexão da intencionalidade, dos recursos linguístico-discursivos para produção de significados/sentidos, e a atividade responsiva frente ao dito e ao não-dito (ROJO, 2004). Para tanto, nos pautamos numa concepção interacionista de língua (gem). A somar, levamos em consideração os quatro pilares da educação propostos pela Unesco - aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver com os outros; e aprender a ser. No que se refere à aprendizagem de língua portuguesa, esses pilares ultrapassam a mera aquisição de informação, uma vez que abarcam a formação humana e social do indivíduo (BRASIL, 1998).

2 TESTAGEM

Começamos a aula informando sobre o conteúdo e objetivo das 4h/aulas de estágio. Dado o título da obra - “A cabeça” - visando acionar um conhecimento de mundo, questionamos os alunos qual seria o tema do conto. O silêncio foi rompido por uma aluna, a qual disse que poderia tratar de partes do corpo. Na sequência houveram outras hipóteses: inteligência, pensamentos, enfim, possíveis sentidos relacionados ao lexema “cabeça”.

Visando o exercício de confirmação, refutação e/ou reformulação das hipóteses, solicitamos que 14 alunos fizessem a leitura dramatizada do conto. Em relação à participação dos alunos, é papel da educação e da escola garantir e proporcionar uma formação com princípios que possam desenvolver a autonomia e a atuação em sala de aula de sujeitos ativos que colaborem de maneira significativa (PÉREZ GÓMEZ, 1998).

Após a dramatização, solicitamos a leitura individual e silenciosa do conto. Em seguida, iniciamos a reflexão sobre os sentidos produzidos. Esse exercício visou promover a reflexão sobre o explícitos e implícitos na prática de leitura.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Posterior, solicitamos a produção de frases com palavras que estivessem relacionadas temática do conto. O resultado desse exercício foi: “Ciúme não é amor. Perseguição não é persistência. Controle não é cuidado. Obsessão não é paixão. Parem de romantizar o abuso”. “Violência: explosão, atitude ou ação de quem é desprovida de amor e paz!”

Nas últimas 2 horas/aula solicitamos que os alunos relatassem o conteúdo aula anterior. Houve recordatório de trechos do texto, manifestação de opinião sobre o tema e relato de cenas do cotidiano. Na sequência, eles fizeram a leitura das frases produzidas e responderam a um conjunto de perguntas, por nós elaboradas: 1) Quais características estilísticas do autor podem ser apreciadas no conto “A Cabeça”? 2) O conto “A Cabeça” apresenta características modernista ou pós-moderna? 3) Quais críticas em relação ao tema (violência), podemos construir a partir do conto? 4) No conto “A cabeça”, Vilela faz uso de variantes linguísticas para caracterizar os personagens. Assinale a alternativa que corresponde a variante utilizada pelo homem de bicicleta: (a) Gíria; b) Variante Culta; c) Coloquial/cotidiana; d) Vulgar. 5) Que análise social pode ser construída acerca do fato dos meninos verem a “cabeça” como uma bola? 6) Qual julgamento está implícito no trecho: “Inocente? Mulher inocente?” e o gordo olhou para os outros da turma, quase todos homens. “Vocês já viram alguma mulher inocente?”

Através desse trabalho visamos diagnosticar se houve a compreensão e interpretação textual. A complementar, no planejamento, havíamos preparado mais exercícios, porém devido a dinâmica de trabalho não foi possível realizá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio foi uma experiência desafiadora para o nosso processo de formação docente. Percebemos o quão importante é a relação professor e aluno, a didática e as metodologias de ensino. Também possibilitou a reflexão sobre nossa formação e nos fez compreender que a sociedade, a escola, os docentes e os alunos se modificam no decorrer do tempo, por isso se faz necessário a formação contínua.

Sobre o papel dos alunos, observamos a necessidade de um papel mais atuante em sala de aula, pois eles permanecem como espectadores, ouvindo atentamente o que o professor fala. Quando motivados a reflexão, isso causa estranhamento.

A experiência vivenciada nos fez perceber a importância de uma boa formação para atuar na área da educação. Pois, “ser professor é de frontar-se incessantemente com a necessidade de decidir imediatamente no dia-a-dia da sala de aula” (CHARLOT, 2006, p.91).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHARLOT, Bernard. **Formação de professores: a pesquisa e a política educacional**. In: LIMA, Maria Socorro Lucena. PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e Docência. 6ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **As funções sociais da escola:** da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, J. Gimeno. Compreender e transformar o ensino. 4ed. Porto Alegre: Artmed,1998, p.10-26.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores:** unidade entre teoria e prática. Cadernos de pesquisa, n.94, p.58-73, 1995.

SALEK FIAD, Raquel; LOPES MARTIN DA SILVA, Lilian. **Escrita na formação docente:** relatos de estágio. ActaScientiarum. LanguageandCulture, v.31, n.2, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania.** São Paulo: See: CenP, p.853,2004



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**EXPERIMENTAÇÃO ANIMAL: AS ALTERNATIVAS PARA A SUBSTITUIÇÃO AO
USO DE ANIMAIS EM AULAS PRÁTICAS.**

Michely Cristina Zambão Guerra ¹
Juliano Karvat de Oliveira ²

INTRODUÇÃO

A prática de experimentação animal é definida como métodos que utilizem animais para fins didáticos ou de pesquisa, estando inseridas neste conceito as práticas de dissecação e a vivissecação, em que os animais podem ou não estar anestesiados (TOLEDO, 2016).

No Brasil o uso de animais vivos para fins de ensino é exclusivo de Instituições de Ensino Superior (IES) que se utilizam de animais para fins de aprendizado através da visualização e aprofundamento dos conceitos teóricos (RIGOLON e GORZA, 2011). Nestas IES, a análise do uso dos animais em aulas práticas e pesquisas se dão pelas Comissões de Ética no Uso de Animais, seguindo as leis e normas do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal. A importância da existência destes comitês se dá ao indicarem as condutas mais éticas em relação às práticas com animais (FEIJÓ et al., 2008).

Segundo a Diretriz Brasileira para o Cuidado e Utilização de Animais em Atividades de Ensino ou de Pesquisa Científica de 2016, o uso de animais no ensino deve ter como propósito a habilitação e o desenvolvimento de práticas profissionais e a utilização de animais só se justificará quando não houver métodos alternativos ou ainda quando estes métodos promoverem uma perda significativa de qualidade do conteúdo a ser transmitido.

Tréz (2015) define três usos de animais no ensino: o prejudicial, o neutro e o benéfico. No primeiro, o animal é submetido a danos físicos, mentais ou morte durante as práticas, sem qualquer benefício a ele. O uso do animal neste caso é exclusivamente para fim didático e o animal é descartado após a técnica. Na utilização “neutra” o animal não sofre danos ou benefícios através da prática, como ocorre em observações de animais em um zoológico por exemplo. Já o uso “benéfico” é o em que o animal será submetido a técnicas de vivissecação, visando fins terapêuticos ou profiláticos à sua saúde, beneficiando-o.

Em termos educacionais e didáticos, já há como não se utilizar animais no ensino sem que com isso haja prejuízo no aprendizado (BALCOME, 2000), através de métodos substitutivos.

O presente trabalho teve por objetivo apresentar os recursos disponíveis à substituição da experimentação e os benefícios proporcionados por estas alternativas aos discentes e ao aprendizado acadêmico.

1 Licenciada. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz-FAG. biomiguerra@gmail.com

2 Orientador. Mestrando em Ciências Ambientais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE. . Docente do Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz-FAG. juliano karvat@fag.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

1 METODOLOGIA

Para a elaboração do presente artigo de revisão, buscaram-se publicações através de plataformas de buscas digitais tais como Google Acadêmico, Scielo, site do Instituto 1R e material bibliográfico impresso, no período entre dezembro de 2015 e outubro de 2017; leitura, revisão e compilação de dados.

2 DISCUSSÃO

Os métodos substitutivos são recursos educacionais utilizados como alternativas para a permutação de animais no ensino. Nas últimas duas décadas, houve um maior desenvolvimento de alternativas ao uso de animais na educação (MATERA, 2009).

Uma mobilização mundial ocorre para que se disponham destas alternativas, utilizando-se de métodos tais como culturas celulares in vitro, softwares, simuladores e até placenta humana para as práticas de cirurgia microvascular (LOPES, 2004); Castro et al. (2015) citam modelos em pvc, manequins, vídeos de situações reais, estudo anatômico em cadáveres de animais e propõe a criação de bancos de cadáveres nas universidades, o que evitaria o sacrifício de animais para fins didáticos; Seixas et al. (2010), ainda sugerem a auto experimentação-humana-não invasiva para práticas de fisiologia.

Matera (2009) indica o uso de cadáveres de animais conservados em solução de Larssen modificada –que mantém cor, textura, consistência e flexibilidade de tecidos- para aulas de técnica cirúrgica. Esta forma de conservação pode mostrar-se útil para práticas anatômicas e de dissecação em outros cursos das áreas biomédica e teria o potencial de diminuir ou até zerar o número de animais utilizados, uma vez que estes recursos se mantêm viáveis por um longo período.

Os modelos e simuladores mecânicos são usualmente utilizados na visualização de estruturas anatômicas; filmes são recursos baratos -quando não gratuitos- que permitem ao professor uma explicação detalhada, com repetição sempre que necessário; softwares são provavelmente os métodos mais promissores ao apresentarem imagens ultrarrealistas, uso de gráficos e realidade virtual, tal como o Fisioprat, desenvolvido por um brasileiro e utilizado em práticas de fisiologia básica (INSTITUTO 1R, 2016).

Virgens e Seixas (2014), citam como vantagens o fato de que os procedimentos podem ser executados com tranquilidade, pois o estudante não está sob a tensão de manter o animal vivo. Greif (2003) ainda menciona como benefícios a redução de custos; validade indeterminada de muitos métodos; maior aprendizado através do uso de softwares e modelos artificiais por possibilitarem maior liberdade de experimentar; respeito ao ritmo individual e aos valores morais e éticos do estudante; combinação de técnicas conforme a necessidade de cada conteúdo a ser abordado pelo professor.

Embora muitos docentes argumentem que o uso de animais vivos é essencial para a retenção do conhecimento (PAIXÃO, 2008), Diniz et al. (2006) verificaram que métodos substitutivos em aulas são viáveis e mantêm a qualidade de aprendizado dos discentes. Ainda segundo Tudury e Portier (2008), vários estudos que avaliaram estudantes que fizeram uso destas práticas demonstraram que os discentes alcançaram semelhante conhecimento ao adquirido por alunos através dos métodos tradicionais de ensino.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Além disso, com o uso de técnicas alternativas pode-se chegar a um ensino mais humanitário. Segundo Matera (2009, p. 67), “os métodos substitutivos auxiliam na educação humanitária e na formação de profissionais mais conscientes, proporcionando um ambiente de aprendizado mais humano, sem conflitos éticos e sem estresse”.

O Instituto 1R (2016) afirma que a educação humanitária é atingida quando os discentes têm a liberdade de opinião quanto às práticas didáticas que se utilizam de animais; quando os animais não sofrem ou morrem em decorrência destas; quando os objetivos educacionais são atingidos através da utilização de abordagens que contemplem métodos substitutivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudanças - sejam elas quais forem - levam tempo e quase sempre encontram resistência. A proposta de se substituir o uso de animais por outros métodos com igual ou até superior rendimento acadêmico no ensino superior encontra opositores dentro das IES, o que é esperado e até natural. No entanto, garantir opções de técnicas de ensino que contemplem uma educação humanitária é um grande passo para que mais métodos alternativos ao uso de animais no ensino se popularizem e progridam para atender a uma demanda crescente de estudantes que questionam tais práticas, corroborando a expansão de um ensino mais ético e humanitário nas IES brasileiras.

REFERÊNCIAS

BALCOMBE, J. **The use of animals in higher education: problems, alternatives and recommendations.** Washington, D.C. Humane Society Press. 113 p, 2000. Disponível em:

<www.humanesociety.org/assets/pdfs/parents_educators/the_use_of_animals_in_higher_ed.pdf> acesso em 26.01.2016.

BRASIL. COBEA- Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal.

Princípios éticos na experimentação animal. Disponível em:

<<http://www2.fcfar.unesp.br/Home/ComitedeEtica/principios%20eticos%20na%20experimentacao%20animal%20cobe.pdf>> acesso em: 11.01.2016.

BRASIL. MCT-Ministério da Ciência e Tecnologia. **Diretriz Brasileira para o Cuidado e a Utilização de Animais em Atividades de Ensino ou de Pesquisa Científica (DBCA).** Disponível em:< http://www.mct.gov.br/upd_blob/0238/238684.pdf> acesso em 04.04.2016.

CASTRO, N.; CAVALCANTE, G.S.; SILVA, A.P.; PAULINO, W.S.; MELO, M.F.; RAMOS, P.M.B. **Banco de cadáveres animal como modelo didático alternativo para o ensino superior.** Ciência Animal 25 (3)- Edição Especial V Animal Lab. p. 47-49, 2015. Disponível em:

<http://www.uece.br/cienciaanimal/dmdocuments/09ANIMAL_LAB_p47_49.pdf> acesso em 01.10.2017.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

DINIZ, R.; DUARTE, A.L.A.; OLIVEIRA; C.A.S.; ROMITI, M. **Animais em aulas práticas:** podemos substituí-los com a mesma qualidade de ensino? Revista Brasileira de Educação Médica. v. 30, n.2, p. 31-41, 2006.

FEIJÓ, A.G.S.; SANDERS, A.; CENTURIÃO, A.D.; RODRIGUES, G.S.; SCHWANKE, C.H. **Análise de indicadores éticos do uso de animais na investigação científica e no ensino em uma amostra universitária da Área de saúde e das Ciências Biológicas.** Revista Scientia Medica. Porto Alegre, RS, v.18, n.1, p.10-19, jan-mar. 2008.

GREIF, S. **Alternativas ao uso de animais vivos na educação pela ciência responsável.** São Paulo: Instituto Nina Rosa, 169p, 2003.

INSTITUTO 1R. Disponível em: <<http://www.instituto1r.org/#!/metodos-ensino/c1r42> > acesso em 26.01.2016.

LOPES, C.F. Em defesa das cobaias. **As ONGs protestam:** os bichos sofrem nos laboratórios e isso não é necessário. Revista Galileu [online]. p. 104, 2004. Disponível em: <http://galileu.globo.com/edic/104/com_cobaia3.htm> acesso em 01.10.2017.

MATERA, J.M. **Nível de aprendizado nos métodos substitutivos ao uso de animais no ensino.** Revista CFMV, Brasília, v. 15, no46, p.64-68, 2009.

PAIXÃO, R.L. **Métodos substitutivos ao uso de animais vivos no ensino.** Repensando o que aprendemos com animais no ensino. Revista Ciência Veterinária nos Trópicos. Recife-PE, v 11, suplemento 1, p. 88-91, abril, 2008.

RIGOLON, R.G.; GORZA, C.L. **Uso de animais em aulas práticas: a opinião de acadêmicos do curso de ciências biológicas.** Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiiinpec/resumos/R0639-1.pdf>> 2011. Acesso em 11.01.2016.

SEIXAS, M.M.; VIRGENS, J.H.A.; MELO; S.M.B.; VAN HERK, A.G.S. **Consciência na substituição do uso de animais no ensino:** Aspectos históricos, éticos e de legislação. Revista Brasileira de Direito Animal, v.6, jan-jun, p.71-96, 2014.

TOLEDO, G. **Vivisseção.** Disponível em:< www.pea.org.br. > acesso em: 11.01.2016.

TRÉZ, T. **A caracterização do uso de animais no ensino a partir da percepção de estudantes de ciências biológicas e da saúde.** Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n o 3, jul.-set. p.863-880, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22n3/0104-5970-hcsm-22-3-0863.pdf>> acesso em: 01.10.2017.

TUDURY, E.A.; PORTIER, G.M. **Métodos Substitutivos ao uso de animais no ensino:** Métodos alternativos para aprendizado prático da disciplina de técnica cirúrgica veterinária. In: Anais do I Congresso Brasileiro de Bioética e Bem-estar animal



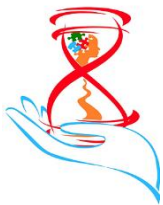
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

& I Seminário Nacional de Biossegurança e Biotecnologia Animal. Recife, PE. p.88-91, 2008.

VIRGENS, J.H.A.; SEIXAS, M.M. **Substituição do uso de animais como recurso didático**. Revista Brasileira de Direito Animal, v.5, no 6, jan-jun. p.71-96, 2010.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE O TEMA
ASTRONOMIA E ASTRONÁUTICA PARTIR DE UM PROJETO DE EXTENSÃO
DESENVOLVIDO NO IFPR - CAPANEMA**

Fábio de Souza Alves¹
Bárbara Gabriela Tovo²
Dennison Benetti Rodrigues³
Denis Eduardo Peixoto⁴

INTRODUÇÃO

O ensino sobre os conteúdos de Astronomia e Astronáutica ainda representam um grande desafio no Brasil. O assunto astronomia é parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, sendo considerado como um tema interdisciplinar e tratado basicamente por professores das séries iniciais com formação em pedagogia, ciências e geografia e muito raramente pelos professores no ensino médio (BRASIL, 1999).

Ainda que o tema seja pouco tratado no ensino formal, há um grande interesse do público em geral sobre o assunto. Com o aumento dos mecanismos de divulgação como a internet e as redes sociais uma enorme quantidade de informações está disponível na rede. Todavia, mesmo com a expansão da oferta da informação sobre o assunto muitos estudantes saem da escola sem qualquer informação a respeito do assunto (DIAS e RITA, 2008).

Por essas razões, muitas pessoas passam a disseminar informações equivocadas, há o fomento de mitos e crenças em detrimento de um conhecimento científico que permita a emancipação e a divulgação científica a respeito do assunto. Além disso, há uma quantidade enorme de erros conceituais nos livros didáticos, professores que não possuem formação adequada durante a formação inicial (BOCZKO, 2003, LANGHI e NARDI, 2007), concepções equivocadas dos professores (LEITE, 2002) e a ausência de recursos didáticos para elaboração de experimentos em sala de aula (BUCCIARELLI, 2001) são algumas razões pelos quais impedem o avanço do ensino da astronomia no ensino formal.

Deste modo, este trabalho pretende apresentar as ações para formação continuada de professores promovida pelo projeto de extensão “Em Busca de Outros Mundos” desenvolvido no Instituto Federal do Paraná Campus Capanema. O projeto tem como objetivo a divulgação e a popularização da ciência a partir da astronomia e astronáutica.

DESENVOLVIMENTO

¹ Professor Doutor em Educação; Mestre em Educação para Ciência, Licenciado em Física.

² Aluna do Ensino Médio Técnico em Cooperativismo - Bolsista Pibex. Instituto Federal do Paraná – IFPR- Capanema. barbara.tovo@gmail.com

³ Professor Mestre em Geografia, Licenciado em Geografia. Instituto Federal do Paraná – IFPR- Capanema. - dennison.rodrigues@ifpr.edu.br

⁴ Professor Mestre em Ensino de Ciências e Matemática e Licenciado em Física. Serviço Social da Indústria – SESI – Brotas. profdenispeixoto@gmail.com



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Atualmente grande parte dos conteúdos relacionados à astronomia e astronáutica pertencem aos ambientes não formais e informais de ensino.

Langhi e Nardi, (2009, p.2) definem esses locais da seguinte forma:

A educação formal ocorre em ambiente escolar ou outros estabelecimentos de ensino, com estrutura própria e planejamento, cujo conhecimento é sistematizado a fim de ser didaticamente trabalhado. Por isso, as práticas educativas da educação formal possuem elevados graus de intencionalidade e institucionalização o sendo sua obrigatoriedade garantida em lei (LANGHI e NARDI, 2009, p.2).

Em relação à educação não formal e informal os autores destacam que:

A educação não formal, por outro lado, com caráter sempre coletivo, envolve práticas educativas fora do ambiente escolar, sem a obrigatoriedade legislativa, nas quais o indivíduo experimenta a liberdade de escolher métodos e conteúdos de aprendizagem. Alguns exemplos de locais que oferecem a educação não formal são: museus, meios de comunicação, agências formativas para grupos sociais específicos, organizações profissionais, instituições não convencionais de educação que organizam eventos tais como cursos livres, feiras e encontros. No entanto, a educação não formal também não está livre de um determinado grau de intencionalidade e sistematização. (LANGHI e NARDI, p.3, 2009).

Desta forma, o projeto de extensão “Em Busca de Outros Mundos” desenvolvido no IFPR Capanema tem como objetivo permitir a popularização dos conteúdos em Astronomia e astronáutica que segundo Langhi e Nardi, (2009, p. 3) definem como:

Quanto à definição de popularização, podemos determinar, para este trabalho, que o seu objetivo vai além da divulgação, pois considera as necessidades e expectativas de seu público-alvo, focando a dimensão ao cultural desta ciência, embora ainda haja controvérsias a respeito da utilização deste termo. No caso da popularização da astronomia, é notável o trabalho de clubes e observatórios astronômicos que voluntariamente dedicam-se em divulgar o conhecimento sobre astronomia para a comunidade onde estão inseridos (LANGHI e NARDI, 2009, p. 3).

Tal necessidade surgiu mediante a pesquisa realizada pelo projeto de extensão na qual indicou que nas 29 escolas de Capanema apenas uma aplicou participou das etapas da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica em 2015, em pesquisa realizada em 2016 com os alunos do ensino médio do IFPR pouco mais de 95% dos alunos jamais tiveram contato com o assunto.

As investigações também apontaram que os professores da rede municipal não tinham formação para trabalhar os conteúdos, desta forma, o projeto estabeleceu parcerias com quatro escolas para tratar do tema em momentos com os alunos e com os professores.

O resultado da aplicação da prova da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica no IFPR Capanema indicou que dos 58 alunos do ensino médio participantes 18 tiraram nota zero na prova e a nota mais alta foi 4,6 pontos de um total de 10 pontos.

Desta forma, o projeto ofereceu a oportunidade de formação continuada dos professores da rede municipal durante oito semanas no primeiro bimestre, e duas semanas no segundo semestre nas escolas parceiras com atividades uma vez por



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

semana onde o professor proponente do projeto estabeleceu em conjunto com o projeto político da escola os conteúdos necessários para tratar na formação docente e conseqüentemente estabelecer um trabalho com os alunos nas escolas parceiras.

As visitas ocorreram no Instituto Federal e nas escolas em momentos programados de alternância. A agenda contou com atividades práticas e teóricas. As imagens abaixo mostram o momento em que os professores de geografia e ciências das escolas parceiras puderam fazer o processo de formação continuada.



ILUSTRAÇÃO 01: Apresentação do Projeto na escola e Treinamento sobre o sistema Sol – Terra – Lua.

Fonte: Produção dos Pesquisadores.

Em seguida as figuras mostram momentos de formação para observação do céu noturno onde os professores puderam fazer a observação direta e indireta do céu.



ILUSTRAÇÃO 02: Observação do céu com os professores da rede

Fonte: Produção dos Pesquisadores.

As imagens em seguida, apresentam momentos de formação dos professores em conjunto com os alunos. E ainda, em uma delas, mostra a professora em contato com um meteorito e a rocha utilizada para calçamento em Capanema e região.





II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

ILUSTRAÇÃO 03: Momento de formação junto com os alunos/Professora na oficina de meteoritos

Fonte: Produção dos Pesquisadores.

Ao todo foram feitas 15 atividades nas escolas parceiras e o processo de formação ainda continua. Com o projeto cerca de 600 alunos passaram a participar da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica em Capanema. Em 2016 apenas o IFPR participou da prova já em 2017 seis escolas participaram. Neste contexto, alcançamos nas escolas cerca de 70 estudantes com notas entre 9,8 a 7,0 entre o 1º e o 5º ano gerando no primeiro ano da parceria cinco medalhas na Olimpíada algo inédito em Capanema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação dos professores das escolas parceiras permitiu que os professores pudessem ter o contato com materiais e conteúdos antes nunca vistos na formação inicial e continuada ao longo da trajetória docente como indica Langhi e Nardi, (2009).

Percebeu-se que os professores tinham muita dificuldade em relação ao tema concepções equivocadas sobre determinados conceitos como aponta Leite, (2002). O projeto e a parceria começaram a um ano gerando resultados bastante promissores para o futuro em Capanema. Dentre eles foi o estabelecimento de um processo de formação no ambiente escolar, hora feito pelos professores e um outro momento pelo professor proponente do projeto.

Conseqüentemente recebemos com grande surpresa o número expressivo de alunos com notas acima de sete e a conquista de cinco medalhas nas escolas parceiras. Pretende-se aprofundar a parceria para o próximo ano com um curso de extensão em astronomia que está em elaboração pelo proponente do projeto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999. 364 p.

BOCZKO, R.; LEISTER, N. V. **As fases da lua e o mês**. In: FRIAÇA, A. C. S. et. al. (Orgs.)

Astronomia: uma visão geral do universo. São Paulo: EDUSP, 2003.

BUCCIARELLI, Pablo. **Recursos didáticos de Astronomia para o ensino médio e fundamental**. São Paulo, 2001. 57 f. Monografia (Licenciatura em Física)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

DIAS, Cláudio André C., SANTA RITA, Josué R. **Inserção da astronomia como disciplina curricular do ensino médio**, Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia - RELEA, n. 6, p. 55-65, 2008



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

LANGHI, Rodolfo, NARDI Roberto, **Ensino de astronomia:** erros conceituais mais comuns presentes em livros didáticos de ciências, Cad. Bras. Ens. Fís., v. 24, n. 1: p. 87-111, abr. 2007

LANGHI, Rodolfo, NARDI Roberto, **Astronomy education in Brazil:** formal, informal, non-formal education, and scientific popularization, Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 31, n. 4, 4402, 2009.

LEITE, Cristina. **Os professores de ciências e suas formas de pensar Astronomia.** São Paulo, 2002. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Instituto de Física e Faculdade de Educação)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CURSO DE EXTENSÃO COMO AÇÃO
FORMATIVA NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Dennison Benetti Rodrigues¹
Laura Salvadori²

INTRODUÇÃO

O presente relato tem como motivação a constante demanda de cursos de formação continuada para docentes da rede pública de ensino, seja municipal ou estadual de Capanema.

Essa demanda é dada a importância da formação continuada, seja ela com relação aos aspectos da atualização de saberes ou para discussão de novas metodologias ligadas às tecnologias da educação, a formação docente fica a cargo do próprio professor, por inúmeros motivos, pois se a rede de ensino, não disponibiliza a atualização, o docente depende exclusivamente de financiar sua própria formação.

A formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental no Brasil, nos cursos de formação docente ou Pedagogia, possuem uma carga horária extremamente reduzida para os componentes curriculares específicos de Geografia e suas metodologias próprias de ensino.

Por fim essa organização acaba tratando mais da metodologia e didática geral do processo de ensino - aprendizagem, integrando História e Geografia em um mesmo componente curricular. Não gerando aprofundamentos quanto a forma de tratamento dos conceitos - chave e as metodologias para o ensino.

¹ - Mestre

² - Médio Incompleto

Assim, quanto à formação inicial de professores para o ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a construção do conhecimento tem ocorrido de forma limitada, tanto nos conhecimentos específicos ou disciplinares, relativos aos conteúdos específicos da disciplina escolar, quanto nos conhecimentos didático – curriculares, como destaca Saviani (1997).

Visando contribuir para superar essa limitação encontrada na formação docente em especial no ensino de Geografia, aplicamos um projeto de extensão chamado Geografando: ensino de Cartografia nos anos iniciais, com vistas a proporcionar aos professores da rede municipal de ensino do Município de Capanema Paraná a possibilidade de cursos de formação continuada. Essa formação está diretamente relacionada às metodologias de ensino em Geografia, com destaque para o ensino da Cartografia nos anos iniciais.

Ao destacar a importância da cartografia no ensino de Geografia busca-se estabelecer uma relação direta entre qual é o lugar e/ou o papel da cartografia no ensino de Geografia no contexto escolar.

A cartografia pode ser compreendida como instrumento na aproximação dos lugares e no mundo”, destacamos a cartografia como... um recurso fundamental para o ensino e a pesquisa da Geografia. Isto porque esta última trabalha os



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

diversos recortes do espaço terrestre, e estes devem ser representados com informações analíticas, de síntese e de correlações, em uma linguagem gráfico-cartográfica, além das expressões escrita e oral (BRASIL, 1998, p. 76).

Sanches (1973, p. 31) destaca que a cartografia é uma ciência bem definida, com métodos próprios de representação da superfície terrestre e de tudo que ocorre sobre esta.

O tema em questão se apresenta de extrema importância, para analisar as dificuldades encontradas pelos docentes no ensino da Geografia, discutir e compreender as potencialidades e exemplos de práxis pedagógicas com foco nos conceitos da alfabetização cartográfica.

Assim o objetivo central dessa ação foi permitir aos docentes da rede municipal de educação de Capanema acesso a novas metodologias de ensino em Geografia, voltadas à alfabetização cartográfica.

1 DESENVOLVIMENTO

As atividades de extensão em foco visaram atender a demanda dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas municipais, por cursos de formação continuada em cartografia escolar para esse período da escolarização, demanda esta discutida com a Secretaria Municipal de Educação do Município de Capanema. Para o desenvolvimento da presente proposta, as atividades estão definidas em passos:

Primeiro passo – Realizar junto a Secretaria Municipal de Educação de Capanema, a seleção e inscrição dos professores dos anos iniciais que trabalhem a Geografia escolar, a princípio, professores do Primeiro ao Quinto ano.

Segundo passo – Aplicamos entrevistas junto aos professores, buscando conhecer as atividades já empregadas por eles, suas formações, os conhecimentos gerais de Geografia, da Cartografia e as metodologias de ensino empregadas para esses conceitos.

Terceiro passo – Tabulação e análise dos dados referentes às informações prestadas pelos docentes, identificando as necessidades e dificuldades relatadas pelos docentes, buscando formar um quadro didático – metodológico – conceitual que indique as melhores formas e atividades para suprir as demandas apresentadas.

Quarto passo – Após identificação das questões levantadas junto aos professores apresentaremos as atividades de extensão através de curso com carga horária de 20 horas/aula, sendo 4 encontros presenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Difícil apresentar resultados da formação de extensão em metodologias da educação e quantificá-las, no entanto destacamos a avaliação feita pelos participantes do curso, e a produção dos planos de ensino com a ferramenta trabalhada nas ações de extensão, estes são reflexos da funcionalidade do curso, no entanto o ganho real é na aplicação das metodologias e novos conhecimentos adquiridos e aplicados em sala de aula com os estudantes, esse sim é um processo multiplicador de médio em longo prazo, mas que transforma a prática de ensino –



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

aprendizagem em geografia, uma ciência de fundamental importância para a compreensão do mundo em que vivemos.

Além das avaliações já citadas realizadas pelos participantes do curso, é possível destacar diretamente, que todos são professores, ou seja, os conceitos, e as metodologias trabalhadas podem contribuir diretamente na formação destes profissionais e na qualidade do ensino ministrado por esses. Espera-se que a partir do curso, bem como com a continuação deste, crie-se uma cultura, que primeiro estimule os professores a buscarem cursos em suas diversas áreas que são ofertados pelo IFPR Capanema, seja cursos de extensão, de FICs, de Técnicos ou ainda EADs. Assim a formação contínua destes profissionais refletirá na aprendizagem de possíveis estudantes que poderão inclusive ser alunos do Campus Capanema, fechando um ciclo de formação fundamental entre as instituições de ensino e a comunidade.

O contato com esses profissionais continuará ao menos no que tange os projetos de geografia visto que os dados como e-mails foram arquivados para divulgação de outros cursos, quanto à comunidade os estudantes, são um processo de verificação mais lento, pois estes poucos chegarão ao IFPR para serem avaliados com relação aos conhecimentos em geografia, no entanto, ao formar os professores da rede pública, se garante que estes estejam atualizados com relação às metodologias e práticas de ensino em geografia.

Os sete professores tem acesso em torno de 300 estudantes, o que potencializa as ações trabalhadas no sentido de divulgação do conhecimento científico e geográfico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, de D. R. (org.) **Cartografia Escolar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A.. **Etnografia da prática escolar**. 9.a ed.. Campinas, SP: Papirus, 2003.

ARAGÃO et al. **Cartografia Escolar: Experiências no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio**. Anais no XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010.

BRASIL (País). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

GRANDI. Daniella Rossa. **Cartografia escolar: A dialética como caminho para uma cartografia significativa**. UFSC, Criciúma, 2007, (Monografia).

MIRANDA, Sérgio Luiz; OLIVEIRA, Antônio Marcos Machado de. **Curso de extensão: Cartografia no ensino de geografia para as séries iniciais**. Relatório de atividade de extensão. Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, jan. 2008a.

SANCHEZ, Miguel C. **A cartografia como técnica auxiliar da geografia**. Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro : AGETEO, v. 3(6), p. 31-46, 1973.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

IMPLEMENTAÇÃO DE UM MODELO DIDÁTICO NO ENSINO DE BOTÂNICA

Adriana Lotério¹
Marcia Daiane da Silva²

INTRODUÇÃO

A biologia estuda vários aspectos importantes relacionados à vida e o grande desafio desta disciplina está relacionado em como ensina-la, pois o conhecimento desta determina novas definições e ao professor, esses novos conceitos exigem mudanças no processo de educação (COSTA; COSTA, 2006, p.11).

Entretanto, a forma de expor o conteúdo pode se tornar desmotivador para o aluno, porque distancia o aluno do processo de aprendizagem, além disso, podemos citar como algumas formas de desmotivações: a falta de contato com esquemas apropriados, que tragam para sala de aula uma demonstração que se depara com a realidade (GOMES, CAVALLI e BONIFÁCIO, 2008).

A biologia é uma ciência ampla que abrange várias áreas, entre elas está a botânica. A botânica, de acordo com Dutra e Güillich (2014), é uma das áreas mais complicadas e difíceis de ser estudada, mas mesmo com dificuldades é importante saber que existem várias formas e metodologias para o ensino de botânica. Uma dessas formas é desenvolver aprimoramentos de modelos didáticos para melhorar o processo de ensino.

Desta forma, objetivou-se nesta pesquisa, verificar a aprendizagem e a motivação dos alunos frente a uma aula com o uso de um modelo didático sobre a anatomia da flor, tendo em vista a dificuldade que os alunos apresentam ao relacionar os conteúdos teóricos com a verdadeira anatomia vegetal, já que, o modelo didático utilizado em sala de aula é uma estratégia para facilitar o interesse dos alunos ao conteúdo exposto.

1 METODOLOGIA

Para realização desse artigo foi feita uma pesquisa de cunho qualitativo do tipo participante observador e quantitativo. Foi realizada por meio da elaboração e aplicação de um modelo didático (MD) para alunos do 2º ano A (2ºA) do ensino médio em um colégio estadual, no município de Cascavel/PR.

A pesquisa foi dividida em duas etapas. Na primeira, foi feito um levantamento teórico do conteúdo sobre reprodução de angiospermas. Após, foi construído um esboço do desenho que foi usado como molde para a versão final, a qual seria implementada na escola e posteriormente classificados os materiais necessários, que melhor se adaptaram para a construção do MD.

1 Bióloga licenciada em Ciências Biológicas. Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. adrianaloteriodri@hotmail.com

2 Mestre, Universidade Estadual de Maringá. Orientador(a). Prof.^(a) do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS campus Realeza. marciasilva@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

A segunda etapa foi a implementação da pesquisa na escola, a qual se desenvolveu em 2 aulas sobre o conteúdo de anatomia reprodutiva de angiospermas, utilizando a metodologia expositiva dialogada e o modelo didático. Após a aula, foi aplicado um questionário estruturado. Os resultados foram analisados e organizados em gráficos.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

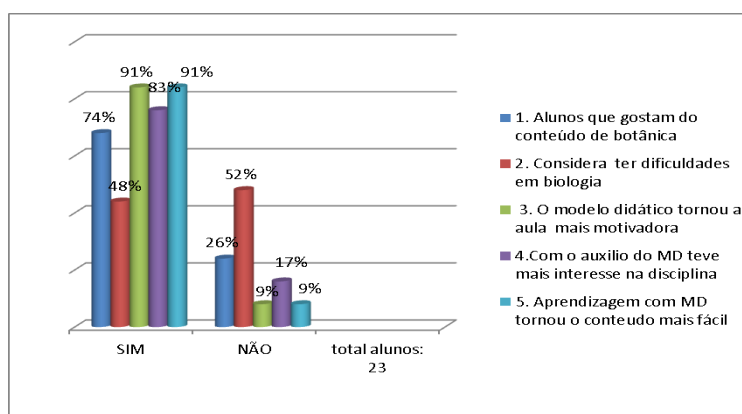
No dia previsto para desenvolvimento da aula e da coleta dos dados por meio dos questionários, estava chovendo bastante e alguns alunos não compareceram a aula. Sendo assim, teve uma pequena amostra de questionários para serem avaliados, contando com a participação de 14 alunos. Os resultados foram organizados em duas categorias, as quais são descritas a seguir.

Após a aula expositiva dialogada e com a utilização do modelo (Figura 1), os alunos puderam ter contato com flores verdadeiras para identificar as estruturas visualizadas no MD. Na avaliação do questionário, às considerações feitas aos alunos sobre o conteúdo relacionados à botânica, 73% responderam que gostam do conteúdo de botânica, 52% relataram não ter dificuldades de aprender o conteúdo de biologia.



ILUSTRAÇÃO 1: Aula 2º ano A Utilizando Modelo Didático

Os alunos foram questionados sobre a motivação frente a aula com o MD e os resultados podem ser observados na ilustração 2.





II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

ILUSTRAÇÃO 2: Considerações feitas aos alunos sobre o conteúdo relacionado à botânica

De acordo com Setúval e Bejarano (2009), cabe ao educador ter expectativa de buscar e produzir um recurso didático para trabalhar a prática de ensino, buscando no recurso didático a construção do conhecimento no processo do ensino / aprendizado.

Com relação a aprendizagem dos alunos sobre o conteúdo exposto na aula “anatomia reprodutiva da flor” os alunos conseguiram responder as questões, verificando a questão da letra A sobre conhecimento de “Sépalas” podemos observar a partir dos dados exposto no gráfico que a maioria dos alunos conseguiram responder essa questão uma vez que 73% dos alunos chegaram a resposta correta. Em relação ao conhecimento de “Pedúnculo” questão da letra B pode dizer que os alunos não tiveram um bom conhecimento percebendo que essa palavra é muito difícil de responder e a resposta esperada não foi satisfatório tendo somente 17% de acertos. Em relação à questão da letra C sobre “origem da semente e formação do fruto” a resposta esperada da origem da semente seria o “óvulo” e para a formação do fruto “Ovário”, tendo assim somente 52% de acertos. Sobre o conhecimento de “Pétalas” na questão da letra D percebe-se um alto nível de conhecimento, demonstra que os alunos tiveram um bom desempenho a resposta foi muito satisfatória, obtendo 100% resposta correta.

Na questão da letra E quando se trata da formação dos estames a resposta esperada seria que o Androceu é formado pelo conjunto de estame e o estame é formado pelo filete e Antera, essa resposta é um pouco confusa, mas com a utilização do MD na sala, explicando cada passo os alunos conseguiram responder essa questão 91% de acerto. Na questão da letra F sobre a produção do grão de pólen a resposta esperada seria estames 26% dos alunos conseguiram chegar à resposta correta, mesmo assim a resposta esperada não foi muito satisfatória. E por fim na questão da letra G se tratando da parte feminina da flor os alunos tiveram um grande desempenho à resposta esperada seria Gineceu e 74% dos alunos conseguiram responder essa questão corretamente.

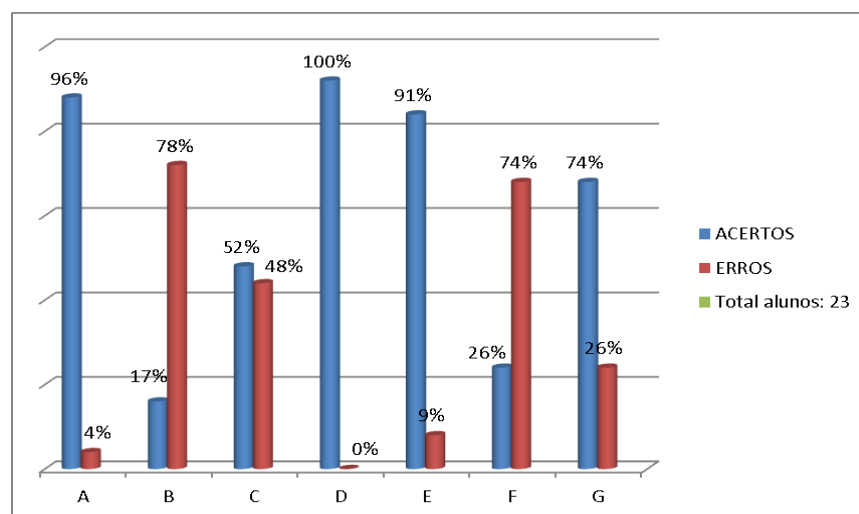


ILUSTRAÇÃO 3: Conhecimentos dos alunos sobre anatomia reprodutiva da flor



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Para Saab e Godoy (2007), as aulas expositivas são um importante recurso didático, pois leva o discente se aproximar do teórico prático, mas é necessário a participação dos discentes porque é nesse momento que o docente vai perceber o aprendizado de cada discente e ao mesmo tempo tirar dúvidas, por isso que é importante a participação dos discentes na sala de aula assim o docente consegue perceber se a aula esta sendo eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que o presente trabalho trouxe uma experiência muito satisfatória, e que a utilização de um modelo didático durante a aula contribuiu significativamente no processo de ensino/ aprendizagem dos discentes e que o modelo didático serve como ferramenta favorecendo assim o interesse dos alunos em relação ao conteúdo.

Considera-se a utilização de modelos didáticos um processo muito importante, pois, por meio destes permite-se aos alunos um ensino/aprendizagem significativo, buscando auxiliar os alunos no processo de construção do conhecimento científico. Conclui-se, portanto, que o MD proporcionou um bom incentivo e aprendizado dos discentes.

REFERÊNCIAS

- COSTA, V. R.; COSTA, E. V. **Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Básica, 2006. Coleção Explorando o Ensino. V. 6, p.125. Brasília 2006.
- DUTRA, A.P.; GÜLLICH, R. I. C. **A botânica e suas metodologias de ensino**. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Revista da SBEnBio. Associação Brasileira de Ensino de Biologia – n.7, Out. de 2014.
- GOMES, F. K. S.; CAVALLI, W. L.; BONIFACIO, C. F. **Os Problemas e as Soluções no Ensino de Ciências e Biologia**. 1º Simpósio Nacional de Educação XX Semana da Pedagogia. UNIOESTE. Cascavel- PR. Nov. de 2008.
- SAAB, A. A. L.; GODOY, T. M. **Experimentação nas aulas de Biologia e a Apropriação do Saber**. Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG. Ponta Grossa PR. 2007.
- SETÚVAL, F. A.R.; BEJARANO, N. R. R.; **Os modelos didáticos com conteúdos de genética e a sua importância na formação inicial de professores para o ensino de Ciências e Biologia**. VIIEnpec. Encontro Nacional de Pesquisa em Educação e Ciências. Florianópolis- SC. Nov.2009



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

MERITOCRACIA X DESIGUALDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

Carla Munique Aparecida Garda¹
Rosani Maria Verus²
Gilson Luís Voloski (Orientador)³

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo apresentar o conceito de meritocracia e problematizar sua viabilidade na escola pública brasileira. Trata-se de um ensaio textual reflexivo realizado através de embasamento bibliográfico, bem como, em discussões realizadas na disciplina de Fundamentos da Educação. A modalidade ensaio se apresenta como um exercício de pensar criticamente o tempo presente mediado por conceitos da literatura pedagógica. Este estudo se justifica tendo em vista que o termo meritocracia vem ganhando espaço no discurso reformista da educação básica. De outro lado, sabe-se que o Brasil é um país cercado de notórias desigualdades, inclusive no que se refere ao ambiente da educação escolar.

Diante disso, faz-se necessário refletir sobre os reais efeitos de um sistema meritocrático no contexto escolar. Assim, busca-se através desta pesquisa discutir a seguinte questão: o sistema meritocrático é justo ou ele acaba por legitimar ainda mais as desigualdades por meio da educação escolar?

No primeiro momento, apresenta-se o conceito etimológico de meritocracia, bem como, as colocações que a literatura trás quanto a esta indagação. Em seguida, busca-se trazer uma discussão de como se dá a prática do sistema meritocrático no ambiente escolar, ressaltando seus principais aspectos. Por fim, procura-se responder a questão norteadora desse trabalho, baseando-se na discussão fomentada ao longo do texto.

1 MERITOCRACIA: DO CONCEITO À PRÁTICA NO MEIO ESCOLAR

De origem etimológica, a palavra meritocracia, vem do latim *meritum* que significa “mérito”, unida ao sufixo grego *cracia*, que se traduz como “poder”. De maneira mais objetiva, o sistema de meritocracia defende que as posições sociais dos indivíduos na sociedade é decorrência do mérito de cada um (WALZER, 2003). A perspectiva ética de justiça, no caso, é a cada um conforme o seu mérito. Em outras palavras, é justo alguém ocupar um determinado lugar ou posição social de acordo com o merecimento e esforço pessoal.

Na Paideia, ideal formativo dos antigos gregos, a meritocracia já marca presença na obra *A república* de Platão (1997). Na proposta moderna, entre outros,

1 Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. muniquegarda@gmail.com

2 Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. rosanimverus@gmail.com

3 Prof. Dr. em Educação. Prof. de Fundamento da Educação do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. gilson.voloski@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

torna-se argumento nas obras de Comte e Durkheim (1978). Com a democratização do acesso à escola pública, acreditava-se que o sistema educacional era justo por todos possuírem as mesmas oportunidades. Assim, se alguém não conseguisse ocupar um lugar considerável na sociedade, era porque ele não se esforçou o suficiente para tal conquista. Em outras palavras, cada um deveria ocupar o lugar social conforme seu desempenho individual no processo educativo escolar.

Para críticos como Bourdieu, o rendimento escolar do aluno está relacionado com o capital econômico, social e cultural das famílias dos educandos (FERREIRA, 2013). Afinal, a escola valoriza e exige certas capacidades ou hábitos que são adquiridos, ou não, ainda na convivência do ambiente familiar. Embora todos tenham a mesma oportunidade de acesso, estas diferenças de capitais entre os alunos reforçam a desigualdade no desempenho da aprendizagem escolar, que, por sua vez, esta reproduz e amplia as desigualdades sociais. Desse modo, ao contrário da democratização, a escola pública ao promover a meritocracia, sem considerar as diferenças de condições dos alunos, apenas legitimaria a desigualdade social.

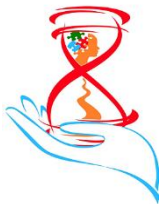
Deste modo, os resultados obtidos pelos estudantes dependem de vários fatores e hábitos anteriores às da escola. Em uma metáfora, a meritocracia na escola pode ser comparada a uma corrida de automobilismo, na qual todos têm a mesmas oportunidades como o ponto de partida e a distância a ser percorrida, porém alguns acabam sobressaindo por essas capacidades prévias ou orientação para a competição, bem como as condições do veículo são diferenciadas. Logo, alguns tendem a chegar primeiro ao destino final, enquanto outros possuem inúmeros obstáculos a ser enfrentado no caminho, o que vai fazer com eles fiquem para trás ou abandonem a disputa. Na concepção meritocracia, todos são considerados "concorrentes" iguais, independentemente de classe social e oportunidades que tiveram na vida, se puderam ou não estudar nas melhores escolas, com os melhores professores, se teve ou não que trabalhar para ajudar a família, considerando esses aspectos, a meritocracia tende a ser sinônimo de desigualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a enorme desigualdade da realidade do país, acredita-se que a meritocracia não é um sistema justo a ser aplicado na escola pública brasileira. O sistema meritocrático até poderia ser justo, cada um conquistar a sua posição social por meio do esforço e mérito pessoal, desde que as condições socioeconômicas e culturais do conjunto da sociedade fossem o mais próximo possível da igualdade. Caso contrário, aplicá-lo como abordagem pedagógica apenas poderá agravar ainda mais as desigualdades já existentes. Uma escola pública comprometida com o processo de democratização da educação como justiça social, buscará uma atenção pedagógica especial aos educandos historicamente desfavorecidos, para que tenham a oportunidade de desenvolver certas capacidades e disposição em sentido de uma equidade social.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

FERREIRA, Wallace. **Bourdieu e Educação: Concepção Crítica Para Pensar as Desigualdades Socioeducacionais no Brasil.** e- Mosaicos, v. 2, n. 3, p. 46-59, 2013.

WALZER, M. **Esferas da justiça.** Uma defesa do pluralismo e da igualdade. São Paulo: Martins Fontes, (2003).

PLATÃO. **A república.** São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os pensadores).



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**MUSICALIDADE NO ENSINO: DISCUSSÃO DA TEMÁTICA
CULTURA DO ESTUPRO NO ENSINO MÉDIO**

Maurício Quoos Konzen¹

Matheus Barreira Caldas²

Caroline Somavilla³

Marielly Coradin de Moura⁴

Neusa Boavas⁵

Alexandre Carvalho de Moura (Orientador)⁶

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

INTRODUÇÃO

A presente atividade didática foi realizada pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação da Docência – PIBID, subprojeto Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza – PR e aplicada no ensino médio do Colégio Estadual Doze de Novembro do município de Realeza – PR. Com o auxílio do vídeo clipe da música Mc Kevinho - Tumbalatum discutimos a temática transversal “cultura do estupro” que é de grande importância no âmbito social e cultural.

A discussão do tema no ambiente escolar é extremamente necessária para que se esclareça que não existe sexo frágil ou justificativa para violência sexual, é essencial estudar a desigualdade de gênero para aprender a respeitar a mulher. Foram apresentadas questões que transpassam a relação entre música, sexualidade, cultura e relações humanas. Assumindo uma postura crítica-reflexiva, comprometida com essas questões, almejando uma formação humana e social para os indivíduos influenciados diretamente na caminhada para a autonomia individual. (FREIRE, 1996).

Neste contexto a mídia musical exerce forte influência no cotidiano social, sobretudo de jovens que passam a se identificar com a sonoridade, as letras, o modo de se vestir e de se comportar, fazendo com que, muitas vezes, uma geração possa reconhecer-se na produção musical de um determinado período (OLIVEIRA, 2012).

1 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. koonzen@hotmail.com

2 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS matheucaldas_@hotmail.com

3 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS carol.somavilla15@gmail.com

4 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS marielly.biologia@gmail.com

5 Licenciada em Ciências Naturais. Professora do Colégio Estadual Doze de Novembro. neusa.boavas@gmail.com

6 Dr. em Recursos Hídricos. Orientador. Prof. do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. alexandre.moura@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Esses recursos auxiliam e complementam o processo de ensino-aprendizagem, sendo uma ferramenta de fácil acesso que possibilita discutir diversas temáticas, instigando o aluno a participar da socialização e debater os temas propostos (SILVA; OLIVEIRA, 2010).

1 DESENVOLVIMENTO

Historicamente nossa sociedade se desenvolveu com fortes influências do patriarcalismo e conseqüentemente a desigualdade de gênero, como reflexo desses movimentos vivenciamos a cultura do estupro, meio que justifica, banaliza e legitima a violência contra a mulher.

Para construirmos o conhecimento sobre a cultura do estupro, é essencial compreender a construção histórica da imagem da mulher. O termo patriarcal foi originado para afirmar controle a respeito dos objetos femininos, ou seja, aclarar o domínio dos homens sobre as mulheres (NYE, 1995). Vivemos em uma sociedade patriarcal desde o tempo de colônia, onde a mulher tinha como obrigação de submissão, reclusão e domesticidade ao “lar”, suas principais tarefas eram a criação dos filhos, e o zelo pela casa e o esposo, vivendo submissa a ele (FOLLADOR, 2009; SOUZA, 2007).

O antagonismo entre o sexo feminino e masculino reflete na desigualdade de gênero, caracterizada no sistema patriarcal pelos estereótipos de cada sexo, que são consequência das construções sociais, culturais e dos diferentes papéis sociais condicionados ao sexo biológico, formando polos de submissão e dominação (CUNHA; 2014).

Tratando de formas diferentes os indivíduos frente ao seu gênero, com uma ideologia sexista, onde o homem é o detentor do conhecimento e de tomada de decisões, estimula o preconceito, caracterizado pela violência contra a mulher (CUNHA, 2014; DIOTTO; SOUTO, 2016; FIGUEIREDO, 2014). Além disto, a mulher é objetificada, isto é, historicamente o homem viu a mulher como objeto de desejo, uma pessoa a seu fruir, satisfazendo suas necessidades, especialmente ao prazer, sem levar em consideração o consentimento (DIOTTO; SOUTO, 2016).

A violência contra a mulher é produto social, edificador da sociedade patriarcal, que propicia relações de submissão e dominação (CUNHA, 2014). Essa hegemonia masculina influencia na “conduta moral” da sociedade, nas palavras de LIMA (2012, p. 9) “Os homens do mundo patriarcal devem pautar-se de forma sexualmente livre” a autora relata que nesses casos a mulher deve preservar sua “moral sexual”.

Enquanto professor e em meio às experiências proporcionadas pelo PIBID, compreendemos a importância de abordar a temática cultura do estupro na escola. Acredita-se que a escola pode perpetuar preconceitos, mas também pode desconstruí-los, assegurando as individualidades presentes no espaço escolar, com isso pode atingir sua potencialidade para a construção de uma sociedade mais igualitária, sem preconceito nem discriminação (CASTILHO, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término das atividades foi entregue um questionário aos alunos indagando-os sobre a importância das discussões, a opinião deles quanto à



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

influência das músicas nas ações do seu dia a dia e da sociedade e sobre a importância das discussões na sua vida.

As atividades foram realizadas com aproximadamente 219 alunos, desses 199 consideram importante realização das discussões sobre cultura do estupro, entretanto sete alunos acreditam não haver necessidade de discussão e sete se posicionaram indiferentes. Quanto à opinião dos alunos sobre a influência das músicas no dia a dia, a grande maioria reconheceu que muitas músicas possuem letras preconceituosas e muitas vezes não refletimos sobre e acabamos reproduzindo e banalizando-as, e que o debate os auxiliou nesse discernimento.

A respeito da importância das discussões os alunos responderam que dificilmente esse tipo de informação é abordado nas escolas por serem consideradas tabus e que elas são importantes, pois auxiliam a formar suas opiniões.

É importante desconstruir esses pensamentos de poder do gênero masculino, salientar que todos os gêneros são importantes no âmbito social e cultural. Independentemente dos valores sócias e morais nenhuma mulher deve ser violentada, a violência sexual gera consequências para saúde física, social e psicológica da mulher, a discussão do tema no ambiente escolar é extremamente necessária para que se esclareça que não existe sexo frágil ou justificativa para violência sexual, é essencial estudar a igualdade de gênero para aprender a respeitar o próximo.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ela Wiecko Volkmer. **O papel da escola para a educação inclusiva**. In LIVIANU, R., coord. Justiça, cidadania e democracia [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social. p. 108- 119. 2009.

CUNHA, Bárbara Madruga da. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero**. JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE DIREITO DA UFPR, XVI, Anais. Curitiba, 2014.

DIOTTO. Nariel; SOUTO. Raquel Buzatti. **Aspectos históricos e legais sobre a cultura do estupro no Brasil**. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPÔRANEA, 13. 2016, Santa Cruz do Sul. Anais... Santa Cruz do Sul, 2016.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. **Discurso, gênero e violência: Uma análise de representações públicas do crime de estupro**. Language And Law / Linguagem e Direito, Santa Catarina, v. 1, n. 1, p.141-158, 2014.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental**. Revista Fato & Versões, Mato Grosso do Sul, v. 1, n. 2, p.3-16, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

LIMA, Marina Torres Costa. **O estupro enquanto crime de gênero e suas implicações na prática jurídica**. 2012. 32 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Direito) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução: Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

OLIVEIRA, Vilmar Pereira. **A Influência do gosto musical no processo de construção da identidade na juventude**. 2012 95 f. Monografia (Especialização em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SILVA, Rosilma Ventura; OLIVEIRA, Elisangela Mercado. **Encontro em pesquisa e educação em alagoas**, 5. 2010, Alagoas. Anais... Alagoas, 2010.

SOUZA, Alinaldo Faria. **Entre a reclusão e o enfrentamento: a realidade da condição feminina no Espírito Santo a partir dos autos criminais (1845-1870): desmistificando estereótipos**. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**NARRATIVAS DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS E COORDENADORAS
DA TRI FRONTEIRA SOBRE O PEIBF**

Fernanda Marchiori Grave - UFPR¹
Marcos Aurelio Zanlorenzi (Orientador) – UFPR²

INTRODUÇÃO

Apresento aqui o relato de minha pesquisa de Mestrado que está em fase de conclusão, sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná, na linha de pesquisa de Educação Matemática. Diante do contexto vigente que estou inserida enquanto docente do IFPR Campus Barracão, somado aos meus anseios anteriores de pesquisas já realizadas e perante a vasta coletividade de indivíduos que me deparei ao chegar a Tri Fronteira, ao ouvir um pouco do programa Escola Bilíngue de Fronteira, houve um encadeamento de convicções e anseios, donde, então, se constituiu o propósito da pesquisa: Construir fontes orais a partir de entrevistas com duas professoras alfabetizadoras e duas coordenadoras da Tri Fronteira que participaram do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF). Minha investigação se concentrará na Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, localizada em Dionísio Cerqueira/SC e sua escola irmã a Escuela 604 localizada em Bernardo de Irigoyen/AR. Por isso, as colaboradoras da pesquisa serão duas coordenadoras (uma da Escuela 604 da Argentina e uma da Escola Theodureto) e duas professoras alfabetizadoras brasileiras que trabalharam com o cruze na escola irmã da Argentina.

1. METODOLOGIA

Uma vez que a minha investigação tomou forma enquanto projeto de pesquisa e começou a ganhar corpo enquanto pesquisa acadêmica e o tema e a meta do trabalho foram definidos, a pesquisa passou exigiu muito mais de mim enquanto pesquisadora senti um grande compromisso, no sentido de me responsabilizar por essa investigação como um todo e de forma muito especial e consciente, ao definir a maneira que eu utilizaria para conduzir essa investigação, a metodologia que seria adotada.

Desde o momento que decidi pela metodologia da História Oral na vertente temática, sempre defendi que as narrativas das depoentes por si só bastam! Em nenhum um momento tive o anseio de analisa-las, ou compará-las. Compreendo que como objetivo é construir fontes orais sobre o PEIBF á partir da narrativa de minhas colaboradoras. Então, não pretendo explicar nem solucionar nada. Para mim, a compreensão abre portas para enxergarmos os significados. E, nesse sentido, me dei conta do quanto à metodologia da História Oral viria para somar em minha pesquisa. E foi por esse caminho que decidi caminhar. Garnica ajuda a fundamentar a escolha por este método dizendo que:



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

[...] A justificativa para isso é simples: quem usa a História Oral visando a compreender o que quer que seja, estará, intencionalmente, produzindo fontes que podem -ou não- servir para expor perspectivas biográficas e contextuais não só sobre aquilo que se estuda, mas sobre aqueles que, com seus depoimentos, permitem-nos uma aproximação ao objeto analisado [...] (GARNICA, 2010, p. 31).

Como o nome por si só já transmite, a História Oral é uma forma específica de discurso, onde o termo história invoca uma narrativa do passado e oral indica um meio de expressão, isto é, os participantes da pesquisa, ao lembrar e reviver o seu passado, para então produzir as narrativas, contam aquilo que de fato foi experienciado e sentido, mergulhados no modo como ainda se relacionam com seu passado e pelos significados que atribuem, no tempo presente.

Nesse sentido, Garnica (2010) nos diz que as fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Sendo assim, interessa o caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores de forma a contá-la. E a própria construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator (colaborador) com sua história. E essa singularidade, própria das fontes orais, permite trazer à cena, trabalhos sem igual.

Portanto, todos os resíduos de informações devem ser apreciados com a mesma cautela, tendo seus limites continuamente testados. Assim, pensamos a História Oral como uma possibilidade de investigar o dito, o não dito e, muitas vezes, de tangenciar o indizível e seus motivos; e, por conseguinte, de pesquisar os regimes de verdade que cada uma das versões registradas cria e dá validade. Sendo assim, a História Oral viabiliza transcodificar e, portanto, redimensionar os registros e as práticas (GARNICA, 2010, p.34).

As próprias narrativas produzidas se tornam instrumentos importantes, pois é ferramentas que podem fazer o ouvinte viajar através da história ali narrada.

Atualmente, o cotidiano é marcado pela cultura digital e sua velocidade, faz com que, muitas vezes a informações desapareçam rapidamente, se perdendo no tempo e rapidamente sendo esquecidas. Nesse cenário, com essa velocidade desenfreada, muito perdemos das lembranças, dos substratos de vida, e das possíveis construções de diferentes saberes. Por isso Delgado (2003), atenta para o fato da história oral, agir nesse sentido, atuar na produção de narrativas como fontes históricas, como fontes de conhecimento, como fontes do saber. A autora ainda enfatiza que a narrativa, os sujeitos, suas memórias e identidades, nada mais são que a própria humanidade em movimento.

No que tange ao instrumento escolhido para essa pesquisa, optei por trabalhar com palavras-chaves. E para conseguir esclarecer e justificar minhas escolhas elaborei a ilustração abaixo:



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017



ILUSTRAÇÃO 1: INSTRUMENTO DA PESQUISA

Fonte: A Autora (2017)

Quando decidi pelo procedimento da História Oral, também fiz a escolha por trabalhar com palavras-chaves. Neste contexto, separei as palavras em dois eixos: A Proposta e o Ensino. Totalizando 10 palavras-chaves nos dois eixos. Essas palavras foram escolhidas como agentes motivadores iniciais para as entrevistas, ou seja, para agirem como uma provocação preliminar, provocação essa, que possa facilitar a fala e a própria construção das narrativas.

Pondero que atuando dessa maneira, as entrevistadas possam contar de maneira natural suas experiências com o programa PEIBF. Todas as palavras, independente ao eixo que façam parte, serão impressas em papel branco com a escrita preta e recortadas individualmente e disposta na mesa na frente das entrevistadas. Minha intenção, é que as colaboradoras preencham uma ficha inicial, com seus dados e formação antes de iniciarmos a entrevista.

Nessa pesquisa, optei pela gravação do áudio das entrevistas, e depois de terminado o momento da entrevista é hora de iniciar a etapa de degravação das oralidades registradas. Optei por iniciar essa etapa o mais breve possível. Essa escolha se deu pelo frescor de memória que existia em mim, sobre aquele momento único.

Quando o pesquisador finaliza a textualização, deve submetê-la aos depoentes para correções e complementações. Os autores têm chamado a essa fase de legitimação e conferência. Os depoentes têm direito às suas memórias e, frequentemente, esse processo de checagem é lento.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo a metodologia adotada, depois de fixada nossa questão norteadora, devemos partir à procura dos colaboradores, que na História Oral, são denominados narradores, que mesmo com suas individualidades e particularidades, nos auxiliem com suas próprias perspectivas. Esse processo de procura dos depoentes, segundo a História Oral, comumente se dá num processo de rede, pois a partir do tema pré-estabelecido, o pesquisador volta-se para a comunidade em que esse tema se



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

insere e, nesse contexto, surgem os possíveis nomes, ou sugestão de depoentes. E foi o que aconteceu comigo, na busca dessas professoras que poderiam colaborar de forma significativa com essa pesquisa.

Posteriormente, o método da História Oral, sugere um planejamento inicial, uma pergunta diretriz, ou um roteiro de questões, nesta pesquisa, optamos por usar palavras-chaves que as dividi em dois eixos, essas serão apresentadas logo abaixo, quando trato do Instrumento da Pesquisa.

Usando o bom senso, as entrevistas foram agendadas com antecedência e busquei esclarecer às depoentes, do que se tratava a investigação e as naturezas de minhas intenções, quais seriam os procedimentos adotados, o quanto suas falas são importantes para a pesquisa em questão e que, posterior à transcrição das narrativas, o material retornaria para que pudessem ler, analisar e pedir qualquer alteração ou recorte que julgassem necessário. Acredito que o fato de esclarecer tudo isso ao possível colaborador, de maneira nenhuma pode atrapalhar as narrativas que serão construídas. Penso que o fato do colaborador ter a noção do que irá participar e quão é importante sua cumplicidade, lhe proporcionará segurança nas intenções do pesquisador. Então, toda essa conversa com cada uma das colaboradoras se deu no momento que entreguei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido à cada uma das depoentes.

Como a História Oral Temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas podem não se sustentar sozinhas ou em versões únicas. Optei por entrevistar as duas professoras brasileiras que atuaram no momento inicial do programa junto a Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto (Fátima e Neuzanira), a coordenadora do programa no Brasil (Dayani) e a coordenadora do programa na Argentina, frente à Escuela 604 (Fatima).

Aguardei de maneira ansiosa pelo momento das entrevistas. Sabia que seria o instante fabuloso dentre os quais a escolha metodológica que estabeleci iria me proporcionar.

Para mim, interessa que o colaborador dê seu depoimento cumprindo ou não, todas as palavras-chaves. Pois tenho claro que o desejo que o depoente siga todas as palavras-chaves sugeridas por mim, é apenas um desejo meu, enquanto pesquisadora e como tal não deve ser imposto ao depoente, mas pode com ele ser discutido, comprometendo-o com a pesquisa.

Sendo assim, penso que ao determinar minha opção metodológica pela História Oral, e colocar-me a frente da possibilidade de construir narrativas junto as professora colaboradoras de minha pesquisa, eu, enquanto pesquisadora e pessoa humana me dediquei à arte do saber, do ser capaz de escutar. Acredito que desenvolver essa capacidade não é nada simples, pois para ser capaz de realmente escutar é preciso pôr de lado nossos preconceitos, e de fato nos instalar em um estado mental de recepção, onde nos dispomos a compreender o que outro nos fala.

Nesse sentido, eu, que pouco conhecia quanto à metodologia da História Oral, me coloquei a estudar e buscar compreender o que os autores dessa proposta me traziam. Senti-me realmente aprendiz, e isso é absolutamente respeitável. Coloquei-me a pensar que tudo se dá em virtude dos processos de comunicação. E, por isso, todos nós temos histórias a contar, mas se ninguém nos escuta, contamos a nós mesmos, e então, muito se perde.

Após entrevistar a professora Lúcia e a professora Neuzanira, me deparei com um material muito rico, seus registros do Programa. Nestes cadernos e pastas,



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

as professoras guardam todos os seus planejamentos de aulas, as avaliações de quem as assessorava na época, muitos registros fotográficos das aulas e vários recortes de jornal contendo notícias sobre o programa. Não tive dúvidas ao ver esses materiais, o quanto relevante àqueles registros era. Gentilmente, as professoras cederam suas pastas e cadernos para que eu trouxesse para casa, para analisar com calma e fazer os meus registros fotográficos daqueles materiais se eu assim desejasse e julgasse válido para a minha pesquisa.

Optei por apresentar as narrativas na dissertação, na ordem que ocorreram as entrevistas. E escolhi que cada uma das narrativas textualizadas será apresentada como um capítulo, no sentido de valorizar cada uma das colaboradoras, então a entrevista textualizada será apresentada na íntegra no corpo do trabalho, já a transcrição é exibida na íntegra nos apêndices. Usamos negrito nas textualizações para destacar as palavras-chaves determinadas quanto ao instrumento da pesquisa.

Ao entrevistar as colaboradoras, e ver o olhar das mesmas no tempo e quanto ao tempo, foi um momento rico de aprendizagem, pra mim, enquanto pesquisadora. Por isso também, se deu a escolha do título desse capítulo, que nada nos reflete melhor do que nossas próprias palavras, esse é o espelho da alma, da memória, do tempo e das identidades. Pois em um curto espaço de tempo, um pequeno momento, que durou meu encontro com cada uma das colaboradoras, eu puder conhecer e sentir o passado vivido por elas, as marcas que experiências deixaram, foi um momento muito tocante, para mim, enquanto entrevistadora e certamente, para elas, enquanto narradoras de suas próprias histórias. Para elas, foi muito mais que um simples lembrar o passado:

O lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (Bobbio, 1997 citado DELGADO, 2003, p.16).

Confesso que entrar na vida, na casa, nas lembranças, na historicidade de cada colaboradora, trouxe para mim, a possibilidade de olhar além do que eu posso ver e de ouvir muito além, do que uma pessoa qualquer, que não viveu o programa de perto, possa nos contar. Tratando mais especificamente sobre o Programa, com o objetivo de estreitar os laços na área educacional entre os países vizinhos, foi firmada, em 23 de novembro de 2003, a Declaração Conjunta de Brasília, para fortalecimento da integração regional. Nessa declaração, estabelecida entre o Brasil e a Argentina, a educação foi reafirmada como espaço cultural para o fortalecimento da consciência favorável à integração regional. A partir desse momento, equipes técnicas da Argentina começaram a elaborar a primeira versão do programa em linha geral. Como resultado dessa pesquisa, surgiu a necessidade de elaborar, em meados de maio de 2004, um levantamento que pudesse fornecer dados a respeito da realidade sociolinguística dos professores e alunos envolvidos no programa. Em maio de 2004 produziu-se a primeira versão do "Projeto-piloto de Educação Bilingue - Escolas de Fronteira".



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Segundo Bianchezzi et al.(2012), após serem realizados estudos e discussões entre Brasil e Argentina, organizou-se o Acordo Bilateral pautado em documento elaborado especificamente para Escolas de Fronteira. Teve a participação de representantes do Ministério da Educação do Brasil e do Ministério de Educación, Ciencia y Tecnologia da Argentina. Esse Acordo Bilateral abriu as “portas” para novas formas de ensinar e aprender, a partir de um “modelo” comum entre as escolas de zona de fronteira, com objetivo de desenvolver a educação sociolinguística e intercultural.

Programa Escolas Bilíngues de Fronteiras (PEIBF): Modelo de ensino comum em escolas de zona de fronteira, a partir do desenvolvimento de um programa para a educação intercultural, com ênfase no ensino do português e do espanhol. [...] Um esforço binacional argentino-brasileiro para construção de uma Identidade Regional Bilíngue e Intercultural no marco de uma cultura de paz e de cooperação interfronteiriça (BRASIL; ARGENTINA, 2008, p. 1).

As bases pedagógicas do PEIBF são a interculturalidade e o bilinguismo. Seu objetivo maior é o de promover a integração regional por meio da educação intercultural, considerando para isso os contextos multilíngues ou bilíngues existentes nas fronteiras, tendo como consequência a ampliação das oportunidades do aprendizado das línguas em uso e trocas culturais. O foco é a integração, visto que no PEIF-Programa Escola Intercultural de Fronteira - (nome inicial do programa) as aulas não se resumem ao ensino de língua estrangeira, mas o ensino em língua estrangeira, criando um ambiente real de bilinguismo para os alunos. Por enquanto, o programa ainda restringe-se às séries iniciais do Ensino Fundamental, mas há previsão de expansão.

Segundo o MEC, o objetivo principal do Projeto Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira é a integração de estudantes e professores brasileiros com os alunos e professores dos países vizinhos. O foco é a integração, além da ampliação das oportunidades do aprendizado da segunda língua.

A metodologia adotada no programa é a de ensino por projetos de aprendizagem. Os professores, de ambos os países, realizam o planejamento das aulas juntos e determinam em quais partes do projeto os professores realizarão o intercâmbio, pelo menos uma vez por semana. Portanto, o que ocorre no PEIBF não é o ensino de língua estrangeira, mas o ensino em língua estrangeira, criando um ambiente real de bilinguismo para os alunos.

A intenção do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira é que a interculturalidade e os idiomas possam ser trabalhados simultaneamente. Nesse sentido, opta-se por desenvolver nos alunos tanto com a oralidade como a escrita. Logo, fica evidente a necessidade de interação entre os envolvidos dessas escolas de países distintos. Para desenvolver essas habilidades, a Escola Theodureto (que já trabalhava nessa perspectiva), optou por trabalhar também no programa por trabalhar por projetos, onde a aprendizagem pode se dar de maneira coletiva e voltada para os arranjos locais existentes.

Uma educação para essas escolas de fronteira, nesse contexto, implica no reconhecimento e visibilização das culturas regionais envolvidas, tendo como base práticas de interculturalidade. Logo, como produto dessa interação e do diálogo entre os grupos envolvidos, tem-se, então, relações entre as culturas, o reconhecimento das características próprias e a visibilização do diferente como diferente (e não como "melhor" ou "pior").



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

A proposta compreende por “intercâmbio” a realização do chamado “cruce”, que é a organização da grade curricular com seis aulas semanais de intercâmbio por turma. Assim sendo, existe um horário de troca do corpo docente entre as escolas: enquanto professoras brasileiras estão em sala de aula na escola da Argentina, as professoras argentinas estão com os alunos na escola no Brasil, isso surge no sentido de fomentar a curiosidade em aprender a segunda língua, costumes, valores, cultura do outro país.

Igualmente importantes são as demandas por maior intercâmbio dos alunos das duas escolas-espelho, dada o movimento positivo que o ‘cruce’ de professoras tem provocado nas escolas, que possibilitou o despertar da curiosidade das crianças sobre o outro país (BRASIL; ARGENTINA, 2008, p. 22).

No início do programa, o intercâmbio esteve presente nas discussões até a efetivação do Acordo Bilateral. Junto a esse trâmite ocorreu à construção da proposta curricular, organização de encontros de formação de professores de ambos os países, planejamentos paralelos pelo corpo docente das escolas de fronteira envolvidas no programa, para, posteriormente, a implementação do projeto nas salas de aula das duas escolas parceiras. Posteriormente, com o passar dos anos, a burocratização foi se tornando um fator dificultador. Tanto, que atualmente existem professores específicos que são contratados para atuar no programa, e não mais, os próprios professores regentes das turmas. Nesse sentido, creio que muito se perdeu, principalmente quanto aos momentos em que os alunos conseguiam vivenciar a “troca de professores” e a troca de conhecimento interfronteiras.

Nesse mesmo sentido, o intercâmbio de alunos, onde os encontros eram realizados uma vez no semestre, com o objetivo de criar laços e possíveis trocas de experiências entre os alunos envolvidos (mesmo sendo poucos encontros durante o ano, este eram os objetivos da proposta, como podemos ver nos documentos), momento que eles denominavam culminância, também foi sofrendo com a burocracia frente à liberação para a passagem dos alunos de um país para o outro. Como as culminâncias dos projetos, sempre ocorrem em horário de aula, a escola tende se responsabilizar em totalidade pelos alunos, caso venha a acontecer algum tipo de fiscalização e não autorização na passagem da fronteira. Isso tornou os encontros cada vez mais escassos.

A Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto se localiza numa região fronteiriça, na cidade de Dionísio Cerqueira, em Santa Catarina, Brasil.

Próxima a ela, apenas separada pelos marcos que delimitam a fronteira internacional, encontra-se a Escuela 604, na cidade de Bernardo de Irigoyen, em Misiones, Argentina – Escola parceira na proposta de cooperação educacional. Segundo as informações contidas no blog da Escola Theodureto, tornou-se relevante organizar um ensino paralelo entre as escolas das duas cidadanias, o que motivou a criação do Programa Escola Intercultural Bilingue de Fronteira (PEIBF).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa aqui apresentada foi construir fontes orais a partir de entrevistas com duas professoras alfabetizadoras e duas coordenadoras da Tri Fronteira que participaram do Programa Escola Intercultural Bilingue de Fronteira (PEIBF). Sendo assim, fiz uso da História Oral como procedimento metodológico, em



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

sua vertente temática. Fato que existem coisas que antecedem e coisas que sucedem a pesquisa, por isso julguei necessário falar disso, pois esse todo que constitui as circunstâncias dessa pesquisa. Sendo assim, busquei esclarecer para o leitor donde parti enquanto pessoa humana no mundo, trazendo minhas inquietações e trajetórias até chegar nessa pesquisa; procurei também esclarecer para o leitor donde teoricamente eu parto para a essa pesquisa, explicando e justificando minha escolha metodológica.

E foi diante de tantas diferenças e peculiaridades ainda pouco conhecidas e estudadas, que o Programa buscou criar um ensino para essas áreas de fronteira, e assim surgiu o PEIBF, com a proposta de implementar políticas públicas que integrassem as suas fronteiras, como forma de enfrentar os desafios da mobilidade, segurança e integração com seus vizinhos partindo da área educacional.

Por meio do diálogo com diferentes autores, trouxe em meu trabalho um pouco sobre a História Oral. Após o estudo da metodologia escolhida, e todo o caminhar dessa pesquisa, me mantenho certa de essa foi a melhor opção. Após ter realizado as entrevistas, ter trabalhado na narrativa das depoentes no processo de transcrição e textualização, fico certa de que nenhum espelho nos reflete melhor do que nossas próprias palavras.

A preocupação quanto à disponibilização integral das textualizações revela um esforço na tentativa de preservar o discurso das entrevistadas, ainda que este se coloque, agora, como um discurso criado pelo pesquisador a partir da entrevista e autorizado pelo entrevistado como algo que este diria.

A transcrição da entrevista é considerada uma parte importante do trabalho por registrar na escrita as emoções, reações, ou seja, os detalhes que, muitas vezes, não são percebidos durante a entrevista. No momento de transcrição, pude parar para pensar com mais calma sobre o que cada depoente estava falando, acho que pelo fato desta etapa exigir que se escute por várias vezes pausadamente o áudio da entrevista, e neste momento, me ouvindo também, consegui pensar e repensar e minha postura enquanto entrevistadora. Neste processo, vêm à tona todas as emoções sentidas durante as entrevistas.

Posterior ao processo de transcrição é a etapa de textualização. O objetivo foi trazer uma organização para a narrativa, colocando-a mais próxima a um texto didático.

Tendo como ponto de partida nossa história de vida podemos acompanhar as transformações e evolução da sociedade. Esta rede de partilha e comunhão que a minha escolha metodológica possibilitou, fez com que eu pudesse me sentir parte integrante da história do PEIBF, e permitiu a possibilidade de valorizar as envolvidas nesse processo inicial do Programa na região da Tri Fronteira.

A possibilidade das depoentes construírem as narrativas sobre o Programa com base nas palavras-chaves, que previamente foram estabelecidas por mim, permitiu que as falas de cada uma das depoentes, se transformam em ação, atividade comunicativa, relação de cumplicidade entre o contador e o ouvinte, entre a colaboradora e a pesquisadora. Senti que as palavras-chaves incentivaram o resgate da memória do que foi vivido nestes mais de dez anos do Programa ali naquela região.

Observei cada detalhe, registro, e principalmente no silêncio, muitas respostas foram passadas, e até o não escolher falar sobre algumas das palavras-chaves que sugeri. As colaboradoras reviveram momentos marcantes de suas vidas,



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

buscaram distinguir falas e sentimentos que o tempo não apagou. São relatos dos momentos vividos, respostas pessoais, onde a melodia do passado foi interpretada pelo presente e se mantém vivo. A memória oral traz a vida, nos permite recolher toda a existência passada.

Devo ressaltar também, o quanto se sentiram especiais às colaboradoras de minha pesquisa, se sentiram únicas no sentido de poder contribuir para a educação com suas falas, percebendo que as suas experiências também poderiam ser contadas e que poderiam contribuir para diferentes pesquisas.

Em nenhum momento, á partir do instante que decidi pela história oral, tive a intenção de fazer qualquer tipo de análise ou comparação sobre as narrativas construídas. Defendo que elas por si, já bastam.

Defendo que a Educação Matemática deve ser compreendida, não apenas como uma constituição social, mas também como uma construção histórica e política. Os povos com suas diferentes culturas possuem também, múltiplas maneiras de trabalhar com os números e com os conceitos matemáticos. Todos os diferentes grupos sociais produzem conhecimentos matemáticos, assim como de outras áreas do conhecimento. E nesse sentido, que a Etnomatemática valoriza estas diferenças e afirma que toda a construção do conhecimento matemático é válido e está vinculado a tradição, à sociedade e à cultura de cada povo. Sendo assim, afirmo que toda cultura está ligada com os conhecimentos da matemática e que é uma nova forma de pensamento que ficou conhecido como Etnomatemática. Tentar aprender ou ensinar matemática, sem considerar que ela está envolta com a história ou até mesmo sugerir que ela não está integrada com as demais formas de cultura é uma grande utopia. Por isso, entender e descobrir a cultura que existe na matemática é uma nova forma mais autêntica de visualizar esse ramo específico da ciência que foi e ainda é praticada por grupos culturais, como das sociedades indígenas, grupos de trabalhadores, crianças de uma certa faixa etária, classes profissionais e etc. e que certamente vamos aprender muito com esses grupos, o que vai possibilitar produzirmos bons frutos e alavancar ainda mais o ensino e aprendizado de Matemática.

Sendo assim, compreendo que as narrativas construídas, as próprias transcrições na íntegra de cada uma das depoentes, e inclusive o rico material fotográfico cedido pelas professoras colaboradoras revelaram situações que podem ser bem aprofundadas em outras pesquisas, o que considero positivo. Para a composição das narrativas, tive a contribuição com documentos e fotografias do Programa, que duas das depoentes cederam à pesquisa. Acredito que as imagens contribuíram significativamente para esse trabalho, pois por meio delas podemos fortalecer as narrativas das duas professoras depoentes, ao retratar o lugar de onde vieram essas vozes era carente em vários aspectos, tanto pessoal quanto educacionalmente. Elas nos mostram a simplicidade das pessoas e o modo como aconteciam às aulas, as dificuldades em se deslocar para outro país, mas em contrapartida permitem também visualizar a busca por uma educação diferenciada e de qualidade nessa região de fronteira.

Diante de tudo que li sobre o Programa em seus documentos e registros, após tudo que as depoentes compartilharam comigo nas entrevistas, considero que a iniciativa do PEIBF foi muito interessante, no sentido de pensar em uma educação voltada para essas escolas de áreas de fronteira. No entanto, é possível perceber todas as dificuldades que as colaboradoras encontraram e ainda encontrar quanto à



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

proposta, seja quanto recursos financeiros, seja quanto ao assessoramento, seja quanto a parte burocrática para que o cruze possa acontecer. Senti que as colaboradoras da pesquisa correram atrás e se reinventaram no processo á partir das possibilidades que tinham. Sendo assim, compreendo o quanto difícil é proporcionar um Ensino de qualidade para os alunos que se inserem nesta região de fronteira, e por outro lado, vejo o quanto especiais são essas profissionais da área da educação, que vestiram e continuam vestindo a camisa do Programa, e seguem lutando por essa proposta, mesmo com tantas dificuldades.

Assim como já coloquei em meu texto outros momentos, finalizo essa pesquisa com o desejo de partilha. Esse foi o desejo que me fez iniciar e me manter nessa pesquisa. Sinto que ao finalizar esse texto muitas outras janelas se abrem quando eu penso no compartilhar dessa pesquisa, em especial com os que vivem na Região da Tri Fronteira e lutam pela educação de qualidade. Espero que essa investigação venha a contribuir nesse sentido e em muitos outros que meu olhar ainda não alcança.

REFERÊNCIAS

BIANCHEZZI, C. et al. **A construção e a prática do programa bilíngue em região de fronteira internacional Brasil-Argentina**. Cadernos do CEOM - Ano 25, n. 37 – Fronteiras, 2012.

BRASIL; ARGENTINA. **Ministério da Educação e Ministerio de Educacion, Ciencia Y Tecnologia**. Escolas de Fronteira, Brasília e Bueno Aires: MEC; MECT, 2008.

DELGADO, L.A.N. **História Oral e narrativas: tempo, memória e identidades**. In: Revista da Associação Brasileira de História Oral, nº 6, p.9-25, 2003.

GARNICA, A. V. M. **Manual de história oral em educação matemática: outros usos, outros abusos**. In: Anais SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA, Guarapuava (PR), 2007.

_____. **Registrar Oralidades, Analisar Narrativas: sobre pressupostos da História oral em Educação Matemática**. Ci.Huma. e Soc. em Rev. Seropédica, v.32, n.2, Julho/Dezembro de 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Escolas de Fronteira**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/escola-de-fronteira/escola-de-fronteira>> Acesso em: 18 de mai. de 2016.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**O AMOR PELA SABEDORIA E A REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA NA
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.**

Julia Elis Berres¹
Bruna Luisa Schwan²
Márcia Adriana Dias Kraemer³

INTRODUÇÃO

A delimitação temática desta investigação⁴ tem por escopo a reflexão acerca da importância do estudo filosófico e literário para o desenvolvimento do sujeito social. O problema de pesquisa questiona em que medida esses saberes podem contribuir significativamente para o desenvolvimento do ser humano. Por conseguinte, a hipótese que respalda a pergunta é a de que esse estudo, possivelmente, auxilie o ser humano a ponderar a reforma do pensamento, de maneira paradigmática, no intuito de articular e organizar os saberes, para o (re)conhecimento dos fenômenos globais que impactam a contemporaneidade.

Logo, o objetivo principal é o de estudar os pressupostos teóricos de educadores e de filósofos hodiernos, com o intuito de compreender em que medida a Filosofia e a Literatura podem colaborar na constituição dos saberes que resultam da investigação científica. Justifica-se este trabalho, porque se espera contribuir com a promoção e o desenvolvimento do pensamento humano na construção do conhecimento, pois surge na tentativa de desmitificar o senso comum e a cultura de massa, encaminhando o indivíduo à reflexão sobre a sua condição no mundo.

O trabalho tem cunho teórico, com caráter de análise qualitativa das informações e fins explicativos. A geração de dados realiza-se por meio de documentação indireta, bibliograficamente. A análise e a interpretação dos elementos investigados acontecem pelo viés metodológico hipotético-dedutivo, com auxílio do procedimento técnico histórico e comparativo. O relato de experiência apresenta, em seu desenvolvimento, o estudo acerca da importância da Filosofia aliada à Literatura como instrumento pedagógico, ponderando sobre a contribuição desses dois campos do saber à constituição do sujeito histórico-social.

1 A FILOSOFIA, A LITERATURA E O SUJEITO SOCIAL.

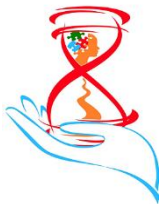
A Filosofia e a Literatura, como instrumentos para a formação holística do sujeito social, buscam auxiliar e encorajar na construção do pensamento humano, tanto na percepção de si mesmo quanto da coletividade no mundo. Não se trata de

¹ Acadêmica do Curso de Direito – 6º Semestre. Faculdades Integradas Machado de Assis. berres_elis@yahoo.com.br.

² Acadêmica do Curso de Direito – 6º Semestre. Faculdades Integradas Machado de Assis. brunaschwan3@hotmail.com.

³ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR. Bolsa Capes. Professora do Magistério Superior na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Realeza/PR. marcia.kraemer@uffrs.edu.br

⁴ Este relatório de experiência decorre de estudos ligados ao Grupo de Pesquisa PROPLAC - *Letramento Acadêmico/Científico no Contexto das Ciências Sociais Aplicadas*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Márcia Adriana Dias Kraemer.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

reinventar, reescrever ou refazer aquilo já posto, criado ou estabelecido, mas sim, estimular o pensar, a partir do que se compreende, com base em estudos teóricos ou empíricos, acerca da capacidade de refletir criticamente sobre a existência.

Nessa mesma perspectiva, a Filosofia e a Literatura possuem papel de suma importância, uma vez que ampliam a capacidade de interpretação, argumentação, raciocínio e de comunicabilidade do sujeito que passa a compreender o mundo a partir de novas cosmovisões e mundividências, pelo olhar do outro ou como outro de si mesmo (BAKHTIN, 2003). Além disso, propiciam o reconhecimento e a compreensão da representação que o homem possui em meio à sociedade e no tempo em que vive.

Conforme Candido, “A literatura é o sonho acordado das civilizações [...] Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.” (CANDIDO, 2006, p. 112). Assim também a Filosofia origina a arte do pensar, pois “supõe uma onipresente disponibilidade para a indagação [...] o filósofo é capaz de se surpreender com o óbvio e questionar as verdades dadas, aceita a dúvida como desencadeadora desse processo crítico.” (ARANHA; MARTINS, 2003, p.88).

Segundo Buzzi, pode-se entender que a linguagem filosófica e a literária compreendem a arte de pensar em três momentos distintos, quais sejam: a linguagem, o conhecimento e o ser (BUZZI, 2007). Logo, aprender a pensar significa obter, por meio da linguagem, o conhecimento sobre o ser. Por conseguinte, à medida que o homem vivencia experiências e perfaz sua existência, surge cada qual a sua maneira, a Filosofia e a Literatura. É por meio delas, dentre outras práticas de vida, que o pensamento aperfeiçoa seu desejo de busca, seu desejo de aprender a refletir.

Consequentemente, a partir da empatia criada por meio do contato com outras experiências mundanas, teórica ou empiricamente, nas relações que o homem estabelece com o seu contexto social, possibilita-se a geração de um processo catártico, um dos atributos da Filosofia e da Literatura, provocando a humanização. Como afirmam Girardi e Quadros: “Há um momento em que o homem age sobre a natureza, modificando-a, transformando-a, dominando-a. É uma tarefa de libertação em busca de uma autonomia e independência. Este é o processo de humanização.” (GIRARDI; QUADROS, 2001, p. 38).

Para Arruda e Martins, “O próprio tecido do pensar filosófico é a trama dos acontecimentos, é o cotidiano.” (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 89). Nessa perspectiva, pode-se perceber a Filosofia e a Literatura como aquelas que analisam a tessitura dos fios condutores do homem em sociedade. O texto literário, como o filosófico, é permeado de ideologias, correspondendo à representação das ações e das emoções humanas vividas socialmente. O escritor, por meio das palavras, corporifica e materializa uma realidade, que tem o escopo de instigar no leitor uma visão inquieta diante do que lê e vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser, por meio da linguagem, apropria-se do conhecimento que pode e deve resultar em um pensar filosófico. Por meio da linguagem, do conhecimento, do estreitamento com a Filosofia e da aproximação com a Literatura de qualidade, é



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

possível a constituição da autonomia e a independência do sujeito social. Compreende-se que “Os estudos literários e culturais, tal como as Ciências Humanas, precisam encontrar mecanismos que façam o lugar possível, que nos ajudem a identificar o espaço cultural dentro do qual operamos, em um dado momento histórico.” (BAZERMAN, 2006, p. 52).

No interdito da linguagem, tanto a Filosofia quanto a Literatura permitem ao leitor extrair suas próprias conclusões no processo de leitura, “[...] ao se defrontar, por exemplo, com problemas de situações cotidianas que lhe causam perplexidades: o indivíduo é estimulado, no processo do aprender, a compreender o como e o porquê dessas situações e é impulsionado a buscar soluções para elas.” (KRAEMER, 2014, p. 93). Entende-se, com efeito, que a Filosofia e a Literatura são fenômenos complexos e polifacéticos que não podem ser interpretado sem inseri-los na unidade diferenciada de toda a cultura de uma época. No momento em que se faz a leitura desses dois instrumentos culturais, o sujeito necessita entender o que se passa dentro de si. É nesse aspecto que reside o valor inestimável de ambos, ao oferecer novas dimensões à imaginação humana, àquilo que talvez ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. Angela Paiva Dionísio; Judith Chambliss Hoffnagel (Orgs.). Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

BUZZI, Arcângelo R.. **Introdução ao Pensar: o Ser, o Conhecimento, a Linguagem**. 33. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

KRAEMER, Márcia Adriana Dias. **Reflexão sobre o Trabalho Docente: o conhecimento construído na formação continuada e a transposição didática**. Santa Rosa: FEMA, 2014.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

O DIÁLOGO COMO ORIENTAÇÃO ÉTICA PROFISSIONAL

Stefanie Lazzaretti¹
Ana Carla Campos Medeiros²
Lilian Vitoria Alves de Melo³
Gilson Luís Voloski⁴

INTRODUÇÃO

A ética deontológica é a abordagem da teoria moral que orienta por princípios racionais a conduta humana, visando o agir justificado no dever. Com base na experiência de estudos e debates realizados na disciplina de Fundamentos da Crítica Social, o objetivo do presente trabalho é apresentar o Imperativo Categórico kantiano, principalmente sua versão conhecida como fórmula da Humanidade, e o conceito de ação comunicativa habermasiana, mais precisamente as condições de validade do diálogo, visando refletir as contribuições destes conceitos para pensar a atuação ética do profissional da saúde.

Considerando a predominância da racionalidade estratégica no contexto da atual sociedade, juntamente com a proliferação de notícias de corrupção, justifica-se a importância de buscar na proposta de racionalidade ética de Emmanuel Kant, do século XVIII, bem como das condições do discurso ético de Habermas, do século passado, fundamentos para pensar as relações orientadas pelo respeito à dignidade humana. Acredita-se que provocar essa reflexão no contexto de formação profissional é relevante e provocador ao protagonista de uma boa convivência social e ambiental.

1 PRINCÍPIOS E FUNDAMENTAÇÃO DO DIÁLOGO

Na obra *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*, Kant institui os princípios supremos da moralidade denominado de Imperativo Categórico. Esses orientam a conduta humana fundada no dever, nos quais o valor da ação não está nas suas consequências e sim na motivação justificada racionalmente. “É necessário esclarecer que um imperativo é um mandamento da razão, uma prescrição racional, e que todos os imperativos exprimem-se pelo verbo dever.” (DALL’AGNOL, 2009, p.61). Diferentemente do imperativo hipotético, que tem uma ação como necessária para chegar a um determinado fim (resultado), o imperativo categórico ordena uma ação como sendo válida por si mesma, como o sinônimo de lei moral. O Imperativo Categórico (com letras maiúsculas) tem um caráter de metaprincípio, pois justifica pela sua universalidade os outros imperativos categóricos (com letra minúscula) ou máximas (regras subjetivas de agir moral). O referido autor elaborou uma formulação geral do Imperativo Categórico do seguinte modo: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal.” (KANT, 1984, p.135). E com base nesse critério de universalizar as máximas de tal forma que possa valer para todos os seres racionais é que Kant propõe como fundamento do bom agir. Dessa meta princípio Kant derivou três fórmulas, das quais se destaca a aquela denominada de “Fórmula da Humanidade”: “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro,



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio.” (KANT, 1984, p.94). Essa fundamentação deixa claro que uma pessoa não deve ser manipulada como mero meio para chegar a um determinado fim. Isso seria o mesmo que reduzir a relação entre pessoas em sujeito-objeto. O fato que um “ser racional, quer dizer, um ser que é capaz de agir a partir de representações e que, portanto, tem uma vontade é um fim em si mesmo. Uma pessoa não pode ser considerada um mero objeto de satisfação de nossos interesses, desejos etc.” (DALL’AGNOL, 2009, p. 63). Em outras palavras, que cada pessoa é um “Fim em si” e por isso deve ser respeitado nesta dignidade.

Na década de 1980, com bases nos escritos de Kant, e também de outros, Jürgen Habermas buscou fundamentar a viabilidade prática de uma relação sujeito-sujeito. Na sua obra Teoria da ação comunicativa defende que a relação intersubjetiva entre seres racionais é viável pela linguagem. Considerando que também ocorrem manipulações por meio da linguagem, ele procurou fundamentar uma ética do discurso. Primeiro, a linguagem entre os falantes deve ter como fim principal a busca de entendimento recíproco e direito iguais na argumentação. Nessa tentativa de interação sujeito-sujeito, cada argumento que for apresentado deverá preencher determinadas condições, que Habermas denomina de “pretensões de validade”. E elas são quatro: a pretensão de verdade; de correção; de sinceridade; e de inteligibilidade. No espaço deste texto, destaca-se que a pretensão de veracidade deve acompanhar “a expressão dos argumentos morais numa comunidade ideal de comunicação, quer dizer, os participantes devem expressar de forma honesta os argumentos que apresentarem e possuírem boa-fé acreditando na necessidade de sua implementação.” (DALL’AGNOL, 2009, p.152).

Em linhas gerais, a partir desses pressupostos da teoria moral de Kant e Habermas é possível pensar alguns desdobramentos reflexivos sobre a atuação do profissional da saúde. Ao tratar de relação entre seres humanos, médico e paciente ou tutor responsável, a perspectiva do profissional deve ser orientada por princípios de respeito e preservação à dignidade humana. Considerando que o outro da relação não pode ser reduzido a mero meio de manipulação, mesmo no caso de necessidade de intervenção e promoção de benefício da sua saúde, é plausível o consentimento consciente do paciente ou de seu tutor, tendo em vista que se trata de um ser racional e capaz de entendimento. Para isso, faz-se necessário que o profissional da saúde busque garantir as condições de diálogo, como apresentadas por Habermas, por exemplo, falando o diagnóstico numa linguagem inteligível ao paciente, traduzindo termos técnicos. Nessa interação, também é fundamental a postura de escuta do profissional para compreender as dúvidas do paciente ou corrigir equívocos de entendimento. Outra condição indispensável é a sinceridade e o compromisso ético em falar a verdade na apresentação do diagnóstico, dos riscos de um determinado tratamento ou intervenção, pois pessoa que é leiga precisa de entendimento para tomar uma decisão consciente e com autonomia.

Sem dúvida, existe um desnível de conhecimento técnico e científico entre um profissional da saúde e um paciente ou seu tutor, mas isso não justifica a necessidade de reduzir a relação numa perspectiva sujeito-objeto. É bem verdade, que se a linguagem se restringir em termos técnico da sua especialização pouco provável que prevalecerá o entendimento. Sem desconsiderar os limites que as “condições ideais de fala” exigem de uma relação sujeito-sujeito, acredita-se que o



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

profissional que orienta sua atuação pela ética do diálogo e do respeito à dignidade humana, buscará fazer uso da linguagem orientado pela finalidade do entendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, é possível identificar que os princípios de Kant e as condições da ação comunicativa de Habermas apresentam contribuições interessantes para pensar os limites e as possibilidades da conduta ética profissional no tempo presente. Nesse sentido, destaca-se a importância da disposição do profissional de saúde na busca de entendimento, por meio da abertura ao diálogo, com seus pacientes na perspectiva de preservar a dignidade humana. Sendo assim, a “fórmula da humanidade” do Imperativo Categórico Kantiano, assim como a fundamentação da viabilidade de relações dialógicas em Habermas podem ser caracterizadas como uma abordagem ética humanizadora.

REFERÊNCIAS

DALL’AGNOL, Darlei. **Bioética: Princípios Morais e Aplicações**. Rio de Janeiro DP&A, 2004.

DALL’AGNOL, Darlei. **Ética II**. Florianópolis: Filosofia/EAD/UFSC, 2009.

BROCANELLI, Cláudio Roberto et al. **Introdução à filosofia da educação: temas contemporâneos e história**. pg 285 à 288. São Paulo. Avercamp, 2007.

KANT, Immanuel, **Fundamentação da Metafísica dos costumes**. Trad.: Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Barcarolla, 2009.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

O Educar pela Pesquisa em uma Escola do Campo: a construção de um biodigestor

Larissa Salla
Edinéia Paula Sartori Schmitz

INTRODUÇÃO

Na Pós-graduação Lato Sensu em Educação em Ciências e Sociedade do Campus Realeza da Universidade Federal da Fronteira Sul, aprendemos sobre o método Educar pela Pesquisa (GALIAZZI, 2012), que nos leva a refletir sobre nossa compreensão como professores, formadores de cidadãos críticos e conscientes em suas atitudes, ressaltando também que, como professores, devemos aprender com nossos alunos e ensiná-los a ler, escrever, reler e a reescrever e por fim, todos trilhamos caminhos em busca do conhecimento e da formação do senso crítico.

A partir da leitura do livro Educar pela Pesquisa e das explicações durante as aulas, passamos a observar melhor a Escola Pública do Campo, do município de Barracão, Paraná, a qual este ano pertencemos. Ali existem muitas famílias que criam animais e que cultivam diversas plantas, observando a realidade das famílias dos nossos alunos decidimos explorar a utilização do esterco animal como produto e não como lixo, através da produção de fertilizante para aplicação nas plantações das propriedades. Analisando o conteúdo curricular, iniciamos um trabalho com os alunos do sétimo e do nono ano do Ensino Fundamental com o tema: Produção de Biodigestor nas Escolas: Biogás e Biofertilizantes. Como justificativa da proposta, podemos destacar uma realidade que ocorre nas comunidades rurais, a evasão de alunos do campo para a cidade, provavelmente, devido à desvalorização de sua produção local e as precárias condições do trabalho. Observando as Escolas Públicas do Campo podemos dizer que estas vêm construindo a busca pela valorização das atividades no campo e é este o foco do trabalho, uma educação que preserva o meio ambiente, utilizando os recursos existentes no mesmo e uma educação escolar que valoriza este trabalho.

A construção do biodigestor ocorreu em sala de aula de forma interdisciplinar com a participação da professora de português que trabalhou com os alunos a produção de uma dissertação sobre o tema. Após esta primeira atividade, os alunos foram convidados a iniciativa da pesquisa sobre biodigestores, biogás e biofertilizantes, possibilitando que ambas as turmas construíssem sua compreensão sobre o assunto. O modelo de biodigestor produzido foi adaptado do trabalho de Metz (2013), além de vídeos disponíveis na internet. Como finalização da atividade foi aplicado um questionário sobre o conhecimento dos alunos através desta atividade. Após a montagem do biodigestor, o mesmo foi armazenado no período de um mês no pátio da escola e o biofertilizante foi aplicado pelos alunos na horta do quintal da escola.

1 DESENVOLVIMENTO

Educar pela Pesquisa proposto por Galiazzi (2012) exige determinação, pois somos desafiados todos os dias a aprender, diferentemente de impor o já conhecido por nós. Desta forma, nossa experiência ocorreu com a busca dos termos e usos do



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

biodigestor, da formação e melhor utilização de seu produto e busca pela valorização sobre a cultura local. Diante da abordagem da pesquisa, devemos relatar que a produção de biodigestores ocorre no Brasil, mas em nosso município, pode-se dizer inexistente. Acreditamos que este fato ocorra pela escassa informação a estes agricultores e também pelo pensamento construído na década de cinquenta onde a ideia do uso dos fertilizantes sintéticos foi implantada como uma “solução” para as dificuldades dos agricultores (BONZI, 2013), demonstrando que o uso do esterco foi substituído pelos fertilizantes químicos e agrotóxicos, e que até hoje são destaque no mercado para produção agrícola, mesmo o mundo sendo alertado sobre os problemas ambientais e de saúde pública, em relação ao uso destes produtos (CARSON, 2010), ainda vemos a utilização em massa destes produtos.

A proposta de levar aos alunos o Educar pela Pesquisa, foi para construirmos nesta Escola do Campo, uma sensibilização em relação ao perigo do uso destes produtos e sobre as vantagens da utilização do esterco produzido pelos animais. Iniciamos com a pesquisa nas turmas participantes: sétimo ano, com a leitura sobre produção de energia sustentável, em seguida, associamos a energia produzida nos organismos vivos, associados ao processo de respiração aeróbico e anaeróbico, desenvolvendo o conhecimento sobre o desempenho do biodigestor. O nono ano, realizou pesquisas, construção de cartazes e apresentações orais sobre as formas de separação das substâncias, associando os processos ocorridos dentro do biodigestor.

Posteriormente as duas turmas se reuniram para organizar os materiais trazidos pelos alunos para a montagem do biodigestor. Foram utilizados: um galão de água de 20 litros (vazio); cola durepoxi®; torneira; kit de gás de cozinha; esterco de gado e água. Seguindo as instruções do material que foi consultado (vídeos e artigos), o biodigestor foi construído, sendo preenchido com de 10 ml de esterco de gado e aproximadamente 5 litros de água. O biodigestor foi disposto no pátio da escola durante um mês e após isso os alunos das duas turmas, juntamente com a professora de ciências, conferiram a produção de biogás, através da válvula, onde percebeu-se o cheiro do gás, porém, não foi possível acender fogo a partir deste, devido à baixa vazão produzida. Após o teste do gás, os alunos passaram para a utilização do biofertilizante, sendo este aplicado na horta da escola. Para finalizar, um questionário foi apresentado aos alunos para compreender os conhecimentos assimilados pelos mesmos, sobre o trabalho realizado, ambas as turmas obtiveram um excelente aprendizado, demonstrando assim conhecimento sobre o tema proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Escola Estadual do Ensino Fundamental do Campo, utilizando materiais que seriam descartados nas residências dos alunos e como reagente, o esterco produzido pela pequena atividade agropecuária local, conseguimos construir um biodigestor, atingindo, de forma interdisciplinar, duas turmas onde pudemos aplicar o método Educar pela Pesquisa (GALIAZZI, 2012), capaz de transformar o aprendizado dos alunos em uma busca pelo conhecimento, através da pesquisa, levando os envolvidos a adquirir uma nova visão sobre a produção de gás e de biofertilizantes para o uso local. De uma forma simples, porém, que busca valorizar a



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

atividade local, ressaltando a importância da produção no campo, podendo ser uma alternativa de adubação para as pequenas propriedades.

Percebemos que os alunos foram muito dedicados durante todo o trabalho e todos aprendemos sobre o processo, sendo esta experiência vivida sobre a busca da valorização da Escola Pública do Campo e por uma educação que instiga seus alunos através do Educar pela Pesquisa, sendo esta metodologia formadora de cidadãos conscientes e críticos sobre as questões ambientais.

REFERÊNCIAS

BONZI, S. R. **Meio século de Primavera Silenciosa**: um livro que mudou o mundo. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 28, n. 28, p. 207-215, 2013.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa**. 1. ed. São Paulo: Gaia, 2010.

GALIAZZI, M. C. **Educar pela pesquisa**: ambiente de formação de professores de ciências. 1. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

METZ, L. H. **Construção de um biodigestor caseiro para demonstração de uma produção de biogás em e biofertilizantes em escolas situadas no meio urbano**. 2013. 40f. Dissertação (Graduação) – Universidade Federal de Lavras, UFLN, Minas Gerais, 2013.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

O ESTÁGIO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Alexandre Luiz Baioto Forte - UFFS¹

Pamela Tais Clein - UFFS²

INTRODUÇÃO

A escola atua possibilitando a construção de conhecimentos e atendendo às demandas e necessidades socioeducacionais dos sujeitos. Esse processo está ligado diretamente ao cerne da formação do professor, pela busca à sua aptidão da ação pedagógica do professor crítico-reflexivo. Essa perspectiva parte do pressuposto de que a formação universitária deva oferecer uma formação integradora no desenvolvimento cognitivo, sócio-afetivo e técnico da práxis. A formação pautada na práxis volta-se para o ato reflexivo do que ensinar, por que ensinar e como ensinar; portanto, esse caráter cria condições necessárias para que o professor esteja atualizando-se continuamente, favorecendo seu significativo desempenho docente.

O estágio dentro de um curso de licenciatura tem o caráter formativo, pois “é um componente obrigatório, indispensável à consolidação dos desempenhos profissionais desejados inerentes ao perfil do formando e tem como objetivo vivenciar as várias etapas da atividade docente” (UFFS, 2010, p. 39). O Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras: Português e Espanhol – Licenciatura enfatiza a importância do estágio na formação de profissionais éticos e críticos, com domínio no uso da língua, tanto no contexto oral quanto no escrito, levando em consideração as características culturais, funcionais e estruturais da sociedade.

O estágio, ainda que na sua fase inicial, configura-se como um momento ponderável, em que os professores em formação têm o contato direto com a escola, leem o PPP, visualizam as dependências escolares, assistem às aulas e buscam entender as metodologias de ensino, as abordagens, os discursos, as ideologias e outros fatores que agem diretamente neste ambiente. Esse primeiro contato nos possibilitou olhar para nós mesmos enquanto professores em construção e para o outro, já que “o poder do professor está tanto na sua capacidade de refletir criticamente sobre a realidade para transformá-la, quanto na possibilidade de construir um coletivo para lutar por uma causa comum” (GADOTTI, 2007, p. 65).

1. DESENVOLVIMENTO

Educar com o intuito de emancipar os cidadãos é “ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social” (IMBERNÓN, 2002, p. 27). O professor não é apenas alguém que aplica conteúdos, mas sim um sujeito que assume a prática a partir dos significados que ele atribui, é um sujeito dominante do saber-fazer a partir de sua orientação (TARDIF, 2007). Isso quer dizer, portanto, que um professor intermedia os conteúdos e os aplica nas práticas sociais.

¹ Acadêmico do Curso de Letras: Português e Espanhol - Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS - *Campus* Realeza, PR. alexandre_lbf@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Letras: Português e Espanhol - Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS - *Campus* Realeza, PR. pamelaclein88@gmail.com



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

O professor, ao mesmo tempo em que norteia os conhecimentos, aprende com seus alunos. Inclusive, necessita ser capaz de ressignificar-se, adaptar conteúdos, pesquisar, adequar suas aulas, construir-se e reconstruir-se trivialmente. Freire (1996) enfatiza que, “quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1996, p. 25).

A formação do professor que garanta ao aluno um ensino produtivo e significativo é aquele que estabelece intrínseca relação com a solidariedade, a democracia e o desenvolvimento humano enquanto ser social e histórico. Poder-se-ia dizer que o professor constrói sua própria história e participa de histórias de muitos outros sujeitos, quando se usa dos valores éticos e de atitudes de cidadania.

A prática de estágio é um momento importante para que os professores em formação possam desenvolver-se, bem como refletir e ressignificar constantemente seu fazer pedagógico. Por meio do estágio, é possível analisar a conduta dos alunos e o modo como o professor procede em sua atuação e em suas abordagens, para, a partir disso, espelhar-se e mediar os conteúdos de modo interdisciplinar. As experiências vivenciadas no decorrer do estágio nos permitiram “um novo olhar sobre o ensino, a aprendizagem e a função do educador” (PASSERINI, 2007, p. 32).

Entretanto, o estágio, de forma isolada, não capacitará, nem formará um professor, pois, para além dele, muitos outros fatores influenciam na construção do ser docente, como o domínio dos conteúdos e a mediação para um pensamento crítico-reflexivo, por exemplo. Compreendemos que o estágio é, por excelência, um importante elemento no processo formador que, por si só, possibilita a autoanálise de todos os atores envolvidos. Conforme identificam Pimenta e Lima (2011),

O estágio pode não ser uma completa preparação para o magistério, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos e comunidade escolar e universidade trabalharem questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos nas escolas. (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 100).

Enquanto professores em formação, entendemos que a ação docente tem por tarefa ensinar a pensar e, por vezes, requerem dos professores o uso de estratégias de ensino e o desenvolvimento de suas próprias competências de reflexão, já que “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou construção” (FREIRE, 1998, p. 52). Se, ao contrário disso, o professor não se dispõe a “aprender a aprender”, ele será incapaz de organizar-se nas atividades de ensino-aprendizagem; logo, será impossível que os alunos prosperem cognitivamente (LIBÂNEO, 2001).

No estágio, aprende-se muito com a professora regente das aulas e com seus alunos. Esse aprendizado é, sem dúvida, significativo na formação do sujeito professor. Conforme Nóvoa (1997), “[cabe] aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens” (NÓVOA, 1997, p. 36).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que a construção da identidade do professor é um processo contínuo, em que o sujeito se ressignifica e se constrói permanentemente. Conforme enfatiza Libâneo (2004), as formas de aprender afetam as formas de ensinar. Portanto, o professor necessita avaliar-se constantemente e, a partir disso,



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

compreender as necessidades de seus alunos e aprimorar suas metodologias de ensino.

Entendemos que refletir sobre a formação de professores é buscar entender um fenômeno complexo e diverso, relacionado ao processo de desenvolvimento pessoal, bem como ao processo de desenvolvimento de desempenhar uma função social. Portanto, a formação docente se constitui como uma ação que exige saberes e fazeres específicos do espaço de atuação do sujeito professor.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa .7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GADOTTI, Moacir. A escola e o professor: Paulo freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

IMBERNÓM, Francisco. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. Buscando a qualidade social do ensino. In: _____. Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

_____. A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural e da Teoria da Atividade. Educar em Revista, n. 24, p. 113-147, 2004.

NÓVOA, Antônio. (Org.). Os professores e a sua formação . 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

PASSERINI, Gislaine Alexandre. O estágio supervisionado na formação inicial do professor de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEI. Londrina, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência . 6ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

O LIVRO E SEUS SUPORTES NA ERA DIGITAL

Maria Gabrielle Schlegel Rodrigues¹

Maria Grazielle Schlegel Rodrigues²

Márcia Adriana Dias Kraemer³

INTRODUÇÃO

Este relatório de experiência⁴ tem como delimitação temática o estudo do livro eletrônico na era digital, com o objetivo de analisar sua ascendência em comparação com o uso de obras físicas. Trabalha-se com a hipótese de que as novas tecnologias proporcionam recursos modernos para hábitos antigos, mas sem a necessidade de substituição, uma vez que há espaço condizente para os dois formatos. Justifica-se este trabalho pelo fato de existir uma sociedade cada vez mais adepta a recursos tecnológicos, tornando-se relevante abordar essa temática, no intuito de compreender os dois tipos de suporte.

A metodologia da pesquisa caracteriza-se como teórica, com tratamento qualitativo e fins explicativos. A geração de dados é por documentação indireta, em produção bibliográfica das informações. A análise e a interpretação do estudo acontecem por meio de método hipotético-dedutivo, com procedimento técnico histórico e comparativo. O trabalho organiza-se em duas seções: a primeira apresenta um contexto das mídias digitais na contemporaneidade; a segunda aborda o alcance dos livros, físicos e eletrônicos.

1 MÍDIAS DIGITAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Hoje, as informações podem ser acessadas em todos os lugares do planeta, já que as barreiras geográficas não são mais limítrofes: “A crescente evolução tecnológica forneceu a base para o surgimento de uma nova sociedade, a ‘sociedade da informação’, que vive parte de sua vida no “mundo virtual” ou no cyberspaço.” (SANTOS, 2009, p. 92).

Nesse contexto, os livros também passam a ocupar espaço no meio eletrônico. Surge o livro digital ou também chamado de Ebook, que “[...] é um tipo de mídia que comporta toda a informação presente em um livro comum, porém em formato digital.” (SILVA, NASCIMENTO, 2010, p. 33). Esse instrumento pode ser visualizado por meio de diversos aparelhos eletrônicos ou de um e-book reader.

Segundo Oliveira, o livro digital é constituído pela relação existente entre o software reader, o hardware (dispositivo de leitura) e o conteúdo (livro) (OLIVEIRA,

¹ Acadêmica do Curso Direito – 5º Semestre. Faculdades Integradas Machado de Assis - FEMA.
Gabi_schlegel@hotmail.com

² Acadêmica do Curso Direito – 6º Semestre. Faculdades Integradas Machado de Assis - FEMA.
grazi.px@hotmail.com

³ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR. Bolsa Capes.
Professora do Magistério Superior na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Realeza/PR.
marcia.kraemer@uffs.edu.br

⁴ Este relatório científico decorre de estudos ligados ao Grupo de Pesquisa PROPLAC - *Letramento Acadêmico/Científico no Contexto das Ciências Sociais Aplicadas*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Márcia Adriana Dias Kraemer.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

2013 apud SEHN, 2014). Também tem, como característica, a possibilidade de acesso fácil em livrarias e bibliotecas digitais, além da grande capacidade de armazenamento de arquivos. Além disso, o autor passa a desempenhar novas funções, não apenas escreve o livro, como pode tornar-se editor, revisor e distribuidor de sua criação. Ainda, tem seus trabalhos reconhecidos por um público maior, com vantajosa visibilidade.

Contudo, não se pode afirmar que o livro impresso é inseto de tecnologia. A diferença entre ele e o digital está diretamente relacionada a em que parte de sua produção é utilizada a tecnologia (SEHN, 2014). No primeiro, os recursos tecnológicos são usados antes de chegar ao leitor, no segundo, são utilizados em todas as suas etapas: produção, distribuição e consumo.

2 LIVRO DIGITAL VERSUS LIVRO FÍSICO

No contexto atual do livro impresso e com o surgimento do livro eletrônico, surge o debate sobre o futuro daquele. Essa questão é muito recente, desse modo, necessita de mais reflexão e estudos, uma vez que as duas formas coexistem em harmonia com um público específico e fiel para cada formato. De fato, com o surgimento das novas tecnologias, é possível uma otimização da produção, o maior acesso e também a disseminação da informação.

No entanto, por mais que vivamos em uma era hightech, o livro convencional continua a demonstrar sua estabilidade. Por esse fato, possivelmente, os livros em formato digital tentem imitar os impressos, apresentando, por exemplo, as marcações de páginas. Com isso, percebe-se a relação entre os dois formatos. Segundo Chartier, “[...] a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.” (CHARTIER, 1999).

Danico observa que o livro impresso é consumido por meio de sua materialidade. Segundo ela, é através do livro que o autor se dirige ao leitor, constituindo-se assim uma “ilusão de proximidade”. Ainda conceitua portabilidade e fluidez, ambas características relacionadas à leitura e ao livro (DANICO, 2011 apud SEHN, 2014). Para ela, nos dias atuais, enfrenta-se um sério problema: a leitura distraída, sem atenção, dificultando a fluidez, o ritmo de leitura. A portabilidade, por conseguinte, retém essa característica do livro de poder ser levado a qualquer lugar.

O impresso também apresenta um caráter de durabilidade. Dessa forma, seu uso pode ser repetido e continuado, sendo conservado e intacto no tempo. Contudo, uma de suas desvantagens é a atualização, caso apresente algum erro de gramática, por exemplo, o que é perfeitamente possível de ser corrigido com rapidez no meio digital.

Muitos acreditam na perpetuação do livro impresso, mesmo com as constantes evoluções tecnológicas. Para Eco, essa progressão apresenta uma nova forma de cultura, contudo, mostra-se incapaz de satisfazer todas as necessidades intelectuais que estimula (ECO, 1998 apud SCHIFFERLI, 2016). Assim, prevalece, nas gerações que nasceram sob o conceito de livro impresso, o sentimento de apreço pelo tradicional, tendo forte significado na cultura.

Para esses admiradores, o simples fato de poder folhear o livro, tocá-lo, e contemplar sua estética, é uma prática comum desde a infância. Consequentemente, o livro digital, para esse público, não é uma boa opção. Com



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

efeito, o formato eletrônico é compreendido como um novo suporte de leitura e não um concorrente para o livro impresso. Desse modo, o que muda é somente a forma, a maneira como é confeccionado e consumido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta reflexão, busca-se compreender se o livro digital suplanta o físico, tendo em vista que a sociedade está constantemente modificando sua forma de comportar-se diante das novas tecnologias. Cumpre ressaltar que o livro físico permanece sendo o mais acessado, demonstrando sua durabilidade e estabilidade no tempo. Contudo, percebe-se também que, com o advento do livro digital, surge paulatinamente uma nova forma de armazenar, disseminar e acessar informação, mas que, por enquanto não ameaça o suporte físico. Aquele é um recurso inovador para um hábito antigo. Ambos coexistem de maneira salutar.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo:UNESP, 1998.

SANTOS, M. **Direito Autoral na Era Digital: impactos, controvérsias e possíveis soluções**. São Paulo: Saraiva, 2009.

SEHN, T.C.M. **As Possíveis Configurações do Livro nos Suportes Digitais**. Porto Alegre. Março, 2014. Disponível em:
<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/97246/000921116.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 out. 2016.

SCHIFFERLI, Eduardo Antonio Calliñir. S. **O Livro e a Leitura na Era Digital**. Universidade de Passo Fundo, RS. Disponível em:
<<https://www.hitpages.com/doc/5959224341299200/1/>>. Acesso em: 22 out. 2016.

SILVA, Francisco Rafael; NASCIMENTO, Isabela da Rocha. **Livro Eletrônico: novo suporte para o registro do conhecimento**. In: Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia, 33., 2010. João Pessoa. Anais Eletrônicos... João Pessoa: UFPB, 2010. Disponível em:
<<http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/viewFile/131/153>>. Acesso em: 22 out. 2016.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

O QUE VOCÊ USA PARA FAZER XIXI?

Mara Richciki Camargo¹

Prof. Dr. Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia²

INTRODUÇÃO

O presente projeto surgiu a partir do contato que tive com alunos do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Balão Mágico, localizado no município de Capanema - PR. Desde o momento que comecei atuar como docente na área de Educação Infantil foi possível constatar certa inquietação e falta de conhecimento quando o assunto é trabalhar a expressão da sexualidade, o respeito à diversidade, à identidade e os cuidados pessoais. Com isso, surge uma inquietação de minha parte, pois, sinto a necessidade de haver intervenção pedagógica nas atividades didáticas sobre os assuntos citados anteriormente, os quais poderão atuar como multiplicadores de conhecimento da cultura, dos direitos humanos em suas mais diversas áreas de atuação e nos mais diversos espaços da sociedade.

A partir disso, estou desenvolvendo uma série de atividades pedagógicas que fazem parte do desenvolvimento do meu projeto (Além do muro e do portão: na Educação Infantil a sexualidade está em ação) de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Direitos Humanos com alunos do Pré-II do CMEI Balão Mágico. A primeira parte do projeto já está finalizada e teve por objetivo trabalhar o nome do órgão sexual, a sua importância, a diferença entre pênis e vagina e os cuidados básicos que devemos ter com nosso corpo, fomentando assim, a temática abuso sexual. Contudo, “[...] todos somos frutos de uma sociedade repressora em relação à sexualidade, na qual ainda perduram associações do sexo com ideias de pecado, de feio e de proibido, ou, por outro lado, com ideias de promiscuidade e de imoralidade” (FIGUEIRÓ, 2009, p. 154).

Acredito que as instituições educacionais podem auxiliar na propagação de informações que venham para minimizar os estereótipos que caracterizam nossa sociedade e, talvez, será possível observar menos antinomias no contexto educacional, social e cultural e, romper com a ótica machista. Sendo assim, o projeto desenvolvido na educação infantil fomentou o diálogo e possíveis reflexões sobre a temática abuso sexual.

Foi realizada, com alunos de quatro e cinco anos, uma sequência de atividades com intervenção pedagógica. Antes de iniciar a sequência didática, os pais/membros da família foram informados sobre o objetivo do projeto e, participaram/contribuíram ativamente no decorrer das atividades. Para início de diálogo, a professora pediu aos alunos o que usavam para fazer xixi? A partir das respostas que foram expostas em sala a professora levou uma boneca e um boneco com seus órgãos sexuais bem definidos e explicou o nome, a diferença que há entre pênis e vagina, a importância deles em nossa vida, os cuidados que devemos ter,

1 Acadêmico(a) do Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Direitos Humanos . Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. marta.richciki@hotmail.com

2 Professor Doutor da Universidade Federal da Fronteira Sul. Orientador(a) do curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Direitos Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. ronaldo.garcia@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

entre outros fatores relevantes que foram sendo apresentados a partir da curiosidade dos alunos.

Como parte essencial do projeto foi confeccionada uma bolsa de tecido, dentro da bolsa tinha uma boneca, um boneco e uma folha de A4. Cada aluno levou a bolsa para casa e teve que explicar para os membros da família o que conseguiu compreender a partir das atividades que foram realizadas em sala sobre a temática. A folha A4 que estava dentro da bolsa foi entregue para alguém da família escrever sua opinião a respeito do projeto. Pois, penso que a interação da família é essencial durante o desenvolvimento da sequência didática, para, assim, ter participação ativa dos membros familiares e observar o feedback.

Ao trabalhar a expressão da sexualidade estarei colocando em prática o que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) enfatiza como essencial para a formação do sujeito que frequenta a primeira etapa da educação básica. Além do mais, “A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas” (BRASIL, 1998, p.17). Porém, ainda há resistência cultural quando o assunto é sexualidade, assunto este que, por muitos anos, não era dialogado com as crianças, pois eram tidas como tabu “coisa de gente grande” (adulto), as crianças não estavam preparadas para receber informações sobre seu corpo.

1 DESENVOLVIMENTO

É importante destacar que, “[...] falar de sexualidade é trabalhar o relacionamento humano e, por conseguinte, aprimorar as relações interpessoais” (FIGUEIRÓ, 2009, p.142). De acordo com Figueiró, o projeto desenvolvido objetivou trabalhar o tema sexualidade a partir do relacionamento real que os alunos tiveram em sala de aula, pois participaram de explicações que puderam aprimorar as relações interpessoais e, com isso, os alunos conseguiram compreender e respeitar sua própria identidade, as diferenças entre gênero, a importância de cuidar de seu corpo e não deixar ninguém tocá-lo desde que se sintam constrangido. Além disso, fez-se uso da música *O seu corpo é um tesourinho* para explicar que devemos cuidar com muito carinho de nosso corpo, pois nosso corpo é um “tesourinho” e se alguém tocar/machucá-lo é preciso contar para alguém que confiamos, assim, estaremos trabalhando características de abuso sexual.

Ainda há vasto percurso para conseguir dar vozes ao tema sexualidade na Educação Infantil, o qual é um grande desafio no âmbito educacional e, a partir da sequência didática que também elencou assuntos da realidade social, transformar as informações em conhecimento para que de fato o ensino e aprendizagem se efetivem. Pois, “A educação sexual deve começar na infância e, portanto, fazer parte do currículo escolar – as temáticas discutidas na educação sexual são conhecimentos imprescindíveis à formação integral da criança e do/a jovem” (FURLANI, 2009, p.45, grifos da autora).

Vale ressaltar que, o termo sexualidade vai além da dimensão biológica e de genitalidade, é elemento indispensável de nossa identidade e personalidade. Por isso, neste projeto não se teve pretensão de ditar regras, dizer o que é certo ou errado, mas fazer com que os sujeitos aprendizes sejam capazes de refletirem e, com isso, construam seus valores.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito ser de suma importância trabalhar o tema sexualidade na educação infantil, além disso, é relevante a reflexão sobre a prática educacional, ou seja, o professor deve proporcionar internamente o feedback de suas ações, refletir sobre suas práticas, pois, de nada adianta a fala sem haver atos que a concretize e, os componentes curriculares da especialização em Direitos Humanos estão propiciando momentos de diálogo, reflexão e indignação sobre os acontecimentos que permeiam nossa sociedade contemporânea.

Por isso, realizei atividades pedagógicas que pudessem enfatizar o diálogo e a reflexão sobre o assunto abuso sexual, procurei trabalhar a temática fazendo uso de linguagem simples, que alunos de quatro e cinco anos pudessem compreender que ninguém tem o direito de tocar em seu corpo e, se alguém tocar e eles não se sentirem bem, devem contar o ocorrido para alguém que confiam. É preciso desconstruir os estereótipos que permeiam os períodos históricos, parar de “naturalizar” ações abusivas, pois é no contexto familiar e social que a criança aprende a estabelecer relações afetivas, por isso, ela precisa de exemplos positivos que venham contribuir na formação cidadã que luta por seus direitos e respeita os direitos alheios.

E, como o professor ocupa papel social que deve progredir significativamente para o sujeito aprendiz, acredito que devemos nos inteirar teoricamente ou cientificamente de assuntos que devem ser abordados em sala de aula ou no contexto exterior de instituições de ensino para garantir melhor qualidade de ensino e aprendizagem e, com isso, estaremos formando cidadão críticos que lutam por seus direitos políticos, cívicos e sociais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Educação, Ministério e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental**. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 2.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009. p. 141-171.

FURLANI, Jimena. **Encarar o desafio da educação sexual na escola**. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Sexualidade. Curitiba: SEED – PR, 2009. p. 37-48.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

O USO DE MAPAS CONCEITUAIS NA CONSTRUÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Chaiane A. Delani Zocke¹
Angélica da Silva²
Angela Maria da Silva³
Andressa Masseto⁴
Sandra Maria Wirzbicki⁵

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a demanda por novas metodologias de ensino, esse resumo apresenta sobre a utilização de mapas conceituais como potencializador no processo de construção de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, os mapas podem ser utilizados como ferramenta de aquisição de conhecimentos, sistematização de conhecimentos prévios, como forma de avaliação entre outras atividades. Segundo Moreira (2012), os mapas conceituais são uma estratégia facilitadora do ensino, são uma representação visual estruturada e simplificada de determinado assunto.

Os mapas conceituais indicam relações entre conceitos e palavras, são diagramas de significado e de hierarquias conceituais. Para construí-los, são utilizadas figuras geométricas como quadrados ou círculos, não tendo relevância em qual usar, também são utilizadas linhas ou setas para ligar os conceitos, e o que é mais importante é que quando dois conceitos são ligados por uma linha, à pessoa que construiu deve saber a relação para tal ligação, e quando setas são utilizadas elas indicam o sentido de direção de determinados conceitos. Outro fato importante é que os conceitos principais devem estar mais destacados que os outros (MOREIRA, 2012).

Além disso, são formas esquemáticas de se aprender a aprender, são empregados em metodologias de aprendizagem e a escola é quem propicia isso, pois assim os alunos sairão da escola com a capacidade de transformar informações que recebem em conhecimentos (SILVA; SANTOS, 2014).

Além de utilizar mapas no processo de ensino-aprendizagem, Moreira (2012) indica a possibilidade de utilizar mapas conceituais como forma avaliativa para observar como os alunos organizam, integram, hierarquizam e relacionam os conceitos de certos conhecimentos, os mapas conceituais evidenciam uma aprendizagem significativa e não mera memorização de conceitos (MOREIRA, 2012).

¹ - acadêmica de Ciências Biológicas - Licenciatura/UFFS. chaia_delani@hotmail.com

² - acadêmica de Ciências Biológicas - Licenciatura/UFFS. angel_ampere@hotmail.com

³ - acadêmica de Ciências Biológicas - Licenciatura/UFFS

angelamariah_ampere@hotmail.com

⁴ - acadêmica de Ciências Biológicas - Licenciatura/UFFS dressa_masetto@hotmail.com

⁵ Professora da área do Ensino de Biologia- UFFS/ Campus Realeza

sandra.wirzbicki@gmail.com



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Nesse contexto, este trabalho busca relatar uma proposta de ensino com base em uma pesquisa realizada durante o estágio de regência de Biologia, sobre a utilização de mapas conceituais para potencializar a aprendizagem no Ensino Médio de Biologia. Nesta perspectiva, relataremos o uso de mapas para alunos de inclusão.

1. METODOLOGIA

O problema de pesquisa objetivou investigar o uso de diferentes modalidades didáticas como forma de despertar maior interesse dos alunos, além de potencializar o ensino, focando na utilização de mapas conceituais.

Tal problemática foi escolhida por conta das características de duas turmas. A primeira, por ser grande, e os alunos não serem apáticos. Na segunda por sua vez os alunos não conseguiam sistematizar seus conhecimentos e ainda havia uma aluna de inclusão, com surdez. Logo, tal modalidade estaria auxiliando nesses contextos a fim de diminuir os desafios encontrados.

Através dessa compreensão do contexto, escolheu-se trabalhar com pesquisa bibliográfica, buscando aprender e estudar mais sobre a utilização de mapas conceituais no ensino. Ressalta-se que, a pesquisa bibliográfica é realizada a partir de materiais e trabalhos já elaborados, geralmente livros e artigos científicos e a principal vantagem é a quantidade de conhecimentos que vão sendo encontrados que ampliam o trabalho (GIL, 1999, P. 65).

Nas primeiras aulas de ambas as turmas, os alunos aprenderam a construir alguns exemplos de mapas conceituais, tais exemplos foram explorados no quadro com a mediação das professoras em formação. E assim, os mapas conceituais iam sendo desenvolvidos sempre após o término de algum conteúdo; lembrando ainda que, tais mapas foram utilizados como forma de avaliar o conhecimento dos alunos ao término do estágio, foi analisada como o uso de mapas conceituais potencializa a construção de ensino e aprendizado de todos os alunos com diferentes características.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante relatar que propor algo para os alunos que eles consideram um desafio nem sempre é fácil, pois se trata de um desafio tanto para os professores quanto para os alunos. Enquanto tiveram alunos que aceitaram o desafio e se empenharam na atividade, teve outros que fizeram porque valia nota, mas fizeram de forma rápida e com menos dedicação, e ainda houve alunos que não fizeram.

A utilização dessa estratégia foi muito interessante no sentido avaliativo porque é uma forma eficiente de saber quem se dedicou aos estudos e quem realmente buscou aprender, buscou adquirir conhecimento, tanto durante as aulas como em atividade em casa. Além disso, os mapas conceituais são uma forma mais fácil de estudar, pois a forma esquemática que se propõe facilita encontrar algum conceito e definição que se quer.

No que se refere ao uso de mapas conceituais para trabalhar com alunos de inclusão, a metodologia foi extremamente válida. Pois, a aluna surda, entendeu o que estava sendo proposto, e organizou os conceitos chaves do seu estudo sozinho e realizou seu mapa conceitual no seu tempo de aprender e construir. Vale lembrar,



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

que quando propomos alguma atividade inclusiva, esta deve ser para todos os alunos, pois a inclusão acontece quando realmente incluímos todos nesse processo de construção de ensino e aprendizado.

Obteve-se avaliações por parte dos alunos sobre a utilização dessa metodologia como relatamos a seguir: O Aluno 01 escreveu que: “(...) as aulas teóricas e práticas, o auxílio dos mapas conceituais, o método de ensino facilitou para o aprendizado”. Podemos relacionar ainda, como os mapas conceituais, influenciam nas notas dos alunos, ou seja, os alunos que se dedicaram mais na elaboração dos seus mapas foram o que tiveram melhor aproveitamento na prova e consequentemente notas maiores.

Aos poucos a maioria dos alunos percebeu como essa ferramenta pode ser útil para seu conhecimento, como podemos visualizar em alguns relatos: “(...) aprendi a fazer mapas conceituais, que é melhor de aprender o conteúdo (Aluno 2), (...) as aulas ficaram mais interessantes eu estava cansado de resolver exercícios, vou usar mapas em todas as matérias porque ficou mais fácil de lembrar o que foi passado (Aluno 3).

O resultado da análise de todos os mapas construídos proporcionou um sentimento de satisfação, importância da significação conceitual e não da memorização, pode-se ver o crescimento na compreensão dos conceitos de cada aluno que se envolveu efetivamente com a construção dos mapas no decorrer do estágio. Confirmando assim, o que os referenciais teóricos defendem.

Diante disso percebemos também o papel do professor, que deve mediar o conhecimento de seus alunos, sempre os incentivando e olhando para cada um com um olhar diferenciado no sentido de perceber que todos têm seu tempo e sua forma de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, os mapas conceituais possibilitam o desenvolvimento da autonomia do educando, e favorecem o trabalho coletivo, valorizando os conhecimentos prévios e ampliando os mesmos para aquisição de novos conceitos, e ainda, contribuem no planejamento de estudo, além disso, pode ser utilizado com alunos de inclusão.

Por fim através do trabalho realizado percebeu-se que a utilização dos mapas conceituais deu um retorno muito bom, pois os alunos realmente aprenderam, sistematizaram os novos conceitos que foram aparecendo. Além disso, proporcionou um novo olhar sobre a inclusão e como nós, professores em formação estão preparados para lidar com tais situações. Além é claro de um grande aprendizado, pois é gratificante perceber que ao planejar cada aula, com o uso de mapas, era pensado e se colocado no lugar do outro, como iria ser a aprendizagem dos alunos, principalmente da aluna surda.

REFERÊNCIAS

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MOREIRA, A. M. **A teoria da Aprendizagem significativa de Ausubel**. Teorias de Aprendizagem. São Paulo, 2012.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

SILVA, C. A. S.; SANTOS, J. K. R. **Utilização dos mapas conceituais para o ensino de ciências:** concepções de estudantes sobre a microbiologia da água. Revista da SBEnBio, n.07, 2014.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**OFICINAS NA ESCOLA: AS TRANSPOSIÇÕES DE CONTOS PARA O GÊNERO
HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

Mauro Maciel Simões – UFFS ¹

Pamela Tais Clein – UFFS ²

INTRODUÇÃO

Atuar na área da educação é uma meta desafiadora que exige dos profissionais maior preparo para lidar com as diversas situações do contexto escolar. Neste sentido, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) desempenha uma importante função, que é proporcionar um suporte no processo de inserção dos professores em formação em uma experiência, ainda na graduação, com o ambiente da sala de aula.

A partir destes princípios é possível pensar uma educação voltada para a emancipação dos sujeitos, desde o processo inicial da formação do cidadão até à combinação entre a formação acadêmica e pedagógica. Ambas, segundo Damiani (2008), “se apoiam, visando atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo, estabelecendo relações que tendem a não hierarquização, liderança compartilhada, confiança mútua e corresponsabilidade pela condução das ações” (DAMIANI, 2008, p. 215).

Em vista disso, objetivamos neste relato de experiência pontuar as estratégias e metodologias utilizadas para o processo de ensino-aprendizagem na aplicação de uma oficina intitulada “Oficina do Gênero Histórias em Quadrinhos”, desenvolvida por acadêmicos do curso de graduação em Letras: Português e Espanhol - Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza - PR, por meio do PIBID, no ano de 2017.

A oficina consistiu-se na releitura e adaptação de alguns contos brasileiros para histórias em quadrinhos. Os textos trabalhados foram: “Chapeuzinho vermelho e os três porquinhos” -Escola Estadual Maria de Abreu Bianco; “A moça tecelã”- Marina Colasanti; “O príncipe Desencantado”- Flávio de Souza; “A Princesa e a Rã”- Luiz Fernando Veríssimo; “O Sapo e a Princesa”-Autor Desconhecido; “Fita Verde no Cabelo”-João Guimarães Rosa e “Chifre em Cabeça Rosa de Cavalo”- Luiz Raul Machado.

1. DESENVOLVIMENTO

As ações dividiram-se em dois momentos. No primeiro, os acadêmicos foram acompanhar uma aula de Língua Portuguesa na turma que seria aplicada a oficina, um sétimo ano, do turno vespertino, do Colégio Estadual João Paulo II, da cidade de Realeza. O objetivo dessa etapa foi proporcionar aos bolsistas uma familiarização com o ritmo da turma e também para os alunos ambientarem-se com os acadêmicos no espaço da sala de aula.

Em uma segunda ocasião, os pibidianos retornaram à sala de aula para iniciar os trabalhos. Para o desenvolvimento das atividades, inicialmente fez-se a pré-leitura dos contos selecionados pelos bolsistas. Os alunos foram questionados se



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

conheciam o gênero, o que já haviam lido, se sabiam o meio em que essas histórias circulam, quem geralmente as lê.

Todas as histórias foram lidas, interpretadas e discutidas para somente então dar início ao processo de releitura, roteirização e adaptação dos contos. No momento de criação dos quadrinhos, procurou-se respeitar as mais diversas interpretações, subjetividade, bem como, o consenso coletivo, culminando em um novo texto, pois “cada leitor cria imagens mentais sobre a obra que lê, e, na maioria das vezes, o que vê na tela são imagens cunhadas segundo a interpretação de outro leitor, sendo essas [...] fantasia de outra pessoa” (McFARLANE, 1996, p. 7).

A pós-leitura compreendeu em adentrar com os alunos no processo de roteirização dos contos e, enfim, resultar na história em quadrinhos. O processo de adaptação das obras foi um dos elementos que desprendeu ligeira atenção, tanto dos alunos quanto dos bolsistas, isso porque segundo Hucheon (2011), “os adaptadores são primeiramente intérpretes, depois criadores” (HUTCHEON, 2011, p. 43). Logo, as estórias recriadas, em um novo gênero, surgiram a partir de uma interpretação de mundo que os alunos já tinham sobre determinado tema estudado.

O novo texto teve intertextualidade com o texto lido que serviu de base, no entanto com características peculiares. Para Hucheon (2011) se conhecemos esse texto anterior, sentimos constantemente sua presença pairando sobre aquele que estamos experienciando diretamente. Quando dizemos que a obra é uma adaptação, anunciamos abertamente sua relação declarada com outra(s) obra(s) (HUTCHEON, 2011, p. 27).

Adaptar uma forma de linguagem para outra foi feito por meio de um programa online nominado “PIXTON”. Esta atividade agradou os estudantes, pois através do programa possibilitou-se a criação dos diversos personagens, cenários e textos. Conforme enfatiza Pellegrini (2003), A cultura contemporânea é, sobretudo visual. Vídeo games, videoclipes, cinema, telenovela, propaganda e histórias em quadrinhos são técnicas de comunicação e de transmissão de cultura cuja força retórica reside sobretudo na imagem e secundariamente no texto escrito, que funciona mais como um complemento muitas vezes até desnecessário, tal o impacto de significação dos recursos imagéticos. (PELLEGRINI, 2003, p. 15).

Os alunos tiveram a oportunidade de participar ativamente desse processo de adaptação de um conto para histórias em quadrinhos, que posteriormente foram compiladas em livrinhos, distribuídos entre os alunos, PIBIDIANOS, escola e universidade, configurando-se como um material didático para que outros alunos leiam e também construam sua própria história. Para Hucheon (2011), “a arte deriva de outra arte; as histórias nascem de outras histórias” (HUTCHEON, 2011, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho com o sétimo ano do ensino fundamental, envolveu as TICs como ferramenta de ensino-aprendizagem, tanto para alunos, quanto para bolsistas. Por vezes isso foi desafiador, pois é algo que prende e desperta a atenção do aluno, mas também exige do professor domínio e preparo para encaminhar os trabalhos. Os resultados das criações, sem dúvidas proporcionaram construir conhecimentos e experiências que darão base e repertório para o trabalho na docência. Estar na escola, em contato direto com os alunos, certamente, cria um laço na relação



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

professor/escola, escola/aluno e aluno/professor, que transcende os limites da universidade. O grupo de pibidianos atuante na escola considerou o trabalho bastante satisfatório. Estendemos um agradecimento à direção da escola que deu total apoio aos bolsistas durante a realização das ações.

REFERÊNCIAS

DAMIANI, M. F. **Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios**. Educar em Revista, n. 31, p. 213-230, 2008.

McFARLANE, Brian. **Novel to film: Introduction to the Theory of Adaptation**. Oxford: Clarendon, 1996.

PELLEGRINI, T. **Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações**.

In:_____.PELLEGRINI, T. et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac, 2003. p. 15-35.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**OS PROCESSOS DE DESAPROPRIAÇÃO DE TERRAS PARA CONSTRUÇÃO DE
USINAS HIDRELÉTRICAS SOB A ÓTICA DA TEORIA DA ÉTICA DISCURSIVA**

Maikel Douglas Florintino

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato da experiência reflexiva do autor que ao repensar a Teoria da Ética Discursiva de Habermas, trouxe-a para a análise dos processos de desapropriação para fins de construção de usinas hidrelétricas no sudoeste do Paraná.

Sempre que o Estado decide pela construção de novas usinas hidrelétricas, faz-se necessária a desapropriação das áreas de terras inundadas pela barragem. Estas desapropriações na maioria das vezes não são consensuais e sim conflituosas. A raiz dos conflitos na maioria das vezes permeia o quantum indenizatório suficiente para ressarcir o proprietário de forma justa.

O Estado, através dos consórcios hidroelétricos, detém de todos os meios necessários para a mensuração da área afetada e avaliação dos imóveis. Os proprietários na maioria das vezes não se opõem às desapropriações, mas exigem o cumprimento da lei e a efetivação da justiça. Neste contexto, por que razão não se alcança um acordo mediado? O presente trabalho objetiva dar resposta a este questionamento, a luz do pensamento habermasiano. Não se pretende dar uma resposta definitiva, mas contribuir através da crítica-reflexiva para o avanço dos estudos nesta temática.

1. DESENVOLVIMENTO

A ética discursiva consiste em uma reformulação da ética kantiana que tem em Habermas seu principal expoente. Tem como elemento fundamental o uso da linguagem, entendendo o discurso argumentativo como meio através do qual se pode alcançar um entendimento acerca de questões éticas, morais, bioéticas, entre outras.

A ideia de Kant de que um indivíduo isolado é capaz de decidir por si só quais são as regras morais que qualquer um poderia seguir não se aplica na ética discursiva, segundo a qual as regras devem ser estabelecidas em uma comunidade de comunicação.

Em uma comunidade de comunicação, existem pretensões de validade dos argumentos, sendo elas: da verdade, da correção, da sinceridade e, da inteligibilidade. Para Habermas apud Dall Agnol (2004, p. 103), assumir essas pretensões é uma condição do discurso e negá-las leva a contradições performáticas. Dall Agnol traz um bom exemplo de contradição performática, que é o indivíduo dizer: “Eu não estou falando”, em que o ato de falar está em contradição com o conteúdo que é dito.

Habermas apresenta dois princípios para a ética discursiva, sendo eles: Princípio da Universalização, com o qual “as consequências e efeitos colaterais, que previsivelmente resultam de uma obediência geral da regra controversa para a



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

satisfação dos interesses de cada indivíduo, podem ser aceitos por todos” (HABERMAS apud DALL AGNOL, 2004, p.104) e;

Princípio do discurso: pelo qual “só podem reclamar validade as normas que encontrem ou possam encontrar assentimento de todos os concernidos enquanto participantes de um discurso prático” (HABERMAS apud DALL AGNOL, 2004, p.104).

Karl-Otto Apel apud Assis (1992, p. 178), da Escola de Frankfurt assim como Habermas, é uma referência na discussão da ética do discurso e afirma que ela “é uma saída para problemas de corresponsabilidade numa escala planetária. Isso não apenas com respeito à crise ecológica, mas também com respeito à justiça social”.

As situações de conflito envolvendo os procedimentos para desapropriação das terras afetadas na construção das usinas hidrelétricas poderiam muito bem ser resolvidas ou evitadas pelo diálogo. Entretanto, partindo de uma ética deontológica e aplicando os princípios da ética discursiva, devem estar presentes as pretensões de validade dos argumentos, como dito anteriormente, de forma que só assim eles podem ser considerados válidos.

As propostas e argumentos apresentados pelo Consórcio, pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e pelo Estado, precisam partir das pretensões da verdade, da correção, da sinceridade e, da inteligibilidade. A título de exemplo, a verdade deve estar presente na apresentação do quantitativo de área afetada em cada propriedade; a correção na avaliação dos imóveis afetados; a sinceridade quanto à disponibilidade orçamentária do Estado e disponibilização dos recursos para o Consórcio efetuar o pagamento das indenizações; a inteligibilidade em relação aos estudos técnicos realizados previamente e que servem de subsídio para o processo.

No entanto, da análise das negociações, constata-se que o Estado e os Consórcios enquanto partes hipersuficientes, detentoras das informações técnicas necessárias, não as colocam “sobre a mesa”, pelo menos não integralmente. Geralmente é apresentada uma avaliação inicial apenas de parte da área que será afetada e, posteriormente, tem-se que a área será muito maior, sem que se tenha uma nova avaliação capaz de corrigir essa distorção. O pagamento justo e prévio, conforme previsto no art. 5º, XXIV da Constituição Federal de 1988, geralmente não é realizado, precisando os proprietários desocupar seus imóveis antes do recebimento do valor integral a eles devido.

Nesse sentido, caso a área realmente afetada seja maior que a apresentada no estudo que subsidia a negociação entre proprietários e Consórcio; se os valores das avaliações não condizem com o valor de mercado, tampouco consideram a totalidade da área afetada; se não há disponibilidade orçamentária suficiente para o integral pagamento prévio; as pretensões de validade dos argumentos inexistem; haja vista a falta da verdade, da correção e da sinceridade. Ainda, quanto à inteligibilidade haveria vício, pois ou o estudo técnico inicial não foi inteligível, ou faltou-se com a verdade no momento da exposição dos dados dele proveniente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na situação fática que envolve os processos de desapropriação das terras afetadas para as construções de usinas hidrelétricas, não se alcança o princípio do discurso, pois, além de não serem observados os pressupostos de validade dos



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

argumentos, não se tem um consenso entre as partes envolvidas no discurso prático, vez que, o Movimento dos Atingidos por Barragens e o Consórcio, defendem posições antagônicas e inconciliáveis aprioristicamente. Para a superação deste impasse através do diálogo, necessariamente deve haver uma mudança na postura do Estado e do Consórcio adequando-se às pretensões do discurso, conforme a Teoria da Ética Discursiva de Habermas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm, Acesso em: 25/out/2017.

DALL AGNOL, Darlei. **Bioética: Princípios Morais e Aplicações**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

ASSIS, Jesus de Paula. **Karl-Otto Apel: a raiz comum entre ética e linguagem**. São Paulo: 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v6n14/v6n14a11.pdf> acesso em: 25/set/2017.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

PIBID NA ESCOLA: TEORIA E PRÁTICA.

Nadiane Laiz Lotici¹
Ramunielly Bonatti²
Aline Cassol Daga³

INTRODUÇÃO

O presente relato é uma atividade oriunda do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Realeza, no subprojeto de Letras-Português. Tal projeto contribui de maneira significativa para a formação docente, pois possibilita aos acadêmicos o contato com o ambiente escolar e, a partir dessa aproximação, podemos tecer reflexões acerca da realidade e desenvolver estratégias que possam contribuir para o ensino da Língua Portuguesa.

Dessa forma, o Pibid tem como objetivo formar docentes críticos e reflexivos, com base no contato entre a teoria (universidade) e a prática (escola). Sendo que a teoria dissociada da prática não gera resultados significativos, reafirma-se a importância do Pibid para a formação acadêmica. Como afirma Freire,

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago, e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. (FREIRE, 1996, p.16).

Diante disso, o objetivo geral da atividade que propomos desenvolver na escola contempla a prática de produção textual, especificamente de releitura, com base no conhecimento do gênero textual contos de fadas, para que os alunos passem a produzi-lo e a reconhecê-lo nos seus contextos de uso. Por meio do trabalho com esse gênero, buscamos também ampliar a capacidade de os alunos compreenderem a estrutura dos contos literários clássicos, desenvolvendo a prática de escrita de histórias de acordo com as características de releituras desses contos e, por fim, estimulando a criatividade, a sensibilidade e a imaginação.

1 DESENVOLVIMENTO

O Pibid acontece na integração entre a universidade, os acadêmicos e a escola. Esta interação é fomentada por estudos teóricos, debates de textos e reflexões acerca da construção da identidade e dos saberes docentes. Este relato contempla uma das várias atividades desenvolvidas na trajetória das professoras em formação. Propõe-se a elaboração de um livro com releituras de três contos clássicos infantis, com a mediação de cinco bolsistas.

¹ Acadêmica do Curso de Letras Português e Espanhol- Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus Realeza*. nadilotici@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Letras Português e Espanhol- Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul ([UFFS Campus Realeza. ramunielly_b@hotmail.com](http://UFFS.Campus.Realeza.ramunielly_b@hotmail.com))

³ Doutora pela UFSC. Orientadora. Prof.^a do Curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus Chapeco*. aline.daga@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Nas primeiras aulas apresentamos a proposta e instigamos a discussão sobre a história clássica de os “Os três porquinhos”, junto a sua releitura “Os Três Porquinhos Malcriados e o Lobo Bom”, preparando os alunos para a produção posterior e relacionando os principais aspectos desse tipo de gênero.

No decorrer, apresentamos a obra “O patinho feio”, por meio da qual se propõem o processo de criação e de escrita. Neste, é possível auxiliá-los, esclarecendo as dúvidas relacionadas a personagens, à construção da narrativa, entre outras questões apresentadas no decorrer do processo, o que possibilita a construção de uma relação de confiança entre nós e os alunos.

Após o último momento de produção, organizamos a correção, sendo que nossos apontamentos nos textos produzidos pelos alunos têm, como foco principal, questões relacionadas à adequação ao gênero textual, bem como à temática abordada no conto original. Após a devolução dos textos corrigidos, os alunos iniciam o processo de reescrita, o qual, em nosso entendimento, faz com que eles se sintam ainda mais autores do texto, sendo que algumas marcas linguísticas e erros ortográficos são mantidos na versão final, pois os alunos são tanto criadores quanto revisores.

Muitas vezes, a prática da escrita que as escolas adotam desestimula os alunos, pois o professor solicita ao estudante que produza de forma improvisada, sem planejamento, sem objetivo e interlocutor pré-definidos e sem revisão. Após isso, o professor corrige, muitas vezes avalia somente a ortografia e a pontuação, sem privilegiar o processo criativo e o próprio conteúdo. Ainda, acontece de o aluno nem ser instigado a escrever, pois muitas vezes o trabalho com a escrita é feito de maneira descontextualizada, com frases isoladas (ANTUNES, 2003). Em relação à prática de escrita, Antunes escreve:

A prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada em “exercícios” de criar listas de palavras soltas ou, ainda, de formar frases. Tais palavras e frases isoladas, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo, são vazias do sentido e das intenções com que as pessoas dizem às coisas que tem a dizer. (ANTUNES, 2003, p. 26).

Nesse sentido, a prática de produção de texto deve ter uma finalidade que ultrapasse as paredes da sala de aula. Geraldi afirma que, para que as produções textuais sejam significativas, é preciso que se considerem os seguintes aspectos:

[...] se tenha o que dizer; se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo); e que se escolham estratégias para realizar. (GERALDI, 1991, p. 137).

Por fim, o aluno deve reconhecer-se como sujeito, articulando seu ponto de vista acerca do mundo em suas produções, e o professor tem um papel fundamental nesse processo, possibilitando estratégias para que o estudante consiga desenvolver esse trabalho.

Como se trata da construção de uma coletânea de histórias, da elaboração de um livro, também faz parte do processo à ilustração de cada conto, o que é feito



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

pelos próprios alunos. Por outro lado, os bolsistas, mediadores, tornam-se responsáveis pela diagramação e pela organização do livro, sendo que o mesmo processo ocorre em três turmas distintas da escola, trabalho organizado por três grupos de pibidianas. O livro produzido contemplou as produções dessas três turmas. A sua impressão foi realizada com recursos da UFFS.

A publicação do livro, intitulado “O Outro Lado da História”, produzido com as releituras feitas pelos alunos, aconteceu na feira do livro da escola, sendo divulgado para toda comunidade escolar, pais e visitantes da feira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa atividade contribui para nossa formação, uma vez que, cientes das questões linguísticas implicadas, não podemos, de nenhuma forma, persistir na proposição de uma prática de escrita escolar que não possua um leitor, ou seja, um possível destinatário. Há que sempre se partir de práticas com referências, isto é, que o aluno saiba sobre o que vai escrever e para quem se destinará o texto objeto de escrita. Como afirma Bakhtin,

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1995, p. 113).

Logo, a palavra é objeto de interação entre interlocutores e sua variação acontecerá de acordo com o tipo de interlocutor, pois, dependendo do destinatário, as escolhas lexicais, a utilização de informações e o próprio objetivo da escrita serão diferentes, visto que o contexto de produção é primordial na finalidade de escrita.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



POR QUE VOLTAR À ESCOLA? O CASO DO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE JOVENS E ADULTOS DE CAPANEMA – PR

Jennifer Lourdes Furtado Krumenaur¹
Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia²

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar quais foram os motivos pelos quais os alunos deixarem de frequentar as escolas na idade convencional e retornassem depois de algum tempo para a escola do CEEBJA (Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos) da cidade de Capanema.

Assim tivemos a ideia de desenvolver a pesquisa com jovens e adultos que já vivenciaram a escola regular e por algum motivo tiveram que deixar os estudos

Devido às características desse público e suas experiências de vida, optamos por desenvolver a investigação em uma instituição de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

1 METODOLOGIA

Foram selecionados de forma aleatória 02 homens e 04 mulheres. No total de 06 alunos, sendo 03 numa faixa etária de 18 aos 30 anos e os outros 03 alunos com idade acima de 30 anos. Para a participação na pesquisa se deu por meio de entrevistas. Para garantir o anonimato dos sujeitos envolvidos, foram identificados com nomes fictícios.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que estimula os entrevistados a se manifestarem livremente sobre o assunto, com caráter exploratório.

Como método para análise dos depoimentos, utilizamos a Análise Textual Discursiva (ATD), que é descrita como um processo que se dá por unitarização em que as falas dos entrevistados são separadas em unidades de significado (MORAES; GALIAZZI; 2006).

A partir da aplicação da ATD foram identificadas as seguintes categorias: a volta à escola e suas motivações, o mundo do trabalho e a família. E subcategorias: jovens e adultos na sala de aula, outros motivos para a retomada dos estudos na EJA, trabalho e família. Essas são as categorias e subcategorias mais constantes nas entrevistas realizadas.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitos buscam a superação de suas dificuldades na escolarização e procuram um curso de alfabetização para atender às exigências sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade. Os alunos afirmam que depois de frequentar a escola passaram a perceber melhorias no seu desenvolvimento diário, pois aprenderam a ler e escrever, a comunicar-se melhor, aumentou sua autoestima, resolvem com mais facilidade os problemas do cotidiano, melhoram o desempenho profissional e a visão da vida e do mundo (AJALA, 2001).



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Gustavo: Se você quer ter alguma coisa, se você tem que ter um conhecimento geral de todas as coisas do que acontece no teu redor [...].

Muitos são os motivos que fazem com que as pessoas desistem de seus estudos. Para essa retomada muitos possuem um grande incentivo de alguém que gosta muito ou até mesmo a vontade de estar cursando um nível superior. Quando a pessoa já se encontra com algum problema de saúde, a depressão surge com mais facilidade, deixando-a mais exposta a problemas psicológicos e emocionais.

Andreia: Por que minha vida já estava com começo de depressão, ai então voltei a estudar pra melhorar.

Julia: E fez bem porque se não estaria depressiva hoje.

Helena: Foi uma depressão. Antes de eu fazer uma cirurgia do braço eu sentia muita dor, que me deixava agoniada, ai peguei e me mandei pra escola.

Mesmo com as dificuldades encontradas no seu cotidiano, as pessoas continuam buscando algo melhor para si e suas famílias, tentando com os estudos se aperfeiçoarem na sua área de atuação e conseguir uma posição melhor no mercado de trabalho. Com todos os desejos e sonhos os alunos sentem o compromisso de conseguir alcançá-los para o bem-estar de suas famílias.

A necessidade de trabalhar fora de casa é um dos principais fatores referente ao abandono escolar. Conforme discussões no decorrer do trabalho, percebem-se abordagens relatadas como sendo um dos principais fatores do abandono escolar.

Laura: [...] eu estudei até o sexto ano na idade normal ne, ai depois do sexto ano eu parei para ajudar os meus pais a trabalhar no sitio [...]

Andreia: [...] foi uma infância difícil... Já comecei a trabalhar desde os nove anos, estudei até a oitava serie [...]

Helena: [...] a gente tinha que trabalhar, pra ajudar os pais. Em lanchonete eu trabalhei, casa de família. Ate pouco tempo tava trabalhando em casa de família [...]

A necessidade de abandonar a escola para trabalhar e a posterior constatação de que, como ficou com baixa escolaridade, muitos jovens e adultos encontraram dificuldades em conseguir melhores posições profissionais. Necessitaram então retomar os estudos novamente, tornando um ciclo vicioso na relação entre educação e trabalho. (NAIFF, L; NAIFF, D, 2008).

A família também possui um papel extremamente importante para a manutenção e permanência dos alunos na escola. Quando a família incentiva e acompanha o desenvolvimento escolar e o aproveitamento do aluno, os mesmos possuem um bom rendimento.

A família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social (OLIVEIRA e MARINHO-ARAÚJO, 2010).



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

A família tem um papel fundamental para que o aluno tenha um rendimento escolar e desempenho nas atividades considerado bom. É necessário que a família tenha compreensão em todos os momentos vivenciados pelo indivíduo e acompanhar sempre que possível, dando todo suporte necessário para se ter uma formação de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados após a realização das entrevistas, percebe-se que são pessoas, alunos com necessidades financeiras, problemas emocionais, familiares e de saúde. São homens e mulheres que sobrevivem essencialmente da força do seu próprio trabalho que compõem a Educação de Jovens e Adultos. Muitos dos que frequentam a EJA não tiveram a oportunidade de prosseguir seus estudos na idade certa. E hoje estão retornando à escola buscando essa formação, que antes não tiveram oportunidade.

Entre os motivos que levaram os jovens e adultos a voltar para a escola, podemos citar a necessidade do mercado de trabalho, o sonho de fazer um curso superior ou técnico, a luta que os mesmos percorrem para conseguir realizar os seus sonhos e desejos, até mesmo a relação entre os alunos e os professores, as metodologias utilizadas, os projetos desenvolvidos na escola. Além das perspectivas pedagógicas e os métodos que a escola utiliza para tentar manter a permanência do aluno.

Portanto, esta investigação irá contribuir para debater sobre esta modalidade de ensino, ainda pouco discutida nos cursos de formação de professores. Além disso, há a necessidade de dar ênfase na formação continuada de toda a equipe pedagógica da escola.

REFERÊNCIAS

AJALA, M.M., **ALUNO EJA:** motivos de abandono e retorno escolar na modalidade EJA e expectativas pós EJA em Santa Helena-PR, Monografia de Especialização, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011.

MORAES, R., GALIAZZI, M.C., **Análise textual discursiva:** processo reconstrutivo de múltiplas faces. Ciência e Educação, Bauru – SP, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

NAIFF, L. A. M; NAIFF, D. G. M. **Educação de Jovens e Adultos em uma análise psicossocial:** representações e práticas sociais. Psicologia & Sociedade. Belo Horizonte. v. 20, n. 3. pp. 402-407, 2008

OLIVEIRA, C.B.E., MARINHO-ARAÚJO C.M., **A relação família-escola:** intersecções e desafios, Estudos de Psicologia, Campinas, 27(1) | 99-108 | janeiro - março 2010.



PROFESSORES EM FORMAÇÃO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA “OFICINA DE VÍDEO-POEMAS” DO PIBID

Gilberto Corrêa Gesser¹
Pamela Tais Clein²

INTRODUÇÃO

O ensino voltado para uma educação emancipadora é aquele que prima por tornar os cidadãos críticos, reflexivos e ativos socialmente, abertos a novos aprendizados e autônomos no que diz respeito à busca pelo saber. Cabe à escola e ao professor mediar esse processo de formação dos sujeitos, a fim de emancipá-los para fazerem escolhas significativas a suas vidas e sociedade da qual fazem parte.

Nesse sentido, o objetivo principal deste trabalho é pontuar as estratégias didáticas de ensino-aprendizagem utilizadas na aplicação de uma oficina intitulada “Oficina de Vídeo-poemas”, desenvolvida por acadêmicos bolsistas do curso de licenciatura em Letras: Português e Espanhol, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, em 2016. Essa oficina foi realizada com alguns alunos de quatro escolas públicas do estado do Paraná, duas delas na cidade de Realeza, com alunos do Ensino Médio, e as outras duas escolas na cidade de Santa Izabel do Oeste, sendo uma com alunos do Ensino Fundamental e a outra, do Ensino Médio.

As ações do PIBID nessas escolas permearam no trabalho com diversas poesias de distintos autores, como: “A pesca”, de Affonso Romano de Sant’Anna, “Fanatismo” - Florbela Espanca, “Autopsicografia” - Fernando Pessoa, “Retrato” - Cecília Meireles, “Dor elegante” - Paulo Leminski, “Soneto do amigo” - Vinicius de Moraes, “Não há Vagas” - Ferreira Gullar, “Contrastes” - Augusto dos Anjos, “O menino que carregava água na peneira” - Manoel de Barros, “O Bicho” - Manuel Bandeira e “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade. A pré-leitura, leitura, pós-leitura, análise e reflexão sobre esses textos, culminaram na adaptação dos poemas para produção de 11 vídeo-poemas, e materiais didáticos, criados pelos estudantes com auxílio e orientação dos professores bolsistas do PIBID.

1 DESENVOLVIMENTO

Em razão da incomensurável relevância que tem na formação, desenvolvimento sociocognitivo e interacional dos alunos, utilizou-se da literatura, através dos poemas mencionados a cima, para a realização da referida oficina, “Oficina de Vídeo-poemas”. Por meio da literatura, os estudantes puderam ativar suas imaginações e desenvolver capacidades para criar algo novo, e recriar algo a partir de outro já existente e ainda compartilhar entre si suas ideias e novos

¹ - Acadêmico do Curso de Letras: Português e Espanhol -Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS - Campus Realeza, PR. E-mail para contato: gilbertocorreagesser@gmail.com

² - Acadêmica do Curso de Letras: Português e Espanhol -Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS - Campus Realeza, PR.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

conhecimentos aprendidos, uma vez que: “[...] o contato com o texto literário, constitui, para mais uma possibilidade rara de viver, em alteridade, situações valores e experiências que moldaram as comunidades humanas ao longo dos séculos” (BERNARDES, 2005, p. 125). Ao trabalhar com poemas e suas adaptações, deu-se a oportunidade de os alunos se conhecerem melhor, assim como a oportunidade de os pibidianos, professores em formação, se aproximarem mais dos alunos, e do ser docente.

Para a produção dos vídeo-poemas foram necessárias, primeiramente, leituras e análises crítico-reflexivas, dos poemas escolhidos, realizadas pelos professores bolsistas em conjunto com os alunos. Posteriormente, os professores fizeram esquematizações e usaram de variadas estratégias e recursos para aprofundar algumas possíveis análises e interpretações dos poemas. Nesse sentido, “[...] a relação e organização dos melhores meios e recursos requer um estudo profundo, objetivo e realista, para que estes sejam os mais adequados aos objetivos que se pretendem atingir, através da sua adequada aplicação e utilização” (MENEGOLLA E SANT’ANNA, 2012, p. 18). Dessa maneira, os alunos puderam criar seus vídeo-poemas, com a orientação e auxílio constante dos professores, até chegarem ao produto final, os vídeo-poemas, que podem ser vistos como materiais didáticos.

O material adaptado passou por uma releitura e interpretação subjetiva, que variou de sujeito para sujeito, sendo assim, a adaptação literária é: “[...] um processo de criação, a adaptação sempre envolve tanto uma (re-) interpretação, quanto uma (re-) criação [...] a adaptação é uma forma de intertextualidade” (HUTCHEON, 2011, p. 30-31). A partir do trabalho com as adaptações de poemas para vídeo-poemas, foram criadas pelos alunos e professores bolsistas outras formas de artes, pois: “[...] a arte deriva de outra arte” (HUTCHEON, 2011, p. 22), o processo de apropriação do conhecimento da parte dos alunos ocorreu durante todo o processo de adaptação dos poemas para os vídeo-poemas.

Os Pibidianos atuaram mediando o processo de reflexão e criação de materiais que culminaram dessa oficina. Para isso, os bolsistas, além de trabalharem com os poemas, demonstraram aos estudantes, por meio de alguns modelos de vídeo-poemas e materiais didáticos, que eles poderiam elaborar seus próprios vídeo-poemas. As atividades, a partir disso, deram-se de acordo com a criatividade de cada dupla de estudantes. Salientamos que, desses encontros emergiram vídeos e materiais didáticos, produtos criativos e eficientes para o ensino-aprendizado docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao perpassarmos por essa prática de ensino-aprendizagem, por meio de adaptações literárias para vídeo-poemas e materiais didáticos, demo-nos conta da importância do planejamento prévio e efetuar o uso das diversas metodologias e estratégias de ensino. Uma vez que, os resultados das produções dos alunos em sala de aula foram positivos, contemplaram-se, ao mesmo tempo, os Pibidianos e os alunos, que ensinaram e aprenderam com essas práticas. É na interação entre aluno-aluno e aluno-professor que ocorre o ensino-aprendizado, pois são nas trocas e nos encontros alterizantes que o aprender e o ensinar ganham sentido e tornam-se significativos para os sujeitos envolvidos.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

O PIBID primou por propiciar aos acadêmicos de licenciatura em Letras, o contato com o ambiente escolar durante o processo formativo. Em vista disso, possibilitou-se planejar e executar ações que contribuíram e contribuem para a construção da identidade profissional do ser docente e do sujeito aluno. Portanto, professores em formação e alunos da rede básica de ensino foram contemplados na troca de saberes plurais entre a comunidade acadêmica e escolar.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, José Augusto. **A literatura no ensino secundário: excessos, expiações e caminhos novos.** In: _____ DIONÍSIO, Maria de Lourdes e CASTRO, Rui Vieira de (Orgs). O português nas escolas – ensaios sobre a língua e a literatura no ensino secundário. Coimbra: Almedina, 2005.

CIPOLINI, Arlete. MORAES, Amaury Cesar. **Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – um estudo sobre a utilização do cinema na educação.** Tese de Mestrado, 2009. Disponível em: <
<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/239>> Acesso em: 21 de jul. 2017.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação.** Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

MENEGOLLA, M.; SANT'ANNA, I. M. **Por que planejar? Como planejar?:** currículo, área, aula. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: NA CONSTRUÇÃO DO IDEAL

Marcos Willian da Silva Santos¹
Keila Cristina Batista²

Introdução

O presente estudo tem por objetivo investigar o projeto político-pedagógico, apresentando elementos que o constituem e sua importância para a escola. Para compreender o que é o projeto político pedagógico e qual é sua importância se faz necessário definir alguns conceitos que nos possibilitem um melhor entendimento sobre a questão. Primeiramente, será apresentado um breve conceito sobre planejamento compreendendo assim o termo.

Em seguida, será conceituado o projeto político-pedagógico, tendo em vista que tem grande importância no contexto educacional, por isso precisa ser elaborado de modo que atenda às necessidades de alunos, professores, pais e funcionários, norteando assim as práticas do cotidiano escolar. Será apresentado um relato de uma pesquisa que foi realizada com alguns profissionais presentes nas escolas, referente à construção do projeto político-pedagógico.

O enfoque principal deste estudo é apresentar uma reflexão em torno do planejamento e sua importância na elaboração do projeto político-pedagógico, um documento que se constitui fundamental para o bom andamento das atividades escolares.

Quando elaborado e bem articulado pelos envolvidos com a instituição poderá melhorar as ações, a avaliação e as práticas de sala de aula, sendo um documento revelador, da escola que se tem, e da que se quer.

Nos últimos anos o Projeto Político-Pedagógico, tem sido discutido nas escolas e tem tido cada vez mais atenção por parte dos educadores, pois alguns o consideram como o organizador do trabalho pedagógico, outros ainda imaginam que ele possa desenvolver uma política educacional na escola, há ainda os que o caracterizam como mais um documento burocrático.

1 Materiais e métodos

A metodologia deste estudo se configurará em pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (1999) entende como pesquisa bibliográfica àquela que busca solução de determinado problema a partir de materiais já elaborados e varia de função em função de seus objetivos, convém, portanto que este seja claramente estabelecido a fim que as fases posteriores processem de maneira satisfatória.

¹ Graduando em Matemática na Faculdade de Ampére (FAMPER), bolsista do Programa Universidade para Todos (Prouni).

² Mestra e Especialista em Gestão Político-Pedagógica Escolar pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Professora das Disciplinas de Gestão Educacional (Pedagogia) e Metodologia da Pesquisa (Serviço Social) na Faculdade de Ampére - FAMPER. Professora da rede municipal de ensino do Município de Ampére.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

2 Planejamento e Projeto Político-Pedagógico: conceituando os termos

O planejamento constitui-se essencial nas nossas atividades sejam as cotidianas, sejam no âmbito escolar. Por vezes, é considerado como um processo realizado para equilibrar os meios e fins e melhorar o funcionamento da escola. “... o planejamento não ocorre em um momento do ano, mas a cada dia. A realidade educacional é dinâmica. Os problemas, as reivindicações não têm hora nem lugar para se manifestarem. Assim, decide a cada dia, a cada hora” (Sobrinho apud Padilha 2000, p.30).

Contudo, o planejamento não se reduz apenas a um meio de facilitar o trabalho em sala de aula, ou somente como uma atividade burocrática que se limita ao preenchimento de formulários, para ser entregues na secretaria como cumprimento a uma exigência. Este ato de planejar necessita ser concebido e vivenciado no cotidiano escolar como um processo de reflexão, buscando sempre o melhoramento das práticas escolares como um todo.

Uma das possibilidades para que estas práticas ocorram de fato, é o projeto político-pedagógico (P.P.P.) que se constitui como proposta de construção coletiva. Nele estão definidas as finalidades e necessidades dos alunos, professores, funcionários e comunidade escolar. Por isso, não deve ser entendido como um documento acabado, mas sim, em construção, tendo em vista, que com o passar dos tempos algumas práticas precisam ser revistas e modificadas, pois a cada ano surgem diferentes necessidades. Para Vasconcellos (1995):

Projeto Pedagógico [...] é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita re-significar a ação de todos os agentes da instituição (p.143).

Concorda-se com Vasconcellos, quando aponta que o projeto implica em novas práticas, novos desejos, desde que tenha a participação de todos, o que permitirá refletir sobre o que se faz em sala de aula e realizar as mudanças consideradas pertinentes. Gadotti apud Veiga (2004):

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente (p.12).

Projetar, inovar, requer disponibilidade, desejo de mudança. Reformular o Projeto Político-Pedagógico - PPP não significa atualizá-lo de acordo com as novas teorias educacionais. Implica em rever a sala de aula, as características dos educandos, a influência da sociedade que vai além dos muros da escola de maneira a antecipar o amanhã, o futuro. Neste sentido, torna-se fundamental ter clara a importância do P.P.P. como um documento norteador das práticas e ações



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

realizadas na instituição escolar, tendo em vista que possui uma intencionalidade, tornando-se a identidade das instituições de ensino.

Conforme afirma Veiga (2004, p.12) “Ao construirmos os projetos de nossas escolas, planejamos o que temos intenção de fazer, de realizar. Lançamo-nos para diante, com base no que temos, buscamos o possível”. Ele não deve ser entendido como um documento que após sua construção seja arquivado ou encaminhado as autoridades, núcleos de educação para cumprir as tarefas burocráticas, pois envolve os indivíduos presentes no processo educativo escolar, de modo que subsidia a organização do trabalho pedagógico e educativo da escola. Para Veiga (2004, p.13):

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. Na dimensão pedagógica reside à possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade.

Sendo assim, o político e o pedagógico são indissociáveis, de maneira que o projeto político-pedagógico deve ser considerado um processo constante de discussão e reflexão dos problemas vivenciados pelas instituições de ensino, além de possibilitar a busca de alternativas para efetivar a sua real intenção.

Conclusões

Diante do exposto é possível compreender que mesmo sendo um direito das escolas fazer sua proposta pedagógica ou projeto político-pedagógico, elas têm enfrentado desafios e encontrado barreiras no momento da elaboração de seu P.P. P, além de que grande parte sofre influências dos núcleos regionais de educação e das secretarias, estadual ou municipal de educação.

Então, podemos ainda questionar: Onde está a falha no momento da construção desse documento? A “culpa” poderá ser dos professores que gostariam de participar, mas não tiveram oportunidades? Dos coordenadores e diretores que tiveram que elaborar a proposta em um curto espaço de tempo? Do núcleo de educação que ofereceu prazo de mais ou menos um mês para as escolas? Onde está o problema?

Pensamos que uma “solução” para tal problema ainda não temos, mas acreditamos que este contexto poderá ser mudado quando todos os envolvidos com a escola puderem participar das decisões, quando os órgãos públicos como os núcleos regionais de educação, as secretarias municipais e estaduais de educação, e outros que influenciam o cotidiano educacional, possam aceitar as escolhas feitas pela comunidade escolar, reafirmando sua própria identidade, sua capacidade de buscar o que realmente pode mudar no cotidiano, tanto de professores quanto de alunos, tendo em vista que os membros presentes em cada instituição são quem realmente a conhecem.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Para tanto, é pertinente ressaltar que durante este trabalho não foi realizada uma pesquisa com os profissionais que trabalham junto ao núcleo de educação, sendo que considera-se de grande importância a realização de estudos futuros para que possam ser envolvidos estes profissionais com intuito de melhorar e ampliar os conhecimentos a respeito da questão proposta.

Referências

GIL, Antonio, Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa** – 2^o ed. Atlas: São Paulo, 1999.

PADILHA, P. R. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

VASCONCELLOS, C.S. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do Projeto Político-Pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 6^a Ed. São Paulo: Libertad Editora, 2006.

_____. **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para a elaboração e realização. 15^aEd. . São Paulo: Libertad Editora, 2006.

_____. **Planejamento**: plano de ensino-aprendizagem e Projeto Educativo. São Paulo, Libertad, 1995.

VEIGA, I.P. A. **Projeto político-pedagógico**: continuidade ou transgressão para acertar? In: CASTANHO, M.E.L.M.; CASTANHO, S. (Org.). O que há de novo na educação superior: do projeto pedagógico à prática transformadora. Campinas: Papyrus, 2000.

VEIGA, Ilma Passos A. **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção coletiva In: VEIGA, Ilma Passos A. (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: SP.Papyrus, 2004.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE APLICAÇÃO DE UMA OFICINA DE
CONSTRUÇÃO DE MINIFOGUETES PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Gessé de Castro Adam¹
Gabriel Vinícius Vian²
Alexandro Tonetto³
Clarice Pompermaier Ramel⁴
Eduardo Almeida (Orientador)⁵

INTRODUÇÃO

No ensino médio, a realização de práticas experimentais constitui uma oportunidade aos alunos para a efetivação de conexões entre modelos físicos e o mundo real. Visando possibilitar tais conexões, bem como constituir proveitosa experiência de docência, os bolsistas do subprojeto de física do Programa Institucional de bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Realeza, realizaram uma oficina, com alunos do ensino médio, onde foi proposta a confecção de minifoguetes, nos colégios estaduais Padre Cirillo e Rocha Pombo, na cidade de Capanema-PR entre os meses de junho e agosto no ano de 2017.

A realização dessa oficina foi motivada pelas circunstâncias que vivenciam tanto os alunos quanto os professores de Física do ensino médio. É sabido que as aulas de Física são, geralmente, limitadas às abstrações matemáticas e teóricas. São várias as razões que constituem tais circunstâncias, segundo Araujo et al. (2016), podemos apontar fatores como tempo, infraestrutura e deficiências na formação dos professores. Assim, devido à pouca oportunização para atividades experimentais, torna-se difícil para o aluno o estabelecimento de conexões entre os modelos teóricos e o real, a superação de obstáculos epistemológicos ou até mesmo o desenvolvimento do ímpeto pelo aprender. Segundo Duarte (2012, p.527) “A grande maioria dos estudantes não consegue assimilar de forma satisfatória as relações existentes entre o modelo e o fenômeno observado.” Assim, a oficina aplicada nos dois colégios possibilitou uma oportunidade de experiência docente para os bolsistas, bem como a constituição de uma prática pedagogicamente proveitosa para os alunos que participaram.

Portanto este trabalho objetiva relatar a experiência obtida pelos bolsistas do subprojeto de Física PIBID. Tal relato expõe a realização de uma oficina de Física com alunos do ensino médio, que objetivava possibilitar a constituição de uma

1 Acadêmico do Curso de licenciatura em Física. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. www.uffs.edu.br

2 Acadêmico do Curso de licenciatura em Física. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. www.uffs.edu.br

3 Acadêmico do Curso de licenciatura em Física. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. www.uffs.edu.br

4 Graduada em Licenciatura em Física pela Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE. <http://www.unoeste.br/>

5 Doutor em Física pela Universidade Estadual de Londrina, UEL. Orientador. Professor do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. www.uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

aprendizagem significativa de conceitos de mecânica newtoniana através da confecção e do lançamento de minifoguetes propulsionados por propelentes sólidos.

1 DESENVOLVIMENTO

Para elaboração da oficina, os bolsistas, juntamente com a supervisora, se reuniram, nos colégios para o planejamento. Elaborando um referencial teórico para montar oficina. A carga horária da aplicação da oficina foi de duas horas-aulas, além disso, alunos tiveram a oportunidade de tirar dúvidas semanalmente em monitorias oferecidas.

Posteriormente a construção da oficina, os bolsistas a aplicaram em dois colégios, onde, inicialmente, houve a ministração de aulas expositivas, de curta duração, sobre conteúdos que tangenciavam os minifoguetes. Com isso, parte dos alunos não demonstrou grande interesse para com as aulas expositivas. Após a exposição dos conteúdos pertinentes (que foram: leis de Newton, movimento balístico, centro de massa e centro de pressão) e do estabelecimento da proposta da oficina, que era a construção de minifoguetes, os alunos foram organizados em grupos de no máximo três integrantes. Na sequência, os bolsistas demonstraram a confecção dos minifoguetes de forma aberta, orientando os alunos acerca dos princípios físicos que regem a dinâmica do foguete e como tratá-los.

Para a confecção dos minifoguetes, foram estabelecidas algumas regras básicas, sendo as principais: a limitação das dimensões dos mesmos e a orientação para que os alunos não fizessem uso de metais ou explosivos na confecção.

Foi possibilitado que cada grupo de alunos empregasse projetos individuais com variações parciais ou completas nas confecções, os mesmos tiveram de confeccionar foguetes em períodos extraclasse, para tanto, foram oferecidas monitorias semanais sobre a confecção, na terça-feira no colégio Rocha Pombo e na quarta-feira no colégio Padre Cirilo, das 8 horas às 13 horas, monitorias online também foram oferecidas. Ainda, os alunos foram instigados a pesquisas complementares no intuito de aprimorarem seus projetos.

Desde o início dos processos de confecção, foi explicitado aos alunos que os mesmos poderiam participar de um campeonato de minifoguetes que seria realizado ao final do mês de agosto do ano de 2017, o que trazia entusiasmo aos alunos. Cada colégio teve seu próprio campeonato, e os mesmos foram realizados justamente com o intuito de motivar os alunos à participação. Em ambos os colégios houve uma premiação simbólica para as melhores equipes. A participação do campeonato requereu o cumprimento de um regulamento pré-estabelecido, disponíveis nos murais dos colégios e no blog do PIBID de Física da UFFS.

Os campeonatos foram realizados em datas e locais distintos, com acompanhamento da equipe do PIBID, do coordenador do projeto Eduardo Almeida, da supervisora Clarice Pompermaier e do corpo de bombeiros municipal de Capanema, a fim de garantir a segurança contra eventuais complicações.

O objetivo elementar dessa oficina, não foi à participação nos campeonatos, mas sim possibilitar ao aluno um contato direto com a experimentação e o vislumbre da aplicação de modelos mecânicos na realidade. Séré, Coelho e Nunes (2003) enunciam que atividades experimentais possibilitam ao aluno a intersecção entre o mundo conceitual e o mundo empírico. Desta forma, a confecção de minifoguetes



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

configura uma vantajosa intersecção, visando superar a situação já exposta na problemática, para que os discentes consigam ver a Física no mundo real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta o que foi observado, a oficina oportunizou aos alunos a verificação da aplicabilidade da Física newtoniana no mundo real, um aspecto importante, haja vista que nas escolas há pouca oportunidade para tal devido à falta de tempo e infraestrutura.

Além disso, a experiência proporcionou algumas observações importantes que podem ser feitas. Em primeira instância, denotou-se que os alunos do ensino médio apresentaram complicações primordiais durante a prática experimental, como o imediatismo, que se manifestou em grande parte dos alunos, cuja atenção foi bastante difícil de preservar. A realização inicial de uma oficina mais extensa, constitui uma problemática, visto que houve negligência e perda de interesse por parte dos alunos. Um fator de grande ajuda foi às regras estabelecidas antes mesmo da aplicação das oficinas que, por si só orientaram, os alunos durante a confecção dos minifoguetes bem como ajudou a prevenir eventuais acidentes.

Também pode se observar, que parte dos alunos erigiram hipóteses acerca da construção dos foguetes, e após testá-las empiricamente, verificaram que as mesmas estavam erradas e as retificam, constituindo novas concepções de caráter científico e dessa forma superando obstáculos epistemológicos.

Desse modo, fica explicitada a importância de práticas experimentais, como a confecção de minifoguetes, visto que estas auxiliam na constituição de uma aprendizagem significativa, oportunizando ao aluno o entrelaçamento entre teoria e prática. Pode-se dizer que a oficina de minifoguetes foi proveitosa para alunos, que puderam tangenciar a realidade com a Física, e aos bolsistas, que constituíram uma rica experiência de docência.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, A. V. R. de et al. **Uma associação do método Peer Instruction com circuitos elétricos em contextos de aprendizagem ativa**. Revista Brasileira de Ensino de Física, [s.l.], v. 39, n. 2, p.1-6, 7 nov. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9126-rbef-2016-0184>.

DUARTE, Sérgio Eduardo. **Física para o ensino médio usando simulações e experimentos de baixo custo**: Um exemplo abordando dinâmica de rotação. Revista Brasileira de Ensino de Física, [s.l.], v. 29, n. 1, p.525-542, set. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/download/2175-7941.../22934>>. Acesso em: 02 out. 2017.

SÉRÉ, Marie-geneviève; COELHO, Suzana Maria; NUNES, Antônio Dias. **O papel da experimentação no ensino da Física**. Revista Brasileira de Ensino de Física, [s.l.], v. 20, n. 1, p.31-43, abr. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6560>>. Acesso em: 02 out. 2017.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**RETROSPECTIVA DA DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA: DESAFIOS
DO ACESSO A TODOS E DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO**

Sandiéli Bianchin¹
Andressa Masetto²
Sonia Regina Oliveira³
Gilson Luís Voloski⁴

INTRODUÇÃO

Considerando a experiência de estudos e debates realizados no componente de Fundamentos da Educação, no primeiro semestre deste ano, no qual se teve como uma das atividades a elaboração de um ensaio textual sobre o tema: os desafios históricos e atuais da democratização da escola pública. O presente relato tem por objetivo apresentar uma retrospectiva histórica da construção do significado da democratização da escola pública.

O debate filosófico sobre a educação e o papel da escola tem seus primórdios na Grécia Antiga. A escola moderna nasceu como promessa de formação de cidadãos autônomos e sujeitos ativos na consolidação da democracia. Nos meados do século XIX, críticos constatam que o discurso de igualdade de oportunidades no interior da escola apenas legitimava e reproduzia a sociedade. Considerando a realidade brasileira e a falta de um ensino de qualidade, a escola pode desempenhar um papel de reproduzir e legitimar as desigualdades sociais.

1 RETROSPECTIVAS DA CONSTITUIÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA.

Partindo do pressuposto de que o ser humano é um ser educável, destacam-se dois aspectos básicos: primeiro, a educação informal acontece em todos os tempos e espaços em que ocorrem interações sociais. O segundo, a sociedade criou instituições com a finalidade específica de educar as novas gerações. No que segue, busca-se reconstruir historicamente as principais características da educação formal.

Ao pensar sobre o surgimento da “educação formalizada” nos reportamos até a Grécia Antiga. Os sofistas e Sócrates foram os primeiros a abordar a educação como problema filosófico (PAGNI, 2010). Idealizavam um ensino que fosse mais abrangente do que aquele que preparava bons soldados para o campo de batalha e almejavam “alcançar a excelência intelectual” (PAVIANI, 2008), formando bons cidadãos para governar a Polis (Cidade-Estado). Os sofistas profissionalizaram a educação e cobravam por suas aulas, privilégio restrito aos jovens de famílias ricas. Os demais cidadãos não possuíam chance para tal ensino (PAVIANI, 2008).

¹ Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. sandielibianchin@gmail.com.br

² Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. dressa_masetto@hotmail.com

³ Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. soniareginadeoliveira1986@gmail.com

⁴ Prof. Dr. Em Educação. Prof.(º) do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. gilson.voloski@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Discípulo de Sócrates, Platão propôs um ideal de formação humana que visava desenvolver todas as potencialidades humanas para promover o bem supremo cidade-estado. Assim, buscava uma educação fundamentada na ciência, virtude e justiça como solução ao problema da corrupção de Atenas. Discordava dos sofistas de o ensino ser cobrado, pois se a principal finalidade da educação é formar bons cidadãos, então, tal tarefa cabia ao Estado. Na sua perspectiva, a educação deveria ser direito de todos os cidadãos, mas apenas aqueles que chegassem à última etapa da formação teórica, ao âmbito da filosofia, deveriam ter o direito de governar a cidade. Significativa parte da população, escravos e estrangeiros, nem se quer eram considerados nesta ousada proposta para a época.

Na Idade Média, a igreja era a instituição responsável pelo modelo educacional, o qual determinava tanto o ideal educativo quanto às práticas de formação. Neste período, grande parte dos estudantes era da nobreza já que eram os únicos com condições de manterem-se na escola, já os camponeses ficavam sem saber ler e escrever por toda a vida, lhes restando apenas os trabalhos servis (CAMBI, 1999).

Na modernidade, Comênio defendeu uma educação universal e um método que visava ensinar tudo a todos. Como base da formação social, a escola deveria abarcar as crianças pequenas, as mulheres, os desfavorecidos sociais, os especiais etc. E Immanuel Kant (2010) argumentou sobre a relevância de uma formação para a autonomia. Assim, não bastava o acesso de todos à escola, mas a formação da capacidade de pensar e agir por conta própria de cada pessoa, pois isso é a condição básica para a sociedade democrática.

Até meados do século XX, a escolarização era vista como forma de tornar a sociedade justa, moderna e democrática. A escola pública e gratuita, de acesso a todos, seria o local de oportunidades iguais. E aqueles que tivessem melhor desempenho seriam levados a progredir em suas carreiras escolares, para depois ocuparem os melhores cargos na hierarquia social (NOGUEIRA, 2002).

Na década de 1960, o sociólogo Bourdieu constata em suas pesquisas que a aparente igualdade de oportunidades da escola pública apenas camufla e legitima a desigualdade social. Isso ocorre quando a escola trata igual todos os alunos, em seus métodos de ensinar e avaliar, e desconsidera as desigualdades de capitais (econômico, social e cultural) que cada criança traz de sua família (NOGUEIRA, 2002).

No Brasil, apenas nas últimas décadas se avançou em direção da universalização do acesso ao ensino fundamental. Isso ainda é um desafio ao ensino médio e superior. E o discurso da igualdade de oportunidades e da meritocracia do esforço pessoal de cada aluno apenas camufla e legitima as enormes desigualdades sociais. Tais diferenças podem ser notadas se compararmos uma escola do campo ou da periferia de uma cidade, em que muitos pais têm poucas posses e instrução, com outra escola de um grande centro urbano, de famílias com instrução superior, de melhores condições econômicas e de certa influência social, mesmo que oportunizasse o mesmo método de ensino e avaliação para todos esses alunos, independentemente do esforço pessoal de cada um, o resultado seria diferente, apenas legitimando e convencendo os desfavorecidos a se resignarem de sua posição social, quando não a abandonarem seus estudos. (FERREIRA, 2013).



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da apresentação da retrospectiva histórica da construção do significado da democratização da escola pública, considera-se relevante destacar: a distante trajetória temporal da contribuição de Platão de que a educação do cidadão é uma atribuição própria do Estado; a ênfase dos pensadores modernos de que a escola é um direito de todos e a educação de qualidade é aquela que forma para a autonomia, condição da sociedade democrática.

São muitos os desafios que a educação pública brasileira enfrenta, não apenas de garantir o direito de todos terem acesso à escola, mas o direito de uma educação de qualidade, isto é, aquela que possibilite a capacidade de pensar e agir por conta própria. Considerando as enormes desigualdades da realidade brasileira, é relevante não apenas dar as mesmas oportunidades, mas também condições diferenciadas aos educandos que mais precisam da escola pública. Visando a melhoria da qualidade educacional, é imprescindível um maior investimento na formação docente e na sua valorização profissional, bem como nas condições de trabalho.

REFERÊNCIAS

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo; Feui, 1999.

FERREIRA, Wallace. **Bourdieu e Educação: Concepção crítica para pensar as desigualdades socioeducacionais do Brasil**. Revista Multidisciplinar de Ensino Pesquisa, Extensão e Cultura, UERJ, v. 03, n. 02, p.46-59, jun. 2013.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é esclarecimento**. In: KANT. I. Textos seletos. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **"A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições"**. In: Revista Educação e Sociedade, vol. 23, nº 78, Campinas, 2002.

PAGNI, Pedro Angelo. **A Filosofia da Educação Platônica: o desejo de sabedoria e a paideia justa**. Anais Unesp. 2010.

PAVIANI, Jayme. **Platão e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE**

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

**SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE ANÁLISE, REFLEXÃO E PRODUÇÃO
TEXTUAL: UM OLHAR PARA AS PROPOSTAS DE REDAÇÃO DO ENEM**

Angélica Margaret Barbosa Cortez¹
Gilberto Corrêa Gesser²
Rosiane Moreira da Silva Swiderski³

INTRODUÇÃO

Neste relato de experiência abordaremos questões relacionadas à linguagem, docência e formação trabalhadas em nossa prática docente realizada em dupla no estágio no componente de Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa V. Somos acadêmicos de Curso de Letras: Português e Espanhol – Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Realeza.

O objetivo principal deste trabalho é refletir acerca da nossa formação docente, com uma atenção voltada às questões da linguagem, como análises sobre as práticas de leitura, interpretação e escrita. Nesse processo, além de retomarmos o que foi realizado em sala de aula, pensamos sobre nosso trabalho e crescemos enquanto futuros profissionais do ensino, relacionando teoria e prática.

Esse estágio foi realizado com alunos de duas turmas de 3º ano do Ensino Médio, no Colégio Estadual Guilherme de Almeida, em Santa Izabel do Oeste - PR. Iniciamos o processo de docência em setembro, tendo como proposta de ensino, a realização de um trabalho sobre a redação do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, sobre o qual abordaremos no decorrer deste relato.

1 DESENVOLVIMENTO

No primeiro momento, a fim de que os alunos refletissem acerca do que é o Exame Nacional do Ensino Médio, fizemos um questionamento prévio e oral sobre o que eles já sabiam sobre o ENEM. Para isso, tínhamos como base algumas perguntas norteadoras a respeito da prova. Elas serviram para sabermos o quanto os estudantes conheciam sobre a prova e para podermos dar um prosseguimento nas nossas aulas, além de aproximar-nos dos alunos. Sabemos que, para um bom êxito no trabalho docente, é essencial um bom relacionamento entre professor e aluno. Koch (2003, p. 15) nos apresenta a concepção de “língua como lugar de interação” e diz que a língua só pode existir por meio do ato de interação social

¹ Acadêmica do Curso de Letras: Português e Espanhol - Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. angelicambcortez@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Letras: Português e Espanhol - Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. gilbertocorreagesser@gmail.com

³ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil (2012). Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. rosiane.swiderski@uffs.edu.br



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

dialógico, de alteridade entre dois ou mais sujeitos, que produzem e reproduzem conhecimentos, sentidos, enfim, sujeitos atores desse todo social. Ao final da aula, distribuídos para cada aluno, um material explicativo e de apoio, sobre tipos de textos, produção textual, conteúdo e senso crítico.

Para a segunda aula, fizemos a abordagem sobre redação, com levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes, tendo como base perguntas pertinentes para a reflexão dos alunos sobre a redação do ENEM, fazendo-os refletir sobre esse texto dissertativo-argumentativo em prosa. Ainda, para uma maior reflexão e desenvolvimento de capacidades críticas dos alunos, lhes perguntamos: Por que escrever? Para quem? Como? Quando? (GERALDI, 1997). Explicamos o quanto é importante que saibamos por que estamos escrevendo, quem irá ler o que escrevo como devo escrever e quando devo escrever de certo modo ou de outro.

Nas terceira e quarta aulas, fizemos uma retomada e logo escrevemos no quadro as cinco competências do ENEM: 1: Norma culta da língua escrita; 2: Proposta da redação; 3: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista; 4: Argumentação; e 5: Proposta de solução para o problema abordado e tipos de conclusão. Trabalhamos cada uma das competências, instigando os alunos a falarem o que sabiam, bem como a questionarem sobre o tema.

Nas quinta e sexta aulas, disponibilizamos aos alunos, uma redação nota 1000 do ENEM 2015, com o tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, da candidata Isadora Peter Furtado. Levamos essa redação impressa a eles e lhes pedimos a corrigissem, sem falar que era uma redação nota mil. A redação foi lida e analisada pelos alunos, de acordo com as competências estudadas.

Sobre esse trabalho com leitura e avaliação da redação do ENEM por parte dos alunos, os PCNEF (BRASIL, 1998, p. 69) apontam que: “A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc.” Por isso a importância de trabalhar com a leitura, fazendo os alunos refletirem acerca das competências que devem compor a redação do ENEM.

Nas sétima e oitava aulas, distribuimos aos alunos, cinco propostas de redações do ENEM, para que eles pudessem ler e escrever sobre. As propostas eram: Você acha que a prova do ENEM é direito de entrada na universidade para todos? Por quê? Quem geralmente tem mais possibilidade de entrada na universidade a partir dessa prova?; Será que as cotas para estudante afrodescendente, indígena e de escola pública, realmente vão oportunizar a entrada desses jovens à universidade? Por quê?; A questão da xenofobia no Brasil; Caminhos para combater a epidemia de crack no Brasil; O culto à padronização corporal no Brasil.

E, por fim, nas últimas aulas foi o encerramento do nosso estágio. Entregamos as redações corrigidas aos alunos e lhes pedimos que reescrevessem de acordo com os apontamentos que fizemos na correção, seguindo o método de avaliação das competências do ENEM. Ao final da reescrita os alunos nos entregaram suas produções anexas a primeira e corrigimos comparando-as, para analisarmos como se deu esse processo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

Pimenta e Lima (2012, p. 41) falam que: “a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação”. Essa afirmação parte da visão de que as formas de educar, em geral, nas instituições de ensino e os modos de agir, mesclam-se nas atividades docentes, o que realmente acontece. A proposta é tornar a aprendizagem uma prática efetiva e significativa, não só por parte dos alunos, mas também por parte dos professores.

Ao refletirmos sobre o trabalho com o ensino de redação, percebemos que a nossa regência teve êxito, pois os alunos conseguiram aprender o que é uma redação, realizaram um trabalho de análise e interpretação de uma redação e ainda produziram esse gênero. Quanto a essa produção, muitos se destacaram com notas excelentes já na primeira escrita e aos que tiveram notas mais baixas, com o nosso auxílio, a maioria conseguiu desenvolver suas produções.

Com isso, nossos objetivos foram alcançados, no entanto, somos cientes de que em nossa profissão sempre devemos estudar e buscar novas metodologias de ensino, pois ser professor também é acompanhar as mudanças que ocorrem em nossa sociedade, na língua em uso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. – 4ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LIMA, Maria Socorro Lucena. PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência**. 6ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE
Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

SEXUALIDADE E RURALIDADE: A EDUCAÇÃO SEXUAL DAS ESCOLAS DO CAMPO NA CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE CAMPONESA

Andréia Belusso¹
Edilson Pontarolo (Orientador)²
Josiane Carine Wedig (Coorientadora)³

Agência Financiadora: CAPES- DS

INTRODUÇÃO

Há uma nova interpretação sobre o meio rural se construindo nos textos brasileiros contemporâneos, principalmente referente ao isolamento, a estagnação entre outros olhares pejorativos a que esse meio era associado. Surgem positivamente olhares para a melhoria da qualidade de vida, da relação homem-natureza e a descaracterização da dicotomia rural e urbano para a “configuração de uma rede de relações recíprocas, em múltiplos planos que, sob muitos aspectos, reitera e viabiliza as particularidades” (WANDERLEY, 2001, p.33).

Em meio a textos que discutem a caracterização de uma identidade camponesa ligada a família, a terra e ao trabalho e as relações sociais mais pessoais, tidas como predominantes entre os habitantes do campo, essas novas interpretações sobre um rural, que vem se modificando junto à globalização, trazem a necessidade de discussões que dizem respeito às novas conjugalidades e sexualidades vividas no meio rural.

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado (em andamento) que tem como objetivo analisar de que forma a educação sexual é contemplada em escolas do campo da região Sudoeste do Paraná. Essa é uma região cujo processo de colonização por imigrantes europeus trouxe consigo valores, formas de organização da produção e da vida comunitária, que implicaram na identidade histórica caracterizada, principalmente, pela religiosidade. Faz-se pertinente entender como se dá o processo de educação sexual em suas dimensões formais e pedagógicas nas escolas do campo. Que corpos, gêneros e sexualidades cabem nas escolas de educação do campo do sudoeste do Paraná?

1 METODOLOGIA

Sendo parte de uma pesquisa em andamento, esse trabalho caracteriza-se como um ensaio teórico que reflete sobre as idealizações que corroboram para engessar, fixar e valorar as sociedades camponesas e suas sexualidades ditados, muitas vezes, pelas estruturas.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Colocar em movimento essas questões sobre educação do campo dentro de um programa voltado para as discussões do desenvolvimento regional sustentável é de certa forma provocar um tensionamento sobre a conformação de uma base epistemológica tradicional e, para tanto, mobilizar o exercício da “desnaturalização”



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

e desconstrução sobre os próprios processos normativos. E principalmente, é olhar para esse contexto regional, predominantemente rural, a partir da ótica educativa para promover o acesso à educação sexual, a fim de atender suas necessidades locais, descaracterizando a visão estreita e restrita de sexualidade denotada ao campo.

As ciências sociais começaram recentemente a olhar para a ruralidade a partir do reconhecimento da sexualidade como elemento importante nos modos de vida de camponeses, sendo assim muitos de seus estudos partiam do sistema de ideias da comunidade rural familiar, monogâmica, heterossexual, onde não havia espaços para corpos desejantes, que fugiam à norma. Os estudos que muitas vezes encontramos sobre esses sujeitos, sobre seus territórios, suas formas de se organizar, suas políticas e economias silenciam de forma brusca e naturalizada as estruturas de gênero e sexualidade que constituem as comunidades rurais (SCOTT; LYONS; MACPHAIL, 2015; FERREIRA, 2006).

O tema educação sexual tem se tornado expressivo motivo de discussões e discursos nas pesquisas das últimas décadas, mas com concentração em experiências escolares urbanocêntricas. Isso se deve a subalternização a que os saberes do campo foi condicionado pela monocultura do saber euro-ocidental (QUIJANO, 2005), cientes dessa lacuna, é possível colocar em questão o saber que legitima o corpo por meio do binarismo e coloca sujeitos em lugares inabitáveis ou “indizíveis” no plano do gênero e da sexualidade nas escolas do campo, bem como desnaturalizar as retóricas que subalternizam os camponeses geo-sexo-politicamente demarcando suas identidades e problematizando as discriminações e hierarquizações.

Essa invisibilização do outro no que diz respeito às práticas sexuais e às construções identitárias do sujeito do campo é resultado da subalternização consequente da colonialidade e essa lacuna na construção do texto brasileiro em relação a sexualidade e a ruralidade é resultado da cegueira epistemológica causada pela ciência eurocêntrica, que pauta os interesses de pesquisa sobre o meio rural a certas tradições intelectuais específicas, normalmente voltadas para a economia e a política, tornando-as dimensões mais relevantes do que a subalterna temática da sexualidade.

Este trabalho demonstra então, que a educação sexual do e no campo necessita mostrar outros saberes como válidos, mostrar que a cultura camponesa, bem como as mulheres, os negros, a sociedade LGBT também são dignas e valorosas, escancarar a rapina euro-ocidental capitalista e romper com a hegemonia euro-colonial, hétero patriarcal e branca. No debate, das fissuras abertas pelo processo colonial, o homem do campo é duplamente excluído e subalternizado considerando sua dimensão cultural e sexual fora do progresso urbanocêntrico. Neste sentido, um grande desafio é trazer o Queer, ou seja, colocar-se contra a normalização (LOURO, 2001, p. 546), para uma discussão mais próxima da etnologia camponesa e da crítica às práticas coloniais que circundam a educação sexual no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto busca apresentar algumas reflexões sobre a dimensão da sexualidade do campo, delineando inquietações sobre como a educação sexual é



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA & FORMAÇÃO – CiMFor
II ENCONTRO DE MEMÓRIAS CABOCLAS DA REALEZA E DO SUDOESTE

Formação Docente no Sudoeste do Paraná: presente, passado e futuro.

8 a 9 de novembro de 2017

contemplada nas escolas do campo do sudoeste do Paraná. No que concerne à literatura especializada, há pouco enfoque sobre os processos de educação sexual e vivência da sexualidade em contextos vinculados às atividades no campo ou em áreas não-urbanas.

Evidenciamos a importância de transcender as naturalizações no campo da sexualidade problematizando o saber que legitima o corpo por meio do binarismo e coloca sujeitos em lugares inabitáveis ou “indizíveis” no plano do gênero e da sexualidade nas escolas do campo, bem como demonstrando a necessidade de desnaturalizar as retóricas que subalternizam sujeitos e sexualidades em cenários rurais.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 35-87

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro-São Paulo: Edições 70, 2016.

FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. **Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas**. 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder**. In: LANDER, Edgardo (Org). A Colonialidade de Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colecion Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

SCOTT, John; LYONS, Anthony; MACPHAIL, Catherine. **Desire, belonging and absence in rural places**. 2015. Disponível em <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10371656.2015.1099263?scroll=top&needAccess=true>> Acesso em maio/2017

WANDERLEY, M. B. W. **A ruralidade no Brasil moderno**. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: Una nueva ruralidad en América Latina. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001, pp. 31-44. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>. Acesso em maio/2017.

WANDERLEY, M. N. B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas** – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Estudos Sociedade e Agricultura, 15, outubro 2000, pp. 87-145.

WANDERLEY, M. N. B. **A sociologia rural na América Latina: produção de conhecimento e compromisso com a sociedade**. Disponível em: <http://www.alasru.org/wpcontent/uploads/2011/06/Nazareth-Wanderlei.pdf>; Acesso em jul/2017.